

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANTONIO FONTOURA JR.



PORNOTOPIAS CONJUGAIS
SUBJETIVIDADES E SEXUALIDADES NO
SURGIMENTO DO SWING NO BRASIL

CURITIBA
2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANTONIO FONTOURA JR.

PORNOTOPIAS CONJUGAIS
SUBJETIVIDADES E SEXUALIDADES NO
SURGIMENTO DO SWING NO BRASIL

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Orientação: Prof.^a Dr.^a Karina Kosicki Bellotti.

CURITIBA
2015

Catálogo na publicação
Mariluci Zanela – CRB 9/1233
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Fontoura Júnior, Antonio J

Pornotopias conjugais: subjetividades e sexualidades no surgimento do swing no Brasil / Antonio Fontoura Júnior – Curitiba, 2015.
282 f.

Orientadora: Profa. Dra. Karina Kosicki Bellotti

Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.

1. Sexo e história. 2. Comportamento sexual. 3. Sexo - Subjetividade.
4. Sexo grupal – Mídia social. 5. Gênero – Representações sociais. I.Título.

CDD 306.77



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
Rua Gal. Carneiro, 460, 7º andar, sala 716, fone/fax + 55 (41) 3360-5086,
80.060-150, Curitiba, PR, Brasil.
E-mail: cpghis@ufpr.br **Website:** www.poshistoria.ufpr.br

PARECER DA BANCA EXAMINADORA

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná (PGHIS/UFPR) para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de Antonio José Fontoura Jr., intitulada: **Pornotopias conjugais: subjetividades e sexualidades no surgimento do swing no Brasil**, após terem inquirido o aluno e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua *aprovada* completando-se assim todos os requisitos previstos nas normas desta Instituição para a obtenção do Grau de **Mestre em História**.

Curitiba, quatro de março de dois mil e quinze.

Prof. Dra Karina Kosicki Bellotti (orientadora)
Presidente da Banca Examinadora

Prof. Dra Marlene Tamanini (UFPR)
1º Examinador

Prof. Dra Ana Paula Vosne Martins (UFPR)
2º Examinador

A quem mais ofereceria? Àquela que tanto contribuiu para eu estar aqui, quanto é o objetivo final das decisões que tomo, dos caminhos (doidos ou não) que cruzo, dos resultados a que chego.

Cris, ofereço a você as páginas pornográficas que recheiam esta dissertação.

E para **Amandinha**, filhote, dedico este trabalho, meus pensamentos, minha vida.

Agradecimentos

In Order of Appearance:

- Volnei Pauletti, que me disse um “não” decisivo que me deu coragem a iniciar este novo caminho;
- Adriane Piovezan e Viviane Pedrazani por dedicarem seu valioso tempo à leitura de meu projeto;
- professora Ana Paula Vosne Martins, porque determinadas palavras e incentivos mudam trajetórias, além, é claro, das contribuições realizadas tanto banca de qualificação quanto na defesa;
- Larissa Brum, Zé dos Santos Abreu e Naiara Krachenski, meus coleguinhas;
- professora Roseli Boschilia, pela generosidade e delicadeza com que leu e discutiu este trabalho na qualificação;
- professora Marlene Tamanini, pelo cuidado e atenção aos detalhes na análise da dissertação;
- *E last but not least*, agradeço à minha orientadora Karina Kosicki Bellotti que soube me colocar nos trilhos, discutir caminhos melhores, apontar soluções que só se tornam óbvias depois que alguém melhor nos aponta. Valeu, Karina – foi louco.

Quando é lição de esculacho,
olha aí, sai de baixo
que eu sou professor.

Chico Buarque.

Resumo

Nos primeiros anos de 1970 surgiram, nos jornais do Rio de Janeiro, anúncios de casais buscando parceiros para uma nova prática sexual até aquele momento inédita no Brasil: o swing ou troca de casais. A originalidade de seu comportamento chamou a atenção da mídia em geral, e das revistas masculinas em particular: quem eram os seus praticantes e de que maneira aliavam a troca de parceiros com a instituição do casamento? O debate centrou-se no questionamento dos papéis sociais de homens e mulheres no sexo conjugal e nos limites que existiriam na exploração de novas fantasias sexuais para a manutenção do casamento. Dois discursos principais parecem emergir deste debate: um justificador, atribuído aos casais praticantes, de que sua prática servia como um reforço à instituição do casamento e prevenia o adultério; e um discurso condenatório, em que os casais são acusados de ofender a instituição do matrimônio e o marido de prostituir a esposa. Tendo como recorte temporal o período em que o debate foi mais significativo (1969 a 1983) e que, por sua vez, coincide com o que se poderia denominar de revolução sexual brasileira, esta pesquisa analisa as representações sociais de gênero presentes nas revistas masculinas – particularmente, *Ele Ela*, *Peteca* e *Playboy* – nos debates sobre o swing, e como determinadas representações foram utilizadas para se opor ou defender a prática.

Palavras chave: sexualidade, troca de casais, mídia, estudos de gênero, representações.

Abstract

In the early 1970s appeared, in the newspapers of Rio de Janeiro, ads from couples who were seeking partners for a new sexual practice previously unknown in Brazil: swing or couples' swapping. The novelty of that behavior drew media attention, specifically men's magazines: who were the practitioners and how did they put together swapping partners and the institution of marriage? The debate focused on the subject of the social roles of men and women in marital sex and the limits that should exist in exploring new sexual fantasies for maintaining the marriage. Two discourses seem to emerge from this debate: from the practitioners, a justifying one, in which their sexual practice would serve as reinforcement of the marriage and could prevent adultery; and a condemnation one, in which couples were accused of offending the institution of marriage, and the husband accused of prostitute his own wife. Focusing within the time frame when the debate was most significant (1969-1983), period that coincides with what might be called the Brazilian sexual revolution, this research analyzes the social representations of gender present in men's magazines – particularly, *Ele Ela*, *Peteca* and *Playboy* – in the discussions about swing, and how certain representations were used to oppose or defend the practice.

Keywords: sexuality, couple swapping; media; gender studies; representations.

Sumário

AGRADECIMENTOS	6
ÍNDICE DE IMAGENS	11
ÍNDICE DE GRÁFICOS.....	12
PRÓLOGO.....	13
INTRODUÇÃO	18
REPRESENTAÇÕES	24
<i>As representações do sexo</i>	<i>28</i>
RECORTE CRONOLÓGICO E FONTES	33
<i>Materiais pornográficos como fontes históricas</i>	<i>34</i>
<i>Metodologia de pesquisa e o trabalho com as fontes</i>	<i>38</i>
ESTRUTURA DOS CAPÍTULOS	41
I. SWING E MÍDIA.....	44
1. O SURGIMENTO DO SWING NO BRASIL.....	45
1.1 O INTERESSE DA MÍDIA E A CURIOSIDADE SOBRE DETALHES DA PRÁTICA.....	55
2. AS REVISTAS MASCULINAS: A MÍDIA E A SEXUALIDADE.....	64
2.1 AS REVISTAS MASCULINAS ENQUANTO UM PRODUTO DE MÍDIA.....	69
2.2 AS REVISTAS MASCULINAS E A PORNOGRAFIA.....	71
2.3 REPRESENTAÇÕES DA MULHER, DO HOMEM E DA CONJUGALIDADE NAS REVISTAS MASCULINAS..	79
2.4 A REPRESENTAÇÃO DO SWING NAS REVISTAS MASCULINAS	88
II. LIBERDADES SEXUAIS.....	96
3. REVOLUÇÃO, REPRESSÃO, LIBERAÇÃO SEXUAIS.....	97
3.1 LIBERAÇÃO SEXUAL, FEMINISMO E SWING	104
3.2 O CONCEITO DE LIBERAÇÃO SEXUAL PARA OS PARTICIPANTES DO SWING	111
3.2.1 <i>O swing como estratégia de vendas.....</i>	<i>116</i>
3.2.2 <i>Contra a hipocrisia da sociedade.....</i>	<i>118</i>
3.3 CONTRACULTURA E REVOLUÇÃO SEXUAL.....	123
3.3.1 <i>A manutenção do conservadorismo no casamento aberto</i>	<i>128</i>
3.4 UM SEXO ESVAZIADO DE METÁFORAS.....	131
III. SWING E PENSAMENTO CONSERVADOR	141
4. A SEXUALIDADE NORMATIVA E OS DISCURSOS CONTRA O SWING.....	142
4.1 DISCURSO CONSERVADOR E SWING	148

	10
4.2 REGIME MILITAR E SWING	160
4.3 O AMOR LIVRE	168
5. OS ESPECIALISTAS E O SWING	178
5.1 SEXOLOGIA E A PSICANÁLISE NO BRASIL	182
5.2 OS DISCURSOS DOS ESPECIALISTAS SOBRE O SWING.....	188
5.2.1 <i>O swing nos manuais sexuais conjugais</i>	195
5.2.2 <i>Uma comparação de visões</i>	197
IV. SUBJETIVIDADES EM UMA COMUNIDADE IMAGINADA	201
6. O SWING NO CONTEXTO DAS MUDANÇAS SOCIAIS	202
6.1 EROTIZAÇÃO CONJUGAL E SWING	209
6.2 ADULTÉRIO, FIDELIDADE E CIÚMES	215
6.2.1 <i>Fidelidade</i>	220
6.2.2 <i>Ciúmes</i>	226
7. ANÚNCIOS DOS CASAIS E CAPITAL ERÓTICO	230
7.1 OS DISCURSOS DOS ANÚNCIOS.....	242
8. SUBJETIVIDADE E IDENTIDADE SWING.....	246
8.1 O FRACASSO NO SWING.....	251
8.1.1 <i>A dessensibilização</i>	255
8.2 IDENTIDADES FLEXÍVEIS	258
CONCLUSÕES	264
BIBLIOGRAFIA	270
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	270
FONTES	280
<i>Revistas masculinas</i>	280
<i>Demais jornais e revistas</i>	281
<i>Manuais sexuais</i>	281
<i>Estudos sobre sexualidade</i>	282
<i>Livros didáticos</i>	282
<i>Repositórios digitais</i>	282

Índice de Imagens

Figura 1 - Cama coletiva nos clubes Enigma (São Paulo) e Venus (Curitiba).	15
Figura 2 - Dados sobre os praticantes do swing no Brasil. Veja, 12/12/1979, p. 110.	22
Figura 3 - Quebra cabeças erótico. Privê, março de 1980, p. 59.	29
Figura 4 – Quebra cabeças resolvido.	30
Figura 5 - Fotos de Lígia Mendonça grávida. Extraído do filme “Os onze de Curitiba, todos nós”.	32
Figura 6 - Certificado da censura para a Novela Gabriela, 1975.	38
Figura 7 - Capa da revista <i>Swingers Life</i> , de 1969.	48
Figura 8 - <i>Swingers Life</i> , vol 3, número 1, p. 47.	51
Figura 9 - Anúncios do Jornal do Brasil. Reproduzido por Veja, 16/11/1977, p. 54.	53
Figura 10 - Destaque do cartaz do filme Embalos alucinantes: a troca de casais. Banco de conteúdos culturais. Disponível em http://www.bcc.org.br/fotos/galeria/013469?page=4	54
Figura 11 - Carta de um casal praticante de swing. Veja, 16/11/1977, p. 56.	61
Figura 12 - Imagens extraídas de “De repente, tudo novamente”; episódio do seriado Malu Mulher, reprisado em 2013 pelo Canal Viva.	64
Figura 13 - Ensaio sensual com o ator Mario Cardoso. Ele Ela, Novembro 1974, p. 78.	74
Figura 14 - Uma comparação entre o logotipo como aparecia na capa de junho de 1976, enquanto ainda era uma revista para casais, e a do mês seguinte, quando se assume uma revista masculina.	75
Figura 15 - Ele Ela, n. 90, outubro de 1976, p. 147.	77
Figura 16 - Ele Ela, Julho de 1977, p. 124-125.	80
Figura 17 - Playboy, Maio de 1979, p. 77.	81
Figura 18 - À esquerda, a esposa – traços grosseiros, bobs no cabelo indicando desleixo, sexualmente não desejável – contrasta com a imagem da jovem e sensual “cunhada”. Playboy, Maio de 1979, p. 65-66.	86
Figura 19 - “A Claudinha ficou trancada lá fora no frio... será que alguém aí podia esquentá-la?” Ele Ela, n. 98, Junho de 1977, p. 153.	88
Figura 20 - “Minha mulher está se arrumando para descer. Já tirou a roupa e está só retocando a maquiagem”. Playboy, Julho de 1980, p. 43.	89
Figura 21 - COMFORT, Alex. Mais prazeres do sexo. São Paulo: Martins Fontes, 1980. p. 162.	90
Figura 22 - Cena do filme “De olhos bem fechados”. Disponível em http://www.imdb.com/title/tt0120663/	91
Figura 23 – “A infidelidade já era”. Close, n. 9, Dezembro de 1980, p. 27.	94
Figura 24 - “Você só pensa em mim como objeto sexual, Mathias?” Ele Ela, n. 56, Dezembro de 1973, p. 58.	105
Figura 25 - Trecho de carta de casal praticante do swing. Ele Ela, abril 80, p. 76.	109
Figura 26 - A “Pergunta do mês” da revista norte americana Sexology, de outubro de 1964 respondia, à página 151, se era arriscado realizar a “troca de esposas”. Disponível em http://blog.modernmechanix.com/is-wife-swapping-risky/	110
Figura 27 - Fotonovela “Passageiros do amor”, 1981.	114

Figura 28 - “Vocês são swingers? Isto é repugnante! Por que vocês não podem trair um ao outro como pessoas normais e respeitáveis?” http://www.kasidie.com/static/magazine/2008/09/do-as-we-say.html	122
Figura 29 - Propaganda do fundo de investimentos Novo Mundo. Estado de S. Paulo, 13/7/1971. p. 13.	125
Figura 30 - Maria Antonieta e Marquês de La Fayette, século XVIII. NERET, Gilles. <i>Erotica universallis</i> . Colônia (Alemanha): Taschen, 2005. p. 347.....	132
Figura 31 – “Libertas quae sera tamen”. Disponível em http://latuffcartoons.wordpress.com/	134
Figura 32 - Revista Ele Ela n. 105, Janeiro de 1978, p. 24.....	147
Figura 33 - Constituição da família. LUCCI, Elian Alabi. TDMC – 1. Moral e civismo. São Paulo: Saraiva, 1979. p. 69.....	150
Figura 34 - Propagandas dos clubes de swing Nefertiti (São Paulo) de agosto de 2014, e Venus (Curitiba), de julho de 2013.....	169
Figura 35 – “Livros de amor livre”. Revista Close, Março de 1980, p. 43.	171
Figura 36 - Casais Trocam-se. Veja, 16 de Novembro de 1977. p. 56.....	183
Figura 37 - Propagandas da Lingerie Nylonsul de 1969 e 1970, ambas publicadas na revista Ele Ela... ..	207
Figura 38 - Charges sobre adultério. Ele Ela, junho de 77, p. 35 e 53.	220
Figura 39 – “Defendendo sua teoria”. Fiesta, setembro de 1980, p. 51.	223
Figura 40 – “Defendendo sua teoria”. Fiesta, setembro de 1980, p. 53.	223
Figura 41 – Anúncios. Ele Ela, n. 156, abril de 1982, p. 125.....	232
Figura 42 - Seção “Feita em casa”. Revista Privê, Maio de 1980.....	235
Figura 43 - Propaganda do primeiro clube de swing do Brasil. Folha de S. Paulo, 12/8/1981. p. 22	239
Figura 44 - Folha de S. Paulo, 22/10/1983, p. 24.	240
Figura 45 - Página inicial do site Swing Real. https://www.swingreal.com/crslogin.asp	241
Figura 46 - Bechdel, Alison. <i>Fun Home: A Family Tragicomic</i> . Nova Iorque: Houghton Mifflin, 2006. p. 74.....	246
Figura 47 - Alegoria do pudor. RIPA, Cesar. <i>Iconologia or moral emblems</i> . Londres, 1709. p. 52. Disponível em https://archive.org/stream/iconologiaormora00ripa	248
Figura 48 - Jogo erótico presente em clubes de swing de Curitiba.....	257

Índice de Gráficos

Gráfico 1 - Ocorrências percentuais das palavras “sexo” e “sexual” no jornal Folha de S. Paulo entre 1960-1983. Elaborado pelo autor.	66
--	----

Prólogo

Durante o ano de 2011, cerca de 6700 casais diferentes frequentaram os sábados dos dois maiores clubes de *swing* de Curitiba¹. Em relação à população da cidade, esta quantidade pode não parecer tão impressionante, pois representa pouco mais de 13 mil pessoas, ou 0,7% da população total; este número, porém, está longe de ser desprezível e, como termo concreto de comparação, é praticamente idêntico à quantidade de orientais asiáticos que vivem na cidade. Pode-se pensar, ainda, que naquele ano existiam 390 mil casais em Curitiba, entre casamentos e uniões estáveis. Tomando-se este número como base, pode-se afirmar que 1,7% dos curitibanos que viviam em relações estáveis frequentaram, em algum momento, um dos dois clubes de *swing*.

Trata-se de uma aproximação conservadora do número total de casais que participaram de alguma atividade ligada a esta prática sexual. Não estão contabilizados, por exemplo, os frequentadores de dois clubes menores que existiam à época, sobre os quais os dados são bem menos exatos – se isso fosse feito, o número subiria para algo em torno de 9 mil casais², ou pouco mais de 1% da população total da cidade. Nem participam desta conta, também, aqueles que não frequentavam clubes, e participavam apenas de encontros e festas privadas.

Curitiba se destaca, com algumas outras cidades do Brasil – como Porto Alegre, Camboriú ou São Paulo –, por sua estrutura em relação ao *swing*³, mas a popularização e expansão deste mercado não é um fenômeno apenas local e atinge, em maior ou menor grau, todo o país. Em praticamente todas as capitais existem clubes especializados, e são inúmeros os sites – d4swing.com, maisswing.com,

¹ O clube “A” forneceu a lista dos clientes que frequentaram a casa por seis meses. O clube “B” forneceu dados gerais sobre a quantidade de público médio, aos sábados, durante aquele ano. Foi considerado o fato conhecido de que cerca de 10% dos casais frequentam ambas as casas. A partir dos números obtidos, os dados foram extrapolados para cobrir um ano de funcionamento de ambos os estabelecimentos. Mendes (MENDES, Waldemar. Comportamentos sexuais não convencionais e correlações com parâmetros de saúde física, mental e sexual em amostra de 7022 mulheres e homens das cinco regiões brasileiras. São Paulo: USP, 2007. Dissertação de Mestrado em Ciências), analisando 7000 entrevistas a respeito do comportamento sexual dos brasileiros, afirma que 3,1% indicaram ter participado da troca de casais. O fato de 45% dos entrevistados serem paulistas, da ausência de metodologia para escolha da amostra, da pesquisa estimulada não definir “troca de casais” aos participantes, são algumas das razões pelas quais não se deve tomar este número como um índice do número de praticantes do *swing* no Brasil. Para os Estados Unidos, Jenks (JENKS, Richard J. *Swinging: A Review of the Literature*. Archives of Sexual Behavior, Vol. 27, No. 5. EUA: Plenum Publishing, 1998, p. 507-521) estimava os praticantes entre 1% a 2% da população.

² Sabe-se com menor precisão o número médio de casais que frequentavam estes dois clubes (“C” e “D”) aos sábados, pois foram realizadas apenas amostragens durante o ano de 2011.

³ Razão pela qual, inclusive, os números de Curitiba a respeito do *swing* não podem ser extrapolados para outras cidades, muito menos para todo o país.

swingonline.com.br, casaisliberais.com.br, swingreal.com.br, unviersodoswing.com.br, swingperfeito.com.br, sexlog.com – que, em conjunto com filmes, revistas, programas de televisão, oferecem um grande conjunto de produtos e serviços, midiáticos ou não, para este público em expansão. E, com valores que variavam de US\$ 1.500 a US\$ 2.335 por pessoa, aportou no Brasil em 2014 o cruzeiro liberal, o primeiro “voltado integralmente para casais adeptos do swing” e que prometia “atividades diurnas todos os dias para os casais, além das charmosas e sensuais festas noturnas”. Dois meses antes de sua viagem inaugural, todos os camarotes já haviam sido vendidos⁴.

Trata-se de público consumidor de classe média e alta que, no entanto, busca a discrição, a privacidade, e esconde-se atrás de apelidos para suas identidades virtuais. Isso porque ao defenderem a quebra da monogamia sexual nos casamentos, e utilizarem-se dos atos sexuais enquanto atividades lúdicas e sociais, confrontam determinadas concepções consideradas socialmente adequadas sobre conjugalidade e sexualidade, receando com isso os julgamentos sociais.

Anne Midori é uma conhecida atriz brasileira de filmes pornográficos, com cerca de 30 títulos em sua carreira, além de modelo fotográfico, tendo posado nua para uma grande quantidade de revistas masculinas. Por conta de sua fama dentro deste mercado erótico, foi contratada em 2011 para ser a atração principal na celebração do primeiro aniversário da Venus Club, uma casa de *swing* de Curitiba. Sua apresentação consistiria em não mais do que um *striptease* a ser realizado no palco daquele clube, em um tipo de show bastante comum para atrizes e atores que participam do mercado de cinema adulto nacional embora, na maioria das vezes, realizado em boates e casas noturnas.

Curiosa por ser a primeira vez que realizava um show em uma casa de *swing*, Anne Midori foi convidada a conhecer os diversos ambientes que compõem um clube como este. Diante dos chamados “aquários” – quartos cercados por espelhos especiais, que permitem a quem esteja do lado de fora observar o que acontece dentro –, a estrela de filmes como “Sex Machine 2”, “Revelações Anais”, “Relatos de Mulheres Fogosas” mostrou-se assustada com o despudor: “como alguém tem coragem de fazer sexo assim, com todo mundo olhando? Eu morreria de vergonha”.

Mesmo para uma experiente atriz pornô, pareceu chocante a específica concepção de relacionamento com o corpo e com o ato sexual dos praticantes da troca

⁴ Agência Casal first tour. Disponível em <http://www.casalfirsttour.com.br/cruzeiros-liberais/2015/samba-swings-tango>. Acesso em 15/11/2014.

de casais. De fato, a estrutura dos clubes de *swing* baseia-se no incentivo à visualização das carícias e dos atos sexuais (ainda que existam espaços fechados) e, com isso, à quebra da norma que afirma que os atos sexuais, em nossa sociedade, devem ser privados. O mais icônico destes espaços é a cama coletiva, ou “camão”, na qual, sob pouca iluminação – que tem o duplo objetivo de combater a vergonha e disfarçar as imperfeições físicas de homens e mulheres que já ultrapassaram, em média, os 30 anos de idade – vários casais realizam o ato sexual sob o olhar atento de outros tantos. No Desiree Club, também de Curitiba, ao lado destas camas foram afixadas placas que solicitam, daqueles que observam, silêncio, respeito e ausência de risos.



Figura 1 - Cama coletiva nos clubes Enigma (São Paulo) e Venus (Curitiba).

Não são estas, porém, as únicas regras que os casais devem obedecer. Na verdade, há uma específica etiqueta naquela orgia, que deve ser conhecida pelos iniciados, sob pena de conflitos. Pois, ainda que aqueles vários casais – às vezes dezenas deles – mantenham relações sexuais muito próximos uns aos outros, os parceiros estão bem definidos. Não é incomum que todos estejam apenas com o próprio cônjuge, não realizando qualquer tipo de troca de carícias com outros, ainda que tendo relações a centímetros dos demais. Apesar da aparente ausência de regras, o que existe é uma delicada coreografia erótica, em que aproximações são aceitas e rejeitadas. Sob o olhar de uma plateia sempre presente, os casais que deixam a cama são substituídos por outros, que se desnudam, acomodam de alguma forma as próprias roupas de modo que possam reencontrá-las posteriormente, e iniciam o ato sexual, alimentados pela dupla excitação voyeurística e exibicionista destes ambientes.

A frase “tudo é permitido, mas nada é obrigatório” é usada como lema por uma grande quantidade de clubes de *swing* brasileiros. Insistem, assim, na liberalidade da prática sexual daqueles casais, embora haja um sem número de proibições, que vão do

uso de celular, a certos tipos de vestimentas, passando pelos tipos de comportamentos aceitos ou não. E mesmo as festas particulares organizadas por casais praticantes do *swing* tendem a repetir tanto as regras quanto, à sua maneira, a arquitetura dos clubes.

Morando ao lado de um templo da Igreja Universal do Reino de Deus, Manoel e Clarice (nomes fictícios) organizavam festas bimestrais em sua casa, em um bairro de Curitiba, onde reuniam cerca de 40 casais. A garagem transformava-se em uma improvisada pista de dança, uma grande barraca de camping era armada sobre o gramado e equipada com colchões para fazer as vezes de cama coletiva, e um pequeno espaço organizado como se fosse um quarto escuro. Os anfitriões ofereciam cachorros quentes e os convidados se responsabilizavam por trazer as próprias bebidas.

Em 2013, na festa em que comemorava o aniversário de Manoel, estavam presentes dois policiais militares, um vendedor de automóveis, uma fotógrafa, uma lojista, algumas donas de casa, dois gerentes de produção, uma empresária de eventos, dois gerentes de banco, um advogado, uma professora da educação infantil, dois distribuidores de produtos farmacêuticos, um instalador de *insulfilm*, a proprietária de uma confeitaria, um casal dono de um restaurante, uma médica, uma arquiteta, um contador, uma enfermeira – dentre outros. Quase todos mães e pais, e alguns já avós.

Versões erotizadas de suas personas diárias, estes casais apresentam-se mais explícitos e extrovertidos em festas de amigos, quando se compara com a complexa dança do acasalamento necessária em um clube de *swing*, quando envolve casais estranhos entre si. Na casa de Manoel e Clarice os contatos são mais diretos, as cenas sexuais mais às claras, em uma amizade temperada a sexo que se estenderá, nos dias seguintes, aos grupos de discussão na internet dos quais estes casais conjuntamente participam, e onde compartilham fotos eróticas, flertes explícitos, comentários sobre política, e discussões sobre mensalidades escolares ou planos de saúde.

Um mercado, uma concepção de sexualidade, uma relação específica com a conjugalidade. Os praticantes do *swing* defendem a liberdade sexual, a igualdade erótica entre homens e mulheres, a livre expressão dos desejos eróticos – desde que fundamentalmente heterossexuais, com parceiros devidamente aprovados pelos cônjuges, entre pessoas do mesmo grupo social e cultural. Constroem, assim, uma utopia erótica que atua como estimulante, ao mesmo tempo em que justifica sua visão não convencional da conjugalidade: uma verdadeira pornotopia que acabará por se tornar importante fator para manutenção de seu casamento.

Esta pesquisa buscará compreender os primeiros momentos do surgimento deste grupo e de sua específica prática no Brasil, a importação e adaptação de suas regras, e sua busca tanto pela legitimidade quanto por espaços midiáticos. Pretende acompanhar a construção desta pornotopia da troca de casais à maneira brasileira, fundamento ao posterior surgimento de clubes e sites, revistas e cruzeiros liberais dos dias de hoje.

Introdução

*casal trocado
juntos pulam o muro
lado a lado*

Carlos Seabra

Há, na atualidade, um inédito interesse acadêmico pelo *swing* – com artigos, monografias e dissertações em psicologia, sociologia, antropologia, geografia –, resultado do aumento de sua prática em todo país e da importância que o corpo e a sexualidade desempenham, na atualidade, em vários segmentos sociais⁵. Mesmo em Curitiba, uma cidade tida como conservadora, há cinco clubes de *swing*⁶, nos quais aproximadamente 400 casais se reúnem todos os sábados para participar, conhecer ou apenas observar. Se forem consideradas, ainda, as festas particulares temáticas, os portais de relacionamento, além de filmes, livros, programas de televisão, há claramente uma ressonância, na sociedade, dos discursos e do interesse pela prática do *swing*, bem como de sua particular visão a respeito de sexo e relacionamentos.

Usualmente o *swing* é entendido como uma prática em que casais heterossexuais trocam de cônjuges para a prática de sexo, sem compromissos emocionais – eventualmente podem ser desenvolvidas amizades, mas não é condição – e visando prioritariamente a diversão erótica. Seus praticantes buscam discrição, por conta das reprovações sociais que sua opção sexual tende a despertar: questionam a monogamia sexual e, com isso, certos aspectos dos papéis sociais de “maridos” e “esposas”, além de subverterem a lógica da fidelidade conjugal, considerada própria do casamento monogâmico.

Nos dias de hoje, as pessoas interessadas em participar contam com uma ampla quantidade de informações na internet, uma bibliografia crescente, e um número cada vez maior de clubes específicos para a prática. Situação inexistente para os casais no final dos anos 60 que, animados pelo crescente questionamento dos tabus ligados à sexualidade, e incentivados a participar de uma revolução sexual que acreditavam presenciar, apelavam para a seção “Diversos” dos classificados dos jornais, ou

⁵ GOLDENBERG, Mirian. Corpo e dominação na cultura brasileira. s/d. Disponível em <http://miriangoldenberg.com.br/images/stories/pdf/corpo-e-dominacao-masculina.pdf>. Acesso em 9/9/2014.

⁶ Desiree Swing Club (com uma média de 140 casais aos sábados), Venus Swing Club (com 120), Fantasias Swing Club (com 60), Pepper’s (com 40) e Liberty Swing Club (com 50). Os detalhes sobre o funcionamento, público e estrutura dos portais dos clubes foram obtidos com os gerentes ou proprietários das respectivas casas.

aguardavam até seis meses para lerem seu anúncio publicado nas revistas mais populares. Sem clubes e sem revistas especializadas, os casais estabeleciam frágeis relações com outros praticantes, tentando se organizar em pequenos grupos, de modo a estimular uma prática que acreditavam prevenir a traição, fortalecer o próprio casamento, e satisfazer os desejos eróticos de maridos e esposas.

O psicólogo norte-americano Brian Gilmartin, em sua pesquisa sobre o *swing* nos Estados Unidos em finais dos anos 60, concluiu que “o que existe de mais fenomenal na vida dos swingers é o fato de levarem eles uma vida tão pouco fenomenal”⁷. Este é um ponto importante sobre os praticantes: tratavam-se de pessoas de classe média urbana, tendo os homens empregos fixos e sendo as mulheres donas-de-casa. Tinham filhos, eram sócios de clubes, cristãos não praticantes, e acreditavam firmemente nos valores familiares (que, aliás, acreditavam defender). Não liam Reich, Betty Friedan, Theodore Roszak; talvez, eventualmente, Hugh Hefner, de quem extraíam parte de suas falas a respeito da hipocrisia da sociedade e direito à liberalidade sexual. Sabiam-se desviantes, e a importância que concediam à própria imagem social é demonstrada pelo pânico que sentiam em serem descobertos como *swingers*.

Encaixam-se quase à perfeição no modelo de uma classe média retrógrada e conservadora, avessa a convulsões sociais, e defensora da devida existência de papéis sociais masculinos e femininos. Eram os burgueses contra os quais a vanguarda, a contracultura, o desbunde, se voltaram desde o final dos anos 60. Não foram (nem são) perseguidos – ainda que vistos com maus olhos pela sociedade – não eram oprimidos, e tampouco seus corpos eram “abjetos”.

Ainda assim, estas pessoas bem educadas, com estrutura familiar sólida, senhores e senhoras respeitados em suas comunidades, resolveram desafiar um dos elementos mais fundamentais da estrutura da sociedade ocidental: a monogamia sexual entre cônjuges. Tendo casado na Igreja, sendo a noiva usualmente virgem, flexibilizavam à sua maneira o conceito de fidelidade conjugal, além de modificarem as representações tradicionais de gênero para que servissem de suporte à sua prática de, contrariando a máxima são paulina, casar e abrasar.

A sexualidade, em si, não é um tema novo na historiografia. Desde a terceira geração de Annales, tornou-se um dos “novos objetos” da história, como parte de seu

⁷ GILMARTIN, Brian. That swinging couple down the block. *Psychology Today*, Fevereiro de 1975, p. 58.

interesse pelo cotidiano e pelas pessoas comuns. Sofrerá um novo impulso a partir dos anos 60, como resultado da visibilidade da luta política feminista e dos movimentos homossexuais, trazendo como consequência uma maior quantidade de estudos históricos envolvendo a sexualidade, justamente, na história das mulheres e da homossexualidade⁸.

E o próprio Brasil possui uma tradição específica em relação a estudos nesta temática, remontando a Gilberto Freyre que, em seu “Casa Grande e Senzala” (1933), elabora uma discussão sobre o papel da sexualidade como elemento formador da sociedade brasileira. Segundo Engel, a historiografia brasileira sobre o tema pode ser dividida em dois grandes grupos. Em um primeiro, estudos que analisam a relação existente entre o contexto específico da vida colonial e a construção de práticas sexuais em um mundo em que se encontravam diferentes culturas, uma estrutura jurídica que diferenciava daquela da Metrópole, e uma Igreja que constantemente procurava reforçar sua atuação e seus valores. Em um segundo, estudos centrados no final do século XIX e o início do XX, influenciados pelo pensamento foucaultiano, a respeito da medicalização dos comportamentos, da atuação do pensamento higienista e reforço do discurso científico das naturezas específicas do homem e da mulher, fundadas na biologia – e, com isso, de uma justificativa para os diferentes papéis sociais atribuídos aos gêneros.

Ao mesmo tempo, se a sexualidade é um tema candente na historiografia, a conjugalidade heterossexual – tido como o modelo normativo por excelência – tem despertado pouco interesse dos historiadores. Obviamente que a disponibilidade das fontes contribui para este quadro: a sexualidade colonial, por exemplo, é compreendida fundamentalmente a partir de processos e, em sendo assim, estará dirigida àquela considerada desviante⁹. E apenas por derivação (o que não era condenado, presume-se, deveria ser permitido) seria possível ter um vislumbre do que era considerado “normal”. Trata-se de uma conclusão que concorda com a posição de Ariès, para quem a ausência de estudos sobre sexualidade conjugal seria mais resultante de um segredo das fontes, do que propriamente sinal de desinteresse dos pesquisadores¹⁰. Segredo, bem se disse:

⁸ ENGEL, Magali. História e sexualidade. In. CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.) Domínios da história. Campus: Rio de Janeiro: 1997. pp. 297-311.

⁹ VAINFAS, Ronaldo. Confissões da Bahia. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

¹⁰ ARIÈS, Philippe. O amor no casamento in: ARIÈS, Philippe e BÉIJIN, André (orgs.). Sexualidades Ocidentais. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 159.

porque o relacionamento conjugal, por sua própria natureza, seria algo escondido, como se não existisse, tema exclusivo do casal, usualmente não transcrito em documentos.

Alain Corbin, porém, tem uma posição diferente. Para este autor, o desinteresse é dos pesquisadores, que centrariam sua atenção nas perversões, esquecendo-se que, ao contrário do que a produção acadêmica poderia fazer pensar, a quantidade de fontes que tratam da sexualidade normativa é muito maior do que sobre aquela denominada desviante¹¹. Não seria, portanto, ausência de fontes, mas de interesse.

Abordar a prática *swing* é uma forma de abordar a sexualidade conjugal – pois é nela, profundamente, que a prática da troca de casais se fundamenta. Em um momento em que os praticantes do *swing* compartilhavam o desafio à normatização conjugal com outras práticas sexuais – como o amor livre dos *hippies* ou o casamento aberto de certas autodenominadas vanguardas –, tornaram-se objeto de viva curiosidade para a imprensa. O crescimento dos anúncios dos praticantes da troca de casais, em jornais e revistas, chamou a atenção à prática, especialmente em um momento em que se acreditava que Brasil vivia uma crise no modelo de casamento, tornando ainda mais instigante aquela inédita flexibilização entre monogamia social e a sexual. A reação primeira da imprensa foi, por isso, de curiosidade, que buscou ser satisfeita com análise dos anúncios, entrevistas com casais, e a obtenção do maior número possível de dados. Este infográfico publicado pela revista *Veja*, em 1979, ilustra a curiosidade e a busca por respostas do período em relação ao *swing*, seus praticantes, e o significado de sua opção sexual.

¹¹ CORBIN, Alan. A pequena Bíblia dos jovens nubentes. In. Amor e sexualidade no Ocidente. Porto Alegre: L&PM, 1992. p. 201-2.

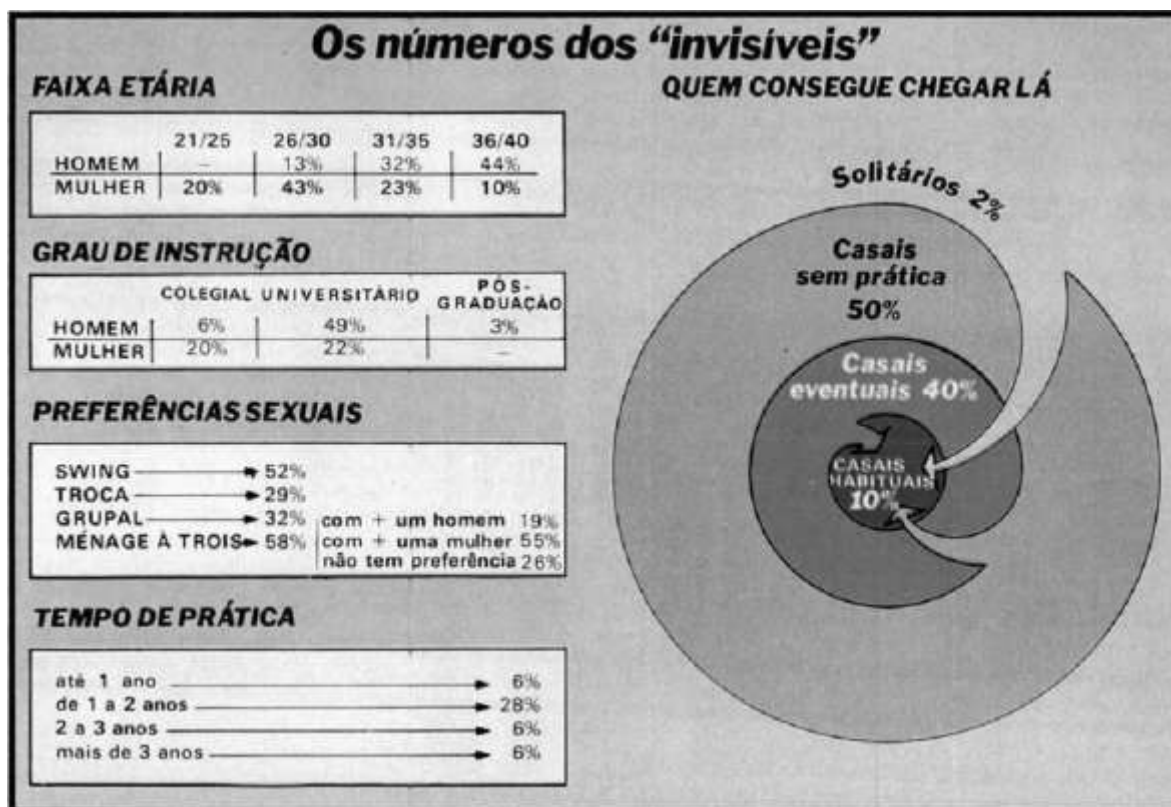


Figura 2 - Dados sobre os praticantes do swing no Brasil. Veja, 12/12/1979, p. 110.

Este estranhamento estimulará o debate. Leitores enviavam suas indignações às revistas, especialistas eram convocados a dar seus pareceres, praticantes justificavam suas opções – além de continuarem enviando seus anúncios em busca de novos parceiros. E cria-se, neste momento, uma guerra discursiva que usará os meios de comunicação como campo de batalha. Diferentes visões da família e da sexualidade conjugal suportavam opiniões daqueles que condenavam e dos que justificavam a prática.

A partir de elementos culturalmente disponíveis a respeito de sexualidade, família, papéis conjugais, e mesmo o significado das identidades de “marido” e de “esposa”, os diferentes atores construíam suas argumentações e defendiam suas posições. Explicitavam-se as concepções a respeito da importância da monogamia e da fidelidade; da naturalidade do desejo sexual e dos papéis sociais; da importância da família e as maneiras de preservá-la.

Utilizando-se o raciocínio de Chartier¹², pode-se afirmar que as diferentes representações sobre os papéis de mulheres e homens na troca de casais são

¹² CHARTIER, Roger. A história cultural: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

competidoras. O debate sobre o *swing* – especialmente, a dúvida se a sexualidade conjugal poderia transgredir algumas de suas regras mais tradicionais, em busca da salvação do próprio matrimônio – explicita determinados pontos de afrontamento¹³ sobre o casamento, a sexualidade e os papéis masculino e feminino.

A ambivalente configuração do *swing* – defensores da família, por um lado; através da contestação à monogamia, por outro – faz emergir questionamentos importantes em relação aos conceitos de “conservador” e “libertário”, especialmente quando aparentam ser tão bem definidos para os anos 60 e 70 (uma divisão, aliás, que costuma ser aceita sem grandes contestações pela historiografia do período). Contrastando com a enganosa obviedade de se limitar a sociedade na contraposição ideológica entre repressão e liberação, a compreensão da prática do *swing* exige que, na análise das concepções de sexualidade, os comportamentos não sejam dicotomizados tendo à direita o moralismo da ditadura e, à esquerda, a contracultura romântica e contestadora. Entre estes dois polos – que representam filosofias às quais se associam determinadas concepções de sociedade, sexualidade, família e conjugalidade – deve-se buscar compreender o complexo e constante diálogo entre diferentes visões de sociedade – de feministas, pornógrafos, editores, etc. –, que participaram de incontáveis e diferentes projetos e experiências, também sexuais. O *swing* é uma delas.

Compreender o caráter da prática da troca de casais implica, assim, analisar os limites e as possibilidades das várias propostas de liberalização sexual, os papéis sociais diferentes e conflitantes de seus vários atores, dentro da multiplicidade de concepções sobre mudanças sociais do período. Investigar, portanto, a polissemia de expressões tão difundidas quanto “revolução sexual” e sua nêmesis “repressão sexual”. Mesmo porque esta revolução, tenha ela existido ou não (o que não poucos historiadores defendem), não foi um movimento único, unificado, e totalmente claro em suas premissas, objetivos e estratégias.

A partir destas reflexões, objetivou-se na presente pesquisa, portanto, realizar uma análise das representações sobre o gênero no contexto do debate sobre o *swing*, permitindo compreender como as diferentes concepções e discursos sobre os limites da sexualidade, especialmente conjugal, implicavam em diferentes posições e concepções a

¹³ CHARTIER, Roger. A história... op. cit.

respeito da própria sociedade. Tanto daquela que existia, quanto da que gostariam que fosse¹⁴.

Representações

Cada sociedade constrói discursos que refletem sua própria concepção a respeito da condição social dos gêneros, a partir das diferenças anatômicas percebidas entre os sexos; sendo que as diferenças anatômicas são, elas mesmas, produzidas socialmente¹⁵. O ser “homem” e “mulher” em uma determinada sociedade, portanto, reflete o resultado de uma construção social e, sendo assim, histórica. Deve-se destacar que as atribuições dadas ao masculino e ao feminino estabelecem-se como naturais e óbvias, introjetadas no comportamento e construindo “este artefato social que é um homem viril ou uma mulher feminina”¹⁶.

Scott¹⁷, na busca por construir uma nova definição da categoria gênero, afirma que a diferenciação sexual é uma das primeiras formas pelas quais se estabelecem diferenciações sociais. Assim, o conceito de gênero “fornece um meio de decodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre várias formas de interação humana”¹⁸. Partindo de Scott, portanto, a utilização do conceito de gênero permite compreender não apenas as posições dos vários participantes do debate sobre o *swing*, mas, também, as implicações sociais e institucionais dos discursos. Afinal, as diferentes posições apresentadas serão reflexas de determinadas relações de poder – mais ou menos explícitas, e também mais ou menos institucionalizadas.

Além disso, em sendo gênero uma categoria social “omnirelevante”¹⁹, homens e mulheres não apenas apresentam socialmente comportamentos que são considerados como propriamente masculinos ou femininos, mas interiorizam gestos, falas, movimentos, representações, que comunicam e serão lidos como consequências naturais

¹⁴ CHARTIER, Roger. A história... op. cit. p. 19

¹⁵ BOURDIEU, PIERRE. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

¹⁶ BOURDIEU, Pierre. op. cit. p. 32.

¹⁷ SCOTT, Joan Wallach. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995.

¹⁸ SCOTT, Joan Wallach. op. cit. p.89

¹⁹ WEST, C.; ZIMMERMAN, D. “Doing gender”. Gender and Society, Vol. 1, No. 2. (Jun., 1987), pp. 125-151.

de sua feminilidade e masculinidade. Fazer o gênero²⁰ é, portanto, inevitável, pois participa da construção de uma identidade que é socialmente estrutural.

A construção histórica dos sujeitos “marido” e “esposa” – da mesma forma que o “louco” e o “presidiário”, para tomar apenas dois exemplos foucaultianos – é resultado de processos de pedagogização, controle e normatização. Mulheres e homens são objeto de discursos e práticas que envolvem, fundamentalmente, a introjeção dos devidos papéis sociais de gênero, participando assim da construção do que seria o devido comportamento de pessoas casadas; e isso envolve, inclusive (e, na verdade, de uma maneira bastante profunda), sua vida erótica.

Este processo influenciará homens e mulheres que participavam da troca de casais. Inclusive quando acreditavam contestar as normas estabelecidas, não deixavam de “fazer o gênero”, de representá-lo e reproduzi-lo, reforçando mesmo estereótipos. A construção dos sujeitos “marido liberal” e “esposa liberal” será feita sobre uma realidade social existente de “marido” e “esposa”, previamente estabelecidos. Considerando-se, ainda, a importância da sexualidade na definição das identidades contemporâneas, fazia-se necessário um processo de subjetivação, de modo que os casais tivessem condições de questionar certas características de suas sexualidades, e reconfigurá-las, dentro do novo modelo de liberação sexual que acreditam viver. Os argumentos construídos possuíam, assim, uma dupla função: justificar aos outros suas escolhas, e embasar o que seriam críticas aos modelos tradicionais de marido e esposa.

Segundo o texto de um livro pornográfico, fartamente anunciado em revistas masculinas em finais dos anos 70, qualquer pessoa que desejasse participar do *swing*, deveria ultrapassar

o caminho da libertação individual, o caminho da compreensão, da conscientização de nossos males e mazelas, onde se originaram os preconceitos e tabus, a que interesses serviram, como foram sutil ou ostensivamente impostos a toda nossa civilização, etc.

Ai então depois que vocês sacarem o porquê dos medos, dos “não pode”, dos “Isso é normal” “Isso é anormal” do “Isso é pecado”, “Isso é atentado a moral e aos bons costumes”, depois desse banho de descarrego total, ai, minha gente, vocês talvez até achem o SWING uma caretece das grandes²¹.

Esta literatura erótica popular incorporava, de maneira bastante explícita, o modelo de discurso construído pelos *swingers*. A crença de que rompiam tabus, a noção implícita de uma sociedade hipócrita, a repressão, a possibilidade de expansão das

²⁰ WEST, C.; ZIMMERMAN, D. op. cit.

²¹ FELIX, Eurico. O swing: sexo sem segredos. s/l: Editora TL, 1980. p. 2.

sexualidades feminina e masculina, justificariam a troca de casais, a flexibilização da monogamia sexual e o desafio à noção de posse do corpo do cônjuge, característicos do modelo ocidental de casamento. Não seria anormal, tampouco pecado: e, libertos do condicionamento trazido pela civilização, seria possível perceber que a prática não traria qualquer mal a seus praticantes ou à sociedade.

Não são poucos os que adotarão este discurso: será incorporado (não sem dificuldades) pelos casais praticantes, e transformado em argumento para aqueles que, lendo nas revistas masculinas, passaram a desejar experimentar a prática. Em anúncios, contos, relatos, ensaios fotográficos, divulgava-se a ideia de um grupo sexualmente “liberado” que se colocava, em óbvia oposição, aos reprimidos da sociedade. Justificativas que eram uma forma de se apresentar ao outro, mas, igualmente, uma maneira de justificarem para si próprios o questionamento de certas características próprias do casamento, de uma forma que não se vissem como “cornos” ou “adúlteras”. Faziam-se perceber e, ao mesmo tempo, procuravam perceber-se desta forma.

O *swing* constrói-se, assim, enquanto uma pornotopia conjugal²²: um universo próprio de seus praticantes, voltado para os atos sexuais; sem consequências desagradáveis, rodeados apenas pelo desejo erótico e pelo companheirismo do cônjuge; em que não haveria fracassos, barreiras, dificuldades. Um mundo edênico próprio a estes maridos e esposas liberados, em que a sexualidade, exercida de forma livre, fortaleceria o vínculo conjugal.

Uma forma de representação que era repudiada por aqueles que adotavam uma concepção tradicional de papéis de gênero e sexualidade. Para estes, vulgariza-se o sexo, violenta-se a família, prostitui-se a esposa. Dentro de uma visão conservadora dos papéis sociais masculinos e femininos, especialmente considerando-se a sacralidade com a qual a instituição do casamento era usualmente envolvida, nada mais desviante que um “adultério consentido” entre esposos.

Criticando especificamente a prática do *swing* em sua obra de educação sexual para casais, o médico Galdino Vieira afirmou em 1978 que

o sexo não foi feito para essa agitação no volutabro dos chiqueiros. Nimbado das excelências de um destino de nobreza, visando às consecuições de alta estirpe da conservação da espécie e à realidade bonançosa da união dos seres na atmosfera das delícias do amor, na fecundidade das mais elevadas

²² MARCUS, Steven. *The Other Victorians: a Study of Sexuality and Pornography in Mid-nineteenth-century England*. Nova Jersey (EUA): Transaction Publishers, [1966]2009.

aspirações, o sexo foi criado para a exaltação do gênero humano e não para a sua degradação²³.

E se ao leitor ou leitora faltar vocabulário, como a mim faltou, o dicionário Houaiss define “volutabro”, em sua primeira acepção, como “monte de imundícies; esterqueira, lamaçal”²⁴. Algumas páginas adiante, Vieira voltará a condenar a “desenvoltura animalesca”²⁵ dos praticantes do *swing*, além de alertar que, desde que a troca de casais nos Estados Unidos “atingiu um número notável de pessoas, os manicômios estão abarrotados de doentes mentais”²⁶.

Notáveis credenciais científicas e profissionais, sumarizadas em dezenove linhas na folha de rosto do livro, sustentavam estas posições. Ainda assim, o texto possui um inegável caráter moralista e apresenta uma concepção da sexualidade baseada em concepções conservadoras cristãs. Porém, este não é uma característica exclusiva do livro de Galdino Vieira, nem tampouco uma exceção estatística. Trata-se de uma visão conservadora a respeito da sexualidade que apresentará diferentes nuances quer fossem da Igreja Católica, do regime militar, de determinados setores da sociedade ou, como Vieira, de próprios especialistas em sexualidade.

Exaltação ou condenação: tratavam-se de duas visões de sexualidade – e de sociedade – que se desejavam universais e que disputavam legitimidade: os casais praticantes ampliando os limites do socialmente aceito a respeito da sexualidade conjugal, e os tradicionalistas argumentando em favor da moral, da tradição, da saúde. Formas de se compreender a sexualidade que eram maneiras de se compreender a si mesmos – os casais como livres de tabus sexuais, e o pensamento conservador como defensor da família e de seus valores – além de formas de compreender o outro – a sociedade tradicional interpretada como hipócrita, e os *swingers*, degenerados e com problemas psicológicos.

Nestas “lutas de representação”²⁷, grupos supostamente unificados não estão argumentando apenas sobre se uma esposa teria direito de ter relações sexuais com outro homem, com o consentimento do marido. Trata-se, para o *swinger*, de estimular a sexualidade, de igualar direitos masculinos e femininos, de zelar por liberdades

²³ VIEIRA, Galdino Nunes. Amor, sexo e erotismo. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1978. p. 9.

²⁴ HOUAISS, A. Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva. Versão 3.0. 1 [CD-ROM]. 2009. Verbete “volutabro”.

²⁵ VIEIRA, Galdino Nunes. op. cit. p. 115.

²⁶ VIEIRA, Galdino Nunes. op. cit. p. 116.

²⁷ CHARTIER, Roger. À Beira da Falésia – a História entre Certezas e Inquietude, Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002. p. 73.

individuais e, como consequência, reforçar o casamento e a família; ou, ao contrário, para o pensamento conservador, de subverter o papel da esposa, violentar a imagem sacrossanta da mãe, criar os filhos em um ambiente saturado de imoralidade sexual, o que sem dúvida afetaria o país como um todo.

Dos Estados Unidos, de onde o *swing* se expandiu, serão importados não apenas as principais justificativas para a prática, mas, também, o estilo de publicação das revistas especializadas, o modelo dos anúncios, as formas de realização dos atos sexuais entre dois casais. Porém, não se trata de uma adoção incondicional. Os *swingers* brasileiros construirão argumentos específicos, em diálogo com as condições sociais particulares do Brasil – um país sob uma ditadura moralista, a ausência de espaços específicos para divulgação da prática, etc. – e dentro das concepções locais a respeito dos papéis de gênero: daí sua preferência ao chamado *swing* aberto, em que, por terem relações em um mesmo ambiente, a traição não se configuraria, ao contrário dos norte-americanos, que preferiam o modelo fechado, pela importância dada ao desempenho, especialmente masculino.

Sem esquecer, por fim, que se trata da construção de uma representação em que seus agentes não têm qualquer controle sobre o modo como aparecerão, especialmente, na mídia: os depoimentos, anúncios e imagens dos casais são manipulados pelas revistas, em conformidade com os objetivos de cada publicação. Construirão uma determinada imagem, utilizando-se, na medida de suas possibilidades, de espaços mediados; e, ainda assim, não apenas obterão sucesso em construir uma noção bastante unificada do que seria o *swing* como, também, seus participantes, mesmo sem espaços institucionalizados – midiáticos ou não – acreditavam fazer parte de um mesmo grupo.

Todo este debate se tornará mais delicado por envolver não apenas a sexualidade, mas suas representações nas revistas masculinas.

As representações do sexo

A publicação de fotos mostrando o nu frontal feminino só seria permitida a partir de meados de 1980. Algumas revistas masculinas, porém, buscavam driblar esta proibição, fornecendo aos leitores jogos como esses:

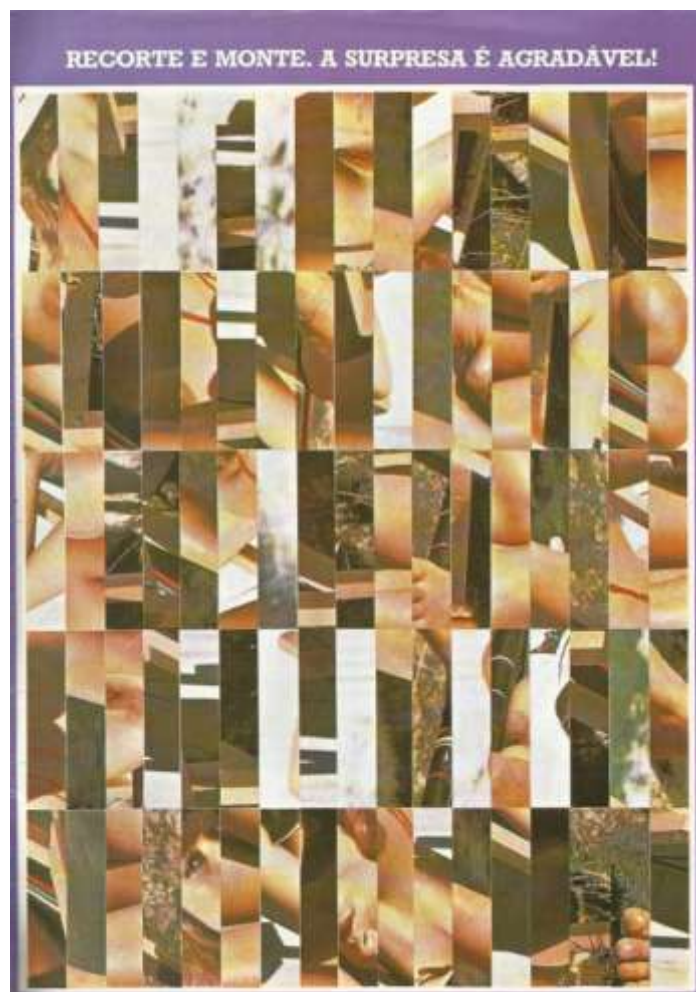


Figura 3 - Quebra cabeças erótico. Privê, março de 1980, p. 59.

Em uma estratégia curiosa e lúdica de driblar a censura, imagens eram transformadas em quebra-cabeças, como este apresentado pela revista Privê, contendo 85 partes.

Fosse porque os censores não se preocupassem com o resultado da imagem final, fosse porque acreditassem simplesmente que os leitores não perderiam tempo com “passatempos” como esses, tais imagens acabavam não sendo proibidas, e eram encontradas com alguma frequência nas diversas publicações pornográficas do período. Um historiador disposto leva cerca de três horas para resolver o enigma. Não é tão fácil quanto parece.



Figura 4 – Quebra cabeças resolvido.

A razão de criar “surpresas agradáveis” como essa, tinha sua razão de ser: buscava-se driblar as proibições governamentais e, em havendo sucesso (o que parece ter acontecido, pois tais jogos não eram raros nas várias publicações masculinas), a revista agradaria seus leitores oferecendo um completo nu feminino, diferente daqueles pudicos exigidos pela censura.

O conceito de “pornográfico”, como sentido que se atribui hoje, surge no século XIX, com preocupações semelhantes às aquelas que estimulavam a ação da censura durante o regime militar. Em um momento de barateamento e popularização de materiais impressos, seria fundamental evitar expor crianças, mulheres e trabalhadores – pessoas que se acreditavam possuir deficiências em sua racionalidade – a imagens e textos de conteúdos sexuais, pois isso iria prejudicar sua formação. As mesmas razões serão invocadas, em meados dos anos 70, por justificar a importância da censura no Brasil:

O que visa o Estado, ao instituir o órgão censório é, principalmente, a boa formação do menor. Este (...) não convém ser colocado, prematuramente, face a face com problemas sexuais a que não esteja preparado, pois tal experiência há de despertar-lhe perversões. (...) São apenas alguns exemplos de situações que podem influenciar negativamente na formação intelectual, psíquica, moral, religiosa ou cívica do jovem. Conforme já dissemos, o interesse individual não

pode prevalecer sobre o bem coletivo. O indivíduo não tem o direito de inocular veneno na mente dos moços²⁸.

O principal veneno seria o conhecimento sexual, e reprimir suas representações teria o efeito de reprimir as próprias ações. A criança não teria perversões despertadas se não as visse em fotos, textos ou filmes. A concepção de que a visualização de elementos eróticos exerceria um papel negativo na formação das pessoas é uma concepção antiga: Agostinho já acreditava que as representações libidinosas teriam efeitos nefastos; discussão recuperada pela Igreja, durante a Idade Moderna, quando as imagens tornaram-se importante instrumento pedagógico e, por isso, era importante ter cautela em relação a seus usos²⁹; e, mais contemporaneamente, Nixon afirmava que admitir que a pornografia não trazia malefícios às pessoas seria o mesmo que admitir que a boa literatura não traria quaisquer benefícios³⁰.

Ainda hoje há uma grande desconfiança em relação às representações da sexualidade. Os estudos sobre a pornografia, por exemplo, buscam insistentemente comprovar efeitos nefastos que a exposição a seu conteúdo poderia resultar³¹, como se não fosse possível ter contato com materiais sexualmente explícitos e não ocorrer qualquer deterioração da personalidade individual.

A repressão, pelo governo militar, a materiais considerados “atentatórios à moral e aos bons costumes”, além de concordar com uma determinada visão de sociedade e sexualidade, partia da concepção de que a exposição a representações, especialmente visuais, do sexo, não apenas promoveria, mas provocaria comportamentos pervertidos. Em ordem de importância, o texto era considerado menos nocivo que as fotografias que, por sua vez, eram menos prejudiciais que os filmes. Quanto maior o caráter mimético da representação, mais perigosa, maiores seriam seus efeitos, mais necessária sua vigilância.

Situação acentuada pelo fato de os militares associarem comportamentos subversivos à sexualidade desviante. Uma militante política aprisionada pelo DOPS nos anos 70 relembra as reações que recebeu de seus captores:

²⁸ FAGUNDES, Coriolano de Loiola Cabral. *Censura e Liberdade de expressão: tudo sobre a censura aos meios de comunicação no Brasil e no mundo*. São Paulo: Editora e Distribuidora do Autor, 1975. p.129-130.

²⁹ GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

³⁰ KENDRICK, Walter. *The Secret Museum: pornography in modern culture*. New York: Penguin, 1987.

³¹ Uma rápida pesquisa revela estudos que procuram entender os impactos do consumo de material pornográfico na degeneração de valores familiares, no aumento de sentimentos de agressão, na construção de comportamentos desviantes, na trivialização do estupro, etc.

‘mas como, tu, uma mulher, metida na luta política?’ Tu encontras desde desprezo, perplexidade e a ideia de que a mulher, para estar na luta política, tem de ser uma prostituta. Para eles, a mulher da esquerda é uma prostituta³².

A sexualidade, do ponto de vista moralista do regime militar, associava-se a certo comportamento social. Presa em Curitiba, em 1978 pela Polícia Federal, sob a acusação de ensinar comunismo a crianças, a socióloga Lígia Mendonça teve fotos particulares apreendidas, que seriam utilizadas pelos órgãos de repressão para demonstrar, via imprensa, a “devassidão dos comunistas”³³. Tratavam-se de fotos dela grávida, em poses que dificilmente poderiam ser consideradas eróticas. Ainda assim, procurou-se extrair o elemento maternal da imagem – afinal, a imagem da mãe é associada à assexualidade – e a nudez converte-se um determinado símbolo que sintetiza um conjunto de valores que o estado ditatorial buscava lançar sobre o outro grupo.



Figura 5 - Fotos de Lígia Mendonça grávida. Extraído do filme “Os onze de Curitiba, todos nós”.

Todo um conjunto de representações está envolvido na constituição do que seria a prática do *swing*, no Brasil. Entre diferentes visões de sexualidade e de papéis sociais, dialogando com significados específicos dados ao sexo e à sua representação, particularmente nas revistas masculinas, a troca de casais acabará encontrando seu espaço específico enquanto uma prática, uma identidade e, mesmo virtualmente, atividade erótica própria de um determinado grupo.

³² COLLING, Ana Maria. A resistência da mulher à ditadura militar. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997. p. 104.

³³ ABREU, José dos Santos. Doutrina de Segurança Nacional e repressão no Paraná: prisões políticas em Curitiba no ano de 1978. In: SOCHODOLAK, Hélio; ARIAS NETO, José Miguel. Capítulos de história do Paraná. Guarapuava: Ed. Unicentro, 2012.

Recorte cronológico e fontes

Esta pesquisa tem como tema as representações sociais de gênero nos debates sobre a conjugalidade e o *swing* nas revistas masculinas. O recorte cronológico será de 1969 a 1983, e a opção por estas datas merece uma explicação mais detalhada.

As primeiras referências sobre o *swing*, no Brasil, são encontradas esporadicamente em anúncios de classificados de jornais, nos primeiros anos de 1970. Entre as revistas, Ele Ela se tornará a primeira a trazer anúncios e relatos de experiências envolvendo a troca de casais, e terá destaque não apenas na apresentação, mas também na divulgação de sua prática, com a publicação de cartas de praticantes a partir de meados de 1970. Justifica-se, por isso, o início das pesquisas em 1969 por ser o ano de surgimento da revista, e por permitir construir uma visão das ideias de Ele Ela a respeito de relacionamento e sexualidade conjugal, antes do surgimento do *swing*.

O ano de 1983, como data final do recorte, foi escolhido por ter sido identificada uma mudança no direcionamento da abordagem das revistas a respeito do *swing*. O debate é visivelmente diminuído, e desaparece a curiosidade sobre os casais praticantes e suas concepções sobre o casamento. Já não se encontram mais, a partir deste ano, reportagens que busquem compreender as motivações dos casais ou debates sobre a prática. Os artigos centram-se na descrição dos eventos das noites em clubes ou festas, apresentados de modo a despertar o desejo dos leitores. O tema que havia impactado a mídia e se transformado em uma “bossa”, desaparece.

Por fim, a presente dissertação utiliza-se de pesquisas realizadas entre 2010 e 2014, com depoimentos de praticantes e de proprietários de clubes, além de materiais promocionais diversos relativos à prática do *swing* na atualidade. Não se trata de um salto cronológico, mas da percepção de que “a incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado. Mas talvez não seja mais útil esforçarmo-nos por compreender o passado, se nada soubermos do presente”³⁴.

Não apenas os historiadores se utilizam de termos e conceitos do presente para abordar o passado – o que, em si, já seria um bom argumento a favor da importância do conhecimento do presente – como, também, trata-se de uma metodologia recomendável partir do mais conhecido e acessível para o mais desconhecido e menos acessível³⁵. Na

³⁴ BLOCH, M. Introdução à história. Lisboa: Publicações Europa-América, 1974. p. 42.

³⁵ BLOCH, M. op. cit.

atualidade há clubes que podem ser visitados, casais entrevistados, blogs e livros que podem ser consultados. Para o passado – mesmo um relativamente recente, como os anos 60 a 80 – os dados são menos numerosos como, aliás, é comum acontecer na história³⁶. A utilização de dados a respeito da atualidade do *swing*, portanto, alinha-se à estratégia do “método regressivo” que Marc Bloch defendia como adequado ao procedimento histórico. Ignorar o presente da prática poderia levar a “erros estranhos”: “procedendo mecanicamente de trás para a frente corremos sempre o risco de perder tempo à caça dos primórdios ou das causas dos fenômenos que depois, à luz da experiência, se revelarão talvez imaginários”³⁷. Tal método tem o benefício adicional de permitir que se compreendam, ainda, possíveis mudanças e permanências na prática, ainda que não seja o objetivo central da pesquisa.

Esta recorrência ao presente não se mostra tão necessária quando nesta mesma dissertação, por exemplo, aborda-se a história das revistas masculinas no Brasil. Afinal, mais ou menos profundamente, leitores e leitoras já tiveram contato com tais publicações no presente, e discutir suas características na atualidade só será necessário apenas de forma eventual, para aprofundamento de certos temas. Não é o que ocorre, porém, com a troca de casais: parte-se do pressuposto de que os detalhes da prática não sejam de conhecimento comum. E mesmo que a bibliografia sobre o tema esteja em crescimento, ainda é escassa para construir, por si só, um panorama do *swing* nos dias de hoje: de onde a necessidade de complementação destes dados.

Materiais pornográficos como fontes históricas

As revistas masculinas caracterizam-se por explorar um aspecto social específico, qual seja, a maior liberalidade do homem em relação ao sexo. Por conta disso, a sexualidade é o tema central das reportagens, receitando, indicando e sugerindo comportamentos sexuais masculinos e femininos aos leitores³⁸. Partindo da premissa que a erotização masculina é prioritariamente visual, as fotos de corpos femininos são

³⁶ “Não é certo que a luz dos documentos se torne regularmente mais viva à medida que se desce ao longo do tempo. Estamos incomparavelmente menos bem informados acerca do século X da nossa era, por exemplo, que a respeito da época de César ou de Augusto. Na maioria dos casos, no entanto, os períodos mais próximos coincidem com zonas de relativa claridade”. BLOCH, M. op. cit. p. 44.

³⁷ BLOCH, M. op. cit. p. 44.

³⁸ CÂMARA, Adriane. Gênero e sexualidade na Sexy: um roteiro para a masculinidade heterossexual. Porto Alegre: UFGRS, 2007. Dissertação de Mestrado em Educação.

apresentadas em grandes dimensões, usualmente coloridas, colocando o leitor como um voyeur erótico ao qual a sensualidade feminina é oferecida³⁹. Neckel⁴⁰ afirma que as revistas masculinas da década de 1970 se destacam por um aumento do número de reportagens sobre relacionamentos, apresentando dicas e técnicas que levariam à melhoria da prática sexual. Reflexo de uma mudança na visão da sexualidade no Ocidente, estas revistas encontram um público ávido para discutir a sexualidade e apresentam, cada vez mais, o sexo como algo desvinculado da reprodução, e ligado à prática pelo prazer, em conjunto com as discussões a respeito dos métodos anticoncepcionais⁴¹.

De uma forma geral, as revistas desempenhavam um papel de divulgação e debate sobre comportamentos⁴². Eram um espaço acessível – e, para muitas pessoas, o único espaço – para discussão de questões relativas à sexualidade e aos debates sobre mudanças de comportamento e educação sexual. Das revistas masculinas, mesmo a Playboy procurava sanar as dúvidas dos leitores envolvendo relacionamentos; a Ele Ela era dirigida a casais até 1976 (quanto se tornará uma revista exclusivamente masculina) e após este período manteve sua preocupação em publicar textos sobre os problemas conjugais; e mesmo publicações populares, como a revista Peteca, possuíam não apenas seções específicas para discutir dúvidas dos leitores, como também publicavam eventuais edições em que respondiam a cartas dos leitores.

Considerando-se a questão do *swing*, portanto, estas revistas tornaram-se o espaço principal de análise da prática da troca de casais quando de seu surgimento no Brasil e, posteriormente, sua divulgação. Ao produzirem reportagens, retroalimentavam o interesse sobre o tema, expresso no aumento do número de cartas de leitores, de envio de relatos eróticos e, especialmente, do número de anúncios de casais que desejavam também participar do *swing*.

O trabalho com material erótico e, especialmente, pornográfico, tem uma particularidade para o historiador. Com possível exceção de revistas que acabaram por construir, por razões diversas, um determinado status social, como Playboy e Ele Ela, as publicações eróticas e pornográficas não mereceram, no Brasil, atenção das instituições

³⁹ CÂMARA, Adriane. op. cit.

⁴⁰ NECKEL, Roselane. A 'sexualidade' e 'vida a dois' nas revistas femininas e masculinas nos anos 1970. Caderno Espaço Feminino, v. 17, n. 01, Jan./Jul. 2007.

⁴¹ NECKEL, Roselane. op. cit.

⁴² NECKEL, Roselane. op. cit.

responsáveis pelo arquivamento e guarda de memória. É incomum encontrar exemplares nas bibliotecas, e muito menos coleções representativas, de materiais eróticos e pornográficos das últimas décadas e, mesmo para os títulos mais conhecidos, as bibliotecas usualmente possuem apenas exemplares esparsos. A lei de Depósito Legal⁴³, que obriga o envio à Biblioteca Nacional de um exemplar de todas as publicações produzidas em território nacional, inclusive as pornográficas, é bastante recente.

Havia, a partir da segunda metade dos anos 1970 no Brasil, uma grande quantidade de revistas eróticas com modelos mais ou menos conhecidas, em fotos de melhor ou pior qualidade, com maiores ou menores preços: Homem, Privê, Peteca, Status, Ele Ela, Playboy, Close, Fiesta, Chic, Rose, Carol Blue, Personal – e a lista continua. Algumas destas com poucas edições, outras com coleções relativamente longas. Em geral, o preconceito contra o conteúdo ostensivamente sexual destas revistas acabou prejudicando sua coleta e guarda em instituições apropriadas, o que por fim produziu duas consequências: 1) perderam-se documentos históricos importantes, alguns únicos sobre uma específica visão da sexualidade (embora a opção por ignorar as revistas diga muito sobre determinadas concepções a respeito do sexo); 2) o historiador deve, com isso, buscar trabalhar com o que tem e, à maneira de um arqueólogo de sebos e coleções privadas, buscar construir coleções representativas que permitam uma análise histórica sobre os temas abordados por estas revistas.

De todo conjunto de títulos disponível, optou-se, na presente pesquisa, por trabalhar fundamentalmente com Playboy e Ele Ela. Além de serem duas das revistas masculinas de maior divulgação no Brasil, tornaram-se suficientemente conhecidas para que fosse possível a reconstituição de uma coleção significativa dos anos 70 e 80. Foram, ainda, duas das principais publicações que contribuíram para a divulgação do *swing* no Brasil. A Ele Ela destinará o primeiro grande espaço para publicação de anúncios de casais, enquanto Playboy incluía a troca de casais em seus artigos e contos, representava a prática em charges, e publicava entrevistas eventuais com casais participantes.

Outras revistas masculinas foram utilizadas, sempre que possível, para construir um quadro abrangente da prática do *swing* nos anos 70 e início dos anos 80. Porém, em

⁴³ Leis N. 10.994, de 14/12/2004 e 12.192, de 14/01/2010.

sendo consideradas produtos de baixo valor cultural e descartáveis, é bastante difícil recompor coleções de revistas mais populares, que entrarem no mercado brasileiro em finais dos anos 70. Muitas desapareceram, e outras tantas não informavam datas, edições, ou mesmo editoras, dificultando a localização temporal da publicação e, por vezes, impossibilitando sua utilização. Deste conjunto, digamos, secundário de revistas, foi dada maior atenção à Peteca, publicação popular da editora curitibana Grafipar. Primeiro porque, entre sorte e persistência, foi possível coletar e consultar praticamente todas as suas edições até os primeiros anos da década de 80, mas, também, porque a revista possuía uma visão divergente em relação à troca de casais: colocava-se contra a prática, argumentando pelo caráter doentio dos casais praticantes. Sua posição tornou-se, portanto, interessante contraponto ao tratamento majoritário dado pelas demais publicações.

A recorrência ao presente, apresentada no tópico anterior como necessária à compreensão história da prática do *swing*, partiu de uma análise da bibliografia atual sobre o tema. Para complementar estas informações, porém, foram realizadas ainda visitas a clubes de *swing* em Curitiba (cinco clubes⁴⁴) e em Camboriú (dois clubes⁴⁵), além de entrevistas com seus proprietários e casais praticantes, entre os anos de 2010 e 2014.

É importante mencionar que dois clubes de Curitiba disponibilizaram o banco de dados de seus clientes, que foram utilizados para enviar, via e-mail, um pequeno questionário que continha apenas três questões: 1. Como foi e de quem foi a decisão de visitar um clube de troca de casais pela primeira vez; 2. Como foi a primeira visita ao clube; 3. Por qual razão o casal decidiu retornar. Os proprietários, por sua vez, foram entrevistados por correio eletrônico, mas também pessoalmente, no momento das visitas aos clubes quando se buscou entender, ainda, o funcionamento destas casas, além do comportamento de casais e funcionários naquele ambiente.

A partir deste conjunto de dados foram coletadas informações que permitiram construir parte da visão contemporânea a respeito do *swing*, contraponto útil às visões dos anos 70 e 80, quando a prática se iniciava no país.

⁴⁴ Venus Swing Club, Desiree Club, Liberty Club, Fantasias Swing Club e Pepper's. Em 2014 Pepper's já não mais existia, e Fantasias Swing Club funcionava apenas precariamente.

⁴⁵ Liberty Club e Sensuality Club.

Método de trabalho com as fontes

Recordando as mudanças desejadas e efetivadas pelo ano de 1968, Zuenir Ventura irá concluir que a época lembrava “mais uma explosão de vontade e intenções do que de realizações. Provavelmente, falava-se e escrevia-se mais do que se fazia sexo”⁴⁶. Certamente fazia-se também sexo, embora não proporcionalmente à quantidade que se parecia fazer.

A mídia tinha participação ativa nesta explosão de vontades, que seriam expostas, promovidas e discutidas, com especial ênfase, pelas revistas masculinas a partir de meados da década de 70. Espaços privilegiados para exposição do erotismo, transformaram as discussões do período a respeito da sexualidade em produtos, como foto nuas, contos eróticos, anúncios de parceiros sexuais. A liberação sexual, que desde o final dos anos 60 vinha sendo discutida em revistas e jornais, e assistida nos cinemas principalmente a partir de filmes norte-americanos, chegava ao Brasil pelos pôsteres da Playboy, apresentava-se nas pornochanchadas, era televisionada pela Rede Globo nas orientações de sexologia feitas por Marta Suplicy no TV Mulher. Não sem resistências, porém, sendo algumas delas absolutamente explícitas, como a obrigação dos programas televisivos em apresentar, antes das transmissões, o certificado de autorização concedido pela censura federal.

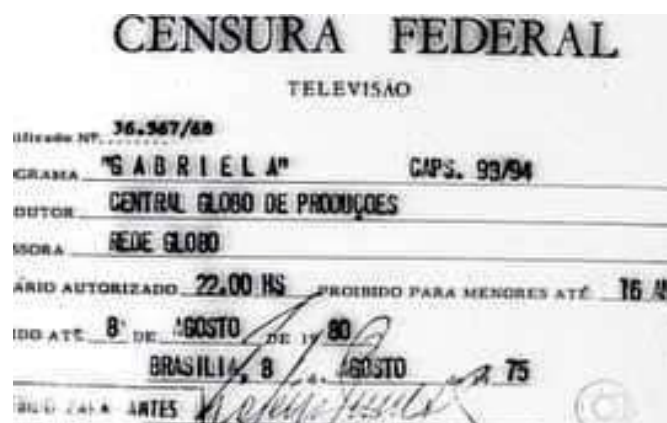


Figura 6 - Certificado da censura para a Novela Gabriela, 1975⁴⁷.

Tratava-se de um intenso confronto de representações, na luta do que poderia ser impresso, televisionado e projetado, demonstrando o caráter profundamente midiático da revolução sexual brasileira. A mídia não simplesmente refletia ou representava as

⁴⁶ VENTURA, Zuenir. 1968: O Ano que não Terminou. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

⁴⁷ “Censura na TV Globo”. Disponível em <http://memoriaglobo.globo.com/mobile/mostras/censura-na-tv-globo/censura-na-tv-globo/censura-na-tv-globo-na-tv-globo.htm>. Acesso em 9/9/2014.

mudanças nos conceitos que envolviam a sexualidade, mas deles participava ativamente, e era um de seus principais elementos constituintes.

Em sendo assim, a história do *swing* seria diferente se não houvesse a mídia? Esta é uma questão importante, porque, da mesma forma, as revistas masculinas não foram apenas um espaço de divulgação, mas constituíram-se, elas mesmas, partes da própria prática. Além de suporte aos anúncios e relatos, será em parceria com a mídia que os casais se identificavam como *swingers*, e através delas acreditavam participar de uma determinada prática sexual.

Neste sentido, a metodologia de análise das revistas masculinas e seu papel dentro do *swing* deve buscar compreender o papel específico destas publicações enquanto veículos participantes do próprio movimento da troca de casais, dentro do contexto histórico do período.

Para isso, o conceito de reflexividade, desenvolvido pelo sociólogo Anthony Giddens, tornou-se importante ferramenta teórica, e estará presente em toda esta dissertação, de forma explícita ou não. Segundo Giddens,

a reflexividade da vida moderna consiste – com efeito – no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter⁴⁸.

E esta reflexividade atinge também as concepções a respeito dos locais adequados e socialmente aceitos para os atos sexuais no Brasil do período. Em uma sociedade reflexiva, o peso das tradições é diminuído e, assim, as pessoas passam a ter condições de atuar de maneira mais ativa na constituição de suas próprias sexualidades. Compreendendo o caráter histórico da realidade, torna-se possível questionar concepções herdadas – como a valorização da virgindade, por exemplo – e considerar, e por vezes adotar, novas concepções sexuais que se tornam disponíveis socialmente, como é o caso do *swing*. Uma sexualidade reflexiva que possibilita o questionamento de valores considerados socialmente importantes, como a monogamia, a fidelidade conjugal, os papéis eróticos de maridos e esposas.

O conceito de reflexividade, portanto, permite que se compreenda de que maneiras casais urbanos, de classe média e alta, questionaram a própria sexualidade,

⁴⁸ GIDDENS, A. Consequências da modernidade. São Paulo: Unesp, 1991. 44-5.

suscitando debates, e possibilitando a explicitação as concepções do período a respeito dos limites e das possibilidades da liberação sexual.

Dentro de uma sociedade reflexiva, própria da modernidade, a construção do eu faz parte de um projeto consciente, do qual o indivíduo participa ativamente em diálogo com as condições sociais e históricas disponíveis, incluindo-se os produtos de mídia. Ao buscar compreender a participação das revistas masculinas neste processo, sua relação com a divulgada revolução sexual do período, bem como sua participação dentro de um mercado específico, deve-se considerar as condições tanto de produção quanto de recepção. No primeiro caso, considerar que revistas são produtos, que possuem uma determinada linguagem e seguem certas expectativas dos leitores. Dados que influenciam seus objetivos, suas intenções e visões de mundo, bem como no diálogo com os diferentes personagens presentes nos espaços sociais nos quais as revistas circulavam.

Mas, ainda que fossem produtos – e que o número de exemplares vendidos era, para seus produtores, a primeira condição de avaliação do sucesso de sua publicação – havia uma determinada concepção de sexualidade, conjugalidade e papéis de gênero que eram próprias destas publicações. O caso específico da revista *Ele Ela* é exemplar de como o meio é, muitas vezes, a mensagem: criada em 1969 como uma revista para casais, passará a ser exclusivamente masculina em 1976⁴⁹. Neste processo, e supostamente partindo de uma mesma estrutura técnica e de pessoal, a revista foi modificada para que se identificasse com um novo segmento que não mais deveria defender a fidelidade ou criticar o sexo pelo prazer; ao contrário, seu novo discurso – imagético e textual – deveria expor a sexualidade feminina à observação, estimular os discursos individualistas masculinos e valorizar, o tanto quanto possível (e aceitável dentro das expectativas dos leitores) uma atividade sexual “livre”. Esta reformulação exigiu a reconstrução da identidade da publicação para que se adequasse ao novo nicho de mercado em que procurava se estabelecer.

Por sua vez, a análise da recepção apresentou-se como um desafio à parte, pela dificuldade em se compreender como os leitores, efetivamente, apropriavam-se dos discursos veiculados nas revistas masculinas. Na medida do possível, buscou-se reconstruir, com o auxílio de outras fontes disponíveis, as formas de leitura e

⁴⁹ Esta mudança, considerada do contexto das publicações masculinas do período, será detalhada no capítulo 2.

resistências, identificando maneiras de uso a partir do confronto com outras fontes de informação socialmente disponíveis a respeito da sexualidade e do casamento. Porém, as próprias revistas masculinas apresentavam certos conteúdos que permitiram compreender elementos da recepção: cartas enviadas por vezes combatiam informações veiculadas em artigos, pedidos para mudança de abordagens indicavam interesses diversos dos leitores, e a própria eventual mudança em conteúdos revela aspectos deste constante diálogo entre produção e recepção. É importante destacar ainda que as publicações mais vendidas informam algo sobre a identidade de seu conteúdo e as concepções de sexualidade no período, mas isso não implica que foram desconsiderados títulos com menores vendas. Afinal, foram produtos consumidos em maior ou menor escala⁵⁰, e tiveram o potencial de apresentar diferentes informações sobre o *swing*, os papéis sociais de gênero e a sexualidade.

De toda forma, a compreensão do papel das revistas masculinas, sua relação com os debates a respeito da sexualidade, bem como dos papéis sociais de gênero, não pode ser realizada sem suporte e apoio a outras fontes. Por isso, buscou-se nesta pesquisa o trabalho com diferentes materiais que lançassem luzes sobre a especificidade dos discursos das revistas masculinas: manuais de educação sexual, documentos produzidos pelo governo – como textos legais e relatórios produzidos censura –, enredos de filmes e novelas, textos de livros didáticos, notícias em periódicos, foram utilizados na medida em que esclareciam os diálogos que as revistas masculinas mantinham com outras mídias, e permitissem revelar possíveis contradições e conflitos.

Estrutura dos capítulos

Esta dissertação foi organizada em quatro partes, iniciando-se com a contextualização da prática em relação à mídia – especificamente as revistas masculinas – e, a seguir, abordando os discursos de condenação e justificação associados.

A primeira parte contextualiza o surgimento do *swing* no Brasil, investigando seu surgimento em anúncios de jornais e como tema de reportagens na mídia nacional, não apenas aquela voltada ao público masculino. No capítulo 1 busca-se demonstrar como a troca de casais surge no Brasil, como e por quais razões torna-se tema da

⁵⁰ BELLOTTI, Karina Kosicki. ‘Delas é o reino dos céus’: mídia evangélica infantil na cultura pós-moderna do Brasil (1950 a 2000). Campinas, São Paulo: Unicamp, 2007. Tese de Doutorado em História.

curiosidade da imprensa, e de que maneira os casais apresentam tanto sua opção sexual, quanto as regras a ela associadas. No capítulo 2 se discute como o *swing* foi – como todo o conjunto do que se costuma denominar de “revolução sexual” – um fenômeno profundamente midiático, e analisam-se as maneiras pelas quais conquista seu espaço, as formas como foi representado e divulgado, dados fundamentais para compreender as dimensões e as características que a prática tomará no Brasil. Especialmente porque as revistas masculinas construía uma visão específica dos papéis sociais de gênero tanto masculinos quanto femininos, além de divulgarem a ideia do *swing* enquanto uma pornotopia – uma prática sexual sedutora e ausente de prejuízos.

Na segunda parte, que coincide com o capítulo 3, são discutidos os conceitos de revolução, liberação e repressão sexuais. O *swing* dialoga e participa de um conjunto de mudanças que ocorreram no período, em relação ao questionamento dos tabus a respeito da sexualidade, bem como dos papéis de gênero, especialmente o feminino. Busca-se discutir como não parece ter existido uma “repressão” e uma “revolução”, mas várias repressões, revoluções e liberações, de acordo com diferentes movimentos sociais e suas distintas percepções a respeito do corpo e da sociedade. Procura-se demonstrar, ainda, como, ao contrário do que é comum pensar, elementos como o desenvolvimento da pornografia, a mercantilização da sexualidade e a própria prática do *swing*, não são vulgarizações de quaisquer concepções libertárias idealistas, mas visões originais que participaram, cada uma à sua forma, destas várias liberações sexuais.

A terceira parte, que compreende os capítulos 4 e 5, trata dos discursos que se opunham ao *swing*, analisando sua gênese e difusão na sociedade. No capítulo 4 discute-se como a oposição à troca de casais parte, em primeiro lugar, da ofensa à determinada concepção de família e de sexualidade, considerada tradicional e, mesmo, atemporal. Uma visão própria de determinados setores conservadores da sociedade, inclusive da Igreja, e que será tema politicamente importante para o regime militar, notável pela importância dada à divulgação deste modelo de família e de erotismo nos manuais de Educação Moral e Cívica, e pela ação da censura, por exemplo. No capítulo 5 demonstra-se como esta concepção de sexualidade será naturalizada, e adotada pelos peritos em sexualidade chamados às revistas para dar suas opiniões sobre o *swing*: especialmente influenciados pela psicanálise, profissionais de uma ampla gama de especialidades acabarão por construir uma visão patológica da prática, diagnosticando os mais diversos problemas psicológicos nos homens e mulheres praticantes do *swing*.

A quarta parte – capítulos 6 ao 8 – trata da construção dos discursos de justificativa pelos casais praticantes de *swing*, bem como sua adoção enquanto uma identidade que os valorizava como liberais, desinibidos, arejados. O capítulo 6 procura demonstrar como os discursos dos casais dialogavam com as concepções sociais de gênero no período bem como as dificuldades de adequação, na prática, aos próprios discursos. Estes, por sua vez – tema do capítulo 7 – podem ser compreendidos mais diretamente quando se analisam os anúncios publicados nas revistas masculinas. Em textos bastante curtos e diretos, são explicitadas as motivações para a prática, o modelo de casal ideal procurado, bem como as características que envolviam a construção de determinado “capital erótico”, de certa forma negociado na troca de casais. O capítulo 8 busca demonstrar como estes discursos, próprios do que seria a “prática *swing*”, confrontavam concepções introjetadas desde a infância do que uma mulher e um homem deveriam ser. Em seu processo para alcançar a pornotopia apresentada nas páginas das revistas, maridos e esposas revelavam indecisões, dificuldades e desistências, em um processo de contestação de uma determinada subjetividade introjetada que deveria ser substituída por novas identidades, a de maridos e esposas “liberais”.

I. Swing e Mídia

1. O surgimento do swing no Brasil

O século XX não inventou o adultério, as orgias, a sexualidade desviante. Se forem observadas as imagens que acompanhavam os sonetos luxuosos de Arentino, do século XVI, pode-se inclusive concluir que prazeres eróticos que se imaginariam nossos contemporâneos têm, na verdade, vários séculos de idade. Este é um aspecto da cultura que não parece ter carecido de originalidade e imaginação.

E mesmo atos sexuais em grupo, especificamente, não são exclusivos de nosso tempo ou cultura. Sejam conformistas – porque tolerados culturalmente –, sejam rebeldes⁵¹ – por se postarem contra a sociedade –, orgias fizeram parte da vida de diferentes povos, em diferentes épocas. Seus significados também variam, podendo relacionar-se a questões religiosas, sendo específica a um determinado grupo de pessoas, em momentos particulares; a períodos de festa, liberação ou fertilidade, podendo incluir todas as pessoas de uma determinada comunidade; ser reservada a indivíduos em particular, como sinal de status; ser realizada livremente, apenas pela busca do prazer sensual.

São diversos os atos sexuais, como o são também os motivos, os desejos envolvidos, e os contextos culturais que possibilitam sua existência e moldam seus diferentes significados. Desde o modelo sexual aceito pela comunidade até aquele desviante, considerado ofensivo ou perigoso, todos participam de uma determinada maneira de compreender o corpo, a sexualidade, os desejos, a condição humana. A expressão erótica é uma expressão cultural.

O *swing* é, sem dúvida, sexo grupal, e alinha-se a uma linhagem antiquíssima de práticas sexuais que envolvem mais de duas pessoas. Porém, não se confunde com as orgias de outros tempos, pois envolve a conjugalidade, o desejo de manutenção da família nuclear, princípios do amor romântico, que são próprios da contemporaneidade e de um determinado grupo social. Relaciona-se com a transgressão⁵² a elementos específicos da sexualidade conjugal, único contexto considerado socialmente adequado para a prática sexual, enquanto a busca pelo sigilo – reforçado pelo uso, nos anúncios

⁵¹ PARTRIDGE, Burgo. História das orgias: dos gregos ao século vinte. Lisboa (Portugal): Codex, 2003.

⁵² Uma transgressão que, bem que se diga, não é contestadora do modelo dominante da conjugalidade. Como será visto ao longo desta dissertação, apesar do discurso liberalizante, a prática do *swing* não reformula, em seus fundamentos, os papéis sociais considerados adequados a esposas e maridos. Ao contrário, tende inclusive a exacerbá-los – como a superexposição da mulher nos anúncios publicados pelos casais, que reforça o modelo da mulher enquanto objeto passivo de desejo erótico.

das revistas, de iniciais dos nomes e de um número de Caixa Postal, ao invés do endereço real –, por se temer a vergonha e a condenação decorrentes de uma prática que ofende determinados ideais de um modelo tradicional de conjugalidade, e determinados papéis sociais sexuais associados ao homem e à mulher. Todos fatores historicamente contextualizados.

Além disso, as mudanças no significado da família, o aumento da independência feminina e sua participação no mercado de trabalho, as diferentes concepções a respeito da sexualidade e de seu valor no relacionamento, são algumas das condições para que a prática da troca de casais pudesse se desenvolver e, como atestam os atuais clubes dedicados à prática, crescer. Afinal, enquanto propostas alternativas de sexualidade surgidas durante os anos 60 falharam – como o modelo do casamento aberto defendido pelo movimento contracultural –, o *swing* sobreviveu, desenvolveu-se (ainda que sob uma hibernação nos anos 80 e parte dos 90 por conta do receio provocado pela AIDS), e tem crescido de maneira importante no Brasil das últimas décadas. Sua popularização sugere, ainda, que as condições que o permitiram surgir permanecem em nossa sociedade, de alguma forma.

Mas, afinal, o que é o *swing*? Tradicionalmente, era definido pelas revistas masculinas como a prática sexual realizada por um casal (não necessariamente casado, mas com um relacionamento duradouro reconhecido) com outro casal, de forma simultânea, consentida e mútua. Esta era a forma em que aparecia em contos eróticos, em reportagens, nas charges das revistas. Analisando os depoimentos dos casais e, ainda, os detalhes dos anúncios publicados em jornais e revistas, percebe-se que o termo, na prática, poderia ter mais significados: incluía a inclusão de um indivíduo, homem ou mulher, no relacionamento conjugal; podia se referir tanto àqueles casais que o praticavam com certa assiduidade, quanto os que gostavam apenas de olhar os atos sexuais dos outros (*voyeurs*); podia eventualmente ser acompanhado de outros fetiches. Ao final, ser um casal “*swinger*” era uma condição autoconcedida, e relacionava-se, ao menos discursivamente, com a busca de uma liberalidade sexual, a quebra da monogamia social e sexual na conjugalidade e a defesa de uma suposta igualdade de direitos eróticos de maridos e esposas, o que envolvia a reformulação de termos como adultério, ciúme, fidelidade.

Não se sabe ao certo a origem do termo *swing*. Poderia ser referência ao estilo musical dançante popular nos Estados Unidos, ou ao fato dos casais balançarem (*swing*) de uma cama para outra⁵³. No Brasil, o termo foi adotado apenas em meados dos anos 70, substituindo outros como casais embalados, troca-troca, escambo de esposas, troca de esposas, *swinging*, orgias de casais, sexo grupal de casais, práticas *prafentex*⁵⁴, etc.

Curioso observar que, nos Estados Unidos dos dias de hoje, ainda que o termo *swing* continue a ser utilizado, ele foi substituído em popularidade pela expressão *lifestyles* – indicando não apenas o ato sexual da troca de parceiros, mas um estilo de vida que estaria associado à prática.

Os praticantes de *swing* do Brasil atestam, já no final dos anos 60, a internacionalização da prática. Os primeiros casais a buscarem parceiros eróticos repetiam histórias semelhantes de como conheceram a troca de casais em viagens ao exterior – fosse nos Estados Unidos, fosse na Europa – e, ao regressarem, procuraram continua-la. De toda forma, suas regras específicas, seu público particular e sua maneira própria de encarar a conjugalidade, desenvolve-se nos Estados Unidos após a IIª guerra mundial. É possível que possa ter se surgido simultaneamente em outros países, mas será o modelo norte-americano que será exportado, inclusive ao Brasil. Não só a manutenção da denominação em inglês, mas também a adoção de mesmas justificativas que as utilizadas nos Estados Unidos para a sua realização, bem como a permanência de detalhes mais práticos, como a reprodução da forma dos anúncios em publicações específicas, serão baseados em modelos norte-americanos.

A mídia norte-americana começará a dar atenção à prática do *swing* – naquele momento denominada *wife swapping* – ainda nos anos 1950, destacando o que seriam as “festas das chaves”, cuja troca indicaria a nova parceira para aquela noite. A revista norte-americana *Swingers Life*, de finais dos anos 60, ainda trazia, acompanhando o título da publicação, o desenho de uma chave, lembrando a origem do que seriam as primeiras festas de troca de casais.

⁵³ ROBERT, Mark. Related To Bigotry: The Repression of Swingers in Early 21st Century Britain. Sociological Notes No. 28, 2003. Disponível em <http://libertarian.co.uk/lapubs/socin/socin028.htm>. Acesso em 9/9/2014.

⁵⁴ O termo “prafentex” era utilizado nos anos 70 para designar algo bastante moderno, contemporâneo, e talvez ligeiramente contestador. Poderia haver músicas prafentex, roupas prafentex, novelas prafentex. Quando da exibição no Brasil do filme “Bob & Carol & Ted & Alice”, que trata do *swing*, as resenhas dos filmes optaram por descrever a prática como “atitudes de casais prafentex”.



Figura 7 - Capa da revista *Swingers Life*, de 1969.

No imaginário das publicações brasileiras desde o final dos anos 60, antes da prática da troca de casais ser conhecida no país, as festas das chaves eram tratadas como expressões radicais do liberalismo sexual norte-americano. Vale a pena reproduzir o seguinte trecho, que sumariza como eram imaginadas:

Já se radicaram outras [liberdades sexuais] mais extremas, em muitas regiões dos Estados Unidos, como divertimento, as chamadas ‘tardes das chaves’, consistindo no fato de vários casais misturarem as chaves de suas residências no mesmo receptáculo, procedendo em seguida à sua escolha pelos homens. Ao detentor de cada uma das chaves cabe o direito de acompanhar a mulher correspondente até o domicílio, enquanto seu marido, naturalmente, ruma para outro⁵⁵.

No Estados Unidos, de onde a prática foi exportada, não há qualquer certeza sobre a origem do *swing*. A explicação usualmente aceita é a de que tenha se iniciado com pilotos da força aérea norte-americana, ainda durante a Segunda Guerra Mundial, e seria característica deste grupo até a Guerra da Coreia – inexistem, porém, quaisquer estudos históricos, ou fontes, que corroborem esta interpretação⁵⁶.

Em março de 1963, a revista estadunidense *Sexology* publicava a carta de um homem que dizia se interessar pela prática do *wife swapping*, tratando-a como um tema

⁵⁵ Ele Ela, n. 29, Setembro de 1971, encarte “Virgindade, Sexo, Família”, p. 7.

⁵⁶ BERGSTRAND, Curtis; SINSKI, Jennifer. *Swinging in America: love, sex and marriage in the 21st century*. Estados Unidos, Abc-Clio: 2010.

já conhecido e, portanto, não tão recente. Diante de uma análise pouco positiva feita por um especialista, um segundo leitor, em outubro de 64, argumentava que conhecia alguns casais que praticavam e, tendo ele mesmo experimentado, passou a amar a própria esposa ainda mais: “Eu a considero fiel, pura e afetuosa. Eu aprecio vê-la aproveitando ter relações sexuais com outro homem, e em nossa casa nós estamos muito felizes”⁵⁷. A resposta da revista, assinada pelo médico Dr. Walter Stokes, muito se assemelha, também, à que será dada por especialistas brasileiros cerca de quinze anos mais tarde:

Eu conheço vários casais que participaram deste tipo de comportamento por consentimento mútuo e pelas mesmas razões dadas aqui. Mas em todas as vezes, complicações infelizes e trágicas acabaram por surgir e o casamento foi desmanchado⁵⁸.

Uma crença muito comum, aliás, sobre o movimento *swing*. Em sendo uma prática considerada sexualmente radical, e de tal forma contrária ao modelo de casamento monogâmico, era de se supor (ou inconscientemente desejar) que o relacionamento não durasse. Pesquisas de sociologia e psicologia entre os praticantes revelaram, porém, que as separações tendiam a ser tão frequentes quanto, senão menores, que dos casamentos monogâmicos exclusivos⁵⁹. Conclusão contra-intuitiva a princípio, mas coerente como fato do grupo acreditar que este modelo de adultério

⁵⁷ Sexology, Outubro de 1964, p. 152.

⁵⁸ Sexology, Outubro de 1964, p. 152.

⁵⁹ Um grande conjunto de pesquisas, acompanhando a trajetória de casais praticantes, foi realizada nos Estados Unidos, desde finais dos anos 60. Nenhuma pesquisa semelhante foi realizada no Brasil. Sobre os resultados obtidos, podem ser citados: Bergstrand e Williams, cuja pesquisa realizada em 2000 demonstrou que para apenas 1,7% a prática teria piorado seu casamento (BERGSTRAND, Curtis; WILLIAMS, Jennifer. Today's alternative marriage styles: the case of swingers. Electronic Journal of Human Sexuality, Volume 3, Oct. 10, 2000. Disponível em <http://www.ejhs.org/volume3/swing/body.htm>. Acesso em 9/9/2014.). Em meados da década de 80, Rubin e Adams acompanharam por oito anos dois grupos de casais – um praticante de *swing*, e outro não – e constatou que, durante o período de estudo, dois casais praticantes passaram a adotar a exclusividade sexual, enquanto, no outro grupo, um casal deixou a exclusividade e passou a adotar a prática da troca de casais. (RUBIN, Arline; ADAMS, James. Outcomes of sexually open marriages. Journal of sex research, 22, 1986. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/3812569>. Acesso em 9/9/2014.). Segundo o sociólogo Edgar W. Butler, após estudar o comportamento de casais praticante do swing norte-americanos em meados dos anos 70, a prática apresentava sucesso em reforçar os casamentos através de sua romantização tornando-os mais prazerosos. (BUTLER, Edgar W. Traditional Marriages and Emerging Alternatives. Estados Unidos: Harper & Row, 1979). Outros autores que sustentam que é maior a felicidade conjugal dos praticantes de swing são JENKS, Richard J. Swinging: A Review of the Literature. Archives of Sexual Behavior, Vol. 27, No. 5. EUA: Plenum Publishing, 1998, p. 507-521 e FERNANDES, Edward. The Swinging Paradigm: An Evaluation of the Marital and Sexual Satisfaction of Swingers. Electronic Journal of Human Sexuality, Volume 12, January 23, 2009. Disponível em <http://www.ejhs.org/Volume12/Swinging.htm> Acesso em 23/11/2014. Constatação semelhante à qual chegou a pesquisadora Olívia Weid, ao estudar os frequentadores de um clube de swing no Rio de Janeiro, em 2008 (WEID, Olívia von der. Adultério consentido: gênero, corpo e sexualidade na prática do swing. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008. Dissertação de Mestrado).

consentido era uma forma de reforçar os laços entre os cônjuges, combatendo a rotina do casamento.

De toda forma, a discussão entre o leitor e o especialista, nesta revista norte-americana, revela uma prática já em andamento, mas ainda não totalmente organizada, com casais tendo alguma informação, e procurando mais detalhes – na falta de publicações específicas – nas mídias que tratavam de sexualidade. Um papel muito semelhante em que revistas masculinas brasileiras como *Ele Ela* e *Peteca* (que, aliás, reproduzirá artigos da própria *Sexology*) desempenharão a partir dos anos 1970.

Quando sociólogos, psicólogos e antropólogos norte-americanos começam a pesquisar o *swing*, a partir de finais dos anos 60, já encontram associações estabelecidas, clubes espalhados em vários estados, além de uma grande quantidade de publicações próprias para os casais⁶⁰ (condições que o Brasil, por exemplo, não alcançaria senão em finais dos anos 90).

Os penteados são diferentes, a qualidade de impressão bastante inferior, os textos datilografados, mas o modelo dos anúncios da revista *Swingers Life*, de 1969, serão bastante semelhantes àqueles que começarão a aparecer no Brasil cerca de dez anos depois. Mulheres nuas ou seminuas expõem-se para atrair interessados, enquanto o texto, além de valorizar o casal, descreve os objetivos de sua busca.

⁶⁰ BARTELL, Gilbert. Amor em grupo: o american way of swinging. Rio de Janeiro: Artenova, 1972; GILMARTIN, Brian. That swinging couple down the block. *Psychology today*, (8), 54-58. 1975.

OKLAHOMA



Young couple 29 & 25 interested in meeting other young swinging couples. All replies with photo ans. Our first ad. #3026

OREGON



Swinging couple would like to meet other couples & singles interested in get togethers & polaroid photography. Frank letter & photo assures prompt reply. #2701



Young muscular male 25, 5'11", 175 lbs, brown hair, hazel eyes, wishes to learn swinging life. Discreet, open-minded, light social drinker. Have nice apt, sports car. Can & will travel as far as Little Rock, Dallas, etc. Coast to coast traveling females welcome. Will answer all. Write: Sam Price, 216 W. Boeing Dr., Apt D, Midwest City, Okla. 73110

Young couple in early 20's would like to get acquainted. Will answer all letters from couples only with photo & phone. June is 3'4", 135 lbs, 38-26-36, black hair & brown eyes; Wayne is 6', 165 lbs, brown hair & eyes. Enjoy adult fun & games, also french culture. #2009



Couple in mid 30's interested in photography, movies & the french arts. Desire meeting couples who enjoy swinging get-togethers. Answer all sending photo & phone. No males please. Can travel weekends. #2596



Attractive young Mrs. wishes to hear



Figura 8 - *Swingers Life*, vol 3, número 1, p. 47.

Nesta época, no Brasil, alguns poucos praticantes começavam a procurar, ainda de forma tateante, outros com desejos parecidos, algo complicado diante da inexistência de uma mídia específica voltada a questões sexuais. Deve-se lembrar que, na primeira metade dos 70, não existiam revistas masculinas no país, pois tanto Senhor quanto Fairplay, haviam falido. E serão as revistas eróticas dirigidas aos homens que se especializarão em práticas como o *swing*. Ela fora fundada em 1969, mas até 1976 estaria dirigida apenas aos casais; outras, como Playboy, Status, Peteca, aparecerão no Brasil apenas em meados dos anos 70.

Na ausência de meios específicos, alguns casais brasileiros chegavam a publicar em revistas norte-americanas dedicadas ao público *swing* daquele país, visto que muitas destas publicações eram distribuídas no Brasil via importação. O resultado parece não ter sido animador, porque gradualmente os periódicos nacionais passaram a publicar, ainda que timidamente no início da década de 70, anúncios esparsos. Em 21 de julho de 1971, um jornal brasileiro publicado em inglês e distribuído em São Paulo e no Rio de

Janeiro, denominado *Brazil Herald*, apresentava em português, sob o título *Miscellaneous* o seguinte anúncio:

Alô, casal arejado do Rio: casal brasileiro de São Paulo, hedonista, discreto, de grau universitário, saudável, na casa dos 30, passará alguns dias no Rio em setembro próximo e adoraria encontrá-lo para um cálido contato e uma amizade duradoura. Escreva depressa⁶¹.

A ousadia parece ter surpreendido. Zózimo Barrozo do Amaral, então colunista do *Jornal do Brasil*, afirmou que se alguns casais já haviam aderido ao *swing*, não se imaginava que “já tinham chegado ao ponto de anunciar pelos jornais a prática daquele gênero de esporte”⁶². A *Ele Ela*, repercutindo o mesmo anúncio, afirmava que o tema se tornava um “novo desafio”: uma prática que seria “tão norte-americana quanto a torta de maçã”⁶³ parecia ser não apenas um produto de consumo, mas também de exportação.

Tanto o anúncio no *Brazil Herald*, quanto sua repercussão, apareceram menos de um ano depois da exibição, no país, de “*Bob & Carol & Ted & Alice*”. Neste filme norte-americano, o *swing* praticado pelos dois casais protagonistas é representado como o resultado de uma autodescoberta e do despertar de uma autoconsciência que trariam aos personagens novos significados à prática do sexo não conjugal. Após participarem de um retiro sexual – dos muitos que surgiram nos Estados Unidos naqueles anos, sendo *Sandstone*⁶⁴ o mais conhecido – Bob e Carol compreendem que o ciúme era uma prisão, que a posse conjugal não permitia a liberação individual, e que não havia problemas em se expressar sexualmente com outras pessoas que não o cônjuge. De tão convencidos, tentam seduzir seus amigos Ted e Alice. Ainda que os protagonistas não consigam, efetivamente, efetuar a troca entre si, o filme transmite uma mensagem positiva da prática, associando-a à liberação sexual, ao aumento do companheirismo e à quebra do que seriam tabus próprios do casamento.

O filme mostra dois casais, um mais avançado, outro mais conservador que resolvem apelar, revelando cada um dos cônjuges seus defeitos e virtudes num jogo de verdade como nunca se viu antes na tela⁶⁵.

“Moderninho”, “avançado”, “sofisticado”, “sem falsos pudores”, foram algumas das descrições que acompanharam as resenhas de “*Bob & Carol & Ted & Alice*”. E, apesar de tratar de um tema que muitos considerariam ofensivo (a prática do *swing*, em

⁶¹ O anúncio foi reproduzido no *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 29/7/1971. Caderno B, p. 3.

⁶² *Miscelânea*. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 29/7/1971. Caderno B, p. 3.

⁶³ *Ele Ela*, n. 30, Outubro de 71, p. 18.

⁶⁴ Comunidade criada com o objetivo de estimular o amor livre. Construída em 1969, foi fechada em 1976 por não ser, segundo seus proprietários, rentável. Será abordada em mais detalhes no capítulo 3.

⁶⁵ Folha de S. Paulo. 19/7/1970. Caderno Ilustrada, p. 7.

si, seria considerada uma prática ofensiva) 87,5% dos espectadores paulistas avaliaram o filme como bom ou ótimo⁶⁶.

O inesperado anúncio no Brazil Herald, alguma repercussão em jornais e revistas, tímidas discussões a respeito de “Bob & Carol & Ted & Alice” representaram, porém, apenas abordagens esparsas, ainda que inaugurais, da prática do *swing*, no Brasil. Mesmo porque, senão a partir de 1973 os casais encontrarão um primeiro lugar que acomodará seus anúncios em busca novos parceiros: a seção “Diversos” dos classificados do Jornal do Brasil, no Rio de Janeiro.

O conteúdo dos textos era bastante discreto, e seu real sentido implícito. Não se afirmava buscar parceiros sexuais, mas “relacionamento e amizade”, com casais “evoluídos”, “liberais”, “de mente aberta”, “sem preconceitos”; o exíguo espaço disponível, bem como a própria característica da publicação, impediam a objetividade que se tornaria característica destes anúncios. O termo *swing* dificilmente aparecia, de tal forma que poderia inclusive gerar mal entendidos. A revista Veja, buscando descobrir quem eram os casais que participavam desta prática, criou um anúncio que recebeu como resposta, além de *swingers*, cartas de pessoas que buscavam, realmente, amizade, ou companheiros para jogos de baralho.

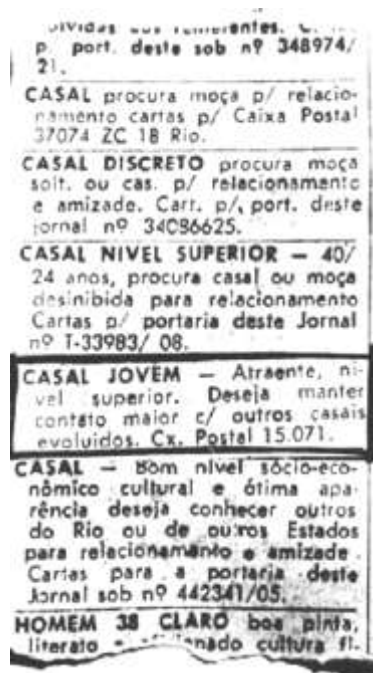


Figura 9 - Anúncios do Jornal do Brasil. Reproduzido por Veja, 16/11/1977, p. 54.

⁶⁶ Folha de S. Paulo, 22/8/1970. Caderno Ilustrada, p. 11.

A princípio, um ou dois anúncios a cada domingo, eventualmente republicando-os aos sábados. Com a passagem dos meses, a quantidade aumentava, chegando a ocupar, quase no final da década, até três colunas de uma página, e acabaram por ser tornar o primeiro ícone do movimento *swing* nacional. Em 1979, buscando aproveitar o interesse e a curiosidade a respeito da prática, o diretor José Miziara lançava o filme “Embalos Alucinantes: A Troca de Casais”. No cartaz, os personagens principais aparecem sorrindo sobre imagens que evocam casas noturnas ao lado de um recorte de jornal, com um anúncio como aqueles publicados no Jornal do Brasil.



Figura 10 - Destaque do cartaz do filme *Embalos alucinantes: a troca de casais*. Banco de conteúdos culturais. Disponível em <http://www.bcc.org.br/fotos/galeria/013469?page=4>

A partir de meados da década de 70, o movimento *swing* – desorganizado e improvisado, mas que crescia a cada domingo – chamou a atenção da mídia em geral, e das revistas masculinas em particular que eram criadas no país. A Folha de S. Paulo afirmava, em 1979, que a “troca de casais é a grande bossa do momento”⁶⁷. O tema era tratado nos suplementos femininos dos jornais e a própria revista *Veja* dedicou três reportagens ao tema, entre 1977 e 1979 (sendo uma delas, reportagem de capa). A *Ele Ela* se impressionou com a extensão do debate, pois o *swing* tinha “ganho na mesma semana as atenções de um movimentado programa de televisão paulista e um debate entre o pessoal da redação de um jornal de Alagoas”⁶⁸. Podem-se multiplicar os

⁶⁷ MIRANDA, Tavares de. Uma família de cineastas. Folha de S. Paulo, 1º de janeiro de 1979. Ilustrada, p. 16.

⁶⁸ *Ele ela*, maio de 1980, p. 3.

exemplos: Luiz Carlos Cardoso, em 1979, mudou o título de sua peça de teatro “A Grande Porrada” (pois se iniciava com um acidente automobilístico) para “Swing: a troca de casais”, com o “objetivo de atrair o público”, mesmo que não abordasse o tema⁶⁹; vários filmes brasileiros no período foram produzidos tendo o *swing* como pano de fundo; e títulos internacionais – como “Loving Couples” e “Bruciati da cocente passione”⁷⁰ –, foram colocados em cartaz, respectivamente, como “A troca de casais” e “Troca de casais à italiana”. Exemplos de como a mídia em geral foi impactada pelo tema, de uma maneira que extrapolou as páginas das revistas masculinas.

1.1 O interesse da mídia e a curiosidade sobre detalhes da prática

A percebida crise na instituição do casamento levava a mídia brasileira, desde finais dos anos 60, a discutir temas como a importância da sexualidade, diferentes papéis sociais para homens e mulheres, novos modelos de relacionamento, bem como estimulavam debates sobre seu possível salvamento, que poderia envolver a melhoria do sexo conjugal, e propostas de constituições familiares singulares. O texto a seguir, retirado de uma propaganda para o livro “Casamento Aberto”, publicado então pela editora Abril, procura explorar tanto algumas das dúvidas mais comuns, como possíveis soluções para as dificuldades dos relacionamentos conjugais.

O amor é a mais formidável e misteriosa das forças universais. Após seculares hesitações, as instituições sociais o regulamentaram, e surgiu o casamento monogâmico. Mas o homem evoluiu e, nos últimos anos, de modo mais acelerado, a mulher. A esse novo homem e a essa nova mulher o casamento como posse integral e sufocante não mais satisfaz. É a crise do casamento, o amor corre perigo. Procura-se novas fórmulas, sexo grupal, promiscuidade, até mesmo o casamento homossexual⁷¹.

Se o casamento “como posse (...) não satisfaz”, novas fórmulas deveriam ser buscadas, para salvar a instituição que está em crise e em perigo, inclusive o sexo grupal e “até mesmo o casamento homossexual”.

A escolha do discurso publicitário efetivamente funcionou, pois “Casamento Aberto” tornou-se um dos livros mais vendidos do Brasil em 1973⁷². Claramente

⁶⁹ DEL RIOS, Jefferson. “Classe média, sabor abóbora desesperado”. 4 de junho de 1980. Ilustrada, p. 31. A peça ficou três anos em cartaz.

⁷⁰ Os títulos podem ser traduzidos de uma forma mais literal como “Casais apaixonados” e “Queimados por uma paixão ardente”.

⁷¹ Veja, 27 fevereiro 1974, p. 39.

⁷² MACHADO, Eliana. “Destaques do ano”. Veja, 2/1/1974. p. 73.

reverberava problemas e possíveis soluções para o casamento, e que estavam sendo discutidas naquele momento. Ao mesmo tempo, a proposta libertária da obra, ao propor um relacionamento “evoluído” para homens e mulheres e que não fosse sufocante, ia ao encontro das expectativas do período que entendiam como fracassado o modelo tradicional. Passou-se a conjecturar se a monogamia, por exemplo, sustentada pelas convenções sociais e pelo ciúme, não contrariava a verdadeira natureza poligâmica do ser humano. Como afirmou a revista *Ele Ela*:

A forma tradicional de nosso casamento monógamo é contrária à natureza. Ela violenta o instinto biológico da espécie humana, que se dirige para a inconstância. E mais do que isso, ela pode arruinar profundamente o centro vital do homem, muito mais sensível do que o da mulher. (...)

Se um homem sente necessidade de trocar de carro pelo menos a cada três anos, como exigir dele que permaneça com a mesma mulher pelo espaço de duas décadas ou mais. Isto é válido para os dois membros do casal⁷³.

Parecia a muitos que o casamento antigo – em que “a noiva virgem, toda feminina, inocente em todos os aspectos” se casava com o “noivo compenetrado do seu papel de futuro pai de família”⁷⁴ – embora ainda existisse, certamente deveria, em algum momento mais ou menos breve, ceder lugar a novas formas de relacionamento.

Sem poder, obviamente, antever qual a direção que a liberação sexual tomaria, e como impactaria nos relacionamentos, a mídia e os especialistas em sexualidade chamados a opinar discutiam modelos alternativos conjecturando a viabilidade de experimentos conjugais não tradicionais de vários tipos, e imaginando se não poderiam se tornar, se não comportamentos padrão, pelo menos comuns e socialmente aceitos. Debatia-se a viabilidade da posição liberal dos *hippies*, dos modelos de sexo grupal norte-americano, da adoção da prática de casamento aberto também no Brasil. No centro das discussões sobre novos arranjos familiares, a imprensa nacional destacou a experiência de um grupo de sete pessoas (quatro mulheres e três homens) que, em 1969, na Dinamarca, decidiu organizar uma família comunitária. Em um dos mais “perigosos focos de rebeldia contra a família tradicional”, todos viviam juntos em um prédio de Copenhague como “maridos, esposas, pais, mães e filhos”. “Há algo de podre no reino desta família?”⁷⁵, perguntava *Ele Ela*, em 1970.

Quando o *swing* surge no Brasil, receberá a atenção de uma mídia predisposta a discutir modelos diferentes de sexualidade conjugal e curiosa em analisar as maneiras

⁷³ *Ele Ela*, n. 7, Novembro de 1969, p. 8.

⁷⁴ *Ele Ela*, n. 34, Fevereiro de 1972, p. 84.

⁷⁵ *Ele Ela*, n. 9, Janeiro de 1970, p. 63.

pelas quais a crise do casamento poderia ser superada. Se as instituições tradicionais demonstravam-se falidas, e se a monogamia era de fato um empecilho à livre expressão sexual natural das pessoas, os casais praticantes do *swing* pareciam, em um primeiro momento, viver uma alternativa viável à superação dos problemas matrimoniais: afinal, lá estava um grupo de pessoas que aliava a monogamia social com a liberdade sexual permitida pelo adultério consentido. O crescimento e a visibilidade da prática incentivaram a mídia a se questionar se não estaria ali o fim das condições que pareciam estar levando à erosão do casamento.

No início dos anos 70, pouco se sabia da extensão e das características dos participantes do *swing* brasileiro. O crescimento da prática era medido (e a curiosidade despertada), basicamente, pela única fonte de informação disponível: o aumento do número de anúncios tanto em jornais quanto, a partir de meados da década, em revistas masculinas. A revista *Playboy* afirmava: “fala-se muito (...) desta prática (do ‘swinging’), mas ela só ocorre em círculos fechados, havendo pouquíssima divulgação a respeito”⁷⁶.

O *swing* surge na mídia, inicialmente, portanto, não como um fetiche a ser incorporado ao repertório erótico oferecido aos leitores nas revistas masculinas, mas como um fenômeno a ser analisado. A revista *Playboy*, por exemplo, constatava que em 1980 havia “muita coisa distorcida e imaginosa sendo publicada ultimamente sobre o swinging”. Por isso se propôs, em longa reportagem, a “penetrar mais fundo no universo dos swingers” descobrindo, afinal, quem eram e quais as ideias dos casais desta “rede subterrânea de swingers”⁷⁷. Semelhante abordagem foi adotada, dentre outras, pela revista *Ele Ela*, que em 1980 apresentava, em uma matéria dividida em duas edições, “uma nova faceta do comportamento sexual brasileiro: o sexo praticado pelos chamados casais trocados, os swingers”. E a revista *Veja* resumia assim as razões de seu interesse:

No Rio de Janeiro, já há algum tempo, passou a fazer parte do tecido de certas camadas sociais o hábito de trocarem de parceiros, para, como dizem, quebrar a monotonia de suas relações. Os participantes se procuram mutuamente através de anúncios classificados. E um silencioso interesse por esse tipo de experiência parece estar em franco desenvolvimento – o que levou a sucursal carioca de *Veja* a investigar de perto o assunto⁷⁸.

⁷⁶ *Playboy*, dezembro de 1979, p. 173.

⁷⁷ *Playboy*, julho de 1980, p. 3.

⁷⁸ *Veja*, “Carta ao leitor”. 16/11/1977, p. 19.

Quando surgem os primeiros relatos sobre a troca de casais no Brasil, o sexo extraconjugal era compreendido dentro do conceito de adultério, considerando-se todas as exceções que a dupla moral sabidamente concedia aos homens. A novidade do mútuo adultério consentido e simultâneo, próprios do *swing*, estimulava o debate sobre determinados conceitos há muito tidos como verdade: fidelidade de homem e mulher dentro do casamento; controle do corpo feminino pelo marido; sexualidade da mulher fora do casamento como desonra familiar; a monogamia sexual associada à social. A revista *Ele Ela*, já em 1971, resumirá as questões que os textos dos anos seguintes se preocuparão em responder: “o importante é saber por que existem os casais *embalados*”⁷⁹. Quais as razões sociais, emocionais ou de qualquer tipo que levam as pessoas a trocarem de parceiros?”⁸⁰

As reportagens do período procuravam, basicamente, responder a três questões sobre o fenômeno: como agiam os praticantes do *swing* – antes, durante e depois da troca; qual o perfil destes casais; e, principalmente, como conseguiam conjugar a ideia de casamento com a de adultério – mesmo que consentido. E para obter respostas, a estratégia era basicamente a mesma: obter, de alguma forma, a opinião dos casais que se anunciavam nos jornais, e consultar uma ampla gama de especialistas – psicólogos, sexólogos, psiquiatras, psicoterapeutas, médicos – para dar sua opinião técnica sobre as causas e o significado do *swing*. De uma maneira geral, estes textos integravam a troca de casais sob uma dupla perspectiva: a liberação sexual que ocorria, permitindo inéditas experiências sexuais (o *swing* era, claramente, este caso); e as discussões sobre os papéis de homens e mulheres dentro do casamento e a importância da relação sexual conjugal para sua manutenção. Procurava-se encaixar o *swing* dentro deste quadro, buscando descobrir onde estava a fronteira do aceitável – mesmo em uma época de liberação sexual – para o sexo conjugal.

Destas reportagens construíram-se perfis dos praticantes, detalhes de sua prática, bem como suas concepções a respeito do casamento e da monogamia. Descobria-se um conjunto de regras – “e ai de quem não seguiu-las”⁸¹, advertia uma reportagem de *Playboy* – que deveriam ser dominadas por todos aqueles que desejassem ingressar na “confraria”:

⁷⁹ Neste momento, ainda não era consenso na imprensa o uso do termo “swing”. Nesta edição, a reportagem traduzia do inglês a expressão “swinging couples” para “casais embalados”.

⁸⁰ *Ele Ela*, outubro de 1971, p. 18.

⁸¹ “A verdade sobre o swinging no Brasil”. *Playboy*, Julho de 1980, p. 125.

Conhecer essas condições requer um aprendizado sem o qual não há passaporte para o swing. Para chegar até os casais mais experientes, e tornar-se um deles, os neófitos têm que absorver certos códigos de linguagem e de comportamento⁸².

Pela análise das reportagens descobre-se ser uma prática fundamentalmente heterossexual (e que, a princípio, continua sendo⁸³), de pessoas brancas (o adjetivo *colored* presente em anúncios alertava para a cor negra de um dos membros do casal), legalmente casadas, usualmente com filhos, entre 25 e 40 anos, e de nível universitário⁸⁴. Faziam parte da classe média urbana, com empregos estáveis e opiniões políticas que tendiam ao conservadorismo. Tratavam-se de pessoas religiosas, católicas não praticantes, e que não encontravam incoerência entre sua opção sexual e seus papéis sociais ou convicções espirituais⁸⁵.

O *swing* compreende um conjunto amplo de práticas sexuais e que estão inseridas dentro de um contexto de busca recreacional do sexo, como o sadomasoquismo, práticas fetichistas, clubes masculinos de sexo⁸⁶, e muitas das relações sexuais homoeróticas. Mas não se reduzia, simplesmente, à “troca” de cônjuges em si, pois a partir dos depoimentos dos casais praticantes dos anos 70, percebe-se que se multiplicavam suas variações: com o triângulo⁸⁷ havia a adição de um terceiro elemento – homem ou mulher – ao casal; no *soft swing*, casais participavam de festas e eventos, mas não se relacionam sexualmente com outros casais (podendo, porém, praticar a troca de carícias); para os *voyeurs*, apenas um dos membros praticava o intercurso sob a observação ou conhecimento do cônjuge; no *grand complet*⁸⁸ o casal teria relações sexuais com uma travesti ou transexual.

⁸² Veja, “A orgia dos invisíveis”. 12/12/1979. p. 108.

⁸³ THIO, Alex; TAYLOR, Jim. Social problems. Estados Unidos: Jones & Bartlett, 2012; WEID, Olívia von der. op. cit.

⁸⁴ Estes dados são obtidos a partir da compilação das informações presentes em anúncios de casais praticantes, como de reportagens do período, que buscaram traçar perfis dos casais entrevistados.

⁸⁵ Nos Estados Unidos ainda hoje existe um grupo de praticantes *swing* cristãos, que busca adequar sua particular sexualidade às suas convicções religiosas (Liberated Christians. Disponível em <http://www.libchrist.com/> Acesso em 9/9/2014.); e um dos mais antigos clubes de swing do Brasil, O Sofazão, de Porto Alegre, foi criado nos anos 1990 por um ex-sacerdote católico, Roque Rauber.

⁸⁶ BRAZ, Camilo Albuquerque. À meia luz: uma etnografia imprópria em clubes de sexo masculinos. Campinas: Unicamp, 2010. Tese de Doutorado em Ciências Sociais.

⁸⁷ Atualmente, a mesma prática costuma ser denominada pela expressão em francês *ménage a trois*, também usada nos anos 70.

⁸⁸ A expressão *Grand complet* era usada na década de 70, e desapareceu do vocabulário erótico na década seguinte.

Os *swingers* definiam a sua prática como “liberal”, embora esta liberdade fosse possível apenas seguindo-se um conjunto de regras, muitas delas pontilhadas objetivamente já nas primeiras correspondências que trocavam:

Não toleramos homossexualismo masculino. Aceitamos o ménage com mais uma mulher. Temos dois filhos e uma empregada, e por isso só marcamos encontro em motéis. Recusamos a troca de casais em quartos separados. Não aceitamos tóxicos, sadomasoquismo e sodomia⁸⁹.

Tudo começava por uma longa troca de correspondências. O casal desejoso de participar do *swing* poderia responder a uma das várias ofertas presentes em jornais ou revistas, ou enviar o seu próprio anúncio para que fosse publicado – neste caso, teria de esperar até seis meses para que aparecesse em uma edição de *Ele Ela*, por exemplo⁹⁰.

O primeiro momento de triagem diante da grande quantidade de interessados era a análise das respostas. Descartavam-se as inúmeras cartas de solteiros e curiosos, e passava-se à seleção dos perfis. Analisando a maneira pela qual o casal R. e M., entrevistado por *Playboy*, encontrava seus parceiros, podia-se afirmar que “cartas mal formuladas, com articulação pobre, gramática manquitola e ortografia claudicante serão imediatamente descartadas, não importa que o casal pretendente venda seu peixe da maneira mais atraente possível”⁹¹.

As cartas tendiam a ser concisas e objetivas, com dados rápidos da aparência, idade, preferência sexuais, e sem grandes detalhes eróticos – “cartas pornográficas são jogadas fora”⁹² – visando acelerar o processo de encontro real e minimizar a troca de correspondências. Usualmente deixava-se explícito o repúdio a práticas sadomasoquistas bem como ao bissexualismo masculino. Como qualquer anúncio, eram destacadas virtudes: em uma carta de um casal praticante publicada em 1977 por *Veja*, o homem diz dispor de uma “energia inesgotável”, enquanto sua companheira seria “linda, alta, clara, corpo escultural”. Era bastante comum, aliás, que os homens fossem simpáticos e as mulheres lindas; não interessariam, a princípio, nem a beleza deles, nem a personalidade delas.

⁸⁹ *Veja*, “A orgia dos invisíveis”. 12/12/1979. p. 111.

⁹⁰ Dado informado em *Ele Ela*, n. 132, abril de 1980, p. 75.

⁹¹ “A verdade sobre o swinging no Brasil”. *Playboy*, Julho de 1980, p. 125.

⁹² *Veja*, “A orgia dos invisíveis”. 12/12/1979. p. 108.

Caros amigos

Somos um casal de *Stima* aparência, sem vícios, sem preconceitos de espécie alguma – seja racial, racial ou sexual.

Ela tem 20 anos, é estudante e linda: alta, clara, baixa, esculpida. Já ganhou vários prêmios pela beleza.

Eu tenho 46 anos e sou professor; estatura mediana, claro, corado, olhos azuis e cabelos louro-cinza. Tenho físico de jovem e dispo-
nho de energia inexgotável.

Figura 11 - Carta de um casal praticante de swing. Veja, 16/11/1977, p. 56.

As cartas eram acompanhadas de fotos dos casais nus, devidamente solicitadas nos anúncios: “é imprescindível o envio de fotos bem desinibidas, que serão devolvidas e retribuídas. Se possível, fornecer número de telefone na primeira carta para os contatos imediatos”⁹³. A produção das fotografias, aliás, era uma prática relativamente arriscada nos anos 70, pois o processo de revelação das imagens demorava até duas semanas, fazendo com que poses “desinibidas” ficassem sob posse de terceiros durante um tempo perigosamente longo.

Usualmente eram usados nomes falsos ou apenas prenomes, devido ao medo da exposição, mesma razão pela qual eram adotadas caixas postais. Apenas após o desenvolvimento de alguma intimidade os nomes verdadeiros, e inclusive sobrenomes, eram revelados. Pedidos de números de telefone “na primeira carta” eram comuns e aceleravam o processo de encontro real – ainda assim, toda, digamos, negociação, durava cerca de três meses. Um casal experiente teria, portanto, cerca de três ou quatro relações sexuais – “trocas” – com outros casais, por ano. Neste longo processo, seriam estabelecidas, ainda, as regras particulares de cada casal, sob as quais todos deveriam estar de acordo. O *swing* seria aberto (com todos tendo relações em um mesmo ambiente) ou fechado (com cada casal trocado dirigindo-se a cômodos diferentes)? Poderia haver beijo na boca? Sexo oral? As mulheres seriam bissexuais? Onde seria o encontro? Era preciso estar de acordo inclusive sobre a cidade, visto que o público do *swing* era muito disperso, e por vezes era necessário percorrer grandes distâncias. Deve-se lembrar, ainda, que inexistia no Brasil, até o final da década de 70, uma estrutura de

⁹³ Ele Ela, n. 156, Abril de 1982, p. 127.

motéis mesmo em algumas das maiores cidades do país, o que tornava a discussão sobre o local um dado importante.

O primeiro encontro real era, usualmente, em um local público, como um bar, discoteca ou restaurante. A questão envolvia menos preocupações com a segurança, embora existissem, e mais uma confirmação de que as descrições por cartas, as fotos, e as conversas telefônicas eram verdadeiras. Bem como permitia que os casais garantissem estar encontrando outros dentro de um mesmo grupo social. “Como marcar um encontro com swingers que se classificam de ‘casal modesto?’”⁹⁴, questionava retoricamente um marido em 1977: tendia-se a fazer trocas entre aqueles que fossem semelhantes entre si, econômica, física e emocionalmente.

O próprio ato sexual era repleto de regras, a maioria delas não explicitadas. Se as mulheres fossem bissexuais, seriam elas que iniciariam as carícias, ficando os maridos apenas como espectadores. Era fundamental que a troca de parceiros ocorresse ao mesmo tempo, importante condição destacada, inclusive, pela literatura pornográfica do período:

- Mas, veja bem, Rebeca - observou Lea. - o swinger não faz exatamente como você fez com Julius. Não a estamos desaprovando por ter trepado com ele. Agora, se você entrar para o grupo, adote a seguinte linha: Jamais o marido de uma vai com a mulher do outro, sem que haja a recíproca. Deve haver igual participação.

- De acordo⁹⁵.

Feita a troca, o tempo de intercurso deveria ser semelhante entre os casais. Um ato sexual mais longo com o outro cônjuge poderia gerar desconforto, invejas e ciúmes. Tratava-se de uma improvisada coreografia, em que os movimentos de um par eram relativamente copiados por outro. A presença do casal ao lado servia de estímulo, mas, também, de termo de comparação. Era, efetivamente, uma performance erótica que deveria agradar não apenas ao parceiro ou parceira, mas demonstrar-se competente ao outro casal.

Marido e esposa, agora em camas separadas, realizavam uma discreta vigília do outro, também por uma natural preocupação com o bem estar alheio. Ao mesmo tempo, as demonstrações de entusiasmo no ato sexual deveriam ser controladas, pois o cônjuge não poderia se julgar inferior sexualmente se comparado à nova companhia. E se algo

⁹⁴ Veja, 16/11/1977. p. 54.

⁹⁵ FELIX, Eurico. op. cit. p. 63.

desse errado – como um inesperado fracasso masculino, por exemplo – todos deveriam parar, ou os pares originais se reencontravam, para que a animação fosse restabelecida.

Todas estas informações sobre praticantes, correspondências e regras, eram obtidas através de reportagens do período, que também contribuíam para construir os mitos, o erotismo e as representações que envolviam o *swing*, fazendo de sua história no Brasil, em muitos aspectos, uma história midiática. O primeiro clube brasileiro de *swing* será criado em São Paulo apenas em 1981 (com o nome de “Swing Clube”, e dividindo o espaço com uma boate), e as associações de trocas de correspondências não conseguirão se firmar. A prática da troca de casais se representava, e se via representada, portanto, através de filmes, artigos de jornais, anúncios em revistas especializadas, contos eróticos, fotos.

Gradualmente, a prática será erotizada. A curiosidade inicial é superada por artigos de Playboy descrevendo o que seriam as excitantes festas dos casais praticantes, de Ele Ela que ampliava o espaço de participação dos leitores para a divulgação de anúncios, de Homem com sua seção de fotos de esposas nuas. Ainda sem uma publicação própria ou específica – que surgirá, e ainda parcialmente, com a revista Private, a partir da década de 80 – os *swingers* brasileiros começam a encontrar seu espaço midiático nestas revistas. Será fundamentalmente através delas que conhecerão a prática e suas regras, serão entusiasmados por sua suposta liberalidade e sensualidade, entrarão em contato com outros praticantes e, eventualmente, acabarão por se tornar “experientes”. Os praticantes se descobriam enquanto um grupo apenas nas páginas das revistas.

2. As revistas masculinas: a mídia e a sexualidade

Ainda aflita, quem sabe roendo as unhas numa torcida surda ou numa condenação silenciosa, a grande plateia plantada diante dos aparelhos de TV viu então uma cena extraordinária: a mão de Malu, primeiro crispada, soltava-se e abria-se numa prova de que o orgasmo feminino finalmente explodia no vídeo nacional⁹⁶.

“Maravilhoso, maravilhoso”, repetia a personagem interpretada por Regina Duarte encerrando aquela cena em que, na noite de 7 de junho de 1979, o orgasmo feminino era apresentado na televisão brasileira pela primeira vez. O seriado *Malu Mulher* buscava ousar abordando questões como o desejo feminino, o divórcio, a vida da mulher desquitada⁹⁷, dentre outros temas que faziam parte das discussões sobre as mudanças de valores tradicionais, tanto de gênero quanto da moral sexual, havia mais de uma década no país.



Figura 12 - Imagens extraídas de “De repente, tudo novamente”; episódio do seriado *Malu Mulher*, reprisado em 2013 pelo Canal Viva.

Desde o final dos anos 60, os consumidores de mídia, no Brasil, também oscilando entre a torcida e a condenação, participavam dos debates a respeito das mudanças na moral sexual pelas quais o país passava. Se nos anos 60 a própria visão da mulher grávida, mesmo que acompanhada do marido, era motivo de constrangimentos⁹⁸, Leila Diniz aparecia nos jornais e revistas, em 1972, grávida e de biquíni, afirmando que “gravidez não é uma coisa vergonhosa que precisa ficar escondida, e além do mais eu quero queimar a minha barriguinha”⁹⁹. Os corpos eram expostos em ensaios fotográficos e o erótico passava a ser recorrente na publicidade; a

⁹⁶ “A viajante solitária”, *Veja*, 18/7/1979, p.44.

⁹⁷ ALMEIDA, Heloísa Buarque. *Trocando em miúdos: gênero e sexualidade na TV a partir de Malu Mulher*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* Vol. 27 n° 79 junho/2012.

⁹⁸ BASSANEZI, Carla. *Virando as páginas, revendo as mulheres: revistas femininas e relações homem–mulher 1945-1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

⁹⁹ *Ele Ela*, n. 34, Fevereiro de 1972, p. 66. O fato de que de ela ainda deveria justificar o uso de biquíni na praia, estando grávida, era um sinal de que as mudanças não haviam sido tão drásticas, embora fosse um sinal de processo de mudança. De toda forma, Leila Diniz, sabidamente, agia em relação a seu corpo de uma maneira progressista, em comparação ao resto da sociedade.

sexualidade tornava-se fator importante nos relacionamentos, ensejando a publicação de manuais com técnicas sexuais, com “mil-e-um macetes que podem transformar uma inocente mãe de família numa experimentada Messalina”¹⁰⁰. O erotismo tornava-se cotidiano.

A mão contorcida representando o êxtase de Malu resume o caminho, e a forma, que as discussões sobre a sexualidade tomaram desde o final dos anos 60. O orgasmo televisionado era uma participação no debate sobre os direitos da mulher, e uma determinada posição sobre a liberdade sexual. Mas era também um entretenimento, um produto de mídia que visava audiência, repercussão (o que, no caso, foi conseguido) e venda de espaços publicitários. Como Malu e seu namorado, naquela famosa cena, também mídia e sexualidade passaram a caminhar de mãos dadas.

Neste final dos anos 70, a família brasileira assiste ao afrouxamento da censura sexual no país. Finalmente, estamos ‘amadurecidos’ para encarar de frente bundas e peitos, e mesmo para ver de relance os pelos púbicos que se insinuam nos cantos mais escuros das telas dos cinemas e nas páginas dos Play boys caboclos. Nos vídeos das tevês já se fala em aborto, necessidades sexuais, educação sexual nas escolas, e outros assuntos ‘apimentados’.

É a revolução sexual? O esfacelamento da moral da tradicional família brasileira?¹⁰¹

Estas questões, levantadas por Guido Mantega em 1979, continuam pertinentes. O que talvez possa ter sido a revolução sexual no Brasil foi também, e muito acentuadamente, um processo midiático. As discussões sobre a quebra de tabus e a liberação sexual ocorriam nas seções de cartas das revistas, nos suplementos femininos dos jornais de domingo, nas telenovelas. Na televisão se discutia o aborto, a pílula anticoncepcional era apresentada em encartes nas revistas femininas, e eram pornochanchadas alguns dos filmes mais vistos no país. Em meados dos anos 1960 a sexualidade estava em seu percurso para se tornar não apenas um dos temas mais importantes, mas também, no final do século, um dos maiores mercados mundiais. Em revistas, cinema, jornais, programas de televisão, as discussões sobre a sexualidade, até então altamente discretas e privadas, gradualmente ocupavam as várias mídias de massa, e apresentavam-se expostas em cartazes publicitários, capas de revista, títulos de filme – praticamente em todos os lugares. Uma produção discursiva cujos reflexos podem ser visualizados, como no gráfico seguinte, que registra as ocorrências

¹⁰⁰ Trecho de uma resenha do livro “A mulher sensual”. *Ele Ela*, n. 30, outubro de 1971, p. 30.

¹⁰¹ MANTEGA, Guido. *Sexo e poder*. São Paulo: Brasiliense, 1979. p. 5.

percentuais das palavras “sexual” e “sexualidade” nas páginas do jornal Folha de S. Paulo.



Gráfico 1 - Ocorrências percentuais das palavras “sexo” e “sexual” no jornal Folha de S. Paulo entre 1960-1983. Elaborado pelo autor.

Pela análise do gráfico percebe-se uma clara tendência do aumento de ocorrências percentuais das palavras “sexo” e “sexual”, no jornal Folha de S. Paulo, revelando o quanto as questões referentes à sexualidade estavam sendo mais discutidas, e com mais frequência, a partir do final dos anos 1960¹⁰². Uma tendência que seria compreensível para um período que acreditava viver mudanças importantes em relação à sexualidade, e que se acentua no final da década com as discussões a respeito da liberação de filmes, livros e revistas pornográficas explícitas no país.

Tal a importância da sexualidade nos destaques dados pela mídia que se pode questionar, inclusive, se é possível compreender a sexualidade sem a adequada compreensão do relacionamento que estabeleceu, bem como o tipo de imagem que foi construída, pela mídia. O próprio exemplo do *swing* é modelar: será apenas quando aqueles casais, que conheceram a prática nos Estados Unidos e na Europa, começaram a publicar anúncios do Jornal do Brasil, é que passaram a chamar a atenção não apenas de possíveis interessados, mas também de outros veículos da mídia. A expansão do *swing*

¹⁰² A alta ocorrência das palavras “sexo” e “sexual” nos anos 1960 a 1962 refere-se à grande quantidade de propagandas, no jornal, de diferentes tipos de medicamentos que prometiam aumento do vigor sexual, para homens e mulheres. Essas propagandas tendem a cessar a partir de 1963. Cabe ainda destacar que nem todos os periódicos seguem o mesmo padrão apresentado pela Folha. A revista Veja segue, aproximadamente, a mesma curva de ocorrências; o Estado de S. Paulo, porém, registra um aumento ao final da década de 60, e uma estabilidade durante os anos 70, vindo a aumentar o número de ocorrências apenas a partir do final desta década. É possível concluir, portanto, que há um aumento de artigos sobre a sexualidade nos periódicos, embora seja variável conforme as características próprias de cada mídia.

se torna, então, uma expansão midiática: os contatos entre os casais eram individualizados, mas serão as revistas masculinas o espaço inicial de divulgação da prática (através de reportagens), criação do fetiche e sua erotização (através de relatos e contos e eróticos), além de principal meio disponível para encontrar outros – e formar novos – participantes (através dos anúncios). A identidade do que deveria ser um “casal *swing*” será construída em diálogo com a mídia, mesmo porque os casais não possuíam meios próprios para divulgação de sua prática.

Continuando com o exemplo do *swing*: as reportagens dos anos 1970 não apenas ampliaram a curiosidade, como as próprias mídias readaptaram-se a este interesse. Destas complexas relações de negociação entre a mídia e o público, as revistas masculinas criaram espaços específicos para anúncios de casais; passaram a investir em contos eróticos, em ensaios fotográficos que sugeriam a prática; aumentaram a extensão e a periodicidade das reportagens e mesmo seções específicas foram criadas – como a “Colher de Chá”, da revista Homem, na qual eram publicadas fotos de esposas, tiradas pelos maridos.

Em um período em que as pessoas acreditavam viver uma revolução dos costumes, o sexo torna-se instrumento individualista¹⁰³ e ganha autonomia enquanto um valor em si, sendo sua satisfação importante elemento definidor da felicidade¹⁰⁴. E neste momento em que as ações e práticas eróticas geravam novas ansiedades, e o próprio ato sexual – com a pessoa correta, no momento certo e da maneira adequada – era um importante dado na constituição das subjetividades, a sexualidade dialoga constantemente com a mídia, em um fluxo que estimula uma influência e modificação mútuas¹⁰⁵, com as revistas tornando-se um ponto de debates e informações¹⁰⁶. A participação de especialistas para responder às mais diversas dúvidas sobre sexualidade torna-se comum. É o despontar da influência de sexólogos estrangeiros como Alex Comfort, e do casal norte-americano Masters e Johnson. Mas também o início do destaque a nacionais, como Flavio Gikovate, José Ângelo Gaiarsa, Eduardo

¹⁰³ ARCHANJO, Daniela Resende. O adultério no limiar do século XXI. Curitiba: Aos quatro ventos, 2006.

¹⁰⁴ GIDDENS, A. A transformação da intimidade. São Paulo: Editora UNESP, 1993.

¹⁰⁵ Este raciocínio, aplicado aqui ao tema da sexualidade, foi inspirado na análise da relação entre mídia e religião presente em HOOVER, Stewart. Media and religion. White Paper. Estados Unidos (Boulder, Colorado): University of Colorado, 2008. p. 3. Disponível em <http://cmrc.colorado.edu/cmrc/images/stories/Center/Publications/whitepaperfinalversion.pdf>. Acesso em 9/9/2014.

¹⁰⁶ CÂMARA, Adriane. op. cit.

Mascarenhas, verdadeiros especialistas midiáticos, chamados frequentemente a opinar sobre a sexualidade nas mais diversas mídias. A sexóloga Marta Suplicy, no início dos anos 80, torna-se importante referência, solucionando dúvidas de telespectadoras sobre a sexualidade, além de publicar livros de educação sexual e liberação feminina¹⁰⁷.

Eram restritos os espaços socialmente disponíveis para que uma pessoa, mesmo em finais dos anos 70, tivesse claras informações a respeito da sexualidade. A educação sexual era virtualmente inexistente nas escolas, e mesmo a disciplina de Ciências evitava abordar o tema. Apenas na academia as discussões sobre sua importância eram intensas, mas temia-se que o ensino sobre o sexo levasse a uma precoce erotização infantil e, por fim, à produção de degenerados. E supondo a comum ausência de conversas familiares sobre o tema, restavam os manuais sexuais escritos principalmente por médicos, por um lado, e os textos publicados em jornais e revistas, por outro.

As revistas masculinas eram acessíveis, atraentes e baratas, e tinham o sexo como seu mote principal. Tornaram-se, assim, importantes instrumentos para uma pedagogia da sexualidade, diante da escassez de outros meios para se aprender sobre o tema. E não se furtaram a assumir este papel, o que pode ser constatado pela constante presença de seções de elucidação de questões sexuais, contratação de especialistas para tirar dúvidas dos leitores, e mesmo acordo com publicações estrangeiras: diante do aumento de pedidos, a Grafipar, editora da Peteca, estabelece um convênio com a revista norte-americana “Sexology”¹⁰⁸, para responder questões que evidenciavam a ansiedade dos leitores: “não sei beijar e sou fetichista”, “qual o melhor anticoncepcional?”; “tenho gonorreia crônica”¹⁰⁹, etc.

Esta pedagogia sobre o sexo não estava restrita, porém, às seções para solução de dúvidas. As publicações desempenhavam uma função pedagógica ainda mais importante através das fotos das modelos, das reportagens sobre as vantagens da liberação sexual, dos textos eróticos supostamente verídicos de suas seções. Nestes textos e imagens, pontos centrais das revistas masculinas, difundia-se um determinado ideal de sexualidade: quais os corpos e os desejos ideais; quais as posições, a duração do

¹⁰⁷ Por exemplo: SUPPLICY, Marta. *Conversando sobre sexo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983; _____. *De Mariazinha a Maria*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

¹⁰⁸ WINCKLER, Carlos Roberto. *Pornografia e sexualidade no Brasil*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983. p. 86.

¹⁰⁹ Peteca, n. 46, 2ª quinzena de agosto de 1979, p. 36-37.

ato, os locais adequados; de que forma ser *sexy*; como satisfazer e impressionar as mulheres; como identificar aquelas que seriam sexualmente desejáveis.

Ocorria a glamorização daquele sexo considerado, segundo as revistas, socialmente adequado que, não coincidentemente, tendia a reforçar estereótipos de gênero. Mais ou menos explicitamente condenavam e reforçavam práticas; estimulavam a realização de certos fetiches, enquanto mantinham a condenação a outros. A feminização masculina, ou o sadomasoquismo, por exemplo, jamais apareciam. A norma sexual era apresentada sob a forma de corpos desejáveis, orgasmos intensos, e, em uma palavra, felicidade. Uma disciplinarização que, por vezes, aproximava-se ao simples condicionamento behaviourista: pessoas bonitas representadas em ações socialmente desejáveis; pessoas repugnantes em situações aversivas.

E, enquanto espaço privilegiado de exposição e debates, a mídia assume participação ativa na constituição das sexualidades. Mercantilizada a uma velocidade inédita, a sexualidade ubíqua desperta reações conflitantes: por um lado, a celebração pelo que se acreditava ser o caminho para o fim da repressão sexual; por outro, receios de setores conservadores que invocam antigos medos para relacionar liberação sexual ao fim da civilização. Sobrevivendo aos debates, a relação entre mídia e sexualidade se fortalece: se havia uma única e solitária revista masculina em 1970 – a *Fairplay* –, em 1980 já são mais de 160 títulos, com sete milhões de exemplares vendidos¹¹⁰.

2.1 As revistas masculinas enquanto um produto de mídia

Além do principal meio de divulgação de práticas eróticas particulares, como o *swing*, as chamadas “revistas masculinas” desempenharam um papel mais amplo e de destaque nas mudanças sexuais do país, mesmo entre os não leitores. Seus cartazes, estampados nas bancas dos jornais, atraíam e chocavam: “Nesta banca tem Homem” era a frase que anunciava o primeiro número da *Playboy* nacional, salientando, logo a seguir, que as mulheres apareciam retratadas “da maneira que você imagina”¹¹¹. Era difícil, particularmente nos espaços urbanos, deixar de notar a presença cada vez maior de uma mídia voltada especialmente às questões eróticas.

¹¹⁰ CARMO, Paulo Sérgio do. *Entre a luxúria e o pudor*. São Paulo: Octavo, 2011. p. 347.

¹¹¹ *Veja*, 13 de Agosto de 1975, p. 26.

Nas páginas internas, as revistas masculinas seguiam o modelo construído pela Playboy americana e sua receita invariável de “artigos culturais, cartoons, entrevistas, mulheres nuas, propagandas de artigos de consumo”¹¹². Discutia-se a quebra de tabus, a nova sexualidade tanto masculina quanto feminina, o erotismo na vida cotidiana. Semelhantes entre si, os vários títulos surgidos nos anos 1970 acabaram por se constituir um dos espaços privilegiados de informação e divulgação eróticas, de solução de dúvidas e debates sobre problemas sexuais.

As revistas masculinas são, em primeiro lugar, produtos comerciais e, enquanto tais, têm como objetivo serem vendidos. Publicadas em um período de inédita preocupação e midiaticização da sexualidade, as revistas masculinas aproveitavam-se tanto das oportunidades criadas (a possibilidade e o incentivo em se falar mais sobre sexo, além de se mostrar mais sexo), bem como das crises que ensejavam (a insegurança masculina, como a impotência e a ejaculação precoce; os tratamentos contra a frigidez, para as mulheres; a busca de solução de dúvidas sexuais). Além disso, e seguindo a lógica que fundamenta o funcionamento mercadológico dos periódicos, deveriam ser construídas de tal forma que atraíssem anunciantes¹¹³. Dentro de uma análise midiática, devem ser consideradas, por um lado, do ponto de vista do produtor – quem produz, quais as intenções e concepções relacionadas ao produto, que pressupostos orientam a escolha do conteúdo, como é concebida a audiência – e, por outro, do consumidor – como e em quais condições o conteúdo é consumido, quais as relações que estabelece com o conteúdo, de que maneira se apropria do produto e influencia em suas alterações.

Não se pode esquecer, ainda, que tais produtos expressavam uma determinada concepção de sexualidade (dada às características específicas das revistas masculinas) construída de forma dialógica com os consumidores, com os quais os produtores compartilhavam determinados códigos socialmente disponíveis¹¹⁴. Uma concepção, aliás, que estará ligada às representações do masculino e do feminino na sociedade, bem como de seus papéis sociais.

As poses das modelos, a repetição dos personagens estereotipados em contos e relatos, os anúncios em que se buscam parceiros para os atos sexuais: todos estes elementos se utilizam e recriam códigos aos quais a excitação sexual está associada. A

¹¹² WINCKLER, Carlos Roberto. op. cit. p. 71.

¹¹³ GIDDENS, A. *Sociology*. Cambridge (Inglaterra): Polity Press, 2009.

¹¹⁴ GAUNTLETT, D. *Media, gender and identity: an introduction*. Estados Unidos (Nova Iorque): Routledge, 2007.

esposa infiel do marido desinteressante, nas charges; a modelo liberal que tem orgulho de expor seu próprio corpo, no ensaio fotográfico; o trabalhador que se vê seduzido pela linda secretária e a satisfaz sexualmente. Situações conhecidas que são, assim, reencenadas, reapresentadas, utilizando-se de códigos que têm a função de prender a atenção e excitar o leitor.

Tais visões sobre sexualidade e gênero devem ser analisadas dentro da dupla perspectiva de perceber que, por um lado, relacionam-se com as ideias que estão circulando na sociedade, mas que, ao mesmo tempo, são reaproveitadas e reformuladas na construção de um produto de mídia. Ou seja, as representações presentes nas revistas não devem ser vistas como “verdades”, mas como conteúdos que estabelecem uma complexa relação com a sociedade, com a criação de um produto e com o seu consumo¹¹⁵.

Além disso, e mesmo considerando-se que apresentam uma homogeneidade, não se pode esquecer que divergem em vários elementos, o que permitia a busca de diferentes consumidores. Se, em um primeiro momento, Playboy, Status e Ele Ela disputavam o consumidor das classes média e alta, outras como Peteca, Homem, Privê, Moustache – com preço e qualidade de impressão inferiores – dirigiam-se à classe média baixa, “que representou durante alguns anos a mais cobiçada – e rendosa – fatia do mercado editorial brasileiro”¹¹⁶. Enquanto Ele Ela procurou se diferenciar pelo espaço dedicou à seção Fórum – com relatos eróticos supostamente verídicos –, Playboy reforçava o apelo do modelo e da marca já famosos no exterior. Enfim, em todos estes casos, cada versão de um mesmo produto – revistas masculinas – possuía diferenciais importantes em relação a seus concorrentes, e que devem ser levados em consideração na análise de seus conteúdos.

2.2 As revistas masculinas e a pornografia

A consolidação da mídia de massa, no Brasil, a partir dos anos 1950¹¹⁷, teve na revista Senhor, no final da década, a solitária e fracassada tentativa de uma revista

¹¹⁵ GIDDENS, A. *Sociology*. op. cit.

¹¹⁶ GUIMARO, Ana Luiza. Revistas masculinas: uma experiência, In. *O Obsceno: diálogos impertinentes*. São Paulo: Hucitec, 1983. p. 211.

¹¹⁷ BELLOTTI, Karina Kosicki. op. cit.

masculina. Tratava-se de uma revista cultural, que buscava impressionar pela qualidade das reportagens e dos temas, em discussões que iam da Bossa Nova à literatura de cordel, da *Nouvelle Vague* ao Cinema Novo. O jornalista Nahum Sirotsky, encarregado pela editora Delta de implementar uma revista cultural no país, concebeu a *Senhor* como uma revista diferenciada no contexto nacional.

Parti das revistas *Esquire* e *Seleções*. Teria ensaios sobre grandes temas de todos os tipos por grandes nomes. Publicaria uma noveleta em cada número e uns contos. Serviços para homens, como vestir bem, preparação de cocktails, escolha de bons vinhos, resenhas de livros de utilidade para o empresário e etc. As capas seriam especialmente criadas por artistas brasileiros, assim como as ilustrações. Tudo boa arte. Teria o tamanho de *Esquire* e preço de capa várias vezes mais caro do que a mais cara do Brasil para que fosse símbolo de status¹¹⁸.

O erotismo estava presente em *Senhor*, embora fosse bastante discreto, e mesmo pudico – e certamente em nada se assemelhava aos quadrinhos de “catecismo” de Carlos Zéfiro, que eram comercializados no mesmo período. Procurando adequar os ensaios ao nível cultural desejado para a revista, as mulheres fotografadas eram atrizes, escritoras e cantoras. Não havia ensaios nus: todas apareciam vestidas, mesmo que em poses sensuais de lingerie, provocando as fantasias masculinas ao mesmo tempo em que se procurava não agredir a ideia socialmente difundida no período de que a mulher nascera para o casamento e para a maternidade¹¹⁹.

O projeto foi encerrado em 1964: o alto preço, a baixa vendagem, a ausência de apoio¹²⁰, impediram a continuidade da revista.

Diante da ausência de opções de títulos pornográficos, e o aumento das discussões a respeito da liberação sexual, seria possível imaginar que uma revista que apresentasse nada mais que mulheres nuas conquistasse um espaço no mercado de revistas. E foi o que aconteceu com *Fairplay*, que surge no país em 1966: “mostrava a mulher e pronto”¹²¹. O aumento do número de leitores, juntamente com a necessidade de ampliar o conteúdo para cativar o interesse, acabou por levar à diversificação do projeto, com a inclusão de articulistas famosos (Nelson Rodrigues, Carlos Drummond de Andrade, Vinícius de Moraes), e fotos de atrizes em começo de carreira. Ainda que

¹¹⁸ Entrevista de Nahum Sirotsky. Apud BASSO, Eliane Fátima Corti. *Revista Senhor: jornalismo cultural na imprensa brasileira*. UNIREVISTA. Vol. 1, n° 3: (julho 2006). p. 1-2. São Leopoldo (RS).

¹¹⁹ BASSO, Eliane Fátima Corti. op. cit. p. 4.

¹²⁰ BASSO, Eliane Fátima Corti. op. cit. p. 11.

¹²¹ Segundo Maria Celeste Mira, esta teria sido a declaração de um de seus produtores. MIRA, Maria Celeste. *O leitor e a banca de revistas: o caso da editora Abril*. Campinas (SP): Unicamp, 1997. Tese de Doutorado em Sociologia. p. 171.

contasse com um número de leitores bastante expressivo – chegou a vender 80 mil exemplares mensais –, os anunciantes desconfiavam do tema da revista e o projeto acabou sendo encerrado em 1971¹²².

Ele Ela surgirá em 1969, sendo divulgada enquanto uma revista para casais, abordando “todos os temas relacionados com o homem e a mulher na sua busca de felicidade comum”¹²³. Quase todos os artigos, de fato, tratavam de problemas de relacionamento, dificuldades no casamento, desquites; além de estratégias para melhorar a vida sexual do casal, como fantasias, dicas médicas, literatura erótica. Os ensaios fotográficos, inicialmente, eram apenas de mulheres nuas e seminuas (ainda que genitais e mamilos não aparecessem), dando à publicação uma aparência visual de revista masculina; o que levava mulheres a protestarem e exigirem, via seção de cartas, a “igualdade de direitos”, com a publicação de ensaios com homens nus. A revista se negava, com respostas que iam da ironia ao desdém: “se a leitora tiver mesmo muito interesse em ver homens nus, o seu problema poderá ser resolvido sem a necessidade de nossa ajuda”¹²⁴.

Em hospitais e aulas de enfermagem há excelentes oportunidades para estudar corpos femininos e masculinos de todas as idades, em todas as suas funções. E com a vantagem de poder ser-lhes útil, minorar dores, aliviar sofrimentos, curar, até¹²⁵.

No entanto, a partir de 1973 a revista cede e começa a publicar ensaios masculinos, inclusive nus, também sem exposição de genitálias. De alguma forma, a pressão feminina, que queria também aproveitar aquele erotismo midiático, fez com que a revista cedesse. Os ensaios com homens, porém, mostraram-se, em primeiro lugar, bastante tímidos e conservadores, comparando-se com os femininos, que procuravam ser o mais explícitos possível, dentro dos limites da censura. Em segundo lugar, nota-se um desconhecimento a respeito de que corpos seriam apreciados pelas mulheres, reforçado pela ausência de experiência sobre como expor o corpo masculino em uma revista. Certamente havia precedentes desde a história da arte, passando por revistas de orientação homossexual, de esquemas de apresentação do homem nu ou seminua. Porém, em serem desconhecidos ou não utilizados por Ele Ela, os ensaios resultavam pouco naturais, beirando por vezes ao constrangimento. E se os homens costumavam elogiar,

¹²² MIRA, Maria Celeste. op. cit. p. 171.

¹²³ Editorial, Ele Ela, Maio de 1969, n. 1.

¹²⁴ Ele Ela, Agosto de 1969, n. 4, p.121.

¹²⁵ Ele Ela, Outubro de 1969, n. 6, p.110-11.

nas edições subsequentes, os ensaios femininos que mais haviam apreciado, a ausência de comentários positivos pelas mulheres pode dar a indicação de que, por bem intencionada que fosse, a revista não teria conseguido seu intento em agradá-las.

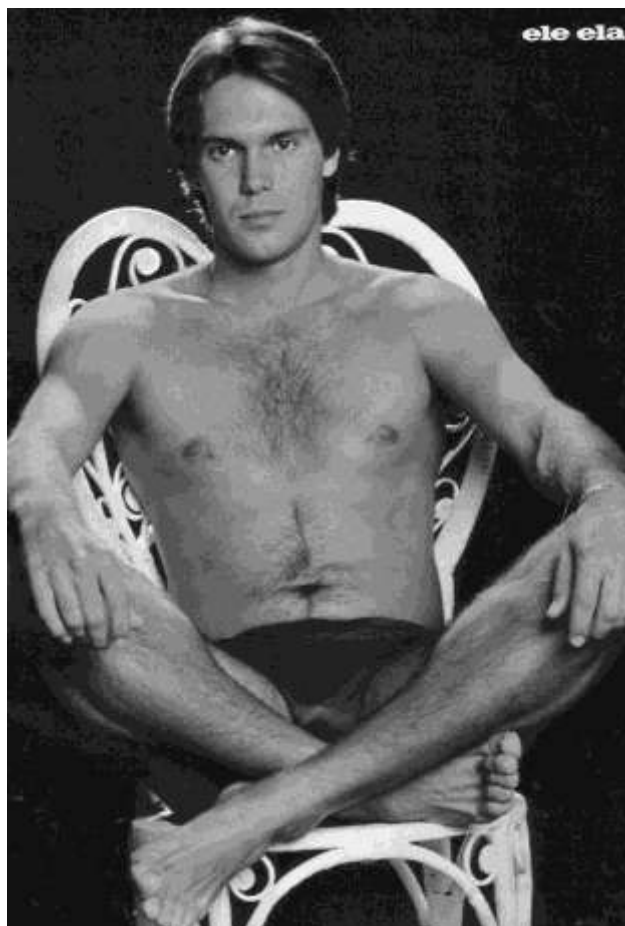


Figura 13 - Ensaio sensual com o ator Mario Cardoso. Ele Ela, Novembro 1974, p. 78.

Além disso, a quantidade destas fotos – cerca de três ou quatro por edição – era totalmente desproporcional à quantidade de fotos de mulheres, espalhadas pela maioria das cerca de 120 páginas da revista.

A disputa pelo mercado publicitário voltado ao público masculino, além da demanda por revistas de estilo de vida exclusivas para os homens, fez com que Ele Ela, que havia sido criada em 1969 para discutir as relações conjugais – era a “revista para ler a dois” – passasse por uma reformulação tornando-se, em 1976, uma publicação essencialmente masculina. O destaque dado ao “Ele” no novo logotipo – acompanhado pelo slogan “prazer & informação para o homem” – refletia, visualmente, este novo direcionamento.



Figura 14 - Uma comparação entre o logotipo como aparecia na capa de junho de 1976, enquanto ainda era uma revista para casais, e a do mês seguinte, quando se assume uma revista masculina.

Com isso, a editora Bloch reorientava um de seus títulos mais conhecidos, respondendo assim à segmentação do mercado¹²⁶ e à chegada de concorrentes importantes, como Playboy e Status, além de inúmeros outros títulos lançados por editoras menores.

Após um gradual processo de transição, que durou alguns meses anteriores à definitiva mudança do logotipo, a revista se “masculinizava”. Textos, imagens, abordagens eram adicionadas, subtraídas, mantidas, em um nítido esforço de preservar a identidade da publicação (e o número de leitores), enquanto alterações necessárias para a adequação ao novo nicho eram realizadas.

As diversas reportagens sobre relacionamentos, que nos primeiros anos ocupavam a maior parte dos artigos, e que desempenhavam um papel cada vez mais reduzido desde o ano anterior, desaparecem quase que totalmente da revista. Deixaram de ser publicados, também, artigos que se identificavam como de interesse exclusivamente feminino, como receitas, dicas de cosméticos, além das fotos de homens nus.

A primeira revista exclusivamente masculina da década, e que terá alguma longevidade é Status, que começará a ser publicada em 1974 pela Editora Três – uma das maiores editoras do país à época, juntamente com Abril e Bloch. A revista alcança, rapidamente, um grande número de leitores. Sua receita, “bastante simples”, unia “boas reportagens, dentro de uma fórmula bem leve, boas entrevistas, alguma ironia, bom humor, boas mulheres e, sobretudo, Brasil”¹²⁷.

A Playboy, que chega ao país, em 1975, completará o grupo que liderará o mercado de revistas masculinas no Brasil no restante da década. Trazia a força de uma marca já consolidada, mas que poderia ser adaptada ao gosto do público local, dada a

¹²⁶ ALVES, Denise. O desencontro marcado: a velha mulher nova e o machão moderno. Petrópolis: Vozes, 1985.

¹²⁷ MIRA, Maria Celeste. Op.cit. p. 172.

liberdade conseguida pela editora Abril na negociação junto à matriz norte-americana. Em seu formato dividem-se reportagens, entrevistas, estímulo ao consumo de determinados bens que seriam próprios do “estilo de vida de Playboy” e ensaios fotográficos com personalidades famosas, além de modelos que encarnariam a mística da “garota da porta ao lado” (“*the girl next door*”). Ou seja, aquela mulher com a qual todos os homens sonhariam, fosse a vizinha ou a colega do trabalho, inacessíveis na vida real, mas desnudadas e possuídas, ao menos, nas páginas da revista.

Ao final da década há um aumento considerável de títulos de revistas masculinas direcionados, agora, ao público de renda média baixa. A precursora revista Homem, da editora Ideia, atinge a impressionante venda de 200 mil exemplares em sua primeira semana, atendendo “a um público que se julgava não ter interesse neste tipo de publicação”¹²⁸.

As revistas deste novo nicho seguiam um mesmo modelo: muita nudez, acompanhada de reportagens – importadas ou não – impressas em material de baixa qualidade, com número menor de páginas coloridas (para redução de custos) e venda a preços baixos.

Sem conter “dissimulações” como “grandes entrevistas, contos de autores famosos, ilustrações de artistas plásticos, etc.”¹²⁹ estas revistas eram denominadas de pornográficas, em contraposição àquelas famosas – Status, Ele Ela, Playboy – que seriam eróticas. Tal diferenciação não convencia Faruk El Khatib, proprietário da revista popular Peteca, que chegou a atingir a venda de 90 mil exemplares quinzenais:

Ninguém acredita, mas a nossa linha não é pornográfica e sim erótico-educativa. (...) A *Playboy* é vista como uma revista para executivos, enquanto a *Peteca* como uma de ‘sacanagem’. No entanto, se tirar a grande entrevista da *Playboy*, da *Status*, da *Ele & Ela*, verá que – guardadas as proporções de impressão e do tipo de papel – fica igual à *Peteca*¹³⁰.

A revista Peteca promovia, em fins dos anos 70, um concurso permanente de fotos enviadas por leitoras: era a “garota premiada da quinzena”. A vencedora tinha suas fotos publicadas nas páginas da revista, além de uma compensação financeira. A primeira regra do regulamento deixava claro: “as fotos consideradas obscenas serão

¹²⁸ GUIMARO, Ana Luiza. op. cit. p. 211.

¹²⁹ GUIMARO, Ana Luiza. Op.cit. p. 213.

¹³⁰ WOLFF, Fausto. O Hugh Hefner dos pobres. Pasquim, n. 571. Rio de Janeiro, 6/6 a 12/6/1980. p. 10-11.

desclassificadas automaticamente”¹³¹. A Peteca, assim, rejeitava o próprio conceito de pornográfico que lhe era imposto¹³².

É importante destacar que a diferenciação entre “erótico” e “pornográfico” passa aqui também por uma questão social. Como afirma Abreu,

a distinção entre obras eróticas e pornográficas pode também atravessar a problemática questão de distinguir cultura de massa e cultura erudita. Sob o rótulo de erótico estão abrigadas aquelas obras que abordam assuntos relativos à sexualidade com teor ‘nobre’, ‘humano’, ‘artístico’, problematizando-os com ‘dignidade’, estética, e de pornográfico, as de caráter ‘grosseiro e vulgar’, que tratam do sexo pelo sexo, produzidas em série com o objetivo evidente de comercialização e de falar somente aos instintos¹³³.

Essa busca pela distinção pode ser observada quando Ele Ela, ao se associar e adquirir fotos e reportagens da norte-americana Penthouse (à época, 1976, a maior concorrente da Playboy nos Estados Unidos), esforçava-se para destacar o caráter artístico da nudez publicada: as fotos eram assinadas por fotógrafos “conhecidos”, os ambientes eram sofisticados (estratégias iguais às já utilizadas pela Playboy), e eram informados dados técnicos, como tipo de máquina e lente, além de qual a iluminação utilizada. Não seriam, assim, apenas “fotos de mulher pelada”, mas obras de com valor artístico; portanto diferenciadas e, assim, eróticas.



Figura 15 - Ele Ela, n. 90, outubro de 1976, p. 147.

Revistas como Peteca, Homem ou Fiesta publicavam a nudez de modelos anônimas (ou das próprias leitoras, que enviavam suas fotos), seus jornalistas não eram conhecidos e não se buscava criar uma vinculação artística às fotos.

Não se pode esquecer que esta diferenciação – revistas eróticas e pornográficas; revistas para classe média e alta e para classe média baixa – gerava impactos na

¹³¹ Peteca, 2ª quinzena de 1979, p. 13.

¹³² Esta visão, de toda forma, não durará muito. Ainda na primeira metade da década de 1980, a revista se modifica, abandona seu caráter “erótico-educativo” e passa a publicar fotos de relações sexuais explícitas.

¹³³ ABREU, Nuno Cesar. O olhar pornô: a representação do obsceno no cinema e no vídeo. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1996. p. 49.

publicidade e na própria receita da revista. O reforço da ideia de que a nudez será artística, ou que haverá nomes de personalidades conhecidas assinando artigos, reforçava um determinado nível cultural desejado pelos anunciantes. Evitando vincular-se a produtos com conteúdo considerado duvidoso, a necessidade de anúncios acabava por se tornar um instrumento de homogeneização do conteúdo¹³⁴.

Mas seria possível encontrar parâmetros objetivos para definir quando uma publicação seria erótica ou pornográfica? Onde estaria este limite?

Clássica e folclórica, a expressão do juiz norte-americano Potter Stewart sobre a pornografia – “eu sei o que é quando a vejo”¹³⁵ – revela as dificuldades em se estabelecer os limites entre o obsceno e o aceitável, o erótico e o pornográfico. Aquilo que será considerado comportamento inadequado, em uma determinada sociedade, dependerá de critérios culturais, sociais, econômicos, políticos. Nada mais obsceno para um trobriandês do que permitir que sua filha solteira dividisse uma refeição com um homem solteiro, enquanto à realização de atos sexuais impunham poucas restrições¹³⁶.

Para o antropólogo Bernard Arcand, o que caracteriza o obsceno e o pornográfico é a ausência do contexto para a apresentação ou prática do sexo. Um contexto, aliás, cultural, definido pela própria sociedade.

Considerando a situação em que se inserem, mesmos objetos ou representações poderão ou não ser consideradas pornográficas. Uma imagem poderá ser classificada como obscena se impressa em uma revista masculina, artística se apresentada em um museu, ou científica em um manual de medicina¹³⁷. E se uma revista é considerada “pornográfica” *a priori*, um ensaio fotográfico em que se simula o ato sexual será considerado pornográfico em Peteca, mas erótico ou artístico em Playboy e Ele Ela.

Ao definir-se pornografia como ausência de contexto para a apresentação do sexo, define-se o conteúdo das obras ditas pornográficas como construções em que o sexo aparece desligado da realidade social, e mesmo da realidade corporal (não há dor,

¹³⁴ GIDDENS, A. *Sociology*. op. cit.

¹³⁵ “I know it when I see it”, no original em inglês. A frase foi expressa em 1964, em um julgamento para banir dos cinemas do estado norte-americano de Ohio, o filme francês *Les amants*, por ser supostamente obsceno.

¹³⁶ MALINOWSKI, B. *A vida sexual do selvagem*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

¹³⁷ ARCAND, Bernard. *El Jaguar y el Oso Hormiguero: antropología de la pornografía*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1991. p. 25. Arcand utiliza-se de um exemplo impactante sobre a importância do contexto na definição da pornografia: “É também o contexto que permite compreender que uma imagem de uma mulher nua, agredida e a ponto de morrer, pode ser declarada perfeitamente pornográfica enquanto que a de um homem nu, agredido e maltratado até a morte, pode não ser nem pornográfico nem mesmo erótico se o indivíduo em questão está pregado em uma cruz em todas as igrejas da cristandade”. Id. p. 28.

cansaço, ansiedade, timidez), constituindo-se em uma pornotopia em que o tempo e o espaço são exclusivos para o sexo e as pessoas são corpos ou partes de corpos – quase objetos – voltados apenas aos atos sexuais¹³⁸.

Partindo-se desta definição, pode-se afirmar que não apenas representações sexuais, mas atos sexuais em si podem ser considerados pornográficos. Enquanto prática, o contexto para o ato sexual, em finais dos anos 60 até, pelo menos, os primeiros anos da década de 80 – não apenas enquanto representação social, mas também por imposição de uma moral pelos militares, através da censura – era apenas a conjugalidade e, mais especialmente, o sexo conjugal motivado pelo amor romântico. Fora deste contexto havia o obsceno: saía-se da cena prescrita, do contexto adequado, passando a ser tratado como uma prática pornográfica.

2.3 Representações da mulher, do homem e da conjugalidade nas revistas masculinas

Ainda persistia, durante os anos 70, um discurso com um longo histórico na cultura ocidental: a ideia da mulher naturalmente passiva, que só se excitaria quando se percebesse objeto de desejo. Seria responsabilidade do homem, portanto, a aproximação erótica. O psiquiatra Flávio Gikovate, presença constante na mídia do período como especialista em sexualidade, procurou explicar a “natureza” desta diferença de comportamentos sexuais masculinos e femininos.

Venho tentando, nestes últimos anos, aprimorar e entender melhor as diferenças biológicas entre o homem e a mulher; (...) elas têm a ver fundamentalmente com a importância da visão como fator de excitação masculina e com o fato da mulher se excitar essencialmente ao se perceber desejada por determinados homens que lhes sejam interessantes¹³⁹.

Uma concepção que persiste ainda hoje – os principais argumentos das vendedoras de produtos eróticos femininos baseiam-se no prazer que seu uso irá proporcionar não às compradoras, mas a seus companheiros¹⁴⁰. A sexualidade da mulher era para o homem e tal concepção aparecia nas fotos das revistas masculinas.

¹³⁸ MARCUS, Steven. op. cit.

¹³⁹ GIKOVATE, Flavio. *Sexo e Amor*. São Paulo: M.G. Ed. Associados, 1977. p. III.

¹⁴⁰ ALCÂNTARA, Anelise. *Chupa que é de uva: subjetividades instituídas com o uso de produtos eróticos*. Curitiba: UFPR, 2013. Dissertação de Mestrado em Sociologia. As revistas masculinas, da mesma forma, divulgam que o ato sexual não é para ele. Os homens são orientados a exercer sua sexualidade em função da apreciação e do julgamento da mulher.

O discurso da mulher que se excita sexualmente apenas quando se vê desejada tem sua interpretação pornográfica dentro das revistas masculinas. Os ensaios fotográficos explicitam e exploram este prazer em poses que se alternam: em um momento, a modelo é surpreendida em sua intimidade, inadvertida da presença do fotógrafo/leitor¹⁴¹, acentuando o caráter voyeurístico da exposição; a seguir olha diretamente para a câmera, descobre-se sendo vista, e seu sorriso destaca o prazer em ser observada, fotografada, exposta.



Figura 16 - Ele Ela, Julho de 1977, p. 124-125.

O discurso da mulher que aprecia ser desejada é fortalecido pelos miniperfis que acompanham os ensaios fotográficos, e que buscam construir uma narrativa que contextualize, mesmo que minimamente, as fotos. Nestes pequenos textos, a modelo é apresentada ao leitor: seu nome é revelado (usualmente sem sobrenome, a não ser que se trate de uma personalidade conhecida) juntamente com sua profissão ou atividade. Nestes textos curtos, escritos muito comumente em um estilo que busca ser poético, acentua-se a relação da mulher e o orgulho que tem do próprio corpo, a consciência de sua sensualidade, e uma relação que possa existir entre aquelas fotos nuas e sua vida – seja seu trabalho (modelo ou atriz, por exemplo) ou um desejo pessoal de se exibir.

¹⁴¹ Segundo Bob Guccione, criador da Penthouse e fotógrafo, uma característica comum das fotos femininas nas revistas masculinas é a de simular surpreender a mulher em sua intimidade. SIMÕES, Inimá. Sou... mas quem não é? Pornochanchada: o bode expiatório do cinema brasileiro. In. MANTEGA, Guido. op. cit.

A Playboy, em finais dos anos 1970, apresentava tais perfis em fichas que seriam colecionáveis juntamente com as fotos. Nos textos, pretensamente autobiográficos, as modelos são apresentadas como mulheres sensualmente bem resolvidas, e que saberiam conjugar a sexualidade a seu cotidiano. O texto insinuava uma mulher assertiva sexualmente, evidenciando que seu erotismo, expresso no ensaio fotográfico, fazia parte de sua identidade.

PARA SEU ARQUIVO FICHA PESSOAL

NOME: *Monique St. Pierre*


BUSTO: *91* CINTURA: *66* QUADRIS: *91*

ALTURA: *1,70* PESO: *53* SIGNO: *Sagitário*

DATA DE NASCIMENTO: *25/11/53* LOCAL: *Niesbaden - Alemanha*

GOSTA: *Acampar, fazer amor na chuva em dias quentes de verão, cheiro de café e torta de morangos.*

PASSATEMPOS: *Adoro massagens: começando pela planta dos pés e depois subindo, sem esquecer um só centímetro do corpo.*



MONIQUE ST PIERRE

Figura 17 - Playboy, Maio de 1979, p. 77.

O elemento voyeurístico é evidente nos ensaios fotográficos. A mulher desejada que se exhibe tem seu contraponto natural na lente do fotógrafo que se confunde com o olhar do leitor, e ambos admiram a “mulher como objeto sexual que compõe o espetáculo”¹⁴². Trata-se, como ocorre no cinema pornográfico, do “ponto de vista masculino adotado pela câmera e narrativa”¹⁴³.

A linguagem pornográfica é, usualmente, uma linguagem masculina – ainda que de uma masculinidade estereotipada. Basta pensar em Justine, personagem apática, desprovida de vontade própria, construída por Sade, objeto de prazer para os libertinos homens (usualmente homens, mas nem sempre – de toda forma, as personagens femininas agem no modelo masculino) que conduzem à ação, e é apenas corpo, ou partes de corpo, para o prazer de outrem¹⁴⁴. Romances escritos por homens, tendo homens como protagonistas, para a leitura de homens. As revistas masculinas estão

¹⁴² RAMOS, Jose Mario Ortis. Cinema, televisão, publicidade: cultura popular de massa no Brasil nos anos 1970-1980. São Paulo: Annablume, 2004. p. 181.

¹⁴³ RAMOS, Jose Mario Ortis. op. cit. p. 180.

¹⁴⁴ SONTAG, Susan. A imaginação pornográfica. [1967], p. 64. In. A Vontade Radical – Estilos. São Paulo: Cia das Letras, 1987. p. 41-76.

dentro desta tradição: certamente suavizam determinadas imagens, modificam ou criam outras, renovam-se ou repetem-se conforme o diálogo com a época e o público. Mas, ainda assim, estão nesta tradição – e, em sendo herdeiras, trazem vestígios mais ou menos claros de sua filiação.

A visão pornográfica apresenta uma mulher sexualmente confiante, satisfeita, mas nunca saciada. A sensualidade, desligada de sentimentos, apresenta-se sempre pronta a se transformar em ato sexual. Buscando atingir os objetivos da publicação, mulheres e homens eram representados a partir de códigos presumivelmente compartilhados pelos homens leitores. As mulheres são assim masculinizadas, no sentido de que se projetaria nelas um tipo de sexualidade própria dos homens e compreensível para eles. Assim, “sem grande imaginação, os homens se encerram no conhecido e previsível para imaginar o outro mundo à sua imagem”¹⁴⁵: no encontro entre a mulher fotografada e o homem leitor, ambos possuem desejos eróticos movidos segundo o paradigma masculino.

Porém, a masculinidade não se revelava apenas implícita e reflexivamente, por constatação indireta a partir dos ensaios fotográficos femininos. Mas também direta e explicitamente, pois o corpo masculino aparece de forma frequente, retratado em companhia de mulheres, em ensaios de moda, em simulações de ato sexual, ou como modelo em anúncios de automóveis, relógios, produtos eletrônicos. O masculino é uma atração, tanto quanto o é o feminino.

Mas trata-se de uma masculinidade específica: aquela, definida por Connell como “hegemônica”¹⁴⁶ – ideal cultural, especialmente dentro da cultura Ocidental, e caracterizada pela heterossexualidade, agressividade, ausência de tratos femininos, assertividade. A dominância, outra marca desta masculinidade, é exercida especialmente sobre as mulheres: ele é o agente do desejo, e a mulher o objeto que se coloca passivo à observação.

E estes homens impressos e expostos convidarão ao leitor à criação e identificação de uma determinada masculinidade, reforçando o caráter pedagógico das revistas masculinas. A cumplicidade com o leitor é estabelecida com a glamorização daquela masculinidade que tende a subordinar e marginalizar os modelos considerados

¹⁴⁵ ARCAND, Bernard. op. cit. p. 111.

¹⁴⁶ CONNELL, R. W. Gender and power: society, the person and sexual politics. Stanford: Stanford University Press, 1987.

desviantes: o homossexual efeminado, o homem traído, o negro, são alguns dos modelos que aparecem de maneira caricata, alvos privilegiados de piadas e charges, e que reforçam a validade do modelo hegemônico. Ao se permitir o escárnio sobre o diferente, a norma é validada e fortalecida.

Trata-se de uma pedagogia que envolve, inclusive, elementos de consumo, importantes para a revista: o que um homem deveria ouvir, ler, comprar; como deveria se vestir; que restaurantes frequentar. O corpo masculino ideal será modelo a ser seguido e também espetáculo. Em fotos, inclusive nuas, ou em descrições detalhadas presentes nos contos eróticos, as representações minuciosas descrevem e exploram o corpo deste homem, salientando as características que o definiriam como masculino. “Sua máscula nudez exibia o pênis grosso e grande aos meus olhos, lânguidos e vidrados”¹⁴⁷: a mulher do conto se rende à masculinidade explícita e o leitor, por sua vez, estabelece a relação entre o prazer dela e o corpo dele. O prazer estará na performance e em tudo o que a envolve – a técnica, a dominação, o belo corpo.

Esta apreciação do corpo-espetáculo do outro homem, de seu orgasmo e desempenho nas revistas, é equivalente ao *money shot* dos filmes pornográficos – no momento máximo da relação sexual, em seu clímax, a ejaculação masculina é feita para a câmera, em close: deve ser mostrada para ser apreciada pelo espectador¹⁴⁸.

Se, como foi comentado anteriormente, o prazer feminino estava relacionado à capacidade de despertar desejos – não sendo, portanto, para a própria mulher –, da mesma forma, a sexualidade masculina apresentada nas revistas é minimamente voltada ao próprio prazer sexual do homem. O que se ensina, o que se divulga – afrodisíacos, drinks, posições, locais preferidos – são atalhos que o permitirão impressioná-la e satisfazê-la. Técnicas que permitirão torná-lo um sedutor e um bom amante aos olhos da mulher. A *ars erotica* divulgada nas revistas não visa facilitar ao homem aproveitar o prazer decorrente do ato sexual, mas treiná-lo para que seja sexualmente competente, admirado pelas mulheres e por outros homens (imaginários ou não).

Dirigidas aos homens, reverberando e recriando determinadas concepções masculinas a respeito de sexualidade e dos papéis de gênero, a mídia pornográfica tendia a reafirmar a subordinação erótica feminina – a mulher enquanto objeto de desejo, e o lado mais fraco da relação –, bem como prescrevia os comportamentos

¹⁴⁷ Ele Ela, abril de 1982, p. 101.

¹⁴⁸ ABREU, Nuno Cesar. op. cit. p. 96.

adequados próprios do que seria de um verdadeiro “homem”, representado como agente social também no campo sexual.

Uma relação que, por sua vez, associava-se à sociedade como um todo, e à divisão de gêneros, com seus desiguais papéis sociais, em particular. Estando ligados à organização social, os comportamentos individuais – inclusive os eróticos – reproduzem e reafirmam tanto a subordinação feminina quanto o poder masculino¹⁴⁹. A mulher que se faz desejada, e se coloca enquanto objeto de admiração e cobiça; e o homem que se apresenta como assertivo e sedutor, incorpora e recria determinada teatralidade, reencenando uma performance que reforçava os estereótipos de gênero. Agindo desta maneira, os homens demonstravam para a parceira e para si mesmos – e, em uma relação sexual com mais pessoas, para outros homens e mulheres – que eram verdadeiramente homens, reafirmando a própria subjetividade masculina¹⁵⁰, bem como seu devido papel dentro do campo erótico. Levavam assim, para a cama, a produção rotineira, metódica e recorrente que caracteriza o “fazer o gênero”¹⁵¹.

Por ser o gênero uma categoria que surge na interação entre as pessoas e é imposta socialmente¹⁵²; e estando a competência sexual diretamente ligada à identidade do que é ser homem e o que é ser mulher, é que o ato sexual torna-se uma encenação para o outro. A mulher é retratada como alguém que deseja ser avaliada como sedutora¹⁵³, e sexualmente competente; o homem, o elemento dominador, como alguém capaz de saciá-la. As disparidades de poder entre sujeito masculino e objeto feminino são, assim, reencenadas no palco erótico da cama.

Esta concepção teatral de sexualidade masculina estará presente também em outras mídias de massa, e seu caráter narcisístico é bem expresso, por exemplo, no filme “Eu matei Lúcio Flávio”, de 1979. O personagem Mariel, interpretado por Jece Valadão, toma o corpo da mulher e ambos se viram para que ele possa se olhar em um espelho enquanto mantêm relações sexuais. E é para si mesmo que ele exclama: “você é o maior, Mariel”.

O verdadeiro prazer estará na conquista, em ser reconhecido como um grande amante. Em desempenhar o ato sexual de tal forma que possa ele mesmo se imaginar o

¹⁴⁹ CONNELL, R. W. *Gender...* op. cit.

¹⁵⁰ Processo que ocorrerá não sem problemas, como será visto na última parte desta dissertação.

¹⁵¹ WEST, C.; ZIMMERMAN, D. op. cit.

¹⁵² WEST, C.; ZIMMERMAN, D. op. cit.

¹⁵³ A sedução, segundo Pierre Bourdieu, faz parte da estratégia do oprimido. BOURDIEU, Pierre. op. cit.

protagonista de um possível conto publicado em Playboy, Ele Ela ou Peteca, e invejado por outros imaginários leitores. O voyeurismo de apreciar a sexualidade dos outros, e o desejo exibicionista de ser admirado em sua capacidade erótica, são comumente expressos no início dos contos eróticos da seção Forum, de Ele Ela:

- Antes de mais nada, desejo parabenizá-los pelo excelente trabalho realizado em Ele Ela. Mas meu fraco mesmo é o Forum e seus excelentes relatos. Incentivado por esta seção, resolvi contar para vocês o que aconteceu comigo faz pouco tempo.
- Tenho 23 anos e sou leitor assíduo da seção Forum. Inspirado por estas ótimas estórias, hoje resolvi contar-lhes um episódio que se deu comigo há três anos.
- Lendo aquela história do Forum de Ele Ela em que o leitor transa com sua prima, senti-me bastante excitado, talvez pelo fato de ter lembrado de caso semelhante ocorrido comigo¹⁵⁴.

Ao mesmo tempo, reduzir a representação do feminino nas revistas masculinas àquelas mulheres dos pôsteres e dos ensaios é perder as várias dimensões em que elas aparecem nestas publicações. Sem dúvida, as fotos são a representação mais destacada do feminino, mas as mulheres também estão presentes em artigos, anúncios, contos; são representadas e se representam em seções de cartas, nos fóruns. E inclusive em dimensões em que são frequentemente esquecidas, como leitoras e produtoras de conteúdo – jornalistas, diagramadoras, pesquisadoras, fotógrafas, figurinistas, diretoras.

O mesmo, aliás, vale para o homem. O leitor voyeur-conquistador¹⁵⁵ era apenas uma das várias representações da masculinidade. O *homem* – o enunciário leitor privilegiado¹⁵⁶ imaginado pela revista, para o qual são dirigidas as matérias e os ensaios – não se confunde, por exemplo, com o *marido* – personagem patético, usualmente representado como traído, vivendo em empregos burocráticos, não raramente gordo, idoso, mal vestido. Mesmo que os produtores da revista soubessem que muitos de seus leitores eram casados, a conjugalidade era esquecida (ainda que implicitamente reconhecida como norma), e a vida social deste *homem* era descrita em termos de “relacionamentos” com belas mulheres, pois ele seria conquistador charmoso, consumidor de bebidas refinadas, produtos eletrônicos, automóveis, arte e cultura eruditas.

Da mesma forma, as revistas representavam a *mulher* diferentemente da *esposa*. “Ela”, a “companheira”, a “amiga” é aquela representada nas fotos e a protagonista da

¹⁵⁴ Todos os trechos extraídos de Ele Ela, n. 156, abril de 1982, p. 104-6.

¹⁵⁵ MIRA, Maria Celeste. op. cit.

¹⁵⁶ MAIGUENEAU, Dominique. Novas tendências em análise do discurso. Campinas: Pontes, 1989.

capa. Erótica, jovem, feliz e autoconfiante em relação ao próprio corpo e à própria sensualidade. Sabe-se desejada, e está satisfeita com isso. A *esposa*, por sua vez, era a mulher sem erotismo ou sensualidade, a megera que a *playmate* do mês tinha o dever de fazer o homem esquecer.



Figura 18 - À esquerda, a esposa – traços grosseiros, bobs no cabelo indicando desleixo, sexualmente não desejável – contrasta com a imagem da jovem e sensual “cunhada”. Playboy, Maio de 1979, p. 65-66.

O casamento era visto como o túmulo do erótico. A esposa não era explicitamente culpada disso, embora sua ausência em tudo o que fosse “sensual” tivesse um significado. O erotismo estava associado à modelo do pôster central, à protagonista de aventuras sexuais, à “garota da porta ao lado”. Não eram publicados contos que envolvessem o sexo conjugal convencional; inexistiam ensaios fotográficos com marido e esposa, e eram raras as modelos apresentadas como casadas. “O amor bem sucedido não interessa a ninguém”, dirá Nelson Rodrigues. Os relacionamentos conjugais estarão presentes em seções de aconselhamento médico ou psicológico, o que inevitavelmente acabava por associar o casamento a problemas que especialistas deveriam resolver. Esta situação é eloquente, pois o sexo conjugal era justamente a realidade que a fantasia das garotas da capa e dos contos eróticos pretendia se contrapor – mesmo porque, em nossa sociedade, o prazer está ligado à transgressão, ao desrespeito a uma proibição, a uma norma¹⁵⁷. O casamento era representado como o espaço da rotina sexual, do adultério, da prisão erótica à qual os casais estavam submetidos.

Havia, porém, uma esposa descrita e representada como atraente, sensual, sexualmente ativa: a *esposa do outro*. Com esta, o *homem* refinado poderá se envolver – ainda que apenas em fantasia. A *esposa do outro* era, sem dúvida, adúltera, mas suas

¹⁵⁷ ABREU, Nuno Cesar. op. cit. p. 25.

representações destacavam o fato de ser, agora, a amante, retratada com toda a beleza, mística e poder de sedução que historicamente a literatura, por exemplo, dedicou a esta personagem. Serão para as fotos desta *esposa do outro* – tiradas, supostamente, pelos próprios maridos – que algumas revistas pornográficas do período reservavam páginas de suas publicações; poderia, ainda, aparecer como protagonista em contos eróticos, bem como ser descrita (ou se descrever) em detalhes nos anúncios de busca de parceiros sexuais.

As únicas relações conjugais apresentadas como eróticas eram, justamente, as não convencionais. As que permitiriam uma expressão livre da sexualidade para maridos e esposas. Com grande influência dos artigos norte-americanos de Playboy e Penthouse, das quais as revistas brasileiras reproduziam ensaios e reportagens, as revistas masculinas nacionais valorizavam experimentos sexuais e conjugais norte-americanos, como Sandstone, no estado da Califórnia, ou o Retiro de Platão, em Nova Iorque¹⁵⁸. Dentro da lógica das revistas masculinas, ao ordinário – como o casamento, visto como tedioso e insatisfatório – era contraposto o extraordinário: o consumo, a vida de personalidades, a sexualidade não conjugal¹⁵⁹.

Há um modelo feminino claramente preponderante, sumarizado na “garota da porta ao lado” de Playboy, em torno do qual orbitam as várias mulheres, homens, e conjugalgidades que aparecem nas revistas masculinas. São representações dependentes do contexto ou do objetivo da reportagem e do ensaio. Certamente são todas revistas heterossexuais, com pouca tolerância aos homens e mulheres não sensuais e que não possam dispender recursos em benefício de sua sensualidade ou beleza¹⁶⁰. Mas não se tratam, simplesmente, de revistas em que se expressava uma visão impositiva e monolítica do homem sobre a mulher: mas sim homens e mulheres produzindo conteúdo dentro de um gênero formatado e mercadologicamente bem conhecido – a “revista masculina”.

¹⁵⁸ Bar construído em 1977 para casais heterossexuais praticantes do *swing*. Tornou-se um dos ícones da prática da troca de casais nos Estados Unidos, no período.

¹⁵⁹ ALVES, Denise. op. cit.

¹⁶⁰ GAUNTLETT, D. op. cit.

2.4 A representação do swing nas revistas masculinas

A identidade entre as revistas masculinas e a prática do *swing* fez com que a troca de casais rapidamente passasse de uma curiosidade a ser investigada, e se tornasse uma atração, bastante frequente, oferecida aos leitores. Aparecendo em cada uma das várias seções, construía-se um quadro das aventuras, excitações, erotismos.



Figura 19 - “A Claudinha ficou trancada lá fora no frio... será que alguém aí podia esquentá-la?” *Ele Ela*, n. 98, Junho de 1977, p. 153.

As charges repetiam determinados cenários e personagens: casas amplas, sofisticadas, quando não verdadeiras mansões, recebendo pessoas brancas, educadas, em nada encabuladas por estarem nuas diante de outros, e absolutamente extrovertidas dentro do ambiente de sexo grupal. No caso das revistas masculinas brasileiras, as charges eram usualmente reproduzidas de publicações estrangeiras – na maioria das vezes, norte-americanas – e impressas sem terem necessária relação com o artigo que ilustravam. Traziam, assim, uma concepção já formulada, fora do Brasil, do que seria a prática: pessoas da classe média e alta, completamente desinibidas diante do ato sexual, e sem demonstrar qualquer tipo de timidez ou ciúmes.

A sofisticação é a marca da imagética do *swing* que se deduz destas charges. O humor jamais se volta para a crítica, ou satiriza fracassos, brigas, dramas, ou quaisquer dificuldades que poderiam existir nos relacionamentos entre os casais. Eram destacadas, para atingir o efeito desejado, situações inusitadas, mas em geral inócuas, do que se imaginavam estas festas para casais.

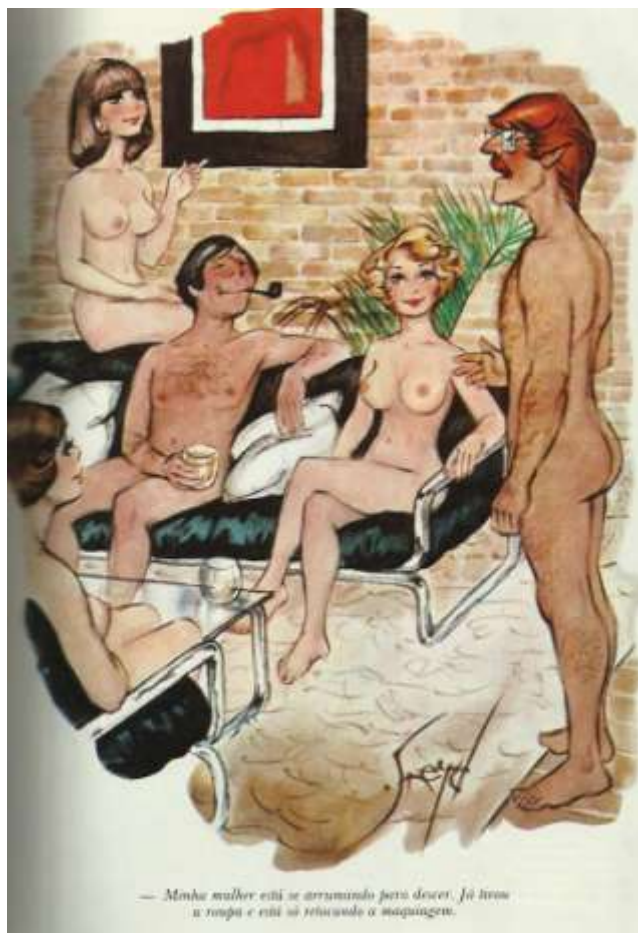


Figura 20 - “Minha mulher está se arrumando para descer. Já tirou a roupa e está só retocando a maquiagem”. Playboy, Julho de 1980, p. 43.

À sofisticação do ambiente, dos modos, e dos acessórios – bebidas, cachimbo, joias – adiciona-se a representação de corpos geralmente belos, de pessoas de meia idade. Desculpar-se pelo atraso da esposa em uma festa em que as pessoas devem estar nuas complementava esta representação do *swing* como uma atividade despreocupada, sem nervosismos ou ansiedades.

É interessante perceber que se trata de uma imagética muito semelhante à presente em uma obra, a dizer, “científica”: o manual sexual “Mais prazeres do sexo”, escrito pelo sexólogo britânico Alex Comfort.



Figura 21 - COMFORT, Alex. Mais prazeres do sexo. São Paulo: Martins Fontes, 1980. p. 162.

Nesta representação visual do retiro de Sandstone – de onde, aliás, Comfort fora um participante ativo¹⁶¹ – os mesmos elementos presentes na charge se repetem: o ambiente sofisticado, os belos corpos de pessoas brancas, a despreocupação com a nudez e com a sexualidade pública e explícita, em um ambiente de confraternização e intimidade pacíficas.

É interessante perceber como o filme nacional “Embalos alucinantes – a troca de casais”, lançado em 1979, absorvia e repercutia estes mesmos elementos a respeito da troca de casais. O filme, segundo o jornal O Globo, do Rio de Janeiro, buscava

contar a estória de um bom casal de malandros que utilizando-se de meios pouco ortodoxos, inclusive o sexo ‘de vanguarda’, atinge o fim colimado, isto é, o lucro financeiro sem problemas de escrúpulos morais e sem as peias da ordem social¹⁶².

O casal *swinger* que será chantageado pelo personagem principal (representado por Nuno Leal Maia) é a versão fílmica das charges: homem de meia idade, sofisticado, com recursos financeiros. No filme, belos homens e mulheres passeando por ambientes

¹⁶¹ TALESE, Gay. A mulher do próximo. Rio de Janeiro: Record, 1980.

¹⁶² PAIVA, Salvyano Cavalcanti de. Embalos alucinantes. O Globo, 14/8/1979.

luxuosos, repetindo frases contra a hipocrisia do casamento, e a favor de uma sexualidade sem regras, complementavam uma caricatura do que seriam os praticantes.

A construção desta representação é reforçada pelas frases sugeridas para a publicidade, apresentadas no *press release* oferecido à imprensa, que reforçavam a intenção do filme em representar o que seria a “realidade” da prática:

- A nova transação ‘colorida’ dos casais.
- O jogo dos casais nos embalos alucinantes das discotecas.
- O troca troca de casais.
- Os deliciosos embalos do swinging.
- Toda a verdade, nua e crua, sobre o swinging.
- As transas ‘coloridas’ das discotecas nos embalos do swinging¹⁶³.

O que se oferecia no filme como a realidade do *swing*, ou o que se apresentava nas charges, era a construção visual de uma determinada pornotopia que passou a ser relacionada à troca de casais. Os ambientes representados são como os castelos dos contos de Marquês de Sade, espaços físicos desligados de um mundo exterior, povoado por pessoas que não teriam outro interesse senão a busca pelo prazer sexual. São como versões, para os casais, da mansão Playboy, um mundo sofisticado em que o prazer erótico é livre e isento de culpas e responsabilidades. Uma concepção que, aliás, incidentalmente se manterá na mídia (e talvez ainda mantenha resquícios) por vários anos: o filme “De olhos bem fechados”, de Stanley Kubrick, lançado em 1999, apresenta orgias eróticas que envolviam casais como se fossem cultos secretos, que se passavam em locais sofisticados, e que envolviam apenas pessoas muito belas.



Figura 22 - Cena do filme “De olhos bem fechados”. Disponível em <http://www.imdb.com/title/tt0120663/>

¹⁶³ Memória da Censura no Cinema Brasileiro. Disponível em <http://www.memoriacinebr.com.br/> Acesso em 9/9/2014.

Esta pornotopia era complementada e reforçada pelos contos eróticos e pelos relatos, supostamente verídicos, de pessoas que seriam participantes do *swing*, sendo a mais conhecida a seção “Fórum”, da revista *Ele Ela*, de finais dos anos 70. Marcos Leitão e sua esposa Cláudia relatam, em 1982, o que teriam encontrado em um “clube fechado” para casais, localizado supostamente na capital gaúcha.

O ambiente, por si só já nos causou certo impacto, pois o clima era tipicamente sensual. Trinta a quarenta pessoas lá dentro completamente despidas. (...) Procuramos aparentar a maior naturalidade possível. Havia mulheres muito tentadoras, bonitas e sensuais. Cláudia contou-me que entre os homens havia também tipos de invejável masculinidade¹⁶⁴.

A sensualidade do ambiente, a beleza das pessoas, o clima de despreocupação com outras questões que não o prazer sexual, repetem-se neste “relato verídico”. Seguindo o modelo pornotópico dos contos pornográficos, “alguns pares dançavam, os corpos agarrados”, enquanto havia “alguns mesmo transando em pé”. Todo o ambiente é descrito como repleto de cenas eróticas, e não há outros tipos de ações senão aquelas sexuais.

Depois os homens introduziram-na ao mesmo tempo, um pela frente e outro por trás e a outra mulher permanecia com sua língua ágil a acariciar os três outros integrantes do grupo. Havia também pares de mulheres que se acariciavam vorazmente com as línguas. E tinha pessoas solitárias que se encontravam ali e então começavam¹⁶⁵.

Os diálogos são curtos ou inexistentes. As pessoas não têm histórias, qualquer vida anterior, outros interesses: são retratadas como se seu universo estivesse reduzido àqueles ambientes e àquelas práticas. E, como em uma dança coreografada, todos parecem saber seu lugar: ninguém se aproxima, ninguém interrompe; não há fracassos masculinos, desistências femininas, vergonhas do ato realizado em público. Há beijos, nudez, danças, penetrações e orgasmos.

Marcos e Cláudia – continua o relato – não teriam suportado tamanha excitação e, mesmo que fosse sua primeira vez em um espaço como aquele, tiveram uma relação sexual, ainda que apenas entre eles. E tão imersos estavam naquele ambiente que não repararam que “vários dos presentes estavam reunidos à nossa volta para nos assistir”. E finalizam: “algumas vezes fomos aplaudidos por nossa extravagante plateia”¹⁶⁶.

A literatura pornográfica, que vai ter seu mercado sensivelmente ampliado no final da década de 70 por conta do abrandamento da censura, vai também explorar a

¹⁶⁴ *Ele Ela*, n. 156, Abril de 1982, p. 99.

¹⁶⁵ *Ele Ela*, n. 156, Abril de 1982, p. 99.

¹⁶⁶ *Ele Ela*, n. 156, Abril de 1982, p. 100.

troca de casais. Reproduzindo o modelo pornotópico, o livro de Eurico Félix “Swing: sexo sem segredos”, utiliza-se dos mesmos elementos de personagens, cenários, e prática idealizados para apresentar sua história.

- Lea, querida. Eu estou ardendo de desejos por você. Quero possuí-la. Quero vê-la nua, inteiramente despida, à minha disposição. Quero poder tocar em cada parte do seu corpo. Quero ver Mira gemendo, inteiramente nua, sob Ted. Quero ver Ted entrar nela, quero que Mira seja possuída na minha frente, olhando nos meus olhos. Quero sentir, aprender, assimilar técnicas. Quero ver vocês dois copulando... O que me dizem?

- Por que não o fazemos, todos? - A voz de Lea transparecia a emoção do erótico. Livrou-se num Instante da blusa. Depois, despiu-se por inteiro e ajudou Jonathan a livrar-se também da sua roupa¹⁶⁷.

Reportagens contribuía para a divulgação desta imagem idealizada e erotizada. Abandonando a curiosidade sobre os praticantes e seus motivos, característica do interesse da mídia quando o *swing* surge no Brasil em finais dos anos 70 e início dos 80, as revistas masculinas passam a descrever encontros “reais” em textos que visavam excitar os leitores.

F.P., engenheiro, 34 anos, frequenta dois grupos fixos que programam atividades de swinging em suas casas. A gente se encontra, geralmente dois, quatro casais, e passamos noites maravilhosas. (...)

Os pares vão se formando espontaneamente. Se a pessoa estiver a fim, transa com um, dois, três. Como também pode ficar batendo papo, sem passar das carícias¹⁶⁸.

Um repórter de *Ele Ela* descrevia como, ao conhecer um casal praticante, fora seduzido pela mulher “que se atirou sobre mim, e era tão urgente sua paixão que parecia não poder esperar”¹⁶⁹; os encontros dos casais em automóveis, e seus códigos utilizando faróis eram destacados por *Playboy*, e a revista *Close* apresentava uma foto reportagem do que seriam dois casais realizando a troca, enquanto declarava que a “infidelidade já era”.

¹⁶⁷ FELIX, Eurico. op. cit. p. 50-1.

¹⁶⁸ *Playboy*, n. 53. Dezembro de 1979, p. 180.

¹⁶⁹ *Ele Ela*, n. 133, Maio de 1980, p. 72.



Figura 23 – “A infidelidade já era”. Close, n. 9, Dezembro de 1980, p. 27.

Revistas pornográficas populares buscaram se aproveitar desta erotização, e lançaram edições exclusivamente dedicadas ao *swing*, sempre reproduzindo o modelo pornotópico idealizado da prática.

Quando, nos últimos anos da década de 70, as revistas masculinas passaram a aceitar anúncios de casais praticantes em busca de parceiros – sendo *Ele Ela* a mais importante, porém, várias outras populares lançaram seções semelhantes com o mesmo objetivo –, estes mesmos textos, que eram consequência do interesse pela prática, acabavam também por estimulá-la.

Casal de nível universitário, boa situação financeira e social (ela loura, olhos verdes, 37 anos; ele moreno, olhos e cabelos castanhos, 41 anos) procura casais na mesma situação para ingressarem no maravilhoso mundo do *swing*. Se possível enviar foto.

Tom e Mira, Caixa Postal 15.113, Rio.¹⁷⁰

Sem existir clubes ou qualquer outra forma de encontrar praticantes, os casais interessados em iniciar o *swing* tinham a mídia como a única fonte de informações. “O maravilhoso mundo do *swing*” que este casal de Santos buscava, portanto, era aquele das charges, dos relatos, das reportagens; era a versão erotizada, pornotópica da troca de casais.

¹⁷⁰ *Ele Ela*, n. 133, Maio de 1980, p. 19.

Os textos dos anúncios, que passaram a também a apresentar fotos das mulheres cujos casais buscavam parceiros, reforçava a existência daquele mundo perfeito, composto apenas pela nova satisfação erótica conjugal. Além de ser sua única porta de entrada para aquele “mundo liberal”.

Esta liberalidade, porém – a almejada sexualidade “livre” – possuía significados específicos para os casais praticantes de *swing*. Sem dúvida desejavam ser, e muitos se apresentavam como “casais liberais”. Porém, analisando-se os discursos presentes em diversas mídias, não parece ter havido consenso no que significaria este “sexo livre”, tampouco qualquer unidade na suposta “revolução sexual”. Na verdade, diferentes atores utilizavam-se de termos que constantemente se repetiam – repressão, liberdade, revolução –, mas que possuíam diferentes significados, baseavam-se em visões do mundo não raro antagônicas, e propunham mudanças que muitas vezes conflitavam entre si. Compreender estes vários projetos de revolução, bem como as diferentes repressões que identificavam, importa para caracterizar a específica noção de “liberdade sexual” dos casais praticantes de *swing*, e seu particular modelo de pornotopia conjugal.

II. Liberdades sexuais

3. Revolução, repressão, liberação sexuais

- Se sua vagina pudesse falar, o que é que ela diria em duas ou três palavras?
- Vá devagar!
- É você?
- Quero comer.
- Eu quero.
- Hmm... hmmm...
- Oh, que bom!
- De novo!
- Não, acima!¹⁷¹

“Vivemos todos”, afirmou Foucault em sua *História da Sexualidade*, “no reino do príncipe Mangogul”¹⁷²: aquele que, no conto de Diderot, ocorre a um gênio para obter o poder de ouvir, das mulheres, sobre suas aventuras amorosas, presentes e passadas. Um anel mágico garantiria o desejo, embora não fossem de suas próprias bocas que as mulheres contariam seus segredos. “De onde elas deverão falar, então?” “De suas partes mais honestas, e mais instruídas nos assuntos que você deseja saber”, concluiu o gênio: “de suas joias”.

“Dentre seus emblemas, nossa sociedade carrega o do sexo que fala”¹⁷³, e as revistas masculinas, certamente, fazem parte desta compulsão da sociedade em falar sobre sexo. Não apenas em sua temática geral, mas nas várias seções específicas deste anel mágico, busca-se satisfazer o “prazer de saber” além de, é claro, incitar a curiosidade sobre o sexo.

Escrevendo em 1976, e ainda assistindo às consequências dos movimentos de menos de dez anos antes, nos quais a busca pela liberação sexual e o questionamento da moral tradicional tornaram-se bandeiras de lutas da juventude, Foucault perguntava, efetivamente, por que se acreditava tanto em uma repressão. E mais, por que essa crença era tão importante, e por que parecia tão fundamental as pessoas não serem mais sexualmente reprimidas. Afinal, segundo ele, seria difícil conceber uma sociedade que fosse “reprimida” sexualmente quando, havia já alguns séculos, toda uma estrutura de incentivo ao discurso sexual havia sido construída. O sexo era pesquisado, medido, classificado. Manuais sexuais, arquiteturas, roupas, comportamentos, falavam flagrantemente sobre o sexo, tornando-o não apenas “o” segredo, mas um tema sobre o qual não se poderia calar. Foucault não afirma que o sexo não fosse interdito, negado,

¹⁷¹ ENSLER, Eve. *Os monólogos da vagina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 39

¹⁷² FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1980. p. 87.

¹⁷³ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I... op. cit.* p. 87.

proibido. Mas que os discursos sobre a repressão participavam também, em si, do controle sobre a sexualidade – e não seriam, ao contrário de como se apresentavam, libertadores.

A “hipótese repressiva”, como Foucault denominava, refere-se à ideia de que os vitorianos, especialmente, seriam o ápice de um conjunto de estratégias que visavam proibir atos e discursos sexuais, que negavam o erotismo e buscavam excluí-lo, ao máximo possível, da vida pública. Que tornava o sexo conjugal, realizado no espaço quase sagrado da cama do casal, o máximo da intimidade do matrimônio. O questionamento a esta hipótese vem, justamente, da constatação de que o sexo tornou-se um tema fundamental e onipresente. Os debates sobre a “revolução sexual” dos anos 60 referiam-se, justamente, a esta crença socialmente difundida de que o sexo estava reprimido, e era de suma importância libertá-lo. Daí as dúvidas de Foucault: liberar o sexo de quê? E, a princípio, ele se encontrava realmente preso?

Para entrar neste debate deve-se buscar responder uma primeira questão lançada por Foucault em “A vontade de saber”¹⁷⁴: “a repressão do sexo seria, mesmo, uma evidência histórica?”¹⁷⁵

Para qualquer período ou evento histórico que se reclame revolucionário, haverá uma historiografia negando a legitimidade ou pertinência deste título. Não é diferente com a revolução sexual, que se acredita ter acontecido no Ocidente a partir dos anos 1960: enquanto alguns historiadores afirmam que as mudanças atribuídas ao período teriam na verdade um desenvolvimento bem mais longo¹⁷⁶, há aqueles que negam a existência de qualquer alteração significativa nos comportamentos que pudesse justificar a denominação de “revolucionária”¹⁷⁷; outros, ainda, veem os anos 1960 como devedores de uma primeira revolução sexual, que teria ocorrido nos anos 1920-30 (tendo, é claro, os detratores que afirmam que neste momento também não teria havido qualquer revolução)¹⁷⁸, bem como aqueles que defendem revoluções em outros

¹⁷⁴ Primeiro volume de sua coleção “História da sexualidade”.

¹⁷⁵ FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I... op. cit. p. 87.

¹⁷⁶ COOK, Hera. The long sexual revolution. Oxford (Inglaterra): Oxford University Press, 2004.

¹⁷⁷ NYE, Robert (ed.) Sexuality. Oxford (Inglaterra): Oxford University Press, 1999.

¹⁷⁸ GARTON, Stephen. Histories of sexuality: Antiquity to Sexual Revolution. Londres: Equinox Publishing, 2004.

períodos, e que teriam sido mais significativas¹⁷⁹. Ou, se foi uma revolução, talvez tivesse terminado inacabada, por conta da epidemia da AIDS a partir dos anos 1980.

Este debate reside nas dificuldades em se determinar os elementos que seriam característicos desta “revolução”. Afinal, certas mudanças que são identificadas como próprias do período – a luta pela igualdade de direitos entre homens e mulheres, a busca pela erotização dos relacionamentos, a heterossexualidade naturalizada – têm uma história que claramente extrapola os limites dos anos 1960-1970, e seriam resultado de um processo iniciado até um século antes, ou mais. E, ao mesmo tempo, acontecimentos ícones, como a popularização da pílula anticoncepcional, as mudanças em direção à igualdade legal entre homens e mulheres, as discussões a respeito da lei do divórcio, a luta pelo reconhecimento dos direitos dos homossexuais, a sexualização da sociedade, seriam fatores influentes, sem dúvida, embora desempenhassem papéis dentro de contextos já dados e incapazes de, por si sós, promoverem mudanças revolucionárias.

Em todo caso, para existir um movimento de liberação sexual – mesmo que não revolucionário, seja qual for o sentido que se dê ao termo – sempre será necessário existir uma repressão da qual se libertar. Afinal, qualquer movimento em direção à liberdade deve partir da constatação tautológica de que ela não existe, bem como identificar a origem dos supostos controle e coerção. Só existe o cru se existir o cozido.

O movimento de liberação sexual e mudança de costumes dos anos 60 e 70 acreditava encontrar a repressão nas regras, tabus e interdições impostos pelo modelo tradicional e idealizado de família e de sexualidade. Era repressão sexual o culto à virgindade feminina, a vigilância sobre os namoros, o desestímulo ao aprendizado sobre o sexo, o reforço de vestimentas, comportamentos e linguagens que significassem modéstia. Tema sério de adultos casados circunspectos, proibido às crianças, perigoso aos jovens.

Sinônimo de atraso nos comportamentos, a “repressão sexual” era sempre colocada como o alvo a ser atacado, o inimigo a ser superado. Usualmente o termo era usado como mero recurso retórico, esvaziado de características ou definições concretas, tendo a função de dar uma face às ideias “inimigas”, fosse a do censor que proibiu a exibição de “O último tango em Paris”, os professores que se recusavam a ensinar

¹⁷⁹ Faramerz Dabhoiwala defende a existência de uma revolução sexual no século XVIII. DABHOIWALA, Faramerz. *The Origins of Sex: A History of the First Sexual Revolution*. Nova Iorque (EUA): Oxford University Press, 2012. Ver também GARTON, Stephen. op. cit. p. 211.

educação sexual nas escolas, ou a retrógrada valorização da virgindade feminina. Mesmo porque o termo não era usado pelos “repressores”, mas apenas por quem acreditava denunciá-los. Um censor não admitiria estar fazendo repressão, por exemplo, mas controlando exageros no uso da liberdade.

Segundo Zanone, o conceito de “repressão”, quando usado nas ciências sociais, teria como objetivo descrever ações impeditivas do desenvolvimento ou da atuação de comportamentos desviantes indesejados¹⁸⁰. Porém, mesmo em seu significado político, o conceito carrega elementos de sua origem freudiana: a repressão, para a psicanálise, seria parte integrante da civilização, pois limitar a livre expressão dos instintos sexuais, e canalizá-los para outras atividades – por exemplo, o trabalho – é o que permitiria a manutenção da sociedade¹⁸¹.

Ainda hoje, uma das definições de “repressão sexual” mais presentes em trabalhos acadêmicos tem esta origem. Em seu pequeno livro, hoje clássico, “Repressão sexual: esta nossa (des)conhecida” – publicado em 1984, momento em que revolução e liberação sexuais ainda eram temas candentes – a filósofa Marilena Chauí sugere a seguinte definição:

A repressão sexual pode ser considerada como um conjunto de interdições, permissões, normas, valores, regras estabelecidos histórica e culturalmente para controlar o exercício da sexualidade¹⁸².

A definição de Chauí faz coincidir o conceito de “repressão” com as normas culturalmente aceitas para os atos sexuais em uma determinada sociedade. Orientando-se a partir da psicanálise, parte do pressuposto de que a sexualidade é algo naturalmente livre; que existe por si só e que possuiria suas próprias regras. Será apenas pela ação da sociedade é que se lhe impõem normas, interdições, tabus, todos “repressores” desta naturalidade.

Em 1980, no prefácio à edição em português da obra de Jos van Ussel, “Repressão sexual”, o psicanalista Jurandir Freire Costa afirmava que “os historiadores se encarregaram de provar (...) que o sexo foi reprimido graças ao capitalismo ou à

¹⁸⁰ ZANONE, Valerio. “Repressão”. In. BOBBIO, Norberto et. al. Dicionário de política. Vol. 2. Brasília: UNB, 1998. p. 1107.

¹⁸¹ ZANONE, Valerio. op. cit. p. 1107.

¹⁸² CHAUI, Marilena. *Repressão sexual: essa nossa(des)conhecida*. São Paulo: Brasiliense, 1992 [1984]. Em um momento seguinte, ela se aproximará ainda mais sua definição com aquela da psicanálise, ao afirmar que a repressão mantém-se longe da consciência.

revolução industrial”¹⁸³. Tal seria, para ele, um dado “já sabido”: “o indivíduo moderno, pelo menos aquele pertencente às camadas privilegiadas da sociedade, admite sem resistências que sua sexualidade foi sufocada pela repressão”¹⁸⁴. Os argumentos de Costa são interessantes por duas razões. Primeiro, porque prefacia e defende o livro de Ussel, que é um dos melhores exemplos da hipótese repressiva criticada por Foucault; segundo, porque o faz utilizando-se de argumentos foucaultianos. A construção das “pequenas regras higiênicas e pedagógicas”, de urbanidade e polidez, através das instituições familiares, pedagógicas e médicas construiriam a repressão sexual.

Citemos, brevemente, a satisfatória explicação dada por Foucault ao fenômeno. Para este autor, a disciplinarização da sexualidade do indivíduo burguês foi uma condição necessária à expansão física, populacional da própria classe burguesa¹⁸⁵.

Disciplinarização e repressão são tomados por Costa, portanto, como sinônimos, que não são, obviamente, para Foucault. Assim, liberação sexual significaria renúncia à disciplinarização. Esta interpretação só é possível porque, como Chauí, também Costa parte da concepção da naturalidade da sexualidade que, reprimida pelas regras sociais,

vem sendo curiosamente encampada por um saber do tipo científico e um poder do tipo técnico-profissional, encarregados de fazer brotar nos indivíduos o que é definido, por princípio, como espontâneo e naturalmente livre¹⁸⁶.

Ambas as definições refletem a importância da Psicanálise no meio intelectual brasileiro, mas não seriam as únicas visões, nem proviriam as únicas definições correntes. Antes, portanto, de ser possível uma resposta a Foucault – existia repressão sexual? – deve-se determinar de qual repressão está se falando, pois parte do problema é compreender a pluralidade de discursos e de vozes sobre o tema.

No caso da sociedade brasileira, desde finais dos anos 60 intensificou-se a crença de que a repressão existia, e contra a qual se desenvolvia uma “revolução sexual”, uma alteração profunda nos costumes e especialmente na sexualidade. Para o bem e para o mal: se era festejada por aqueles que a viam como uma liberação, havia aqueles que a identificavam como nítidos sinais de degeneração social, capaz de ameaçar o indivíduo, a família e, longe de serem irônicos ou exagerados, a própria existência do Brasil enquanto uma nação civilizada. Nelson Rodrigues afirmou, entre

¹⁸³ COSTA Jurandir Freire. “Prefácio”. In USSEL, Jos Van. *Repressão sexual*. Rio de Janeiro: Campus, 1980. p. 7.

¹⁸⁴ COSTA Jurandir Freire. “Prefácio”... op. cit. p. 7.

¹⁸⁵ COSTA Jurandir Freire. “Prefácio”... op. cit. p. 9; nota 2.

¹⁸⁶ COSTA Jurandir Freire. “Prefácio”... op. cit. p. 10.

amargurado e ranzinza, que se vivia uma época em que o marido era o primeiro a saber; e, mais, por vezes antes do pecado ser cometido.¹⁸⁷

Em uma primeira resposta provisória a Foucault, há uma evidência histórica de que as pessoas *acreditavam* existir uma repressão sexual. Porém, longe de haver qualquer consenso, diversos atores dariam suas visões específicas, a partir de seus próprios papéis e objetivos sociais, do que imaginavam ser o movimento de liberação sexual, chegando a conclusões que poderiam inclusive chocar-se entre si. A liberdade sexual do movimento feminista de segunda onda significava autonomia feminina às decisões sobre o próprio corpo, além de fazer parte de um projeto mais amplo de mudanças sociais que envolvia a igualdade e desnaturalização dos gêneros; uma visão oposta àquela de Hugh Hefner, para quem a liberação sexual que aparece nas páginas da Playboy era um objetivo em si, sendo livre o indivíduo que tivesse menos obstáculos à realização de atos sexuais, em uma concepção que reforçava a naturalidade dos gêneros. Já a repressão sexual criticada pelo movimento pelos direitos civis dos homossexuais era aquela que via como desviantes e perversas todas as práticas eróticas não normativas; diferente, portanto, da concepção dos praticantes da troca de casais, para quem apenas a impossibilidade de separação entre monogamia social e a sexual, base da concepção tradicional de casamento, era repressora. Para os adeptos – mais ou menos ortodoxos – das ideias de Wilhelm Reich e Herbert Marcuse, a repressão teria sido reforçada na sociedade industrial, e seria um exemplo da alienação do homem, inclusive sobre o próprio corpo, sendo a liberação sexual uma atitude revolucionária em si¹⁸⁸; nada mais diverso do que acreditava a sexologia baseada nos escritos de William Masters e Virginia Johnson para quem os orgasmos tornaram-se sinônimos concretos de felicidade, e sua busca uma função indispensável para a manutenção de relacionamentos monogâmicos. Ou mesmo, e por fim, o próprio pensamento alinhado diretamente às concepções freudianas, para quem repressão era sinônimo de civilidade, e toda sexualidade não normativa – à semelhança de Kraft-Ebing, no século XIX – patológica.

Porém, mesmo contraditórias, todas as diferentes visões sobre a revolução ou repressão sexual – com exceção das feministas, como se verá a seguir – concordavam

¹⁸⁷ CARMO, Paulo Sérgio do. op. cit. p. 342.

¹⁸⁸ Esta era a concepção de Reich, mas não de Marcuse, que acreditava que uma erotização da sociedade seria possível pela redução da exploração do trabalho, além de benéfica. A simplificação das ideias de ambos, porém, era comum na mídia do período e é a isso que, fundamentalmente, refere-se este argumento.

com determinadas ideias básicas. Fosse o movimento de liberação sexual atrelado ao mercado erótico e de cosméticos defendido por Playboy, Cosmopolitan, Penthouse, Ele Ela; fossem os seguidores das “esquerdas festivas”¹⁸⁹ brasileiras que adotavam ideais fracamente inspirados em Reich e Marcuse, acreditavam-se *hippies* e desbundados, combatiam o ciúme, a família burguesa, e defendiam o casamento aberto; fossem os psicanalistas, com ideias temperadas com a orgasmologia norte-americana. Ou, ainda, fosse a TFP em sua coluna semanal na Folha de S. Paulo, ou a Igreja Católica, ou ainda o Estado através de manuais de Educação Moral e Cívica e livros de educação sexual escritos por religiosos e aprovados pelo governo. Não importa: todos partiam da concepção de que 1) a sexualidade era algo natural, biológico e instintivo – uma força por si só; 2) a cultura e a sociedade reprimiam esta naturalidade para o bem (em benefício do controle e coesão sociais), ou para o mal (a repressão como sinônimo supressão de potencialidades humanas); 3) a repressão seria sempre uma, unificada, coordenada, mesmo que não se identificasse pronta ou claramente qual sua origem; 4) mudar os atos sexuais seria mudar a sociedade.

Pode-se concluir que, a despeito de semelhanças e diferenças, não resta dúvida de que a repressão sexual existia. Continua, obviamente, sendo importante discutir com Foucault a ideia de que a insistência em se denunciar a repressão não apenas participava de um projeto de controle, como revelava a importância que a sexualidade teria sobre a sociedade. Falar de repressão é falar de sexo e de seus limites e possibilidades¹⁹⁰. Mas sim, há suficientes evidências históricas sobre sua existência.

Construiu-se uma determinada categoria – a de repressão – inicialmente com Freud, mas que assumirá diversas características a partir de meados do século XX, e será apropriada e reelaborada por diferentes grupos e pessoas. E a essa categoria foram associados determinados comportamentos, ideias, grupos sociais, rituais, valores; e idem a seu oposto, a revolução sexual. Específicos elementos da realidade passaram a ser denominados repressivos, certas pessoas classificadas como reprimidas, bem como movimentos vistos como libertários. Independentemente de qualquer outra categorização, e a *grosso modo*, realizar ou mostrar mais atos sexuais associou-se à

¹⁸⁹ VENTURA, Zuenir. op. cit. p. 45 Sobre a “esquerda festiva”, o repórter Antônio Teixeira Junior escreveu, ainda em 1968: “Em geral, ela usa minissaia e eles têm barba, só usam calça Lee e camisa de marinheiro, embora detestem os militares e os americanos, esses imperialistas. São insatisfeitos, rebeldes, do contra, auto-suficientes e autores de frases que não raro pertencem a Sartre ou Jean-Luc Godard.”

¹⁹⁰ FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I... op. cit.

liberação, e limitá-los, à repressão. A partir deste momento, a repressão não é apenas uma hipótese, mas algo muito concreto, pois sugere ações, determina comportamentos, dirige análises sobre a realidade.

A obrigatoriedade do orgasmo como condição para a saúde individual, para ficar apenas em um exemplo, é consequência desta liberalização. A orgasmologia norte-americana, que terá no casal Masters e Johnson seu principal expoente, media orgasmos, qualificava-os como necessários, e identificava doenças para aqueles que não os sentiam em quantidade ou qualidade desejáveis, oferecendo inclusive os tratamentos correspondentes. Todo um mercado voltado a dar e sentir prazer sexual desenvolveu-se a partir destas ideias. Mas, por mais opressores que fossem, e sejam, estes orgasmos compulsórios passaram a ser associados à revolução sexual. Eram “libertários”, e não “repressores” apenas por incentivarem o ato sexual, independente de qualquer possível restrição à liberdade que carregassem consigo. Uma demonstração, das muitas possíveis, dos valores convencionados dados às noções de repressão e liberação sexuais.

O *swing* construirá sua própria definição destes conceitos. Em um processo de osmose discursiva, absorvia trechos diferentes, não raras vezes incoerentes entre si, para construir o seu modelo de prática, bem como de suas justificativas. Compreender o modelo de liberação sexual dos praticantes de *swing* é compreender a origem e os vários conteúdos destes diferentes discursos. Defini-lo como repressor ou libertário, desbundado ou conservador, dependerá das lentes a partir dos quais é analisado.

3.1 Liberação sexual, feminismo e swing

De todos os movimentos do período que propunham uma modificação de atos e comportamentos eróticos, o feminista foi o único que concebia a sexualidade enquanto uma construção histórica e cultural¹⁹¹. Por mais repetida que tenha sido, a frase de Simone de Beauvoir “ninguém nasce mulher: torna-se mulher” resume perfeitamente a contestação à essencialização dos gêneros, e a uma correspondente sexualidade que lhes

¹⁹¹ Embora se saiba que não seria “feminismo”, mas “feminismos”. Pois havia – como ainda há – feminismos que defendiam a existência de uma essência feminina, colocando-se, portanto, opostamente à compreensão de uma sexualidade histórica e culturalmente construída. Comenta-se, aqui, a partir do que se poderia denominar de corrente mais influente do feminismo de segunda onda.

seria característica. Peixes não precisavam de bicicletas¹⁹²: a repressão que denunciava não era a da contenção de uma força supostamente natural, mas a criação social de determinadas regras culturalmente naturalizadas; e, por serem historicamente construídas, poderiam ser questionadas e modificadas (ou abolidas). Ao politizar o mundo privado da sexualidade, o feminismo construía a ideia de uma revolução sexual que seria também social. Ou, dizendo de outra forma, uma reformulação estrutural da sociedade deveria passar também pelos desejos e atos sexuais.

Em revistas como *Ele Ela*, e posteriormente naquelas voltadas exclusivamente ao público masculino, o discurso feminista era apresentado de forma simplista, sumarizado em chavões e palavras-chave que construía a imagem de um radicalismo vazio de propósitos, e distante da realidade das mulheres.



Figura 24 - “Você só pensa em mim como objeto sexual, Mathias?” *Ele Ela*, n. 56, Dezembro de 1973, p. 58.

Ao olhar para cima, como se murmurasse “meu deus”, Mathias – sentado em sua poltrona e lendo as notícias como bem cabia ao chefe da casa – transmite a ideia, compartilhada por muitos leitores das revistas, que o conteúdo das mensagens da *Women’s Lib* não passava de bobagens que não se relacionavam com as mulheres reais. E não haveria senão ingenuidade naquelas que, como a esposa de Mathias, vestindo seu aventalzinho de dona-de-casa, acreditassem e seguissem tais discursos. Como tal senhorinha poderia ser vista como objeto sexual?

¹⁹² “As mulheres precisam de homens, como os peixes precisam de bicicletas”: esta frase, que se acredita ter sido criada pela escritora australiana Irina Dunn, tornou-se slogan bastante repetido pelo movimento feminista a partir dos anos 70.

As feministas eram retratadas como se reivindicassem um imerecido papel de igualdade às mulheres. Sem dúvida, reconheciam-se “excessos” da dominação masculina, mas que, a princípio, estariam sendo resolvidos. Não é à toa que reportagens constantemente apontavam a vitória do feminismo, e comemoravam o fim das lutas, pois a igualdade supostamente já teria sido alcançada. Buscar mais que o direito de trabalhar fora de casa, ou a liberdade à expressão sexual, seria radicalismo e negação da própria natureza feminina: “Já imaginaram uma astronauta grávida?”. É o que perguntava, inclusive, uma “ex-feminista”, que afirmava ainda:

Muito já se falou sobre liberdade feminina, igualdade de sexos e outras bobagens. Eu mesma já estive metida até os cabelos em passeatas e demonstrações de rua em que o máximo da contestação era tirar os sutiãs e queimá-los em público numa imensa fogueira, como se fosse possível queimar uma realidade biológica. Eu já fui ao fundo do poço e voltei. Posso dizer com segurança: chega de baboseiras¹⁹³.

O temor de que a luta pelos direitos de igualdade femininos estivesse indo contra a natureza humana refletia o antigo medo de que a mudança nos papéis sociais de gênero subvertesse a ordem social, e a colocasse em perigo¹⁹⁴. A adoção pelas mulheres de funções que não seriam naturalmente suas acabaria por afetar a própria masculinidade e, por fim, toda a sociedade. Algo que já estaria ocorrendo na União Soviética, por exemplo, onde “Ivan não [era] mais o terrível”, segundo o título de uma reportagem de 1970. A ascensão feminina, a conquista de posições sociais, a força dentro das decisões familiares, tudo isso levava a uma feminização do homem:

Depois de realizar uma ampla consulta em escolas de nível médio e superior, o articulista [que não tem seu nome revelado] chegou à conclusão de que os rapazes demonstram um grau cada vez menor de iniciativa, hesitam antes de tomar uma decisão, escondem sob variados artifícios o seu desejo de não aceitar responsabilidades e estão sempre a fugir das posições de mando¹⁹⁵.

E sobre o fato dos homens naquele país andarem de mãos dadas, o artigo perguntava: “onde termina o hábito e começa o fenômeno geral de desvirilização da juventude masculina do país?”¹⁹⁶. A preocupação que o homem brasileiro passou a ter com a maquiagem, a moda unissex, o receio da ascensão social das mulheres, eram

¹⁹³ Ele Ela, n. 29, Setembro de 1971, p. 20. Como era comum nos artigos das revistas masculinas do período, a autora não tem o seu nome revelado. Não se sabe, portanto, quem seria a ex-feminista.

¹⁹⁴ CUNHA, Maria de Fátima da. “Homens e mulher nos anos 1960-70: um modelo definido?” História: Questões & Debates, Curitiba, n. 34, p. 201-222, 2001. Curitiba: Editora da UFPR.

¹⁹⁵ Ele Ela, n. 9, Janeiro de 1970. p. 128.

¹⁹⁶ Ele Ela, n. 9, Janeiro de 1970. p. 128.

exemplos de que esta inversão de papéis de gênero, com todas as mazelas decorrentes, poderia acontecer também no Brasil – se é que já não estava ocorrendo.

Seria injusto, porém, generalizar esta visão, como se estas publicações se colocassem monoliticamente contra o feminismo. Na edição anterior à que a “ex-feminista” apresentou suas conclusões, a própria *Ele Ela* dedicou quatro páginas de sua revista para um texto de Germaine Greer que resumia o seu livro “A mulher eunuco”, recém lançado no país. Já Rose Marie Muraro publicava artigos com certa frequência, além de ser comumente entrevistada em reportagens tanto na *Ele Ela* quanto na *Playboy*. Heloneida Studardt foi colunista de revistas masculinas. A ridicularização, já apontada em outros trabalhos como característica principal na abordagem das revistas masculinas do período sobre o feminismo¹⁹⁷, existia efetivamente, mas era exceção. Como era, também, que a palavra fosse dada a feministas. A *Women’s Lib* era constantemente repercutida e o feminismo tema constante de debates nas revistas entre os anos 1970 e 80, mas com uma notável, curiosa, e frequente ausência da fala de suas protagonistas.

Permaneciam, porém, os reducionismos. Destacava-se a imagem da mulher feia¹⁹⁸ que queimava sutiãs, negava a sua feminilidade e oprimia os homens. Contra elas, os exageros deveriam ser contidos, para que a verdadeira igualdade, aquela que a mulher realmente precisava, fosse efetivamente atingida. E será justamente pela incorporação de slogans simplificados e descontextualizados – “o que o homem pode, a mulher também pode”, “homens e mulheres têm os mesmos direitos” – que o pensamento feminista influenciou a justificativa e a prática da troca de casais. O discurso dos praticantes do *swing* incorporava determinadas ideias feministas apenas na medida em que suportavam sua prática.

A liberação de centenas de anos de preconceitos acumulados, de regras inflexíveis criadas pela religião e pelo próprio sistema da propriedade privada “essa mulher é minha!” “Seus pensamentos, seus desejos, sua vida me pertence” e vai por aí levando e trazendo séculos de equívocos, mulheres mal-amadas, homens impotentes, filhos frustrados, etc., etc.¹⁹⁹

¹⁹⁷ ALVES, Denise. op. cit.

¹⁹⁸ Chamou a atenção da imprensa brasileira a “feiura” de Betty Friedan quando ela veio ao Brasil para a publicação, em português, de seu livro. Cf. DIAS, Lucy. Anos 70: enquanto corria a barca. São Paulo: Editora Senac, 2001. p. 165.

¹⁹⁹ FELIX, Eurico. op. cit. p. 1.

Tratava-se, de fato, de um pseudo-igualitarismo de gêneros, e servia apenas para justificar, discursivamente, a defesa da adoção, por parte das esposas, de uma moral sexual que era tipicamente masculina.

Uma posição semelhante, ainda que com nuances diferentes, àquela identificada por Rose Marie Muraro quando afirmou em 1971 que um dos comentários mais comuns que ouvia dos homens sobre seu livro “Libertação sexual da mulher” era: “publique logo que quero ser o primeiro da fila”. A referência não era ao livro, mas às mulheres:

Os homens que assim pensam e falam, confundindo libertação sexual com libertinagem, emancipação da mulher com uso da mulher, são os que mais precisam de uma urgente e milagrosa cura. Porque, apesar das aparências, são os mais puritanos, os mais doentes, os mais profundamente afetados pela moral tradicional²⁰⁰.

Essa confusão entre “libertação sexual com libertinagem”, como define Muraro, assemelha-se à forma como os praticantes da troca de casais pensavam o movimento feminista. E, aliás – e como se verá adiante – também com a concepção da Playboy de Hefner, e da Cosmopolitan de Hurley Brown a respeito do que seria a liberação sexual: uma sociedade sem grandes modificações, mas com mais sexo, sendo este pensado a partir do modelo masculino de sexualidade.

O discurso de igualdade de gêneros e liberdade sexual contradizia parte da própria prática dos casais. Em uma reportagem realizada em 1980 com praticantes do *swing*, a revista Ele Ela reproduz a seguinte carta enviada por um casal que imaginava estar se correspondendo com outro casal adepto.

Prezado Tiago,

Recebemos a carta com nossas fotos de volta e estamos devolvendo a de vocês. Tudo perfeito. Quanto às dúvidas.

Zilda aceita tudo, mas exige espontaneidade. Não gosto de homens, ela é que gosta de mulher, mas combinaremos os detalhes pessoalmente.

Estaremos no Rio de 7 a 9 de março. Comuniquem local e hora de contato.

Lúcio e Carmen²⁰¹.

As vontades e preferências das esposas são comunicadas na terceira pessoa: “Zilda aceita tudo, mas exige espontaneidade”. Esta carta, em particular, mostra ainda que talvez a esposa tivesse, muitas vezes, como única preocupação assinar a correspondência, visto serem os esposos – no caso Tiago e Lúcio – quem escrevem as

²⁰⁰ Ele Ela, n. 24, Abril de 1971, p. 10.

²⁰¹ Ele Ela, n. 132. Abril de 1980, p. 76.

cartas. A participação marginal da mulher é evidenciada pela assinatura, como aparece na carta original:

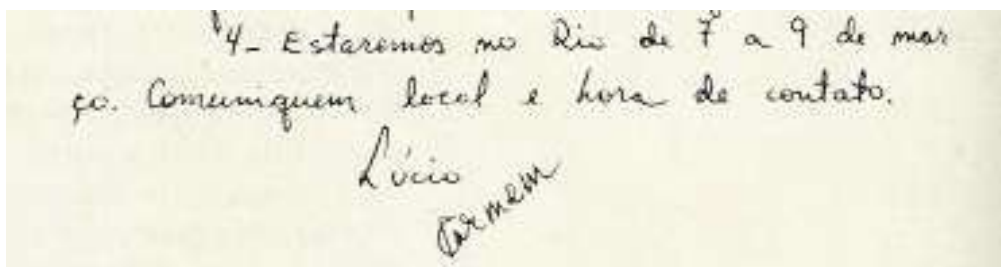


Figura 25 - Trecho de carta de casal praticante do swing. *Ele Ela*, abril 80, p. 76.

A “Zilda” do corpo da carta torna-se “Carmen” na assinatura. O descuido na mudança do nome (Zilda sendo, provavelmente, um nome fictício), bem como na assinatura fora de local, denunciam “Lúcio” – ou qualquer que fosse o seu nome real – como o único autor. Esta proeminência masculina fica clara também no fato de que as mulheres não tinham poder de veto em relação a outros casais ao contrário dos maridos. E, se a negociação entre os casais demorasse, eram eles, sozinhos, que se encontravam em um local público para acertar os últimos detalhes. Afinal, não era o homem o cabeça do casal?

Um segundo elemento importante na carta se revela quando Lúcio faz questão de afirmar: “não gosto de homens, ela é que gosta de mulher”. Característica do movimento *swing* que permanece ainda nos dias de hoje²⁰², o bissexualismo masculino era altamente reprovado, enquanto o feminino era desejado e estimulado. Enquanto os papéis sociais de gênero da mulher não seriam afetados por sua bissexualidade – a mulher continuava sendo objeto de desejo entre si, além de servir de excitação erótica aos maridos – a bissexualidade entre os homens envolvia o que se percebia como sendo uma ameaça à sua masculinidade.

A bissexualidade masculina contrariaria o modelo de masculinidade hegemônica – o conjunto e regras estabelecidas que definem o comportamento ideal dos homens²⁰³. Em sendo relativo e hierárquico²⁰⁴, o modelo hegemônico de masculinidade seria, assim, ameaçado pelo bissexualismo masculino: a submissão de um homem a outro por

²⁰² THIO, Alex; TAYLOR, Jim. op. cit.

²⁰³ CONNELL, Robert W. *Masculinities*. Berkeley: University of California Press, 1995.

²⁰⁴ WILLER, Robb. *Overdoing gender: a test of the masculine overcompensation thesis*. Paper. EUA: American Sociological Association. Agosto de 2005. Disponível em <http://www.sociologyresearch.org/overdoing-gender-a-test-of-the-masculine-overcompensation-thesis>. p. 7. Acesso em 9/9/2014.

conta da penetração, a ausência de dominância, a associação com a feminilidade. “Sem homo masculino” era, aliás, um dos mais comuns alertas presentes nos anúncios dos casais. Sendo a masculinidade sempre uma situação precária, que deve ser constantemente reforçada e reafirmada²⁰⁵, era necessário, desde o primeiro contato, deixar claro que não se possuía insuficiente masculinidade, e que esta não seria aceita por parte do outro casal.

A utilização do corpo feminino exposto era o principal atrativo nos primeiros contatos. “Levarei fotos da minha mulher, inclusive completamente nua”²⁰⁶, anunciava um marido, ansioso por finalizar os últimos detalhes. Ainda que os homens também posassem nus – embora estas imagens não fossem publicadas em revistas –, o corpo feminino era o principal capital de uma negociação *swing*.

Nos Estados Unidos, o movimento fôra inicialmente denominado *wife swapping*: troca de esposas. Por ser uma expressão que parecia tornar as mulheres apenas objetos negociados e trocados pelos maridos, acabou modificada, em finais dos anos 60, para *swinging*, uma nova nomenclatura que procurava acompanhar a difusão da luta por direitos iguais entre homens e mulheres, que os praticantes da troca de casais diziam adotar.



Figura 26 - A “Pergunta do mês” da revista norte americana *Sexology*, de outubro de 1964 respondia, à página 151, se era arriscado realizar a “troca de esposas”. Disponível em <http://blog.modernmechanix.com/is-wife-swapping-risky/>

Da “troca de esposas” à “troca de casais”, o discurso feminista que aparecia diluído nas revistas masculinas auxiliava a construir um modelo de prática. As mulheres acreditavam-se liberadas, pois teriam conquistado um direito que seria apenas masculino, de ter sexo apenas pelo prazer, o que contribuía, também, para enfraquecer qualquer sentimento de culpa por descobrirem-se adúlteras. Os homens pensavam-se

²⁰⁵ WILLER, Robb. op. cit.

²⁰⁶ Veja, n. 480, 16 de fevereiro de 1977. p. 56.

modernos, pois estariam auxiliando à liberação de sua própria esposa ao supostamente seguirem movimentos sociais de vanguarda, algo que se revelava importante também para não verem a si mesmos como “cornos”.

3.2 *O conceito de liberação sexual para os participantes do swing*

A proposição de uma revolução sexual, e a denúncia de uma sociedade repressora que poderia ser derrotada a partir da expansão de um mercado de pornografia, cosméticos, ou revistas, constituiu-se como um bom negócio. Em um contexto de valorização do individualismo, em que o ato de consumir se associa a conquistas individuais, pôde-se desenvolver uma cultura sexual direcionada à busca pelo prazer que, embora se apresentasse como revolucionária, tendia a reforçar, apenas com mais nudez, os papéis sociais de gênero estabelecidos²⁰⁷.

Em 1962, Helen Gurley Brown publica “Sex and the single girl”²⁰⁸ um livro que não era “para ensinar alguém a se casar, e sim a continuar solteira – no melhor estilo”²⁰⁹.

Teoricamente, a moça solteira ‘direita’ não tem uma vida sexual. Que absurdo! Ela tem uma vida sexual melhor do que a maioria de suas amigas casadas. Não precisa ficar se aborrecendo com um só homem durante toda a existência²¹⁰.

Tratava-se de uma obra que buscava incentivar uma vida erótica sem culpa para a mulher solteira (embora Gurley Brown tenha escrito seus livros quando já encontrava casada “com um produtor de filmes (...) inteligente, charmoso e sexy, perseguido por muitas vedetinhas. E eu o fisquei!”²¹¹), ensinando-as como ser *sexy*, como ter o próprio dinheiro, e dando sugestões para a decoração do apartamento, cuidados com alimentação e vestuário. Um tipo de conteúdo, aliás, que será característico da revista *Cosmopolitan*²¹², que Gurley Brown passará a dirigir a partir de 1965, associando a valorização da sexualidade ao consumo de roupas e maquiagens.

²⁰⁷ GARTON, Stephen. *Histories of sexuality: antiquity to sexual revolution*. Londres: Equinox, 2006. p. 211.

²⁰⁸ Publicado no Brasil, em 1965, com o título “Solteira e sexy”.

²⁰⁹ BROWN, Helen Gurley. *A vida sensual da mulher solteira*. Rio de Janeiro: Artenova, 1972. p. 23.

²¹⁰ BROWN, Helen Gurley. op. cit. p. 19.

²¹¹ BROWN, Helen Gurley. op. cit. p. 15.

²¹² Lançada no Brasil como *Nova Cosmopolitan*, em 1973. BUENO, Juliana Fleig. *A mulher (re)paginada: as representações da “nova mulher” e o discurso de beleza na revista Nova Cosmopolitan na década de 1980*. Curitiba: UFPR, 2013. Dissertação de mestrado em história. p. 42.

Cosmopolitan reforçava o estereótipo da mulher consumidora por natureza que seria, ainda, economicamente independente, sexualmente ativa, autoconfiante, porém enquadrada às condições do mercado²¹³. A publicidade presente em suas páginas e o *merchandising* discreto nos artigos associavam compras de produtos à realização individual – inclusive eroticamente. Liberação sexual, assim, tornava-se um slogan de vendas²¹⁴.

Algo semelhante, ou talvez ainda mais intenso, ocorria com a Playboy. Hugh Hefner afirmava que a revista que fundara em 1953 participava da revolução sexual americana, em que a hipocrisia era deixada para trás, e a sexualidade poderia ser desfrutada.

A América voltou novamente à vida. E com a revolução social acompanhada também de uma revolução sexual. Há muito desapareceu o pudor puritano e a hipocrisia do passado. Longe de representarmos uma moral em declínio, como muitos querem que acreditemos, estamos em um processo de conquistar uma nova maturidade moral e honestidade no qual o corpo humano, sua alma e seu espírito estão em harmonia, e não em conflito²¹⁵.

Uma mudança que teria um caráter profundamente midiático, pois seria mais óbvia na “mudança do gosto do público em relação a livros, revistas, jornais, filmes, televisão e teatro”²¹⁶.

Embora Hefner cite a presença de uma revolução social nos Estados Unidos, a sua filosofia de liberação sexual não se relaciona a qualquer contestação política ou econômica. Sua posição é de defesa do liberalismo sexual: critica a posição cristã a respeito do corpo, condena a legislação que limita os atos sexuais, inclusive homossexuais, e mesmo a moral que estabelece o sexo conjugal como único legítimo. Mas, principalmente, posiciona-se radicalmente contra a censura de livros, filmes, peças de teatro e, é claro, revistas e as imagens de nus: sinal de uma sociedade hipócrita.

De forma muito semelhante às posições de Gurley Brown, o “mundo de Playboy” é também um mundo de liberalismo sexual alimentado pelo consumo. O homem ideal, solteiro, tem relações com belas mulheres, veste-se com as melhores grifes, e frequenta os locais mais requintados. Livre para consumir, ele tem à sua disposição um mundo de sensações.

²¹³ BUENO, Juliana Fleig. op. cit. p. 142.

²¹⁴ GARTON, Stephen. op. cit. p. 210.

²¹⁵ HEFNER, Hugh. “The Playboy Philosophy.” Playboy. Disponível em <http://www.playboy.com/magazine/the-playboy-philosophy-installment-1>. Acesso em 9/9/2014.

²¹⁶ HEFNER, Hugh. op. cit.

Uma liberdade que, bem que se diga, parte do paradigma masculino ideal de sexualidade, voltado ao prazer sem responsabilidade, em que a quantidade supera em importância a profundidade e o envolvimento, e em que o homem está sempre disponível para o sexo. Ser sexualmente livre não se tratava apenas de ir de encontro ao ideal conservador do sexo conjugal como o único socialmente aceitável; mas, também, de estimular às mulheres a participar deste modelo. Para Playboy, Penthouse, Lui, Status, a liberdade sexual feminina associava-se à ideia de convidá-las a adotar o modelo erótico masculino. O que é a *playmate* do mês, senão uma mulher com o corpo feminino perfeito, mas uma cabeça sexualmente masculina?

Publicando em um momento de questionamento das normas sexuais, as revistas masculinas preocupavam-se simultaneamente com duas ações que não incomumente se contradiziam: explorar e estimular a sexualidade, retirando dela a carga de culpa e incentivando uma prática erótica lúdica e recreacional; e conciliar esta “nova” sexualidade com os valores tidos como universais e imutáveis, como o amor, ou o desejo por relacionamentos de longa duração. Aqui são reforçados os valores dominantes da sociedade, adequando-se a sexualidade àqueles considerados comuns dos leitores.

Tome-se, por exemplo, a seguinte imagem.

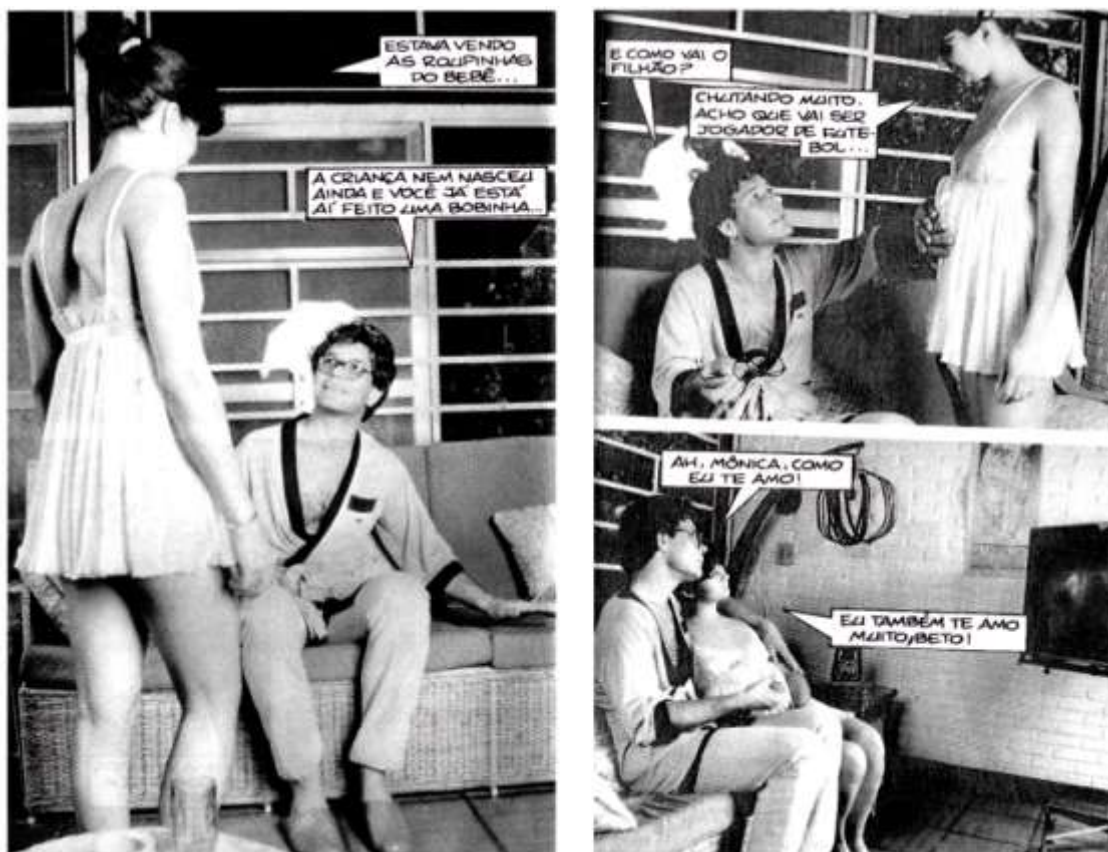


Figura 27 - Fotonovela “Passageiros do amor”, 1981.

Tratam-se das últimas duas páginas da fotonovela “Passageiros do Amor”, publicada na revista “Fotonovelas eróticas” que em sua capa afirmava ter uma “seleção especial das melhores e mais excitantes estórias de amor e sexo”²¹⁷. Seguindo uma narrativa pornográfica típica, o homem é seduzido por um grande conjunto de mulheres e satisfaz a todas; a mulher será representada como promíscua, além de sexualmente insaciável – em atos sexuais devida e explicitamente fotografados apresentados nas páginas anteriores. Porém, ao final, os protagonistas se apaixonam e abandonam a vida de sexo livre para viverem “felizes para sempre” na monogamia da família nuclear tradicional: estão felizes em sua casa, esperando ansiosamente a chegada do filho, enquanto trocam juras de amor. Nada parece ser menos pornográfico.

Esta história está longe de ser um exemplo isolado. Trata-se de um argumento muito comum às histórias pornográficas do período em que, ao final, a moralidade tradicional é reforçada. A livre atividade sexual, longe de ser revolucionária, sustenta-se a partir das representações de masculino e feminino e é apresentada como um possível

²¹⁷ Fotonovelas eróticas, p. 24, 1981.

caminho para encontrar o verdadeiro amor – o maior prêmio que os personagens podem receber²¹⁸.

A concepção de liberação sexual adotada pelos praticantes de *swing* seguia muito proximamente este modelo de livre sexualidade acompanhado da manutenção dos papéis de gênero, defendido primeiramente por Hefner, e que acabará por se tornar o mais difundido pelas revistas masculinas. As mudanças que a sociedade precisaria seriam aquelas que permitissem a expressão sexual, e não muito mais do que isso: passando-se a rebentação dos tabus e preconceitos, encontrava-se o mar calmo da verdadeira liberdade, realizada eroticamente. Era o que a literatura dedicada a explorar o movimento *swing* defendia:

Os comentários giravam em torno da noite passada. Mas nenhuma pilhéria. Estavam conscientes de que haviam transposto as barreiras do preconceito, os tabus que os laços matrimoniais traziam dos tempos. Um mundo de horizontes coloridos se havia mostrado. Os sentimentos passaram a ser mais sólidos, a confiança mais mútua. E o desejo carnal ficou aumentado, porque havia a comparação. Havia a lembrança do outro ou da outra, sempre com a franqueza que não se faz necessário ser escondida²¹⁹.

Enquanto determinadas práticas sexuais – como o sadomasoquismo, por exemplo – deverão construir seus próprios espaços midiáticos, a troca de casais encontrará apoio e estímulo das grandes às pequenas revistas pornográficas masculinas do país. Isso se deveu, e ainda se deve, à identidade de concepções a respeito da sexualidade, pois ambos entendiam liberação sexual como maior número de parceiros, isenção de culpa, maximização de sensações. E a repressão que deveria ser vencida associava-se à conjugalidade, campo do rotineiro. Liberar-se sexualmente significava superar este modelo de posse do corpo do cônjuge, do ciúme, da castidade e pureza como valores positivos. Não é à toa que a posição “papai-mamãe”, denominação que remete diretamente à conjugalidade, associa-se a um ato sexual rotineiro, sem atrativos, pouco estimulante. Não há contos eróticos sobre casais juntos há quinze anos e suas aventuras em sua cama conjugal. O sensual, o erótico, o desejável está não na conjugalidade tradicional, mas na liberdade e, especialmente, no extraordinário.

²¹⁸ Mesmo dentro desta lógica, havia regras. A mulher poderia ser representada como sexualmente ativa e insaciável que, ainda assim, poderia ser recompensada com o verdadeiro amor, *desde que*, em nenhum momento da história, ela tenha traído o marido ou um namorado. Nestes casos, a adúltera poderia sofrer inclusive uma punição. Este é um modelo frequente, especialmente nas fotonovelas pornográficas de final dos anos 70 e início dos anos 80. Porém, e seria desnecessário dizer, não era um modelo que esteja presente em todas as publicações deste tipo.

²¹⁹ FELIX, Eurico. op. cit. p. 69.

Parte do comércio de produtos sensuais, aliás, explora esta situação. Uma loja de fantasias eróticas trará opções de empregada, enfermeira ou professora, para ela; bombeiro, policial, operário, para ele. Estimula-se um jogo de papéis em que o parceiro não o é mais; em que as situações não são mais as cotidianas; o casal não é mais marido e esposa, não estão juntos, e vivem outra realidade que não a conjugal, para acentuar seus desejos.

O *swing* foi adotado pelas revistas masculinas justamente porque ambos compartilhavam uma mesma lógica a respeito do erotismo e da liberação sexual: sendo o sexo conjugal tradicional não erótico, e o ordinário tedioso, o extraordinário deveria ser perseguido. Porque o *swing* contribuía na reiteração do modelo de sexualidade estereotipada divulgado pelas revistas masculinas, ainda que dentro de novas narrativas – textuais e visuais – e novos contextos. Porque prescrevia coreografias que deveriam ser encenadas por homens e mulheres na intimidade do ato sexual, teatralizando masculinidades e feminilidades. E se os homens buscavam na liberdade sexual o direito a ter mais atos sexuais sem reprimendas morais, legais ou religiosas, devia-se estimular a mulher a fazer mais sexo, desde que dentro de um paradigma masculino de sexualidade.

É interessante constatar que os discursos de liberação sexual, como aqueles propostos por Hefner e Gurley Brown eram dirigidos a solteiros. Os casais tinham à disposição um discurso específico para eles, em que eram convidados ao que se defendia como um rompimento de tabus, além de usar a sua imaginação em prol de uma sexualidade mais livre e sadia, dentro do casamento e visando a sua manutenção. Não foi este o caminho adotado pelos praticantes do *swing*. Tentados pelos discursos de liberdade sexual, adotaram parte do discurso voltado aos homens e mulheres solteiros para a sua própria realidade, construindo sua prática peculiar. Uma não-conjugalidade conjugal; uma sexualidade extraordinária dentro do ordinário matrimônio.

3.2.1 O swing como estratégia de vendas

Na grande maioria dos casos, os clubes de *swing* que existem no Brasil, na atualidade, funcionam apenas por alguns dias da semana. Uma noite, usualmente o sábado, tende a ser reservada exclusivamente aos casais, enquanto nas demais é aceita a entrada de homens e mulheres desacompanhados, eufemisticamente denominados “solteiros” e “solteiras”, mesmo que muitos não o sejam.

Embora se denominem clubes ou casas “de *swing*”, implicando, portanto, um direcionamento aos casais, a maior parte da renda e do lucro destas casas reside nos homens desacompanhados. Um dado confirmado tanto por entrevistas feitas com proprietários de clubes do Paraná e Santa Catarina, quanto pela análise dos valores cobrados junto aos clientes.

Os casais pagam entre R\$40,00 a R\$90,00 de entrada²²⁰, conforme o clube e a festa associada (para datas específicas, como Carnaval, ou atrações especiais, como festas à fantasia, os valores serão mais elevados) o que, individualmente, seria o equivalente a R\$20,00 a R\$45,00 por pessoa²²¹. Nas noites em que a entrada de homens e mulheres desacompanhados é permitida, as mulheres costumam não pagar, enquanto os homens desembolsam valores entre R\$100,00 a R\$180,00. Além disso, considerando-se os dados para os clubes de *swing* de Curitiba, frequentarão cada uma das casas cerca de 140 casais por semana, e mais de 300 homens “solteiros”.

A estratégia destes clubes é muito semelhante. A manutenção de uma noite exclusiva para os casais, mesmo que seja menos lucrativa, tem como objetivo construir e manter uma determinada imagem: noites denominadas “liberais”, frequentadas por casais que desejariam a prática do sexo lúdico, sem outros compromissos.

Homens e mulheres desacompanhados são atraídos por esta propaganda. Uma frequentadora, que tinha 25 anos à época de sua primeira visita a uma destas casas, em Curitiba, relata suas expectativas:

Um amigo me falou de uma casa para casais: fiquei com aquilo na cabeça, como funciona? onde deve ficar? o que rola lá dentro? orgias? suruba? Meu namoradinho da época se informou até que achou o endereço do clube. Marcamos pra ir, mas amarelei. Desisti nos últimos momentos²²².

A existência da pornotopia, da suposta liberalidade sexual dos praticantes do *swing*, atrai homens e mulheres que, em noites específicas, frequentam os clubes. Vão em busca de encontrar, na vida real, as histórias eróticas que leram, assistiram, ouviram dizer, como se pudessem participar, por uma noite, de seu vídeo erótico ou fantasia sexual preferidos.

A estes clientes são oferecidos shows de *striptease* tanto masculino quanto feminino, de sexo explícito, *gogo boys* e *gogo girls*, além de uma estrutura que

²²⁰ Esta pesquisa de valores foi realizada com clubes de *swing* de Paraná e Santa Catarina, no primeiro semestre de 2014.

²²¹ Sendo que, em muitos casos, este valor poderá ser deduzido do consumo de bebidas.

²²² Depoimento ao autor via email; 2010.

incentiva a realização de atos sexuais rápidos descompromissados. E se, por alguma razão, o número de mulheres desacompanhadas for muito inferior ao de homens, as casas costumam dispor de profissionais que, passando-se por mulheres solteiras, realizam a fantasia sexual deles – afinal, parte dos lucros destas noites vem da locação de quartos.

Nos anos 70, cerca de 75% das cartas que os casais praticantes do *swing* recebiam, após postar um anúncio em revistas, era de homens solteiros – denominados, à época, “cigarras”. De 300 cartas que um casal receberia, 225 seriam, assim, de homens que, independentemente ou não de serem escolhidos como parceiros para um relacionamento sexual, haviam comprado a publicação, e convencidos e entusiasmados pela existência daquela pornotopia, passaram a desejar participar. Um indício do quanto a troca de casais, ainda que não fosse, teoricamente, dirigida a eles, os interessava. E, se tudo desse errado – a julgar pelos depoimentos dos casais do período, dificilmente homens desacompanhados eram escolhidos pelos casais –, haveria sempre uma nova revista, um próximo mês, uma oferta de novos anúncios e a expectativa de novas fantasias.

As revistas se utilizavam, portanto, de uma estratégia semelhante à de muitos clubes da atualidade. Os casais praticantes do *swing*, nos anos 70 e 80, mesmo que em quantidade crescente, não eram em número suficiente para justificar um conjunto de textos que fosse exclusivamente dedicado a eles. Muito menos as revistas estavam interessadas em divulgar a prática por questões ideológicas. A inegável identidade de concepções sobre sexualidade que compartilhavam, confluía para uma estratégia de vendas. Importantes que fossem para alimentar as publicações com textos e imagens, o erotismo da troca de casais tornava-se um chamariz para compra, um argumento a mais para que homens – consumidores preferenciais – adquirissem uma determinada edição. E as próximas.

3.2.2 Contra a hipocrisia da sociedade

Gay Talese inicia seu livro “A mulher do próximo” com uma advertência ao leitor: “os nomes das pessoas neste livro são verdadeiros e as cenas e eventos descritos

nas páginas seguintes realmente aconteceram”²²³. Seu objetivo era garantir que o conteúdo de seu texto, que registra especialmente o contexto em que surge a comunidade sexual liberal de Sandstone, nos Estados Unidos, não era fruto da mente de um pornógrafo, mas o registro jornalístico do que acontecia nessas comunidades que ajudaram a construir a revolução sexual norte-americana.

Entre 1968 e 1971 existiam cerca de duas mil comunidades alternativas nos Estados Unidos²²⁴, sendo que em muitas delas a livre expressão sexual era incentivada. A maioria de tais grupos contraculturais, formados principalmente por *hippies*, desapareceu em pouco tempo, pois seus membros tendiam a passar “tempo demais a ler e a pontificar em torno da lareira e tempo de menos nos estábulos a ordenhar vacas”²²⁵. Como afirmou Robert Houriet que visitou, à época, muitas destas comunidades,

por toda parte havia carros que não andavam e bombas que não funcionavam, pois todos conheciam tudo sobre a história secreta do tarô, mas ninguém sabia coisa alguma de mecânica²²⁶.

Porém, algumas acabaram se tornando símbolos da presumida revolução sexual pela qual os Estados Unidos estariam passando e criaram, inclusive, um específico modelo de negócios relacionado à “conscientização”, fosse de indivíduos ou casais. E por viverem um estilo tão sexualmente diferente daquele concebido como socialmente ideal, poderiam ser considerados ficcionais para leitores norte-americanos – daí a necessidade da advertência de Talese. O Retiro de Sandstone, criado na Califórnia em finais dos anos 1960, tornou-se a Woodstock do *swing*: um mito de que a liberdade sexual dentro do casamento era possível, desejável e libertadora.

Foi fundada em 1969 por John Williamson, um ex-gerente de projetos da empresa de aviação Lockheed que vendeu todos os seus bens para investir no que considerava uma contribuição para a uma mudança profunda na sociedade. Afastado da cidade, e mesmo de boas estradas que levassem ao retiro, Sandstone era basicamente uma hospedaria, com piscinas, áreas verdes, espaços para festas e de integração, inclusive íntimas, entre os hóspedes. Sobrevivia às custas de uma anuidade (US\$240,00) e uma mensalidade complementar (US\$15,00), e chegou a ter 500 associados – lembrando que nem todos eram aceitos, mas apenas aqueles que eram aprovados em

²²³ TALESE, Gay. op. cit. p. 6.

²²⁴ TALESE, Gay. op. cit. p. 288.

²²⁵ TALESE, Gay. op. cit. p. 288.

²²⁶ Apud TALESE, Gay. op. cit. p. 288.

entrevistas realizadas pelo fundador e sua esposa, Barbara Cramer, uma ex-vendedora de seguros.

Isso porque, a princípio, o objetivo do projeto não era comercial, mas a realização de um sonho utópico de transformação individual e social. Ainda que Williamson não desconsiderasse a importância da sustentabilidade econômica, a liberalidade erótica em Sandstone deveria promover uma mudança na sociedade, pois ele acreditava ser “a identidade sexual o centro do comportamento social organizado”²²⁷.

O prazer sexual livre era elemento de destaque em seu Éden contracultural. A nudez não era obrigatória, mas estimulada, e um passo necessário à autodescoberta. A troca de parceiros conjugais uma constante, e assistir ao adultério consentido do cônjuge um exercício. Em um panfleto distribuído aos candidatos, afirmava-se:

Os conceitos em que Sandstone se baseia incluem a ideia de que o corpo humano é uma boa coisa, as manifestações abertas de afeição e sexualidade são uma boa coisa. (...) O contato em Sandstone inclui o nível básico de nudez física liberal e sexualidade aberta. Nestes termos, a experiência vai muito além de qualquer tentativa de intelectualizá-la²²⁸.

O resultado desejado era a construção de um “nível superior de sinceridade”²²⁹ tanto em relação à própria pessoa, como em relação ao cônjuge. Esta *über* sinceridade seria obtida quando o casal conseguisse superar os “problemas de propriedade”²³⁰, ou seja, deixar de considerar o corpo do parceiro com sendo de seu uso exclusivo. Com isso, seria possível obter um alto grau de respeito à liberdade individual do outro, intensificando a realização de prazeres, e acabando com qualquer sentimento de culpa em relação a relacionamentos extraconjugais.

A ideia de que a sociedade norte-americana era hipócrita em relação ao sexo, e que a revolução sexual teria como objetivo acabar com esta hipocrisia, não era um argumento presente apenas em Sandstone, mas recorrente dos libertários eróticos do período. Uma ideia que se fortaleceu quando o sexólogo norte-americano Alfred Kinsey publicou os resultados de suas pesquisas em “O comportamento sexual do homem” de 1948 e “O comportamento sexual da mulher” de 1953, deixando claro que muito do que

²²⁷ YARDLEY, William. “John Williamson, Co-Founder of the Sandstone Retreat, Dies at 80”. New York Times, 4/5/2013. Disponível em http://www.nytimes.com/2013/05/05/us/john-williamson-dies-at-80-founded-sandstone-retreat.html?pagewanted=all&_r=1&. Acesso em 9/9/2014.

²²⁸ TALESE, Gay. op. cit. p. 290.

²²⁹ TALESE, Gay. op. cit. p. 188.

²³⁰ TALESE, Gay. op. cit. p. 139.

se defendia como socialmente aceitável para os atos sexuais, não era reproduzido na prática. Após cerca de 12 mil entrevistas, Kinsey informava que 50% dos homens haviam cometido adultério, que menos de 15% deles havia se casado virgem, e que 37% haviam participado de relações sexuais com outros homens. Para as mulheres, os resultados não eram menos impactantes, pois mais da metade não havia se casado virgem, 25% delas confessavam terem tido relações extraconjugais, e 13% haviam tido experiências sexuais homoeróticas.

Havia, portanto, claramente uma disjunção entre discursos e prática, e a esta disjunção deu-se o nome de hipocrisia.

Se a grande maioria de todos os homens americanos e quase metade de todas as mulheres participam de relações pré-maritais, e metade dos homens casados e um quarto das mulheres participam de relações extramaritais, pode-se genuinamente imaginar quem o Subcomitê Estadual de Literatura Pornográfica, da Califórnia, tinha em mente quanto afirmam que os Americanos ainda acham tal atividade questionável. Quem está questionando? Ou somos nós mesmos uma tal nação de hipócritas que consideramos como exceção tal comportamento para qualquer outra pessoa, enquanto nós mesmos a realizamos? De muitas maneiras, parece que nós somos uma nação de hipócritas. A atividade sexual que nós pomposamente pregamos e contra a qual protestamos em público, nós entusiasticamente praticamos privadamente²³¹.

O texto é de Hugh Hefner, e seu discurso, bastante coerente com o que pregava nas revistas que editava, concordava com aquele de Sandstone. E seria constantemente referido pelos que defendiam a liberação sexual, inclusive no Brasil, onde Ele Ela afirmava, por exemplo, que “não devemos esquecer que apenas agora estamos saindo de um passo de hipocrisia e repressão e que a maioria ainda sente o peso desta situação”²³².

Para os praticantes de *swing*, o argumento do combate à hipocrisia era permanente. Como afirmou um casal, defendendo a sua prática,

a traição ao marido ou à mulher, segundo minha esposa e eu, só existe quando um dos cônjuges ignora a atitude do seu parceiro, o que não se dá conosco, pois temos conhecimento de tudo. E somos sobretudo leais, sem a hipocrisia da traição²³³.

O discurso de que os liberados sexuais, como se autodenominavam, seriam superiores aos demais membros da sociedade que conviviam com o adultério não consentido, não começa com Sandstone, mas toma ali uma dimensão significativa para justificar a existência da comunidade. Se havia disjunção entre discursos e práticas (ou

²³¹ HEFNER, Hugh. op. cit.

²³² Ele Ela, n. 29, Setembro de 1971. p. 15.

²³³ Ele Ela, Janeiro de 1979, p. 9.

em entre práticas discursivas e não discursivas, para utilizar um vocabulário foucaultiano) o *swing* tornava-se uma nova prática, para adequar-se aos discursos fossem eles novos ou já existentes. Seria “não-hipócrite”, por assim dizer.

A denúncia da hipocrisia é ainda hoje uma das armas discursivas dos *swingers*. Enquanto os casais “não liberados” traem e prejudicam uns aos outros, na troca de casais haveria mais verdade, por agirem às claras, diante do parceiro e com sua autorização. Isso os tornaria, de alguma forma, moralmente superiores, e sua prática seria mais legítima. Os nomes dos atuais clubes de *swing* do Brasil evocam, muito comumente, essa direção à liberdade: Liberty, Revolution, Freedom Club.

A revista eletrônica Kasedie, voltada aos praticantes norte-americanos da troca de casais, resumiu os argumentos em uma charge, publicada em 2008.



Figura 28 - “Você são swingers? Isto é repugnante! Por que vocês não podem traír um ao outro como pessoas normais e respeitáveis?” <http://www.kasedie.com/static/magazine/2008/09/do-as-we-say.html>

É claro que na prática a teoria muitas vezes era outra, e fossem os *swingers* de Sandstone, do Brasil dos anos 70, ou mesmo os dos clubes brasileiros da atualidade, o desapego à posse do corpo do parceiro, a ausência de ciúmes, e a obtenção do “nível superior de sinceridade” eram acompanhadas de dramas, dificuldades, brigas e desistências. Mas, de toda forma, se a sociedade era considerada hipócrita, os participantes da troca de casais não o seriam: não teriam problemas “de propriedade” e conquistariam a super sinceridade advogada como objetivo de Sandstone. Sendo aceitos no retiro, pagando devidamente as mensalidades, adquirindo as roupas que os permitia serem bem vistos em festas, lendo as obras resenhadas em Playboy que confirmavam

seus próprios sistemas de pensamento, os casais praticante de *swing* adotavam e tornavam seu, um discurso de uma sexualidade livre.

Se para Williamson essa liberação seria o centro de uma revolução social, e para Hefner já seria algo importante em si mesma, os discursos que a divulgava podiam ser (e efetivamente o eram) repetidos pelos casais, mesmo que sem a mesma convicção e interesse, de ver quaisquer mudanças sociais.

3.3 *Contracultura e revolução sexual*

Don't trust anyone over 30.
Jack Weinberg

Desde finais dos anos 60, e especialmente por parte da juventude, ampliou-se um sentimento de que o padrão familiar “já era”: a vida no casamento tradicional identificava-se com uma vida frustrada, careta, reprimida. Parcela significativa dos jovens ansiava por experiências de mudanças, inclusive sexuais – estimuladas, é claro, pela pílula: “acho que era meio básico para todo mundo na época: transar, transar, transar”²³⁴. Uma geração que parecia disposta à experimentação, que, se não sabia como se chegaria ao futuro, tinha-se pelo menos a certeza de que o modelo burguês de família, ainda estampado nos livros de Educação Moral e Cívica, deveria ser rejeitado. Um conjunto de ideias que foi estimulado pelo auge da psicanálise no Brasil, e que se aliou à cultura alternativa na recuperação do pensamento de Reich²³⁵.

Caminhando e cantando, por um lado, e buscando compreender os impactos da promulgação do Ato Institucional 5, por outro, a juventude brasileira recebia as consequências, fortemente divulgadas pela mídia das revoltas dos estudantes franceses, da ascensão dos britânicos Beatles e Rolling Stones, dos movimentos norte-americanos contra a guerra do Vietnã. E, no país, procuravam conquistar seu espaço social, alimentando sonhos de mudanças da sociedade, vista como ultrapassada e retrógrada:

²³⁴ DIAS, Lucy. op. cit. p. 25.

²³⁵ RUSSO, Jane A. et al. O campo da sexologia no Brasil: constituição e institucionalização. *Physis*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, 2009. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312009000300004&lng=en&nrm=iso. Acesso em 9/9/2014. Wilhelm Reich foi um psicanalista austríaco e membro do Partido Comunista da Áustria, cujas teorias vivam na sexualidade um caminho para transformações sociais. Em sua obra “A Revolução Sexual”, de 1936, defendia o fim da repressão sexual, por acreditar ser instrumento que alimentava o poder de um Estado autoritário. Suas ideias foram recuperadas nos anos 1960 por movimentos contraculturais.

contracultura, desbunde, movimento hippie, udigrudis – todos sugerindo, e muitos buscando viver na prática (como os Novos Baianos, que uniam a vida comunitária, o misticismo e o uso de drogas na criação musical²³⁶), sonhos mais ou menos românticos, mais ou menos realizáveis, de uma nova sociedade.

O psicólogo norte-americano Carl Rogers desenvolvia a sua psicologia centrada na pessoa, para a construção de um “novo tipo de consciência” e cuja “maneira de ser e de se comportar (...) remodelarão o planeta”²³⁷. O educador norte-americano A. S. Neill desenvolve uma pedagogia baseada na supressão de figuras de autoridade, e estímulo à auto expressão da criança, evitando construir regras que refreassem sua espontaneidade – nem pais, nem professores, deveriam estraga-la²³⁸.

Ao mesmo tempo, diferentes movimentos contraculturais²³⁹ procuravam interpretar ou criar determinados conjuntos de ideias que pareciam se contrapor ao *status quo*: valorização de um pensamento natural e intuitivo, no qual as drogas indutoras de estados alterados de consciência passariam a desempenhar um papel de libertador da mente; e liberação do corpo à sexualidade, como uma alternativa à repressão sexual e ao conservadorismo social, com a nudez significando uma revelação da personalidade: o “pirado” estabelecia-se como o oposto do “quadrado”²⁴⁰. Ou, nos termos de Luiz Carlos Maciel em seu “Manifesto Hippie” publicado no Pasquim de janeiro de 1970: a “nova sensibilidade” – o começo de uma nova cultura – colocava-se contra a “velha razão”²⁴¹. Neste contexto,

a contracultura, o desbunde, o rock, o *underground*, as drogas, e mesmo a psicanálise passam a incentivar uma recusa acentuada pelo projeto do período anterior²⁴².

E se o sonho já havia acabado, como decretara John Lennon, a ideia de liberdade tornava-se fundamentalmente individual na “década do eu”: na auto-expressão e na espontaneidade, pareciam se encontrar as verdades individuais. “Parece que as pessoas

²³⁶ VARGAS, Herom. Tinindo e trincando: contracultura e rock no samba dos novos baianos. Contemporânea. Vol. 9, No 3 (2011). Bahia: UFBA.

²³⁷ ROGERS, Carl; ROSENBERG, Raquel. A pessoa como centro. São Paulo: Edusp, 1977. p. 213.

²³⁸ “A criança estragada – usando a expressão *estragada* em qualquer sentido que lhe quisermos dar – é o produto de uma sociedade estragada”. NEILL, A. S. Liberdade sem medo. São Paulo: Ibrasa, 1970. p. 285. Grifo no original.

²³⁹ Theodore Roszak acreditava que a contracultura pudesse ajudar a proclamar um novo céu para uma nova terra. Cf. ROSZAK, Theodore. A contracultura. Petrópolis: Vozes, 1972.

²⁴⁰ DIAS, Lucy. op. cit. p. 46-7.

²⁴¹ DIAS, Lucy. op. cit. p. 53.

²⁴² HOLLANDA, Heloísa Buarque de. Impressões de viagem: CPC, vanguarda e desbunde 1960/70. São Paulo: Rocco, 1992. p. 74.

da década de 70 procuraram fazer tudo sozinhas”, constatava a revista *Veja* no balanço final de uma época que definia como “conservadora e cautelosa”. Na “década de cada um, (...) correram solitariamente. Ouviram som a sós, usando alto-falantes de ouvido, os *egoístas*. Reuniram-se aos milhares nas discotecas para se contorcem na dança, mas cada um por si”²⁴³.

Para Heloísa Buarque de Hollanda, a rebeldia juvenil só foi possível por conta do milagre econômico. Com uma maior riqueza, as famílias poderiam prover uma melhor condição de vida aos filhos, o que acabava por relaxar os padrões rígidos de comportamento das crianças, “e elas então se tornaram cada vez mais malcriadas”²⁴⁴. Portadores de poder aquisitivo, estes jovens são convidados e incorporados ao consumo: “liberdade é uma calça velha, azul e desbotada”, afirmava a propaganda das calças USTop: “seu jeito de viver”. Era incentivada a ideia de “conflito de gerações”, explorando mercadologicamente a consciência etária que caracterizaria os movimentos contraculturais do período²⁴⁵: “use Sândalus, mas não conte para seus pais”; “Se seu pai não entende você, por que você não tenta entendê-lo? Philishave”. Enquanto Pepsi criava sua própria versão do movimento *hippie*, ao apresentar jovens de cabelos longos e roupas coloridas, em um florido camping edênico, entoando “só tem amor quem tem amor pra dar: nós escolhemos Pepsi e ninguém vai nos mudar”²⁴⁶. Não confia em ninguém com mais de 30? Confie nos investidores do Fundo Novo Mundo:



Figura 29 - Propaganda do fundo de investimentos Novo Mundo. Estado de S. Paulo, 13/7/1971. p. 13.

²⁴³ *Veja*, n. 590, 26 de Dezembro de 1979. p. 56. Itálico no original.

²⁴⁴ Apud DIAS, Lucy. op. cit. p. 65.

²⁴⁵ PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. *O que é contracultura*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

²⁴⁶ Sá, Rodrix e Guarabyra. *Jingle da Pepsi*, 1972.

O uso do corpo tornava-se importante instrumento para alcançar esta liberdade. O amor livre, a contestação a relacionamentos formais, o combate ao ciúme, o estímulo à experimentação erótica, a negação da virgindade, acabavam-se por se constituir como meios, muito práticos e prazerosos, de questionamento das rígidas normas de conduta das quais os jovens acreditavam viver e desejavam escapar. “Experimentava-se em todas as áreas, quase sempre pelo simples prazer da descoberta”²⁴⁷, e isso incluía o sexo. Como afirmou Marcelo, um estudante secundarista:

A vida era uma experiência constante. Nossos corpos, os laboratórios. Experimentar tudo. Fazer tudo. (...) Todo mundo bonito, pele dourada de sol, cabelos compridos, roupas coloridas. (...) As meninas não tinham mais com que se preocupar: existia a pílula. Os homens descobriram que também podiam ser bonitos e sensíveis. A barreira entre os sexos se tornava a cada dia menos perceptível. Falava-se muito em androginia. Descobrimos o Mandrix, uma droga (...) excelente para trepar. Nenhum sentimento de culpa. Os corpos podiam tudo. O importante era o prazer²⁴⁸.

A transgressão social e política associava-se à liberação erótica: acreditando-se na existência de uma repressão socialmente organizada ao sexo, libertá-lo possuía um caráter político em si. Segundo Hilda, que em 2001, aos 56 anos, rememorava suas experiências amorosas e eróticas nos anos 70, a sexualidade livre “eram práticas, era a época, era a *pós-nouvelle vague*. Era o existencialismo. Era uma experimentação”. Afinal, os próprios Jean Paul Sartre e Simone de Beauvoir não viviam um relacionamento aberto? “Mas eu não chamaria de promiscuidade. Não era. Porque havia tanto amor, amor mesmo, carinho”²⁴⁹. Segundo Zuenir Ventura,

A moda – ou a vida que ‘pregava’ essa geração de jovens mulheres entre 20 e 30 anos – consistia em questionar os valores institucionais que davam sustentação ao que chamavam com desdém de ‘casamento burguês’: a monogamia, a fidelidade, o ciúme, a virgindade²⁵⁰.

Neste momento, a expressão “casamento aberto” acabaria por construir certa institucionalização deste amor livre, enquanto um modelo seguido por vários casais que se acreditavam avançados. O termo surge no início dos anos 70, com a publicação no Brasil do livro de Nena O’Neill e George O’Neill, de mesmo título. Colocado à venda em bancas de jornais, tornou-se um dos livros mais vendidos do Brasil²⁵¹, e em todo o

²⁴⁷ VENTURA, Zuenir. op. cit. p. 28.

²⁴⁸ DIAS, Lucy. op. cit. p. 95.

²⁴⁹ DIAS, Lucy. op. cit. p. 216.

²⁵⁰ VENTURA, Zuenir. op. cit. p. 27.

²⁵¹ MACHADO, Eliana. “Destaques do ano”. Veja, 2/1/1974. p. 73.

mundo foram mais de 35 milhões de cópias vendidas²⁵². Para atingir o objetivo de salvar casais que “resignam-se ao tédio e sucumbem a um casamento de mera conveniência e a um estilo de vida de alienação”²⁵³, os autores sugeriam uma nova proposta de relação em que “cada um cresce através da liberdade de sua individualidade”²⁵⁴.

Cada um tem a oportunidade de crescimento e novas experiências fora do casamento. Através de seu crescimento como pessoas separadas e do amor sustentante um pelo outro, eles vitalizam e aumentam seu poder conjugal. A união se torna mais forte e mais valiosa²⁵⁵.

Para os autores, um casamento seria aberto se o casal se comunicasse de forma franca, se se permitissem aberturas em relação aos papéis masculino e feminino, se estimulasse a igualdade, a identidade e a confiança. O foco, portanto, não estava na sexualidade, embora a envolvesse.

Argumentando que o ciúme não era um sentimento inevitável, defendiam que o modelo de casamento tradicional “fechado” limitava a potencialidade dos cônjuges, estimulava a desconfiança, e se associava à ideia de propriedade: “a monogamia, como a define nossa cultura (...) exige exclusividade sexual e nega a igualdade e também a identidade. Perverte o ciúme, transformando-o num ‘bem’”²⁵⁶.

No casamento aberto, em que cada cônjuge está seguro de sua própria identidade e confia no outro, existem novas possibilidades de maior relacionamento, e o amor aberto (em oposição ao limitado) pode expandir-se para abranger outras pessoas. (...)

Estas relações externas podem, evidentemente, incluir o sexo. Isso compete exclusivamente aos cônjuges em questão. Se os cônjuges de um casamento aberto têm realmente relações externas, é na base de seu próprio relacionamento interno – isto é, porque já têm um amor consolidado, têm confiança real e são capazes de expandir-se, de amar e gozar outras pessoas e de trazer esse amor e prazer de volta a seu casamento, sem ciúme²⁵⁷.

Os autores, posteriormente, irão lamentar a leitura que foi feita de sua obra, afirmando que não haviam feito um “guia para swingers”²⁵⁸, mas um manual para o fortalecimento do casamento.

²⁵² FOX, Margalit. “Nena O’Neill, 82, an Author of ‘Open Marriage,’ Is Dead”. Nova Iorque (Estados Unidos). The New York Times. 26 de março de 2006. Disponível em <http://www.nytimes.com/2006/03/26/books/25oneill.html>. Acesso em 9/9/2014.

²⁵³ O’NEILL, Nena; O’NEILL, George. Casamento aberto: as novas relações conjugais. Rio de Janeiro: Artenova, 1973 [1972]. p. 13.

²⁵⁴ O’NEILL, Nena; O’NEILL, George. op. cit. p. 37.

²⁵⁵ O’NEILL, Nena; O’NEILL, George. op. cit. p. 37.

²⁵⁶ O’NEILL, Nena; O’NEILL, George. op. cit. p. 223.

²⁵⁷ O’NEILL, Nena; O’NEILL, George. op. cit. p. 233.

²⁵⁸ FOX, Margalit. op. cit.

Independentemente de seu desejo, porém, o termo foi adotado nos anos 70 como sinônimo de relacionamentos que não exigiam fidelidade sexual. “Casamento aberto” foi resumido a uma flexibilização da monogamia, num modelo frequentemente imitado em certas premissas básicas: “nós somos modernos, então, se amanhã pintar alguém, vá lá, faça, divirta-se – e me conte”²⁵⁹.

Esta foi a adoção “desbundada” do conceito. Para aquela juventude que, de maneira mais ou menos ortodoxa, seguia as ideias contraculturais, os relacionamentos abertos seriam uma maneira de estabelecer na prática o princípio do uso experimental do corpo, ao mesmo tempo em que acreditavam se afastar dos modelos tradicionais de compromisso. Segundo Maria Lucia Dahl, que viveu um destes relacionamentos:

Havia entre nós um trato sagrado: ‘A gente é casado e nós somos a relação principal, mas, para a gente manter essa relação principal é preciso abrir, para não ser aquela coisa careta igual ao casamento dos nossos pais, porque aquilo é que acaba com o casamento’. Eu acreditava nisso²⁶⁰.

3.3.1 A manutenção do conservadorismo no casamento aberto

Com o passar das décadas, e avaliando os resultados de suas ações e relacionamentos, este grupo que era jovem nos anos 70 construiu uma visão bastante autoconfiante de si mesmo: “redefinimos os padrões de comportamento”; “a gente inaugurou um estilo de vida”²⁶¹. Acreditavam-se vanguarda, embora toda vanguarda – o termo assim o exige – o é de alguma retaguarda²⁶². Porém, não há indícios de que estivessem sendo seguidos por alguém. Eram vanguardas de si mesmos, como tantos outros que se viam libertários, revolucionários, renovadores.

Além disso, o modelo de casamento aberto, o “amor livre” adotado por parte dos grupos adeptos da contracultura e de movimentos libertários – como os *hippies* – possuía também um conjunto amplo de regras, senões e pressupostos que revelavam a presença de um pensamento conservador e tradicional sustentando a prática. Em primeiro lugar, havia a obrigação do “contar”: “Porque a gente, a cada vez que saía,

²⁵⁹ Depoimento de Júlio, que viveu uma experiência de casamento aberto nos anos 1970. DIAS, Lucy. op. cit. p. 258.

²⁶⁰ DIAS, Lucy. op. cit. p. 228.

²⁶¹ VENTURA, Zuenir. op. cit. pp. 29 e 30.

²⁶² Este discurso foi tomado como verdadeiro por determinados pesquisadores da sexualidade e gênero no Brasil. Cf. FACCHINI, Regina. Relatório Final do Projeto “Mulheres, sexualidades, diferenças e mudança social na cidade de São Paulo”. 2011. Relatório de pesquisa – Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, Unicamp, Campinas. (mimeo)

chegava em casa tinha que contar tudo. Era esse o trato²⁶³. Uma regra que gerava, por si só, desentendimentos por conta da desconfiança: afinal, comumente se achava que um não contava tudo o que fazia.

Ainda, sendo uma prática de contestação a uma sociedade que se acreditava problemática, tornava-se obrigação não somente aceitar, mas aderir:

Então existia essa ambiguidade no sentido de que, se aparece alguém interessante, eu tinha quase que a obrigação de transar e ele tinha a obrigação de suportar; e, quanto pintasse alguém interessante para ele, eu tinha a obrigação, etc. etc., com a obrigação final de contar, o que era pior ainda. E aí começavam as vingancinhas²⁶⁴.

A luta contra a repressão reprimia. Ser livre era obrigatório, e a liberdade era estritamente vigiada por uma determinada patrulha ideológica que condenava a manutenção de comportamentos vistos como velhos, quadrados, ultrapassados. “A gente tem que fingir que dá para os caras, mas a gente não tem que dar para os caras”, afirmava Heloísa Buarque de Hollanda²⁶⁵, em uma estratégia exatamente oposta àquela da mulher de César para fugir do patrulhamento. Era proibido proibir, estritamente: a recusa ao modelo burguês de casamento tornara-se um princípio ideológico. “A minha intenção é desmontar todos os casamentos da Libelu²⁶⁶”, afirmava uma estudante, em meados dos anos 70: “quero namorar todos os homens e desarranjar essa coisa burguesa desses casamentinhos²⁶⁷”.

Tratava-se, além do mais, de uma prática masculinista, e nisso havia muita semelhança com o *swing*: o modelo de sexualidade inspirador da prática era o masculino, ou seja, a prática sexual descompromissada, sem intimidade. O erotismo que seria próprio do homem – e aqui se aproxima muito fortemente daquele modelo defendido também por Playboy – era colocado como o padrão ideal, e cabia às mulheres se “liberar” para alcançá-lo. Não se pensava que pudessem existir novos modelos de sexualidade, ou que as mulheres desejassem um terceiro caminho erótico, qualquer que ele fosse (ou, mesmo, que os homens pudessem mudar). A elas se impunha uma adequação ao modelo masculino já existente. Assim, os homens pareciam não querer nada mais senão ter relações com outros homens, mas do sexo oposto – e não foram

²⁶³ DIAS, Lucy. op. cit. p. 227.

²⁶⁴ Apud DIAS, Lucy. op. cit. p. 241-2.

²⁶⁵ Apud DIAS, Lucy. op. cit. p. 90.

²⁶⁶ Libelu: acrônimo para “A Liberdade e Luta”, grupo participante do movimento estudantil nos anos 1970.

²⁶⁷ DIAS, Lucy. op. cit. p. 264.

poucas as mulheres que incorporaram este modelo. Afetos, posse, pudores, identificados como femininos, eram vistos como sinais de repressão e imaturidade.

Segundo pessoas que participaram destas experiências, a abertura dos relacionamentos “foi para eles transarem com todas as meninas. Mudar mesmo, eles não mudaram em nada”²⁶⁸. Muito comumente, os argumentos eram utilizados para simplesmente justificar uma traição: “quando ele me traiu com uma amiga íntima (...) ainda tive que ouvir: ‘Não, é isso mesmo, tem que ser assim, sem caretice, tá’”²⁶⁹.

O masculinismo da prática ficava claro, ainda, quando o ciúme que se negava às mulheres, aparecia nos homens; e quando a prática que seria significativa para eles, tornava-se apenas vulgar para elas.

Lá em Recife, na hora em que eu transei com um cara, que nem lembro o nome, pra dar aquela aliviada no coração, sabe? Para respirar... Nossa, ele ficou furioso! Porque ele podia. Porque ele estava tendo um relacionamento sincero e verdadeiro e eu estava simplesmente ‘dando’ para um qualquer no meio da praia. Desse tipo de coisa eu falava: ‘Se flagra, meu, dá um tempo’²⁷⁰.

Zuenir Ventura narrou em seu “1968: o ano que não terminou”, como o “primeiro casal ‘moderno’ do Olimpo carioca”, Maria Lucia Dahl e Gustavo Dahl, pregava o casamento aberto como uma solução contra a visão conservadora da sociedade, permitindo as relações extraconjugais, desde que confessadas. A teoria, praticada por algum tempo, foi encerrada com uma bofetada de Gustavo sobre Maria Lucia porque esta dançava, em uma festa, com um homem que o marido não aceitava. A separação do casal ocorreria logo depois²⁷¹.

O projeto libertário da contracultura radicava-se em uma oposição à cultura dominante, ao espírito do capitalismo²⁷². O fracasso de suas concepções sexuais alternativas é apenas parte do fracasso de seu projeto como um todo²⁷³, apesar de possuir contradições específicas. Desejavam um relacionamento sem amarras, sem “hipocrisias”, ao mesmo tempo em que buscavam companheirismo, fidelidade, apoio. Desejava-se o sexo livre e sofria-se com a infidelidade. O modelo de casamento sob o qual estes mesmos jovens foram criados, e que seus pais provavelmente seguiam, continuava influenciando em seus julgamentos e em suas aspirações. Como afirmou o

²⁶⁸ DIAS, Lucy. op. cit. p. 231.

²⁶⁹ DIAS, Lucy. op. cit. p. 260.

²⁷⁰ DIAS, Lucy. op. cit. p. 261.

²⁷¹ VENTURA, Zuenir. op. cit. p. 23.

²⁷² CAPELLARI, Marcos Alexandre. O discurso da contracultura no Brasil: o underground através de Luiz Carlos Maciel. São Paulo: USP, 2007. Tese de doutorado em História Social.

²⁷³ CAPELLARI, Marcos Alexandre. op. cit.

psicanalista José Ângelo Gaiarsa, era discurso de um lado, prática de outro: “era o mesmo ciúme, a mesma possessividade, o mesmo desejo, tudo. ‘Casar não, eu quero ter uma relação estável’. Com posse e ciúmes”²⁷⁴.

Não se pode esquecer, ainda, que os participantes dos movimentos contraculturais acreditavam que suas concepções sexuais libertárias haviam sido absorvidas pelo mercado. Khel relembra, não sem algum rancor, esta apropriação:

Nós não podíamos saber que nossa revolução sexual prefigurava a ideologia que prevaleceu a seguir, da cultura do narcisismo, do individualismo, do gozo vendido a preço de banana pela indústria do entretenimento. O mercado respondeu às nossas tentativas de mudar o mundo, vendeu nossos sonhos, transformou nossa resistência em mais uma mercadoria para mistificar os otários²⁷⁵.

A contracultura e o *swing* possuíam concepções diferentes de “liberdade”. Lutavam contra diferentes repressões, mas ao mesmo tempo adotaram práticas que se assemelhavam de forma profunda. Ambos eram libertários e conservadores, dentro de seus próprios referenciais. Maria Rita Khel mantinha neste desabafo escrito já no início do século XXI muito da autoimagem de revolucionários românticos *versus* otários. O tapa sofrido por Lucia Dahl significava não apenas uma alegoria para o fracasso de um modelo de relacionamentos abertos, mas também a recusa destes casais “avançados” em aceitarem que eram influenciados e quiçá desejassem certos aspectos dos caretas casamentos burgueses.

3.4 *Um sexo esvaziado de metáforas*

No fundo, o que não se admite é que a mulher transe com quantos homens quiser. E ganhe dinheiro com isso. Faça o que bem entenda com o corpo. Tão dona dele que pode até vendê-lo. Ser prostituta é revolucionário.

Gabriela Leite, presidente da Rede Nacional de Profissionais do Sexo²⁷⁶.

Um grupo norte-americano radical de esquerda denominado The Weatherman praticava a troca de parceiros, nos anos 60, como uma atitude política. Denominavam esta ação de “esmagar a monogamia”²⁷⁷. Os casamentos tradicionais, heterossexuais e

²⁷⁴ DIAS, Lucy. op. cit. p. 235.

²⁷⁵ KEHL, Maria Rita. As duas décadas dos anos 70. In: Anos 70: trajetórias. São Paulo: Iluminuras, 2005. p. 37.

²⁷⁶ BRUM, Eliane. “As prostitutas do século XXI”. *Época*, 13/12/2010. Disponível em <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI153194-15228-2,00-AS+PROSTITUTAS+DO+SECULO+XXI.html>. Acesso em 9/9/2014.

²⁷⁷ BLACK, Robert. Sexual revolution to political revolution.

monogâmicos, em que a exclusividade sexual com o cônjuge é uma de suas características mais destacadas, eram vistos como sinônimos de conservadorismo, manutenção do *status quo* e, de uma maneira geral, atraso em relação a uma vanguarda política ou social. Eram um dos mais importantes símbolos da burguesia. Negar a monogamia, incentivando a liberdade sexual seria, assim, uma forma de atacar o âmago de uma instituição absolutamente tradicional – a família – de uma maneira que a ofenderia profundamente. Além de incentivar que os membros de seu próprio grupo político questionassem a sociedade em que viviam em seus elementos mais fundamentais, “esmagar a monogamia” significava, também, ofender, pura e simplesmente. O choque da prática, com objetivo político, visava insultar o posicionamento conservador e, se fosse possível, estimular algum tipo de debate.

O uso do sexo enquanto instrumento de choque com fins políticos não é algo original dos anos 60 e 70. Durante a Revolução Francesa, panfletos pornográficos, dirigidos especialmente contra Maria Antonieta, eram produzidos em grande quantidade e distribuídos pelas ruas; o corpo sagrado da monarquia era, assim, vilipendiado pelas imagens pornográficas, bem como pelas histórias de conteúdo sexual em que os membros da nobreza eram descritos nas mais diferentes e aberrantes orgias sexuais²⁷⁸.



Figura 30 - Maria Antonieta e Marquês de La Fayette, século XVIII. NERET, Gilles. Erotica universallis. Colônia (Alemanha): Taschen, 2005. p. 347.

²⁷⁸ HUNT, Lynn (org.). A invenção da pornografia: obscenidades e as origens da modernidade, 1500-1800. São Paulo: Hedra, 1999.

O conceito de “pornografia” foi criado no século XIX para designar determinadas publicações de conteúdo sexual explícito e que, chegando às mãos de mulheres e de trabalhadores, poderiam ocasionar desagregação social²⁷⁹. E a Revolução Francesa e seus panfletos eram um exemplo de como o uso das representações sexuais explícitas poderiam estar ligadas à desintegração social.

Este pensamento oitocentista, que se mantinha ainda entre os membros do Weatherman, persiste ainda hoje. Em 2013, a baixista Laura Lush da banda punk *Get Shot!* masturbou-se, completamente nua, no gramado à frente da Igreja batista de Westboro – conhecida por sua prática ofensiva e preconceituosa contra diversos grupos sociais²⁸⁰. O “Coletivo Coiote”, do Rio de Janeiro, organizou uma performance dentro da “Marcha das Vadias”, no final de julho de 2013, no Rio de Janeiro: todos nus, mascarados, quebraram imagens sacras e as inseriram na genitália e ânus dos performers, em uma estratégia para criticar as instituições religiosas²⁸¹. Seu objetivo era ofender e chocar, como uma versão *X-rated* do mostrar a língua. Este mesmo grupo, em 2014, realizou um ato na Universidade Federal Fluminense, em que a vagina de uma das performers foi costurada, como protesto contra o estupro e a exploração do corpo feminino²⁸². O cartunista Carlos Henrique Latuff, para quem “a função do artista é violentar”²⁸³, faz uma associação explícita entre sexualidade e política, nesta imagem produzida em 2011.

²⁷⁹ KENDRICK, Walter. op. cit.

²⁸⁰ ZIMMERMAN, Neetzan. “Punk Band Shoots Porn Film on Front Lawn of Westboro Baptist Church”. Gawker, 10/3/2013. Disponível em <http://gawker.com/punk-band-shoots-porn-film-on-front-lawn-of-westboro-ba-1440680143>. Acesso em 9/9/2014.

²⁸¹ “Manifestantes quebram imagens sacras na Praia de Copacabana”. GazetaWeb. 27/3/2013. Disponível em <http://gazetaweb.globo.com/noticia.php?c=346098&e=17>. Acesso em 9/9/2014.

²⁸² “Rio: performance contra estupro na UFF cria polêmica”. Diário do Grande ABC. 3/6/2014. Disponível em <http://www.dgabc.com.br/Noticia/533271/rio-performance-contra-estupro-na-uff-cria-polemica?referencia=minuto-a-minuto-topo>. Acesso em 9/9/2014.

²⁸³ A frase é de Glauber Rocha e encontra-se no blog particular do cartunista. Disponível em <http://latuffcartoons.wordpress.com/>. Acesso em 9/9/2014.



Figura 31 – “Libertas quae sera tamen”. Disponível em <http://latuffcartoons.wordpress.com/>

A utilização do sexo e da pornografia como ferramentas de cunho político, não apenas não surgiu nem se limitou ao contexto em que se desenvolveram as ações do grupo Weatherman nos anos 60, como ainda hoje é utilizado, e de maneira relativamente comum. Na verdade, tanto o grupo Weatherman, quanto Plínio Correia de Oliveira; tanto os revolucionários franceses do século XVIII, quanto a própria Maria Antonieta; tanto os performers do Coletivo Coiote, quanto os censores do DCDP concordariam com algo fundamental: retirado de seu contexto privado da conjugalidade e da família, o sexo choca e ofende.

Não apenas estes grupos e pessoas pressupõem que o sexo é a metáfora de algo, como coincidem no significado desta metáfora: o ato sexual é instrumento perigoso em si, e quando deslocado de suas funções e seus limites socialmente estabelecidos, tem o poder de modificar a sociedade. É uma força natural, que pode ser reprimida ou liberada, para o bem, ou para o mal – conforme a ideologia do intérprete. Para os censores que atuavam no Brasil da década de 1970, para a Igreja católica, para os militares no poder, ou para os psicanalistas, essa mudança significaria desestruturação, degeneração, perigo na formação da infância e da juventude, doença. Para a vanguarda brasileira do período que adotava o casamento aberto, para John Williamson, fundador de Sandstone, para Reich, para o movimento *hippie*, significaria liberação, combate a forças repressivas, possibilidade do surgimento de uma nova sociedade.

A defesa e a prática do sexo não sancionado, não convencionalmente estabelecido, tornaram-se muito comumente associadas a grupos radicais. Atos de luta, protesto, rebeldia. Desejo de mudanças sociais, especialmente orientadas contra grupos

considerados conservadores, portanto reprimidos, portanto avessos ao erotismo: “só o cu nos salva”²⁸⁴.

Quando surge o *swing*.

Casal, 33/28 anos, formação universitária, ótima aparência, alegres, liberais, educados, maduros, discretos, alto nível sócio-cultural, família tradicional, eternos amantes, preocupados com a possível monotonia e infidelidade no futuro, deseja corresponder-se com casais entre 25/40 anos, sinceros, residentes em São Paulo ou nas proximidades, para amizade, troca de vivências e quem sabe... Só responderemos àqueles que se enquadrarem conosco. Cartas com fotos para R. e M. Caixa Postal 12.600, CEP 01000, São Paulo, SP²⁸⁵.

Casais de classe média alta, estabelecidos financeiramente, vivendo um relacionamento duradouro e que “não tolerariam a hipótese de um simples e inocente adultério”²⁸⁶. Ao contrário do que o diferencial de seu comportamento poderia fazer supor, os praticantes da troca de casais não eram um grupo que a sociedade da época considerava, como se dizia, “avançado”: jovens, estudantes ou artistas. Estes casais se diziam, na verdade, defensores da instituição familiar estabelecida, sendo o *swing* sua maneira própria de auxiliar a preservação desta instituição ao combater a monotonia do casamento e, de quebra, prevenindo a traição. Utilizavam-se das representações de gênero para defender uma igualdade de direitos entre homens e mulheres, afirmando que a sua prática reforçava os laços entre os cônjuges, fortalecendo a família.

Sob um verniz modernizador surge um discurso conservador para a prática. Nas palavras de um casal de São Bernardo do Campo, “a realidade (...) é o casamento, os filhos, o emprego e a comunhão de bens. E a fantasia é tudo o que puder ser acrescentado a esse universo, desde que não ameace a sua estrutura e, se possível, até a reforce”²⁸⁷.

Ao constatar o perfil conservador dos praticantes do *swing* no Brasil, uma reportagem da Playboy, em 1980, exclamava: “Surpresos? Nós ficamos”²⁸⁸.

Afinal, os discursos relacionados ao amor livre, ao casamento aberto, à liberdade sexual estavam, no período, intimamente ligados à contracultura, ao desbunde, à contestação da sociedade. Eram temas discutidos n’O Pasquim, e não n’O Estado de S.

²⁸⁴ SIERRA, Jamil Cabral. Tatuagem: só o cu nos salva. 27/11/2013. Blog ‘Blogueiras feministas’. Disponível em <http://blogueirasfeministas.com/2013/11/tatuagem-so-o-cu-nos-salva/>. Acesso em 9/9/2014.

²⁸⁵ Ele ela, Maio de 1979, p. 15.

²⁸⁶ Playboy, julho de 1980, p. 52.

²⁸⁷ Playboy, julho de 1980, p. 128

²⁸⁸ Playboy, julho de 1980, p. 52.

Paulo. No caso do *swing*, os ideais sexuais teorizados por grupos de “vanguarda” estavam, em alguns de seus elementos mais fundamentais, sendo praticados por contadores, advogados, donas de casa, enfermeiras, professores – pessoas que, em nenhum momento, encaixavam-se nos modelos de desbunde ou contracultura. Pareciam uma contradição em termos: aliavam discursos de reforço familiar aos de liberdade sexual, aderindo a uma “sofisticadíssima forma de defesa da tradição, família e propriedade”²⁸⁹, em que o importante era o prazer sexual.

Em um modelo de interpretação social difundido no período, haveria de um lado o desejo de liberdade sexual que se relacionava a uma modificação da sociedade; e, de outro, a sexualidade tradicional, monogâmica e burguesa, que participava do *status quo*. Era assim, por exemplo, que Maria Rita Khel interpretava as duas décadas dos anos 70: uma reformadora, da qual ela participara; e uma conservadora, contra a qual se insurgira²⁹⁰.

Ao tomar elementos de ambas, os praticantes do *swing* não chegam a construir uma terceira década, mas revelam que a contraposição entre contracultura e conservadorismo, ou entre Marcha da Família com Deus pela Liberdade e a Passeata dos Cem mil, seria uma simplificação que não corresponderia ao modelo social. Para quem passou a adotar a prática da troca de casais, o motor primeiro de suas ações era o prazer erótico, a satisfação sexual, que seria justificada pelo reforço que traria ao casamento, e o aumento do companheirismo entre os cônjuges. Uniam, em sua síntese erótica, ideias que se pensavam excludentes, antagônicas.

O movimento *swing* não é conhecido pela profundidade teórica que sustenta a sua prática, e há algo de bastante significativo nisso. Não que as referências à manutenção da família, ou ao aumento da proximidade entre os cônjuges sejam discursos vazios: têm, na verdade, sua importância, pois participam do processo de reconstrução de subjetividades, condição necessária ao confronto com os papéis sociais estabelecidos de “marido” e “esposa”. Ao mesmo tempo, um casal do interior de São Paulo, em 1980, poderia buscar “contato com outros casais” argumentando simplesmente que desejava “matar certas ânsias”²⁹¹.

²⁸⁹ “A verdade sobre o swinging no Brasil”. Playboy, Julho de 1980, p. 128.

²⁹⁰ KEHL, Maria Rita. op. cit.

²⁹¹ Ele Ela, n. 133, Abril de 1980, p. 18.

A recorrente objetividade dos anúncios, e mesmo sua frequente crueza, explicita a fragilidade do discurso *swinger*.

Casal de 27/20 anos gostaria de corresponder-se com outros casais para a prática do *swing*, ou com moças para sexo a três. Foto na primeira carta. S.B., Caixa Postal 518, São José dos Campos – SP²⁹².

Não há, aqui, referências a um desejo de mudar o mundo, pois o ato sexual, como compreendido pelo movimento *swing*, é quase totalmente desprovido de metáforas. As justificativas discursivas que ofereciam aos outros e a si mesmos, repito, tinham o seu papel, mas não há indicativos de que o sexo que buscavam visasse destruir ou modificar a sociedade; que um possível papel político fosse mais importante que o gozo erótico; que desejasse comunicar algo a alguém – senão apenas, e fundamentalmente, gerar prazer a todos os envolvidos.

Neste sentido, trata-se de uma prática associada às mudanças sexuais da década de 1970. O sexo lúdico que professam está dissociado de sentimentos: “Eu posso conversar com as pessoas. Eu posso dançar com outras pessoas, e com todas essas coisas, então por que eu não posso fazer sexo com elas?”²⁹³. Um sexo sem metáforas, sem compromissos, voltado apenas ao prazer sensual, e que vem inclusive se difundindo ainda hoje no Ocidente.

A ascensão do *swing* coincide, neste sentido, com a derrota da politização do sexo: esvaziam-se, porque fracassam, as ações políticas que viam no sexo um instrumento de mudança, projeto tanto de libertários quanto de conservadores e próprias da chamada revolução sexual. Com o individualismo das relações, e o sexo como elemento importante nos relacionamentos, o prazer individual torna-se preponderante. Neste novo contexto que se estabelecia, instrumentos específicos de consumo – as revistas masculinas – solidificavam-se como ferramentas de destaque na construção destas sexualidades individualistas.

A separação entre monogamia social e sexual, característica de prática *swing*, questiona as concepções de que o sexo não convencional promove alguma mudança social. A ação dos praticantes da troca de casais – basicamente um grupo conservador, formado pelas elites médias urbanas, nos anos 1970 – ofendia as convenções tradicionais de casamento tanto quanto as concepções do Weathermen ou os adeptos do

²⁹² Ele Ela, n. 133, Abril de 1980, p. 18.

²⁹³ BUTLER, Edgar W. Traditional Marriages and Emerging Alternatives. Estados Unidos: Harper & Row, 1979.

casamento aberto e do amor livre *hippie*. Ou ainda mais, pois, como afirmou um leitor de *Veja*, a troca de casais era pior porque prostituía a instituição do casamento. Ser livre sexualmente não era, portanto, monopólio de grupos revolucionários, reformadores, ou de esquerda.

Na verdade, a sexualidade desviante, em suas mais variadas formas, tem sido historicamente pintada com diferentes cores políticas e visões de mundo. Poderia ser defendida a partir de princípios cristãos, como ocorreu com a comunidade de Oneida, na segunda metade do século XIX, no estado de Nova Iorque, Estados Unidos; criada pelo pastor John Humphrey Noyes, chegou a ter 306 membros, defendia o amor livre, desde que consensual, e as mulheres mais experientes eram incentivadas a ensinar o sexo para os homens jovens²⁹⁴. Poderia se crer contrária a determinada visão política: Maria Marcus narra como seria possível a igualdade de gêneros sendo que a maioria das feministas que conhecia era masoquista; dúvida que foi solucionada com a conclusão pessoal de que a luta política por igualdade de gêneros não tinha qualquer relação com os prazeres eróticos que desejava desfrutar²⁹⁵. Poderia ser pensada, ao contrário, como consequência política: “feminismo é a teoria, lesbianismo é a prática” foi um mote defendido e praticado por algumas feministas revolucionárias de segunda onda. Ou, ainda, argumentar que a prostituição, tão fundamentalmente associada aos conceitos tradicionais de gênero (como a imagem em negativo do que deveria ser uma mulher), bem como com as ideias de mercado, poderia ser revolucionária. Os exemplos, historicamente múltiplos, demonstram que visões de mundo, inclusive as políticas e religiosas – mesmo radicais, sejam de direita ou esquerda – não conduzem, como consequências necessárias, a específicos comportamentos sexuais; levam, quando muito, a certas opções que serão discursivamente justificadas²⁹⁶.

²⁹⁴ O maior sucesso da experiência parece ter sido, porém, empresarial. A comunidade criou e desenvolveu uma série de empresas, sendo que a Oneida Limited, fabricante de talheres, ainda hoje é a maior do gênero nos Estados Unidos. WEEKS, Jeffrey. *Sexuality and its...* op. cit. Ver também TALESE, Gay. op. cit.

²⁹⁵ Maria Marcus é uma feminista dinamarquesa que procurou conciliar seu desejo erótico masoquista com sua luta política. Suas ideias serão tratadas com maiores detalhes no capítulo 8.

²⁹⁶ A própria concepção cristã de desconfiança em relação ao corpo não parece ter sido uma conclusão necessária das palavras atribuídas a Jesus, nem mesmo do estudo dos textos do Evangelho hoje canônico. Estes textos, ainda hoje referenciados como autoridades para a posição do cristianismo sobre o sexo, foram utilizados para construir, desde o início do cristianismo, conclusões bastante diferentes sobre desejo, corporalidade, pecado. Para os nicolaítas do século II, por exemplo, o ato sexual era considerado uma comunhão, e o adultério não deveria ser condenado. Para epífanos e os carpócratas, “com o objetivo da permanência da raça, ele [Deus] implantou nos homens um desejo forte e ardente que nem lei, nem costume, nem outra restrição é capaz de destruir. Pois é decreto de Deus” (CLEMENTE. Sobre o

A prática da troca de casais parece demonstrar, ainda, o equívoco em se pressupor que a liberação sexual é acompanhada de algum outro tipo de mudança. Não parece ocorrer nem reformulação social, nem sua degeneração. Não parece promover qualquer aumento da consciência, tampouco se animalizam seus praticantes. Os casamentinhos burgueses permanecem e o cu não salva ninguém. Pode-se questionar, obviamente, se o “sexo livre” dos *swingers* era, efetivamente, livre. Ora, não, não era, e basta lembrar a quantidade de regras que eram estabelecidas para que tudo pudesse funcionar como o planejado. Porém, nenhum sexo o é. Sempre haverá pressupostos, interdições, direitos e deveres, que envolvem o ato sexual – em todas as sociedades, em todos os períodos históricos e, inclusive, em todos os movimentos políticos. Já se discutiu como o movimento do casamento aberto dos anos 60 e 70 reproduzia, em seus relacionamentos, várias características do modelo tradicional de sexualidade, como a masculinização dos desejos ou a presença do ciúme e da posse, além da “patrulha ideológica” lançar olhares desconfiados a quem não fosse liberado. Ao final, com exceção das leituras que permaneciam na cabeceira da cama – “A revolução sexual” de Reich para um, e “Playboy” de Hefner para outro –, não havia fundamentais diferenças entre as práticas eróticas dos contraculturais e dos *swingers*.

Além disso, e mesmo raciocinando utopicamente, o que seria um sexo “livre”, em sua máxima expressão? No limite o sexo só seria realmente “livre” se fosse desvinculado de qualquer outra relação social, como se estivesse totalmente fora da cultura e liberto de seu contexto histórico. Só assim poderia ser totalmente livre, e pode-se constatar que se trata de uma impossibilidade prática. O sexo não reprimido da psicanálise – de onde se origina a ideia de “liberdade sexual” – é muito semelhante àquele do homem natural de Rousseau: pessoas, em seu estado natural, encontrando-se casualmente nas florestas, tendo relações, e partindo cada qual para seu lado. E o desejo erótico seria uma força biologicamente preexistente e que poderia ser satisfeita a

casamento (Stromateis, III) In. CHADWICK, Henry; OULTON, J. Alexandrian christianity: selected translations of Clement and Origen. Louisville (USA): Westminster John Knox Press, 2006. p. 42.). Para estes grupos, a propriedade privada seria uma invenção humana e não sancionada pelo divino; assim, o uso comunal deveria ser estendido também à prática das relações sexuais. Menos radical, mas ainda impactante, são as ideias do monge romano Joviniano, do século IV, para quem o céu seria dado a todos os cristãos, independentemente de seu mérito ascético. Para ele, os jejuns, a negação física ou o celibato, não teriam qualquer importância para a salvação, e nada mais seriam senão um “novo dogma contra a natureza” criado pelo cristianismo de seu tempo. Suas ideias foram rebatidas por Jerônimo (em seu conhecido “Contra Joviniano”, onde famosamente afirmou que o casamento era um “mal menor”) e Agostinho, dentre outros (HUNTER, David G. Marriage, celibacy, and heresy in ancient christianity. Oxford (Inglaterra): Oxford University Press, 2007).

qualquer momento, em qualquer lugar, com qualquer pessoa, de qualquer forma – e sem culpa. Este sexo natural e livre, porém, não existe: fruto da cultura e da história, todo ato sexual sempre estará preso a algo, e sempre será reprimido por regras. Todo sexo é contextual.

III. Swing e pensamento conservador

4. A sexualidade normativa e os discursos contra o swing

O leitor nordestino, com moral semelhante à mineira, não aplaude, mas compreende a situação a que foram levados os autores dos recentes crimes passionais. Os paulistas e cariocas, com seus casais de classe média envolvidos em clubes de swing e os de classe alta em bacanais sofisticadas, escandalizam-se com os crimes de honra, pois não a conhecem.

C. Alberto de Souza – Natal, RN²⁹⁷.

A opinião deste leitor, publicada na revista *Veja* de 20 de agosto de 1980, repercutia recentes reportagens sobre os chamados “crimes de honra”: maridos que assassinavam esposas tidas por adúlteras. Ações violentas que não raro encontravam apoio na opinião pública, além de suporte no próprio aparato judiciário, que aceitava a argumentação de “legítima defesa da honra motivada por violenta emoção”: uma ficção da jurisprudência que liberava maridos como Doca Street, assassino confesso de sua esposa Ângela Diniz em 1976, absolvido em primeiro julgamento.

Por que, para pessoas como Alberto de Souza, o sexo estava de tal forma intimamente ligado à honra, que sua ofensa justificaria um assassinato? Por que os casais envolvidos com o *swing* não conheceriam honra? E, finalmente, por qual razão o leitor julgou necessário expressar sua opinião, escrevendo, envelopando, selando e remetendo a carta à redação da revista?

A resposta mais simples a estas questões é que, para Alberto de Souza, o sexo era algo muito importante. De tal forma fundamental na avaliação do caráter das pessoas, e provavelmente também da estrutura social, que o desrespeito às suas normas (quaisquer que fossem as corretas, segundo sua concepção) justificariam o desprezo, a desvalorização da vida, a atitude de violência – que, como faz questão de frisar, não eram para ele qualquer escândalo. *Reductio ad absurdum*, o comportamento sexual adequado era mais importante que a existência humana.

Infelizmente, não há outras cartas de Alberto de Souza, e não se pode saber, particularmente, o que ele concebia como honra ou o que considerava um comportamento sexual adequado. Pode-se, porém, compreender que seu raciocínio ligava-se à forma pela qual o pensamento conservador do Brasil dos anos 1960 e 70 entendia a relação entre honra e sexualidade; e, mais do que isso, constatar que não seriam poucos os “Alberto de Souza” no país.

²⁹⁷ *Veja*, 20 de agosto de 1980. p. 8.

Um ato totalmente privado, que não poderia ser discutido em público ou com os filhos, secretamente realizado no quarto do casal. Sempre conjugal – e de preferência, muita preferência, de um “casal casado”, isto é, tendo tido sua cerimônia na Igreja. Obviamente, heterossexual. A busca pelo prazer era permitida, desde que dentro de certos limites do que seria considerado não apenas respeitoso em relação ao cônjuge, mas também saudável, não aberrante, não perverso. A constituição da família, isto é, a geração de filhos, ainda era objetivo principal: casamento garantia direito à realização de atos sexuais; atos sexuais construía famílias; famílias eram muito importantes por serem as “células da sociedade”.

Em síntese, era esse o contexto “normal” que se esperava da prática sexual.

Cartas de apoio à censura, adoção incontestada dos conteúdos dos manuais de Educação moral e cívica, grandes vendas dos livros de João Mohana – padre e médico, autor de livros de educação sexual para adultos –, coluna semanal da TFP na Folha de S. Paulo, promulgação da lei de censura sob o pretexto de combate à obscenidade e, é claro, a absolvição de assassinos de esposas, são alguns dos infundáveis exemplos possíveis que comprovam a influência de um pensamento conservador, a respeito da família e da sexualidade, no Brasil que vivia sob o regime militar.

E, em sendo tão fundamental, a sexualidade deveria ser devidamente regulada, sob o risco de desagregação social. Alberto de Souza certamente não aplaudia a morte, em 1980, de Eloísa Ballesteros; mas ele compreendia que um bem maior estava sendo preservado pelos tiros desferidos por Marcio Stancioli: sua honra sexual de marido, portanto da família, portanto da sociedade.

Coincidentemente, pode-se comparar a opinião de Alberto de Souza com a de um casal de desonrados praticantes de *swing*, também sobre os crimes de honra:

O brasileiro é muito possessivo e ciumento, por isso os casamentos aqui sempre fracassam. Veja o exemplo da Pantera de Búzios. Se o Doca Street tivesse respeitado os seus desejos e deixasse que ela se relacionasse com outras mulheres, como queria, seu fim não seria tão trágico²⁹⁸.

A opinião é de Franco e Manuela – nomes fictícios, provavelmente –, um casal praticante de *swing* entrevistado pela revista *Veja*, em 1977. Certos elementos dos discursos destes casais coincidiam com aqueles conservadores, como a valorização da família (se o brasileiro não fosse ciumento, os casamentos não fracassariam) ou o machismo presente nesta relação (era o Doca quem deveria deixar sua esposa se

²⁹⁸ *Veja*, 16 de novembro de 1977. p. 54.

relacionar com outras mulheres). Aqui, porém, pretende-se destacar o quanto a sua prática ofendia diretamente a concepção conservadora de atos sexuais considerados adequados. Se Doca e Ângela seguissem a filosofia *swing* e deixassem de adotar comportamentos ditos tradicionais de “maridos” e “esposas”, seu casamento não teria tido um fim trágico; e, pode-se supor (afinal, Franco e Manuela eram adeptos da troca de casais), seriam ainda mais felizes. Não há menção à honra. Há referência à liberdade sexual em função da felicidade do casal.

Para Franco e Manuela, o “marido”, como o concebem, não deveria se sentir desonrado por ceder o monopólio do corpo de sua esposa, permitindo que ela tivesse relações sexuais com outras pessoas; a “esposa” poderia expressar sua sexualidade com outras que não o marido, permitindo que ele fizesse o mesmo.

O contraste entre as opiniões de Alberto de Souza, e de Franco e Manuela, são reveladores. Para estes últimos, certos elementos dos papéis tradicionais de “marido” e “esposa” são modificados. Deixa de existir a posse do corpo do cônjuge, e flexibiliza-se a relação existente entre sexualidade e honra. A monogamia social estabelecida pelo casamento deixa de estar necessariamente ligada à monogamia sexual. Esta era a teoria defendida não apenas por este, mas por tantos outros casais praticantes do *swing* no Brasil. Enfatize-se *teoria*, porque a prática, como se viu, não era apenas mais complexa, mas repleta de regras e senões. Ainda assim, esta simples proposição era suficiente para ofender profundamente Alberto de Souza e todos aqueles que concebiam a sexualidade sob um modelo tradicional.

Mais do que ofender, talvez: ameaçar. Afinal, a concepção tradicional da relação existente entre honra, sexualidade e família se acreditava sob ataque nos anos 1970. Para um número nada desprezível de pessoas, a revolução sexual percebida entrava em confronto com valores como virgindade e monogamia, e produzia uma erotização da sociedade: o corpo, desnudo e exposto, aparecia nas várias mídias sendo objeto de consumo em si ou como ferramentas publicitárias. Cartas, enviadas durante os anos 1970 e 80 ao DCDP – Departamento de Censura e Diversões Públicas –, explicitavam o receio do pensamento conservador diante do que consideravam uma ameaça.

- Sempre Livre da Johnson e Johnson: Há necessidade de se tornar tão pública certas preocupações da higiene feminina? Considerando que sendo a mulher o elo principal na união da família, anúncios dessa espécie só tendem a

ridicularizá-la e torná-la alvo de comentários pouco condizentes com sua posição de esposa e mãe²⁹⁹.

▪ Não sou puritana, pois conheço a vida como ela é. Mas daí a concordar com filmes que deturpam a mente de jovens inexperientes, de jovens que amanhã deveriam ser mães de família, e que vendo filmes como esse só poderão ser prostitutas como é o caso da ‘Dama do Lotação’³⁰⁰.

▪ Como brasileiro e como pai de família e avô de adolescentes na fase mais perigosa da existência, venho protestar, perante V. Excia. contra essa pregação de jornalistas dissolutos que (...) abusam da liberdade de que aqui desfrutam³⁰¹.

Estas cartas possuem, em comum, o receio de que a sexualização da sociedade destruísse a família e, com isso, a sociedade. Se for possível construir uma fórmula básica, o sexo não tradicional (ou seja, todo aquele não confinado ao quarto de um casal realmente casado) era o oposto da família, e a ameaçava. Seu descontrole teria o poder de afetar, e mesmo destruir, toda a sociedade.

Esta era uma concepção reforçada pelo conservadorismo dos militares que chegaram ao poder em 1964, acentuado por declarações dos generais à imprensa que, por exemplo, associavam a liberdade sexual ao comunismo; ou presente de forma constante e ensinada nas escolas por meio dos manuais de Educação Moral e Cívica. A família deveria ser protegida a qualquer custo, de uma de suas principais ameaças, o sexo.

De nosso privilégio temporal, pode-se olhar para o passado e julgar os receios em relação à propaganda de absorventes femininos, ou a relação entre liberdade sexual e comunismo, como risíveis e tolas. O ‘Dama do Lotação’, saberemos nós?, não cria prostitutas. Sem dúvida há algo de conservador, e mesmo reacionário, em tais afirmações, mas não há nada de tolo nelas. Os papéis sociais de homens e mulheres, a função do casamento e, fundamentalmente, o papel do sexo e da família, eram temas considerados muito importantes, relacionados a toda organização da sociedade. Há algo de sagrado nesta organização social que, afinal, “sempre foi assim”. Se considerarmos verdadeiras as conclusões de Durkheim sobre o suicídio³⁰² – os mais vulneráveis a tirarem a própria vida serão aqueles mais desligados de relações sociais profundas –, a participação de uma pessoa em uma realidade sociocultural com a qual ela se

²⁹⁹ Cartas enviadas à censura 3, p. 31. Grupo de estudos sobre a ditadura. Disponível em http://www.gedm.ifcs.ufrj.br/documentos_lista.php?page=2&ncat=24. Acesso em 9/9/2014.

³⁰⁰ Cartas enviadas à censura 4, p. 1. Grupo de estudos sobre a ditadura. Disponível em http://www.gedm.ifcs.ufrj.br/documentos_lista.php?page=2&ncat=24. Acesso em 9/9/2014.

³⁰¹ Cartas enviadas à censura 5, p. 1. Grupo de estudos sobre a ditadura. Disponível em http://www.gedm.ifcs.ufrj.br/documentos_lista.php?page=2&ncat=24. Acesso em 9/9/2014.

³⁰² DURKHEIM, Émile. O Suicídio, Estudo Sociológico. São Paulo: Editorial Presença, 2001.

identifique e veja como “sua” é realmente muito importante e, no limite, questão de sobrevivência. Se “a classificação das coisas reproduz a classificação dos homens”³⁰³, como ficarão as coisas, o todo, se alguns dos pilares que se crê sustentarem a sociedade forem atacados? Se maridos e esposas não mais o forem?

E, com isso, pode-se retornar àquelas questões iniciais deste texto, inicialmente lançadas sobre a carta de Alberto de Souza, mas que agora podem ser generalizadas: por que o sexo estava de tal forma intimamente ligado à honra, para que sua ofensa justificasse um assassinato?

Porque, em sendo algo muito importante, o sexo tanto criava famílias, gerando os filhos a serem devidamente criados pelo papai e mamãe, quanto poderia destruí-las, pela sexualidade livre, pela luxúria, pela perda da virgindade das mulheres. Desde o século XIX, quando a instituição dos novos papéis sociais retirou do homem a posse de terras e de escravos como sinônimos de sua honra, esta passou a ser ainda mais associada à posse da mulher e à respeitabilidade sexual³⁰⁴.

Durante os dois mil últimos anos da história ocidental foi concedido, não ao sexo, mas especificamente ao desejo sexual, uma tal força e poder que o erotismo descontrolado poderia levar as pessoas ao inferno, transformá-las em neuróticas, levar homens à homossexualidade, destruir a saúde de toda uma juventude ou, como se acreditava ter ocorrido com Roma, destruir civilizações. Sob uma multiplicidade de nomes – eros, luxúria, tentação, libido, amor físico, instinto sexual – o desejo erótico, especialmente a partir do cristianismo, foi concebido no ocidente como um demônio interno (real ou metafórico) que deveria ser mantido, a praticamente qualquer custo, enjaulado, confinado a espaços e situações devidamente regrados, sob o risco de corromper pessoas, famílias, cidades, países. As tentações de Santo Antão poderão ser as pulsões de Freud pois, para ambos, render-se a elas significaria a aproximação com a morte e a destruição.

Compreender Alberto de Souza não é possível senão via história: construiu-se uma formidável importância ao sexo, definidor de subjetividades, devido à força que o desejo sexual passou a se acreditar ter. Um pressuposto construído pelo cristianismo que será adotado com poucos questionamentos pela ciência, a partir do século XVIII, como

³⁰³ DURKHEIM, Émile e MAUSS, Marcel. Algumas formas primitivas de classificação – contribuição para o estudo das representações coletivas. In: MAUSS, Marcel. Ensaios de Sociologia. São Paulo: Perspectiva, 1981. p. 181.

³⁰⁴ COSTA, Jurandir Freire. Ordem médica e norma familiar. Rio de Janeiro: Graal, 2004. p. 252.

uma verdade biológica. Transmutado em instinto, o desejo sexual deveria ser estudado, catalogado e confinado para um adequado funcionamento da sociedade.

Mas este desejo não seria apenas força, mas também valor. Observe-se, a seguir, a singela e não muito engraçada charge publicada na revista *Ele Ela*, em 1978.



Figura 32 - Revista *Ele Ela* n. 105, Janeiro de 1978, p. 24.

O humor que procura produzir é bastante simples de ser interpretado: ao filho do diabo não são lidas histórias infantis na hora de dormir, mas um livro sobre sexo. Afinal, sexo é coisa do demônio.

A charge não procura discutir qualquer ideia teológica, questionar o papel da sexualidade na sociedade ou debater as relações entre sexualidade e religião. Seu efeito irônico é possível de ser atingido porque divide com os leitores determinadas concepções sobre o ato e o desejo sexuais, bem como seu estatuto moral na sociedade – concepções que estão internalizadas e que permitem uma leitura rápida e próxima ao automático: observa-se a charge, ri-se da situação apresentada, vira-se a página.

A ironia, porém, só pode ser identificada se os leitores e o desenhista compartilharem uma noção básica em relação ao sexo: de que está ligado intrinsecamente ao mal. As crianças são tidas por inocentes porque não conhecem nada sobre o sexo, e sexo é culpa. Sexo é sim uma força, mas, além disso, destruidora – uma concepção oposta à dos gregos, por exemplo, para quem o desejo sexual poderia conceder acesso a valores intelectuais e espirituais³⁰⁵.

³⁰⁵ CLARK, Anna. *Desire: a history of european sexuality*. Nova Iorque (Estados Unidos): Routledge, 2008. p. 187.

Trata-se mais de uma associação afetiva do que intelectual: aprende-se, desde a infância, a associar a não-sexualidade a valores positivos, como honra. Virgindade é identificada com pureza. E a sexualidade, especialmente feminina (mas não apenas), como desonrosa, vil, vergonhosa, associada à poluição e à sujeira. É por isso que ninguém contesta que se podem jogar pedras na maldita Geni – afinal, é uma transexual que “dá para qualquer um”.

Os discursos que condenam o *swing* partem de uma ideia estabelecida sobre quais seriam os contextos adequados à prática sexual, bem como a construção histórica de um modelo que se considerava imutável. “Maridos” e “Esposas” eram identidades bem definidas, seus papéis sociais claramente estabelecidos e, particularmente dentro do período do regime militar, defendidos e propagandeados pelo governo. Ao ofender os contextos considerados adequados para a prática do ato sexual, o *swing* ofendia a normalidade sexual socialmente sancionada, e ameaçava liberar o sexo de suas restrições tradicionais; e é contra esta ofensa que os discursos contrários à prática se posicionavam, sustentados inclusive – e, talvez, especialmente – pelos argumentos de especialistas em sexualidade.

Porém, e ao mesmo tempo, não se pode esquecer que estes discursos serão fundamentais para a própria prática do *swing*. Não apenas porque, como se viu, acreditavam-se conservadores e defensores do modelo familiar, mas porque deverão se posicionar – na busca pela justificativa e legitimidade de seus atos – contra determinadas características deste modelo tradicional de sexualidade.

Na justificativa do Decreto Lei 1077 de 1970, que instituiu a censura prévia, o governo do regime militar salientava sua intenção de proibir as publicações que defendiam o amor livre. Pois o amor não podia ser “livre”: libertar o sexo de seu confinamento no casamento, mantido sob os cuidados carcerários do “marido” e da “esposa” ideais, significava ameaçar as famílias, e com elas toda a sociedade.

Escrever, envelopar, selar e remeter uma carta seria o mínimo que Alberto de Souza poderia fazer para defender valores tão fundamentais.

4.1 *Discurso conservador e swing*

Historicamente no Ocidente, amor e desejo erótico sempre foram vistos como entidades separadas. Se para o apóstolo Paulo o casamento era o remédio contra a

luxúria, será nos textos do amor cortês do século XII que se construirá uma oposição entre o amor-sentimento, que deveria existir no casamento, e o amor-paixão, relacionado à questão carnal, fora dele³⁰⁶. Sendo o contrato matrimonial um negócio, as decisões para a escolha do cônjuge deveriam ser regidas pela razão, e um sentimento como a paixão, tido como instável, efêmero, e irracional, deveria estar excluído da estabilidade e durabilidade desejadas para um casamento.

Será com o desenvolvimento do amor romântico que se buscará aliar amor e paixão, casamento e erotismo, idealizando-se o ato sexual como se fosse o objetivo final de uma história, de uma conquista, de uma entrega entre duas pessoas apaixonadas. “As cortinas cerraram-se, e as auras da noite, acariciando o seio das flores, cantavam o hino misterioso do santo amor conjugal”³⁰⁷: assim termina “Senhora”, escrito em 1875 por José de Alencar, celebrando a vitória do verdadeiro amor de Fernando e Aurélia sobre o dinheiro, as intrigas, as desconfianças. Viveriam felizes para sempre, até que a morte os separasse: dentro desta mitologia moderna³⁰⁸, amor e desejo sexual apareciam unidos, idealizados e supervalorizados, sendo o “santo amor conjugal” o ápice do encontro de duas almas gêmeas³⁰⁹. “Fazer amor” convertia-se em sinônimo de ato sexual.

A sexualidade tornava-se então legítima e natural apenas quando vinculada ao sentimento amoroso, e dirigida a um único e exclusivo objeto de desejo, preferencialmente na conjugalidade. Tal modelo fará parte integrante da estrutura da família agora nuclear, formada pelos pais – que teriam se casado por amor, e habitavam uma residência onde preservavam sua intimidade – e filhos. Envolvia ainda a celebração da intimidade conjugal, papéis sociais definidos e naturalizados, sexualidade direcionada ao cônjuge sendo valorizada a procriação – embora não limitada e ela –, organizada em torno do amor familiar. Um amor que teria unido o homem e a mulher em casamento e ambos aos filhos que criariam. É a constituição do homem enquanto pai e provedor, e a mulher mãe e rainha do lar, organizados em função de “sua majestade, a criança”.

A família muda de sentido. Já não é apenas uma unidade econômica, a cuja reprodução tudo deve ser sacrificado. Já não é uma prisão para os indivíduos que só podiam encontrar liberdade fora da família. Tende a tornar-se o que

³⁰⁶ BOZON, Michel. Sociologia da sexualidade. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

³⁰⁷ ALENCAR, José de. Senhora. São Paulo: Ática, 1987. p. 189.

³⁰⁸ Cf. ROUGEMONT, Denis de. História do amor no Ocidente. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003; COSTA, Jurandir Freire. Sem Fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

³⁰⁹ COSTA, Jurandir Freire. Ordem médica... op. cit. p. 30.

nunca havia sido: lugar de refúgio onde se escapa dos olhares de fora, lugar de afetividade onde se estabelecem de relações sentimento entre o casal e os filhos, lugar de atenção à infância³¹⁰.

Esta sexualidade que será tida, durante o século XX, como “tradicional”, com papéis de gênero bem delimitados, concordava, em seus elementos mais importantes, tanto com aquele cristão – onde fundamentalmente se estruturava –, como também recebia ativa divulgação pelo regime militar, por exemplo, nos livros de Educação Moral e Cívica, em que aprender a ser marido, homem, esposa, mulher, filhos, fazia parte do currículo escolar³¹¹. Nestes manuais o resumo do que se esperava de um casal idealizado em relação à sexualidade e a família, aparecia nos textos, nos exercícios e, também, nas imagens³¹².



Figura 33 - Constituição da família. LUCCL, Elian Alabi. TDMC – 1. Moral e civismo. São Paulo: Saraiva, 1979. p. 69.

A intimidade do momento contrasta com a sobriedade das roupas. Neste livro de 1979, a ilustração final do capítulo mostra os pais admirando sua criança recém-nascida, enquanto os leitores são informados do contexto: trata-se de um casal que, a partir de seu casamento, passou a ter como “função primeira a conservação da espécie humana”.

³¹⁰ ARIÉS, P. Para uma história da vida privada. In: ARIES, P.; DUBY, G. (orgs). História da vida privada (v. 3). Lisboa: Afrontamento, s/d. p. 20.

³¹¹ Tornada obrigatória em 1969, a disciplina de Educação Moral e Cívica (EMC) tinha como principal função divulgar, entre os alunos do primeiro grau (1ª a 8ª séries), a mentalidade e os princípios defendidos pela ditadura militar que subira ao poder cinco anos antes. Implementada e fiscalizada pela Comissão Nacional de Moral e Civismo, a disciplina tinha como base de seu conteúdo o patriotismo, a cidadania ufanista, e o ensino de uma moral conservadora, baseada em princípios religiosos de inspiração católica. Para o ensino de segundo grau cumpria função semelhante a disciplina de OSPB – Organização Social e Política do Brasil (FILGUEIRAS, Juliana Miranda. O livro didático de Educação Moral e Cívica na Ditadura Militar de 1964: a construção de uma disciplina. In: VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação – COLUBHE, Uberlândia, 2006).

³¹² É importante destacar que, para a maior parte dos alunos nos anos 1970, estas seriam as únicas páginas que tratariam – ainda que de uma maneira profundamente precária – da reprodução humana. Mesmo a disciplina de Ciências abordava senão marginalmente este assunto. Um livro didático de Ciências para o ensino Ginásial dedicava, de suas 238 páginas, apenas algumas poucas linhas sobre o tema, no capítulo “Glândulas”. Eis todo o conteúdo: “No ser humano a fecundação (união do espermatozoide com o óvulo) realiza-se no interior do organismo materno, dando origem à célula-ovo. Esta se desenvolverá por multiplicação e, após nove meses, dará origem a um novo ser”. Um trecho que, aliás, estava a quatro páginas do fim da obra (SALGADO, Edmar. et. al. Estudo dirigido de Ciências. São Paulo: Editora Ática, 1974. p. 235).

Concordando com a ideologia moralista do governo no período, a imagem apresenta a sexualidade do casal como se não ela existisse, mesmo que o objetivo do texto fosse explicar aos alunos as maneiras pelas quais uma família se formava. O marido, de terno e gravata, ampara gentilmente a delicada esposa, vestida com uma clara e casta roupa de dormir e que, provavelmente cansada, recosta-se no travesseiro, mas encontra forças para sorrir. Marido e esposa? Sim, pois as alianças nos dedos anulares não deixam dúvidas quanto à sua relação. E ambos, mamãe e papai, olham docemente para a sua criança.

Não há nada na imagem que sugira atividade sexual. Apenas o parto pode ser identificado, ainda que de forma absolutamente indireta e discreta, pois a mãe encontra-se à cama, o que indica o resultado de algum esforço. E nada mais.

Em síntese, a imagem salienta um casal que se pretende apresentar como assexuado, ainda que esteja explicitamente colocado diante do fruto da própria atividade sexual. O texto que acompanha a imagem é curto, objetivo, e absolutamente explícito naquilo que esconde: “o homem e a mulher, então, pelo amor mais puro e mais sublime **geram um filho**, põem no mundo mais um ser humano. Está constituída a família”.

É curioso notar que a expressão “geram um filho” está em negrito no original, destacando justamente o que não se comenta, ou seja, o desejo, as carícias, os atos sexuais, os orgasmos, a gravidez, o parto. Na verdade, e como indica o texto, é pelo amor que se gera um filho, e não pela atividade sexual. O grande “não dito”, o grande silêncio³¹³ deste texto é, justamente, o sexo. A partir desta ausência, constrói-se uma determinada ideia de sexualidade: deserotizada, asséptica, sem sensualidade. Assim, ao dizer sobre a reprodução sem nomear o sexo; ao falar sobre o surgimento de uma criança na família sem mencionar fecundação, gravidez, ou parto, o texto constrói uma determinada concepção sobre o ato sexual.

No capítulo “Você, a Família e a Sociedade”, onde se encontra esta imagem, os alunos são levados a pensar em sua inserção social a partir da família, e o significado que esta instituição desempenhava em sua formação. A mensagem explícita deste capítulo reafirma a importância familiar enquanto grupo social, sendo seu principal objetivo a conservação da espécie humana. Há também, o reforço de ideais de masculinidade e feminilidade, sua naturalização, dentro da ideia de família nuclear

³¹³ FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. São Paulo: Loyola, 1996. p. 9.

como a única forma “certa”, na qual a criança teria uma adequada formação de sua personalidade. E, para obtenção deste objetivo, os filhos são primeiramente gerados, segundo o texto, “pelo amor mais puro e mais sublime”³¹⁴. Não havia espaço, dentro deste modelo idealizado de família, para conceber que aquele papai e aquela mamãe fossem, também, praticantes da troca de casais.

E, para evitar a degeneração social, defensores deste modelo idealizado e normativo combatiam todas as práticas sexuais que fossem vistas como atentatórias às famílias: “esse bordel é imundo. Cadê a polícia?”³¹⁵

Os moradores do Jardim Paulista, em São Paulo, revoltavam-se contra a presença do “Adam’s Club”³¹⁶, uma boate que fazia festas de troca de casais, e cujas noites de sexo em grupo podiam “às vezes (...) serem vistas da rua, pela janela do clube”. E embora tenham organizado um abaixo assinado contra o estabelecimento, porque “atentava contra a moral e os bons costumes”, além de “promover ruídos após as 22 horas”, a Prefeitura informava que a documentação estava em ordem e que, portanto, a casa não podia ser fechada.

Durante o final dos anos 70 e início dos anos 80, com a crescente comercialização da sexualidade no Brasil, pessoas que se sentiam ofendidas por práticas eróticas não convencionais e suas representações – assim como os moradores do Jardim Paulista – procuravam se organizar para combater publicações e estabelecimentos ligados à sexualidade. Foi algo que ocorreu mais fortemente com os motéis: praticamente inexistentes até meados dos anos 70³¹⁷, tornou-se alvo de investimentos de empresários espanhóis e portugueses no fim da década. Em 1979, a revista Playboy constatava que, em cinco anos, havia crescido em cerca de 20 vezes o número de quartos de motéis, totalizando cerca de seis mil à disposição dos casais brasileiros³¹⁸. Este crescimento, porém, teve de superar resistências nas principais cidades em que inicialmente buscaram se estabelecer: grupos anti-motéis, usualmente organizados por

³¹⁴ LUCCI, Elian Alabi. TDMC – 1. Moral e civismo. São Paulo: Saraiva, 1979. p. 69.

³¹⁵ “Moradores picham a frente de boate no Jardim Paulista”. Folha de S. Paulo, 7/2/1983, p. 7.

³¹⁶ Em 1981, o Adam’s Club estava voltado especificamente para o público homossexual. A partir de 1983, provavelmente buscando aumentar seu faturamento por conta da expansão a respeito do *swing*, passou a se anunciar em jornais e revistas como uma sauna mista para casais.

³¹⁷ A atriz Vera Fischer, comentando sobre finais dos anos 60: “Não existia motel [quando era mais jovem], a garotada não tinha apartamento para ir, para onde é que a gente ia? Ia para a praia, ou então dentro dos carros. Transar dentro de carro sempre foi uma coisa que detestei”. CARMO, Paulo Sérgio do. op. cit. p. 349.

³¹⁸ Playboy, n. 53, Dezembro de 1979, p. 163.

autoridades políticas e religiosas locais, procuravam impedir sua construção, afirmando que “as leis federais, estaduais e municipais existentes são insuficientes para resguardar os princípios de moral e bons costumes necessários à formação de nossos filhos”³¹⁹.

As ações contra clubes de *swing* foram mais tímidas provavelmente porque, como já se salientou, tratou-se de um movimento profundamente midiático. Eram de tal forma escassos e discretos os clubes, que se esvaziavam quaisquer movimentos contra eles, com exceções de pequenas escaramuças, como a que ocorreu com o Adam’s Club.

Mas, em sendo um movimento midiático, será fundamentalmente midiática, também, a resistência e as críticas à prática da troca de casais.

A começar pela própria Igreja Católica. Ainda que a troca de casais fosse incluída na crítica ampla às várias formas de “amor livre” que existiam na sociedade brasileira, a Igreja pelo menos uma vez se viu obrigada a discutir a questão do *swing* diretamente, por ocasião do lançamento, nos Estados Unidos, de um pequeno livro sobre sexualidade e pensamento católico³²⁰, que foi publicado também no Brasil, em 1982. Segundo os autores do livro, todos religiosos católicos norte-americanos, as novas práticas sexuais não estavam, necessariamente, em desacordo com os princípios da Igreja Católica a respeito do sexo conjugal e dos Evangelhos. Não que o coordenador da obra, Anthony Kosnik, aprovasse o *swing*, especificamente. Na verdade, afirmou, baseando-se em “estudos recentes”, que “tal atividade é superficial a longo prazo e muitas vezes redundante em alienação para as pessoas implicadas”³²¹. Não se tratava, portanto, de uma condenação religiosa, mas simplesmente de uma reprovação baseada no que as pesquisas, até aquele momento, haviam demonstrado; uma conclusão, aliás, que poderia ser revista: “permanecemos abertos para ulteriores resultados das pesquisas”³²².

Será a ausência de análises propriamente religiosas a respeito da sexualidade humana que acabará por levar a obra a receber uma declaração condenatória pela Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, em 1979.

Os autores quase sempre encontram escapatória para permitir o “crescimento para a integração”, descurando ou destruindo qualquer elemento intrínseco da moral sexual, especialmente o seu fim procriativo. Se depois chegam a

³¹⁹ “Moradores vão pedir leis contra motéis”. Folha de S. Paulo, 22/10/1978. 2º Caderno, p. 30.

³²⁰ KOSNIK, Anthony (coord.). A sexualidade humana: novos rumos do pensamento católico americano. Petrópolis (RJ): Vozes, 1982.

³²¹ KOSNIK, Anthony (coord.). op. cit. p. 180.

³²² KOSNIK, Anthony (coord.). op. cit. p. 180.

desaprovar algumas formas de comportamento sexual, é só por causa da suposta ausência, expressa geralmente sob forma de dúvida, duma “integração humana” (como no caso de “swinging” – relações sexuais promíscuas, troca das esposas, bestialidade) e não porque tais ações se oponham à natureza mesma da sexualidade humana. Quando chegam a considerar algumas ações completamente imorais, não é nunca por motivos intrínsecos, baseados numa finalidade objetiva, mas só por os autores não verem nenhum recurso para levá-las a que sirvam à integração humana³²³.

Não há novidades nesta condenação católica ao *swing*. Concebendo a sexualidade humana com determinadas regras que seriam naturais, sua desvirtuação seria motivo de condenação e proibição religiosas; seria um uso do ato sexual de maneira não conforme àquela que teria sido prescrita por Deus.

Dois pontos merecem uma explicação. Em primeiro lugar, o uso do termo “bestialidade” para se referir à troca de casais. Trata-se, aqui, de uma associação à animalidade: uma redução do valor humano no ato sexual. Para o pensamento católico, o que diferenciaria o sexo entre homens e mulheres daquele praticado pelos animais, seria a presença de uma moral, baseada na razão. Deixar-se levar pela promiscuidade equivaleria à animalização do ser humano. Seria deixar-se vencer, submetendo a vontade racional ao desejo erótico, algo que desde Agostinho era considerado repugnante.

O segundo ponto a se observar é o fato do documento argumentar sobre a corrupção do fim procriativo do ato sexual no *swing*. Desde as primeiras décadas do século XX a Igreja Católica discutia uma visão mais maleável na sua antiga concepção estrita de sexualidade conjugal vinculada exclusivamente à geração de filhos. O teólogo alemão Dietrich von Hildebrand afirmava em 1925 que o sexo representava uma função humana maior do que a procriação, mas era também “a expressão do cumprimento do amor conjugal e da comunidade da vida – e que ele participa de uma certa forma do espírito do sacramento do matrimônio”³²⁴.

E ainda nos anos 1960, a Igreja continuava a aceitar o fato de que o sexo conjugal não poderia visar apenas à concepção, e institucionalmente buscava participar dos debates sobre a sexualidade, destacando especialmente suas vantagens e benefícios para a vida conjugal: sinal físico de união, criado por Deus, para os casais. Segundo o

³²³ L'OSSERVATORE Romano, Edição semanal, 16 de Dezembro de 1979, Pág. 8. Disponível em http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19790713_mons-quinn_po.html. Acesso em 10/9/2014.

³²⁴ Apud FLANDRIN, Jean-Louis. O sexo e o ocidente: evolução das atitudes e comportamentos. São Paulo: Brasiliense, 1981. p. 116.

padre Beni dos Santos, apresentando a posição sobre Casamento e Sexo para uma enciclopédia sexual de final dos anos 60, a antiga posição católica de “verdadeiro extremismo procriador” era “pouco condizente com uma moral de caridade”, afirmando ser o ato sexual “a expressão específica da comunhão dos esposos querida por Deus”³²⁵. Por sua vez, o padre Tiago Sonnevile, responsável por ministrar cursos sobre Teologia Moral do Sacramento do Matrimônio, reconheceu, em 1974, que “a Igreja foi obrigada a rever suas posições e, segundo as novas perspectivas, encara a sexualidade como um elemento indispensável no relacionamento do homem com a mulher”³²⁶.

Sem dúvida, o avanço liberal em relação à sexualidade receberá um freio significativo com a Encíclica *Humanae Vitae*, publicada por Paulo VI em 1968 – representando o exato limite que a Igreja pretendia atingir com esta revisão. Ainda assim, em 1979, momento da condenação do livro de Kosnik, a sexualidade humana já havia deixado de ser, para o pensamento católico, estritamente procriativo.

A condenação à prática do *swing*, para outros grupos conservadores da sociedade, partirá de motivos semelhantes – a concepção de uma naturalidade do ato sexual, realizado pelo “marido” e pela “esposa”, em seus devidos papéis sociais –, embora passassem por argumentos diferentes.

Em entrevistas realizadas pelas revistas que tratassem da questão da troca de casais ou, mais comumente, através da manifestação dos leitores, que se preocupavam em enviar seus argumentos indignados às revistas, manifestava-se o pensamento conservador, que buscava defender a legitimidade e persistência do modelo normativo de sexualidade.

As razões amargas do amor grupal

As conclusões do brilhante artigo de Brian G. Gilmartin sobre sexo grupal nos EUA (Ele Ela n. 71) confirmam a minha ideia de que os casais praticantes deste absurdo atentado à moral são, antes de tudo, uns desajustados psicológicos. Trata-se de pessoas que tiveram uma infância infeliz, não mereceram a ternura paterna, viveram em uma sua própria casa como se fossem estranhos. Além disso, as mulheres tiveram sua primeira experiência sexual antes do casamento. E todos, ou quase todos, acabaram se divorciando. Poderá haver modo de vida mais irregular? Justamente porque se consideram – e de fato são – vítimas da má sorte, sentem-se forçados a procurar compensações abjetas e viciosas. Com pessoas dessa natureza os sentimentos nobres que dignificam o ser humano – o amor, a ternura, a noção de moral elevada – simplesmente não existem. Ou então são meros motivos de brincadeira. Para tais criaturas, só há uma solução: o divã do analista.

³²⁵ PEREIRA, Flávio. Moderna enciclopédia sexual. São Paulo: Libra Empresa Editorial, 1967, p. 79.

³²⁶ “Igreja admite nova sexualidade”. Estado de S. Paulo. São Paulo, 14 de agosto de 1974, p. 11.

Roberto Maltin – Rio de Janeiro³²⁷.

Nesta carta, Roberto Maltin apresenta os elementos fundamentais dos discursos de condenação ao *swing*. A prática do sexo conjugal não normativo é um “absurdo atentado à moral”, e, partindo de uma noção de família enquanto um espaço que deve ser repleto de amor, seus praticantes devem ter tido, certamente uma “infância infeliz” e, sem dúvida, “não mereceram a ternura paterna”. Não seria à toa, portanto, que quase todos “acabaram se divorciando”, o que evidenciaria a corrupção provocada pela prática. Quaisquer atos sexuais que fossem realizados pelo simples prazer, ou seja, sem a “noção de moral elevada”, seriam “compensações abjetas e viciosas”. E apenas os especialistas teriam condições de tratar estes “desajustados psicológicos” (o que, aliás, não se negarão a fazer) revelando uma concepção de práticas sexuais naturalizadas cujos limites separariam a saúde e a doença.

Os argumentos contra a prática partirão de uma determinada visão de família, com pai e mãe tendo funções específicas, inclusive sexuais, nesta instituição. Algo particular de cada casal, em que a monogamia e o recato – condições primeiras para o bom funcionamento familiar – se veriam ameaçados pela prática do *swing*. Deve-se lembrar ainda que, para este pensamento conservador, o desejo erótico possuiria uma força incomparável a outras esferas da experiência humana. Assim, participar da prática se tornaria um vício, enublaria a razão, e a pessoa teria dificuldades de se libertar.

Infelizmente para o historiador, exemplos do pensamento conservador especificamente sobre o *swing* são poucos. Afinal, se as revistas masculinas eram o espaço mais amplo em que a prática se manifestava, é de se crer que cartas com manifestações contrárias dificilmente seriam publicadas, pois interessava manter uma visão positiva do *swing*. De toda forma, deste pouco conjunto, destaca-se o fato de que todas as manifestações foram produzidas por homens.

Talvez esta seja uma das razões para a frequente referência à prostituição, quando organizam suas críticas à troca de casais.

Sr. diretor: Lida a reportagem ‘Casais: trocam-se’ (Veja n. 480), parece-nos que, nesse ‘amor em grupo’, há uma concorrência desleal para com as (e os) profissionais do sexo, pois a prostituição (há outro nome?) é exercida gratuitamente. Além disso, a nova modalidade nos parece pior, pois prostitui o próprio casamento.

Florianópolis – Salvador, BA.

³²⁷ Ele Ela, n. 72, Abril de 1975, p. 18.

Comentou-se, no início desta terceira parte desta dissertação³²⁸, como a carta de Alberto de Souza, à Veja, remetia à ausência de honra como algo específico dos praticantes do *swing*. A referência à prostituição, nesta carta de Floriano Mendonça, reproduzida acima, aproxima-se em seu julgamento: uma ofensa à honra. A referência à prostituição é icônica: a prostituta, líder dos degenerados, é historicamente concebida como a anti-mulher que, literalmente, incorpora a desagregação social, além da individual. Representa a destruição da essência feminina, a negação da maternidade e era, em síntese, a imagem da decadência moral. Afinal, tratava-se de um sexo não normativo e não conjugal: um problema social não apenas pela exibição de sua vida, mas também por transmitir doenças venéreas e consumir os recursos de pais de família³²⁹.

Em uma sociedade patriarcal, a esposa é a mãe, a “rainha do lar”, a mulher sem sexualidade que o pensamento conservador acreditava ser seu estado “natural”. Considerando-se os dois grandes estereótipos da mulher – de um lado, a mãe, de outro, a prostituta³³⁰ – o *swing* afrontava as concepções tradicionais de casamento unificando estes dois modelos em um único personagem.

E em sendo homens os autores destas críticas, pode-se levantar a hipótese (seria necessário um maior número de depoimentos para confirmá-la) de que a honra ofendida é, principalmente, a masculina, da qual dependeria o adequado comportamento feminino. Ao associar-se o *swing* com a prostituição, condena-se a mulher por participar, como também o homem pode ceder sua honra em troca de benefícios eróticos. O *swing* torna-se, assim, condenável, porque a flexibilização da posse do corpo do cônjuge, um direito especialmente do marido, ofende sua honra masculina especificamente e, de certa forma, a honra masculina em geral. Remete-se, aqui, ao medo da degradação da estrutura social familiar, que seria rompida pelo não cumprimento dos adequados papéis sociais de gênero.

Uma visão que será complementada com argumentos que remetem diretamente à religiosidade:

³²⁸ Capítulo 4.

³²⁹ MARTINS, Ana Paula Vosne. O caso Naná: representações de gênero no encontro entre texto e imagem no século XIX. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 34, p. 157-174, 2001. Editora da UFPR.

³³⁰ MORAES, Eliane R. e LAPEIZ, Sandra M. *O que é pornografia*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

Sr. diretor: O swinger é algo novo nesta sociedade onde reina o deus-dinheiro acima do ser humano. É um eufemismo para a prostituição, só que de ‘alto’ estilo, e uma das provas da hipocrisia daqueles que defendem esta sociedade, denominando-a ‘cristã’, com inúmeras Sodomas e Gomorras em miniatura.

Rondon Carneiro – Santo Augusto, RS³³¹.

Um dos maiores receios daqueles que possuíam um pensamento conservador a respeito da sexualidade é a degeneração social que o sexo livre poderia causar. Na carta de Rondon Carneiro, o fundamento religioso de suas concepções de sexualidade está explicitado na referência a Sodoma e Gomorra, deixando implícito o que poderia ocorrer no Brasil (se é que não estava ocorrendo) como consequência dos usos não normativos da sexualidade.

Um medo recorrente deste pensamento conservador. Respondendo a uma reportagem sobre modelos alternativos de casamento publicada no suplemento “Mulher” do jornal Folha de S. Paulo em 1982, um leitor afirmava que “sente-se, por essa publicação, que o casamento já era, que a família vai terminar e que o sexo livre vai vencer”. Este é um modelo de argumento discutido em outros momentos desta dissertação: a vinculação entre estrutura social e sexualidade, por parte do pensamento conservador, considerava como antagônicas sociedade e sexualidade não normativa. Sentindo um “tremor interno”, o leitor assim desabafava:

Não sou dado a protestos, mas existem certas coisas publicadas que não podem ficar sem o seu devido troco. Acho que, no tocante à troca de casais, cada um é livre para se prostituir como quiser e com quem quiser, mas daí a querer dar ‘receitas’ de poligamia é o fim da picada! (...) Sabemos que o casamento e a família passam por crises, mas saiba que existem muitos (mas muitos mesmo) casais que, pertencendo ou não a movimentos da Igreja, ainda dão um voto de confiança ao casamento. (...) E quanto à troca de casais, e os filhos?³³²

O recorrente argumento da prostituição – que no vocabulário religioso cristão pode referir-se a qualquer ato sexual fora do casamento –, o apelo a verdadeiros valores familiares fundados em uma moral religiosa, a noção de uma degeneração social por conta da sexualidade desviante. A condenação ao *swing* partia, portanto, de uma determinada forma de sexualidade que, por sua vez, ancorava-se em uma determinada visão a respeito da sociedade. Tais discursos sustentavam-se em modelos definidos e normativos de papéis sociais de gênero, valorizando-os e reforçando-os, na busca de caracterizar a prática que condenavam como perniciosa. Nestas representações, uma das mais nítidas fronteiras identitárias era o ato sexual. Determinava claramente o limite da

³³¹ Veja, n. 483,7 Dezembro 1977, p. 9-10.

³³² “Cartas”. Folha de S. Paulo, 27/6/1982, Caderno Mulher, p. 2.

norma civilizacional: aqui, família, conjugalidade, coesão, moralidade; lá, depravação, desestruturação, degeneração.

Os casais praticantes do *swing*, por sua vez, sabiam-se desviantes. O modelo denominado aqui de conservador era, também, o socialmente aceito, a norma a partir da qual as demais sexualidades eram avaliadas. E era, afinal, sob estas mesmas regras que os casais que praticavam *swing* haviam sido criados, situação que vai influenciar diretamente tanto seus discursos quanto a maneira pela qual adotarão a prática – algo que será visto com mais detalhes na última parte desta dissertação.

Uso de caixas postais nos anúncios e envio de fotos sem rostos sem dúvida visavam a discrição, mas relacionavam-se, também, ao intenso medo de extorsão: “já ouvimos muitas histórias de chantagem, mas nada aconteceu com a gente ainda”³³³, comentava um casal, em 1979. O medo de se verem expostos neste aspecto particular de sua vida, certamente tornavam mais graves os eventuais casos de intimidação que possam ter ocorrido. Verdadeiros ou não, estavam de acordo com a dissociação à moral sexual estabelecida, de tal forma que o mote para o já citado filme “Embalos alucinantes” é, justamente, a chantagem de um casal de malandros sobre um casal praticante de *swing*. E em 1980 um repórter de *Ele Ela* afirmou ter sido ameaçado, quando descoberto por casais que entrevistava para um artigo³³⁴.

O receio dos praticantes de *swing* diante do julgamento social condenatório é algo que permanece nos dias de hoje, a despeito das mudanças em relação às questões sexuais. “Esposas” e “maridos” parecem ter papéis definidos de forma semelhante àquela dos anos 70 e 80, em relação às críticas que podem incorrer devido à flexibilização da monogamia sexual. Não é à toa que os clubes de *swing*, mesmo estando em expansão no Brasil, mantêm-se como locais reservados, cercados por muros altos, e com fachadas discretas que raramente revelam sua função: a privacidade dos clientes é de tal forma essencial para seu negócio, que o uso de máquinas fotográficas e aparelhos celulares costuma ser proibido em seu interior. Um embaraço diante do sexo não normativo que se explicita, também, em motéis, nos quais em nenhum momento clientes e funcionários trocam olhares, pois estão sempre separados por vidros escurecidos nas entradas, pelas enormes portas de garagem que impedem o contato com outros clientes, ou pela verdadeira roda-dos-expostos nos quartos, por onde as refeições

³³³ Veja, 16/11/1977, p. 56-7.

³³⁴ *Ele Ela*, n. 133, Abril de 1980. Os casais temiam ser expostos e/ou chantageados.

são servidas. O ato sexual realizado fora do quarto conjugal é ainda hoje motivo de vergonha, discrição e receios.

O nervosismo tão constantemente presente entre casais, em suas primeiras visitas a clubes de *swing* nos dias de hoje mostra tanto a persistência destas ideias normativas, quanto a consciência de estarem se afastando das normais sexuais estabelecidas.

Na nossa primeira vez foi uma adrenalina só. Estávamos muito nervosos e suando frio. Não sabíamos o que viria pela frente, não havíamos conversado com ninguém sobre o clube, não tínhamos nenhuma ideia do que iria acontecer. Quando chegamos fomos muito bem recebidos e convidados a conhecer a casa. Vocês não imaginam o nosso nervosismo.

Subimos aquelas escadas e entramos no salão sempre acompanhados pela recepcionista. Foi muito bom e ao mesmo tempo difícil enfrentar tudo isso, uma mistura de satisfação e medo³³⁵.

E, ainda que anedótica – em vários sentidos – a presente justificativa dada, por um juiz, para negar um processo de atentado violento ao pudor, ocorrido em uma festa de casais, revela que, em instituições como o poder judiciário, a sexualidade considerada normativa, a moralidade que se pensa dos atos sexuais, e os devidos papéis sociais que compreenderiam direitos e deveres eróticos, podem ainda se parecer muito com aqueles difundidos há cerca de um século.

A prática do sexo grupal é ato que agride a moral e os bons costumes minimamente civilizados. Se o indivíduo, de forma voluntária e espontânea, participa de orgia promovida por amigos seus, não pode ao final do contubérnio dizer-se vítima de atentado violento ao pudor. Quem procura a satisfação da volúpia sua ou de outrem, aderindo ao desregramento de um bacanal, submete-se conscientemente a desempenhar o papel de sujeito ativo ou passivo, tal é a inexistência de moralidade e recato neste tipo de confraternização³³⁶.

A não normatividade do sexo conjugal, para o pensamento conservador, insere-se na animalidade e na imoralidade.

4.2 *Regime militar e swing*

Este modelo tradicional de “marido” e “esposa” tinha relevante presença midiática durante o regime militar que se estendia além dos livros de Educação Moral e Cívica, pois de sua idealização partiam os parâmetros para análises de filmes, novelas,

³³⁵ Depoimento ao autor via email, 2010.

³³⁶ “Orgia tem regra: ninguém é de ninguém”. O Globo, 14/07/2004.

livros, músicas, avaliados pela Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP). Neste sentido, ação do regime militar em relação ao *swing* será, ela também, uma ação midiática.

A censura institucionalizada, um dos aspectos mais explícitos de um estado autoritário, em seu esforço de reprimir tudo o que é considerado ilegal, tem por base leis e uma estrutura de proibições que são construídas a partir de um determinado perfil de cidadão ideal³³⁷, o que incluía o direcionamento a um modelo específico de sexualidade. O já citado decreto Lei 1077 de 1970 apresentava, em seu preâmbulo, quase que exclusivamente argumentos morais para justificar o estabelecimento da censura prévia no país.

CONSIDERANDO que a Constituição da República, no artigo 153, § 8º dispõe que não serão toleradas as publicações e exteriorizações contrárias à moral e aos costumes;

CONSIDERANDO que essa norma visa a proteger a instituição da família, preserva-lhe os valores éticos e assegurar a formação sadia e digna da mocidade;

(...)

CONSIDERANDO que tais publicações e exteriorizações estimulam a licença, insinuam o amor livre e ameaçam destruir os valores morais da sociedade Brasileira;

CONSIDERANDO que o emprego desses meios de comunicação obedece a um plano subversivo, que põe em risco a segurança nacional.

DECRETA:

Art. 1º Não serão toleradas as publicações e exteriorizações contrárias à moral e aos bons costumes quaisquer que sejam os meios de comunicação.

Para o regime militar, uma definição do que era ou não obsceno se fazia particularmente importante. Afinal, dentro da lógica dos governantes do período, a obscenidade obedecia “a um plano subversivo” que punha “em risco a segurança nacional”³³⁸.

Sem uma definição de “obsceno”, a explicação do que seriam “bons costumes” também era ampla e genérica. Segundo o técnico da censura Coriolano Fagundes, a expressão estaria se referindo àquele comportamento “cotidiano, trivial na conduta de

³³⁷ KUSHNIR, Beatriz. Cães de guarda: jornalistas e censores do AI-5 à Constituição de 1988. Tese de doutorado em história. Campinas: Unicamp, 2001.

³³⁸ Decreto lei 1077 de 26 de janeiro de 1970. Susan Sontag defende que o medo à pornografia – os perigos que a sociedade estaria correndo pelo fácil acesso ao pornográfico – seria, antes, um medo específico de outro maior: o medo do conhecimento. Sem uma preparação ideal, o conhecimento seria um poder que, em si, poderia ser prejudicial. SONTAG, Susan. A imaginação pornográfica. [1967], p. 75-76. In. A Vontade Radical – Estilos. São Paulo: Cia das Letras, 1987. p. 41-76.

um membro de determinada sociedade”, que envolveria, por exemplo, a “aversão ao vício, à corrupção, às intemperanças sexuais, à lascívia, etc.”³³⁹.

Esta é uma discussão que impacta diretamente o contexto de surgimento das revistas masculinas, que surgiram no Brasil, majoritariamente, a partir de meados dos anos 70. Tratava-se sem dúvida de um momento de aumento das discussões sobre sexualidade na mídia, o que, de qualquer forma, não significava que fossem desconsideradas pela Censura. Ao contrário, o diretor do DCDP, Rogério Nunes, buscou tornar mais concretas as definições legais e, em 1977, assina portaria que estabelecia, objetivamente, os limites ao pornográfico ao afirmar que não seriam permitidas publicações de:

a) atos sexuais; b) nádegas completamente nuas; c) seios totalmente à mostra; d) região pública descoberta (sem sunga, tanga, biquíni ou qualquer peça de vestuário; e) modelos em poses lasciva (sic); f) relacionamento de homossexuais; g) indumentária transparente, permitindo visualizar partes íntimas do corpo³⁴⁰.

O crescimento do número de títulos de revistas masculinas irá coincidir com o declínio da importância da censura no Brasil, no final dos anos 70 e início dos 80. Isso não impedia, contudo, que certas medidas fossem tomadas na expectativa de regular este mercado e proibir o que se considerava serem abusos. Em abril de 1979, com a publicação da Portaria n. 319 pela Polícia Federal, ficava estabelecida a obrigatoriedade de uma embalagem específica para as revistas masculinas, de forma que se tornasse mais discreta a exposição da sexualidade.

A circulação e a venda, no território nacional, de livros e impressos que exteriorizem temas referentes ao sexo, moralidade pública e bons costumes, só poderão ser feitas se os mesmos estiverem embalados em material plástico resistente, hermeticamente fechado, em que conste em uma das faces a inscrição ‘Venda Proibida para Menores de 18 Anos’.

Apenas em 1980, a reprodução do nu frontal feminino seria liberada – gerando, inclusive, recordes de vendas das revistas masculinas no país; Ele Ela destacava para a edição de agosto daquele ano: “Tiragem desta edição RECORDE: 420.000 exemplares”. Nos primeiros anos da nova década aumenta-se não apenas o novo número de revistas com temas sobre sexualidade como, também, tornavam-se mais explícitas. O Departamento da Polícia Federal, em 1982, publicava a Portaria n. 577, apresentando ressalvas que seriam cada vez menos frequentemente cumpridas:

³³⁹ FAGUNDES, Coriolano de Loiola Cabral. op. cit. p. 140.

³⁴⁰ Apud WINCKLER, Carlos Roberto. op. cit. p. 72.

II - Os responsáveis pelas publicações que divulguem temas considerados contrários à moral e aos bons costumes, bem como, atentem contra a segurança nacional e os direitos e garantias individuais, serão penalizados, pelos abusos cometidos, nos termos da legislação vigente.

Certamente havia um grande número de empresários, autores, músicos, dramaturgos que, porém, concordavam com o modelo tradicional de sexualidade implícito na lei, e não necessitavam de qualquer pressão institucional do governo para direcionar suas obras neste sentido. Porém, a ação moralista da censura era por demais significativa para que quaisquer empresas arriscassem seus investimentos. Não foram poucos os exemplos de filmes proibidos, livros censurados, revistas recolhidas³⁴¹. A novela “Despedida de casado”, da Rede Globo, foi proibida em 1978 justamente por

explorar de forma parcial apenas os pontos negativos da união matrimonial, projetando para o espectador uma visão pessimista e uma série de mensagens desagregadoras, segundo as quais o casamento, em geral, transformou-se em uma instituição falha e ultrapassada, e constituindo-se, assim, em insuportável fardo para os casais, impossível de subsistir dentro da estrutura social contemporânea³⁴².

A presença constante de uma autocensura³⁴³ tornava-se, então, fator igualmente importante na definição dos produtos midiáticos que seriam disponibilizados ao público. Muitas empresas adotavam o caminho mais cômodo de modelar os conteúdos a partir da perspectiva governamental e socialmente aceita, para resguardar os valores investidos, os empregos gerados, e a sua própria sobrevivência financeira³⁴⁴.

Pelas mesmas razões, recorrer de decisões que fossem contrárias à divulgação de determinada obra era, além de prática comum, algo indispensável para a manutenção das empresas, bem como para a própria divulgação do trabalho dos artistas. Odair José foi recorrentemente censurado pelo regime militar, e uma de suas mais conhecidas músicas, “Pare de tomar a pílula”, foi proibida pela automática associação que existia, para os censores, entre sexualidade praticada fora da conjugalidade e os anticoncepcionais. Independentemente de quais fossem as intenções iniciais do compositor, a defesa feita pelo próprio Odair José junto à censura utilizava-se de uma argumentação em que eram salientados os valores tradicionais e familiares, afirmando

³⁴¹ FICO, Carlos. Além do golpe: versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. Rio de Janeiro: Record, 2004.

³⁴² Cartas enviadas à censura 3, p. 22. Grupo de estudos sobre a ditadura. Disponível em http://www.gedm.ifcs.ufrj.br/documentos_lista.php?page=2&ncat=24. Acesso em 10/9/2014.

³⁴³ FICO, Carlos. op. cit.

³⁴⁴ MARCONI, Paolo. A censura política na imprensa brasileira: 1968-1978. São Paulo: Global, 1980.

que a música não só não sugeria promiscuidade como, ao contrário, estaria de acordo com os princípios cristãos de sexualidade.

A letra refere-se a um casal, em que o marido quer filhos e a mulher os evita. Parece-me perfeitamente enquadrada na moral vigente, inclusive a cristão (sic), a aspiração à prole como realização final do matrimônio. Não sendo proibida a venda da pílula, e expressando o texto o desejo de constituição da família plena, parece-me excessiva a preocupação da autoridade local, nada havendo de imoral, no caso, muito ao contrário³⁴⁵.

Ao conjugar, em sua argumentação, o uso de contraceptivos à moral defendida pelo regime militar, a música acabou sendo liberada. O censor havia se convencido de que a letra trazia uma

mensagem positiva, um libelo contra a limitação de filhos contrário à moral e à Igreja que terá grande penetração entre os jovens que mais praticam o uso da pílula para poderem usarem a abusarem de suas experiências sexuais muito em moda hoje em dia, experiências extramatrimoniais. Além de atingir os casais menos preparados³⁴⁶.

Pode-se pressupor como estas concepções moralizantes impactavam as análises feitas pela Censura sobre a divulgação midiática da prática do *swing*. O já citado filme “Embalos Alucinantes: A Troca de Casais” foi autorizado para maiores de 18 anos e não sofreu cortes porque, segundo o censor, mostrava a “falsa liberação de tabus (machismo, ciúme) apregoada como resultado desse tipo de experiência sexual com casais trocados”; e, além disso, “inexiste no enredo qualquer aspecto indutivo à prática do ‘swinging’”³⁴⁷. Sem induzir à prática da troca de casais, o filme não seria, portanto, ameaça à configuração familiar tradicional ou à estrutura social. “Coisas eróticas”, por outro lado, foi proibido também por explorar o tema de um ponto de vista sensual. O *swing* aparecia como “alternativas a casais à procura de inovações”, em cenas que são “revestidas de vulgaridade”. A ênfase no ato sexual, considerada “inconveniente ao circuito comercial normal”, é a razão invocada para impedir a exibição do filme nos cinemas.

Sem dúvida tratava-se da imposição estatal de determinada ideia de família e sexualidade, inclusive devido à explícita ação da censura, mas seria equivocado afirmar que não concordava com os princípios morais defendidos por boa parte da sociedade brasileira no período. “Malu Mulher” só pôde ir ao ar após o abrandamento da censura a partir de finais dos anos 70 (embora não sem restrições pontuais e negociações) e,

³⁴⁵ Documentos disponíveis em <http://www.censuramusical.com.br/> Acesso em 10/9/2014.

³⁴⁶ Documentos disponíveis em <http://www.censuramusical.com.br/> Acesso em 10/9/2014.

³⁴⁷ DCDP. Parecer n. 1180/79. Embalos alucinantes: a troca de casais. Memória da Censura no Cinema Brasileiro. Disponível em <http://www.memoriacinebr.com.br/> Acesso em 10/9/2014.

mesmo assim, seu conteúdo foi considerado controverso porque confrontava concepções do regime militar e de parte da sociedade sobre papéis sociais de gênero, sexualidade e conjugalidade. E a mesma Regina Duarte havia sido Ritinha na novela *Irmãos Coragem* no início da década – boa moça, casta, trabalhadora –, que concordara em casar com Duda Coragem apenas porque, em sendo solteira, havia passeado à noite com ele. Não há qualquer eufemismo, aqui: a novela deixava claro que ficaram conversando e olhando as estrelas. Os telespectadores não receberam o casamento forçado que se seguiu como uma violação aos direitos femininos ou ao livre controle da personagem sobre seu corpo e destino; como um infortúnio, certamente, mas nada que contrastasse com o que se pensava sobre a mulher e sua honra. Restava torcer para o novo casal.

É importante dizer, ainda, que o esforço do governo militar sobre o controle da sexualidade da população não se limitou à mídia, e era um tema considerado socialmente importante. A pílula anticoncepcional, por exemplo, teve sua venda restrita no país a partir de seguidas portarias publicadas na década de 70: a princípio, as pílulas deveriam ser compradas apenas com receitas médicas que tinham validade para três meses³⁴⁸; a partir de 1976, cada venda deveria ser individualmente registrada, com o nome da compradora, em um livro a ser mantido pela farmácia; além de tudo, não estava autorizada sua indicação, por parte dos médicos, para serem usados como anticoncepcionais, mas apenas para certos problemas ginecológicos, em que anovulatórios seriam recomendados: eram, assim, “remédios para determinadas doenças femininas”³⁴⁹, nas palavras de Vantuil Correia, então diretor do Serviço Nacional de Fiscalização da Medicina e Farmácia³⁵⁰. Ações governamentais e políticas públicas, inclusive no campo da saúde, foram definidas com base em determinada ideia do que deveria ser o ato sexual.

Em 1981, o presidente do Conselho Superior de Censura afirmava, especificamente sobre a televisão brasileira, que tomaria medidas contra o “baixo nível cultural e intelectual” da programação, dando como exemplos a exposição do “amor

³⁴⁸ Em 1976, este prazo foi ampliado para um ano.

³⁴⁹ Pílula. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 22 de janeiro de 1970.

³⁵⁰ Em 1977, a pílula anticoncepcional é disponibilizada gratuitamente pelo Programa de Saúde Materno-Infantil para 81 mil mulheres, marcando um momento de modificação da compreensão institucional, por parte do governo, a respeito das pílulas. (“‘É o fim’, diz a Igreja sobre plano da pílula”. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 29 de julho de 1977, p. 1).

livre, a troca de casais, ou o homossexualismo assumido”³⁵¹. O discurso, porém, não correspondia tanto à prática quanto em outros tempos, visto que a sociedade cada vez mais passava a conviver com produtos midiáticos eróticos e sexualmente sugestivos (quando não explícitos). A este recuo da censura, setores conservadores da sociedade aumentavam o volume e intensidade de seus protestos. Credo no discurso da família tradicional como fundamento da sociedade, e aceitando o argumento de que os meios de comunicação poderiam perverter as mentes especialmente sensíveis dos jovens, vários cidadãos acreditavam fazer a sua parte: auxiliavam o Estado autoritário, denunciando programas de televisão ou rádio, revistas ou jornais, peças de teatro ou reuniões de jovens que, em sua visão, atacavam a família. “Que tipo de censores são esses que não se apercebem ou simplesmente toleram tamanho amesquinamento e ameaça à estrutura da família? Como criar e educar filhos diante de tanta depravação?”³⁵², indignava-se um telespectador com a apresentação “eivada de deboches e sandices despudoradas” de Ney Matogrosso, em determinado programa de televisão de 1978.

Estando o erotismo cada vez mais presente na mídia, inclusive pelo recuo da censura, eventuais apreensões de revistas pornográficas pela polícia passaram a ser recebidos com espanto. Como afirmou um jornalista preso, em 1980, sob a acusação de ter sob sua guarda materiais obscenos pra fins comerciais, algo proibido pelo Código Penal³⁵³: “há muito tempo eu vendo esse tipo de publicação, de grandes editoras, e nunca aconteceu nada. Se resolveram proibir, pelo menos que nos avisassem”³⁵⁴. Na lista de revistas recolhidas, títulos como “Manual das 100 poses eróticas”, “Sexo Livre”, “Supersexo” e “Swing Sexy – Rodízio Sexual”.

Ainda assim, a pornografia claramente estava vencendo. A Grafipar, editora da revista Peteca, passava a investir no mercado de quadrinhos eróticos³⁵⁵, Playboy publicava ensaios cada vez mais explícitos, e Ele Ela lançava edições especiais apenas com contos de aventuras sexuais enviados por seus leitores. Em um contexto de sensível ampliação deste mercado, o recolhimento de publicações pornográficas parece ser resultado de ações individuais e isoladas de determinados delegados, motivados por

³⁵¹ “TV: termina o seminário sobre a programação”. Estado de S. Paulo, 5/12/1981, p. 21.

³⁵² Cartas enviadas à censura 5. Grupo de estudos sobre a ditadura. Disponível em http://www.gedm.ifcs.ufrj.br/documentos_lista.php?page=2&ncat=24. Acesso em 10/9/2014.

³⁵³ Os jornalistas eram acusados sob o artigo 234 do Código Penal. “Fazer, importar, exportar, adquirir ou ter sob sua guarda, para fim de comércio, de distribuição ou de exposição pública, escrito, desenho, pintura, estampa ou qualquer objeto obsceno”.

³⁵⁴ “Jornalistas foram presos em flagrante”. Folha de S. Paulo, 6/8/1980. 1º Caderno Polícia, p. 11.

³⁵⁵ DANTON, Gian. Grafipar: a editora que saiu do eixo. São Paulo: Kalaco, 2012.

questões morais, ou incentivados por específicas portarias publicadas pela Polícia Federal.

A redução da ação da censura estatal teve como inesperado contraponto um aumento de ações incisivas de grupos reacionários, institucionalizados ou não, agindo de forma inclusive violenta, contra a pornografia. Em 1980, os autodenominados “Vigilantes da Pátria” enviaram, para jornalheiros de São Paulo, a seguinte ameaça:

Não é brincadeira! Retire imediatamente de suas bancas todas as revistas e cartazes imorais, de mulheres nuas e fotografias obscenas. Fixamos prazos de 15 dias, a partir do dia 26 de agosto de 1980. Caso não atenda a nossa ordem, queimaremos suas bancas³⁵⁶.

Entre eventuais apreensões e ameaças de violência, um jornalheiro que tinha acabado de ter suas revistas apreendidas desabafava ao se ver, inesperadamente, no centro de disputas políticas e morais: “nossa classe está precisando de orientação e, principalmente, de segurança. Não bastam os atentados, agora vem isso?”³⁵⁷

Os atentados contra banca de revistas são iniciados em 1979, e um grande conjunto de grupos paramilitares reclama autoria dos ataques³⁵⁸, como o Comando de Caça aos Comunistas, a Falange Pátria Nova, os Vigilantes da Pátria, as Brigadas Moralistas³⁵⁹. Não se pode esquecer que, para estes grupos de extrema-direita, a sexualidade livre e o pensamento comunista eram questões indissociáveis, e o avanço de ambos representava desagregação social. Assim, nas ameaças lançadas às bancas, a questão da moralidade aparece com alguma frequência como a única motivação; em outras, como um dos motivos principais para os ataques. Após o incêndio de uma banca em Niterói, em agosto de 1980, o autodenominado CCS, Comando de Caça aos Comunistas de Santos, justificava que sua ação era contra “o aumento da propaganda comunista e da literatura erótico-pornográfica em nosso País”. Em seu *índex* de publicações proibidas estavam oito de cunho político – Cojornal, Preto no Branco, Hora do Povo, Em Tempo, Pasquim, Movimento, Voz da Unidade, Voz Operária e Convergência Socialista – e 12 pornográficas – duas voltadas ao público homossexual, O Lampião e Jornal do Gay, e dez ao heterossexual: Ele e Ela, Playboy, Lui, Status,

³⁵⁶ “O que é pior: sexo ou violência?”. Revista Fiesta, n. 53, Setembro de 1980, p. 1.

³⁵⁷ “Jornalheiros foram presos em flagrante”. Folha de S. Paulo, 6/8/1980. 1º Caderno Polícia, p. 11.

³⁵⁸ CHIRIO, Maud. A política nos quartéis: Revoltas e protestos de oficiais na ditadura militar brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. p. 188.

³⁵⁹ Segundo Trevisan, “nunca se instaurou nenhum inquérito para apurar donde provinham e quem eram os integrantes de tais grupos”. TREVISAN, João Silvério. Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 346.

Privê, Rose, Personal, Confissões, Eros e Fiesta. A nota finaliza que estavam também proibidas “demais revistas que tratem de assuntos erótico sexuais”³⁶⁰.

As editoras procuravam se defender desta ofensiva violenta do moralismo. Em setembro de 1980, a revista Fiesta perguntava:

Que mal fazemos ao publicar fotos artísticas da anatomia humana e desenvolver um trabalho que, no geral, possibilita que as pessoas adotem uma atitude mais natural e espontânea em relação ao sexo? Em que umas boas noites de amor prejudicam o País? (...) Os que soltam bombas e assustam a população, escolheram a violência. Nós optamos pelo sexo e pelo amor³⁶¹.

Não há dúvidas em relação aos objetivos de um grupo que se autodenomina “Brigadas Moralistas”. A associação de ideias que o fundamenta pode ser ingênua: a instituição mais importante de uma sociedade é a família; para que ela exista, o sexo deve ser só conjugal; as revistas eróticas publicam fotos e histórias de sexo não conjugal; as pessoas leem as revistas e, não tendo discernimento, agem de acordo como que está publicado; promiscuidade e desagregação familiar crescem; a nação é desestabilizada; portanto, que se proíba Ele Ela. Mas não é por esta simplicidade (ou, talvez, seja justamente por ela) que deixava de ser menos perigosa.

E, por fim: a bomba na banca de revistas e o técnico da censura nos gabinetes de Brasília são duas imagens diferentes de um mesmo moralismo que permeava a sociedade brasileira, sob o regime militar.

4.3 O amor livre

Segundo o site de um clube de *swing* de Curitiba, “todos os dias o Desiree recebe diversas ligações e e-mails de interessados em saber como é e o que acontece num club liberal”³⁶². De acordo com o proprietário do clube, as informações que passam a respeito do que seria este clube “liberal” são basicamente as mesmas, pois as dúvidas dos clientes se assemelham:

Damos uma média de 100 informações semanais para casais novatos. As dúvidas e perguntas geralmente são quase as mesmas: onde fica, o preço, como é o local e principalmente, se existe a obrigatoriedade de participar de algo ou

³⁶⁰ “Em Niterói, outra banca é incendiada”. Folha de S. Paulo, 4 de Agosto de 1980, p. 4.

³⁶¹ “O que é pior: sexo ou violência?”. Revista Fiesta, n. 53, Setembro de 1980, p. 1.

³⁶² “Mas, o que rola aí dentro?” <https://www.desireeclub.com.br/blog/?p=141>. 20/5/2014. Acesso em 7/9/2014.

não – mas tem casais que a gente diz brincando que até a cor do carpete da casa eles querem saber (risos)³⁶³.

Ser definido como “liberal” traz, portanto, determinada repercussão e possui um significado específico, tanto para os proprietários quanto para os clientes, sejam eles novatos ou não. Os clubes especializados, aliás, insistentemente reforçam sua autodefinição de “liberais”, bem como procuram, sempre que possível, definir suas mais diversas festas como “liberais” e, dentro de um mercado disputado, apresentar-se como mais liberal que o concorrente torna-se um diferencial.



Figura 34 - Propagandas dos clubes de swing Nefertiti (São Paulo) de agosto de 2014, e Venus (Curitiba), de julho de 2013.

Busca-se, inclusive, renomear festas tradicionais, adicionando o adjetivo: assim, têm-se o “carnaval liberal”, a “micareta liberal”, a “festa junina liberal”, e assim por diante. Praticamente todo evento do calendário possui uma versão anunciada como “liberal”.

Os clubes, porém, não parecem ter claramente definido para si o significado de “liberal”, que tanto utilizam. Certamente buscam se diferenciar dos demais carnavais, micaretas e festas juninas, por conta de algumas atrações específicas – como shows de *striptease* –, além de seu apelo sexual. O clube Viber, de Camboriú, por exemplo, afirma que em seu carnaval liberal os casais poderão “relaxar das festas noturnas, tomar drinks, conversar e fazer amigos”, além de “utilizar todos os ambientes privados do club, que contam com camas de até 2x2mts, ar condicionados em todos os ambientes, banheiros com chuveiro quente, em fim (sic), tudo que você precisar para momentos de intenso prazer e aventura”³⁶⁴.

Casais liberais frequentam festas liberais. Os “momentos de intenso prazer e aventura” anunciados nada mais são, assim, de que a disponibilidade da realização de

³⁶³ Depoimento ao autor via email, 2010.

³⁶⁴ “Carnaval Swing Liberal Balneário Camboriú”. Disponível em <http://www.viberclub.com.br/agenda/festa-liberal-swing-liberal-balneario-camboriu-florianopolis-itajai-joinville-blumenau-carnaval-2014/0003>. Acesso em 10/9/2014.

atos sexuais com outras pessoas, enquanto uma atividade recreativa e social, dentro daquelas festas, e utilizando-se da estrutura dos clubes. Para os casais, viver uma vida liberal significa que a sexualidade livre – ou seja, a flexibilização da monogamia sexual em relação à social – passa a fazer parte de seu cotidiano social, dentro, é claro, do relacionamento com outros casais também “liberais”.

A adoção desta expressão como diferenciação dos casais *swingers* dos demais, começa ainda na década de 1970.

CONTATOS LIBERAIS

Casal, ambos de 35 anos, cor branca, discretos, nível universitário, boa situação, deseja contatar outros casais liberais, de níveis semelhantes, para relacionamento íntimo e imediato. Não curtimos conversa mole. M.N. Lima, Caixa Postal 7054, Rio³⁶⁵.

Nos anúncios, os casais praticantes do *swing* atribuíam-se adjetivos como “liberais”, “avançados”, “evoluídos”, “desinibidos”, colocando-se enquanto um grupo que, por contraposição, diferenciava-se de uma sociedade vista como conservadora, retrógrada, atrasada e inibida. Ser liberal associava-se, assim, a determinado estilo de vida, determinadas concepções de corpo e sexualidade, e se constituía em um termo que auxiliava à construção de determinadas identidades. Mesmo que esvaziado, parte deste caráter identitário do adjetivo “liberal” ainda permanece entre os casais praticantes de *swing* dos dias de hoje.

Mas da mesma forma que “economia liberal” possui significados específicos, e não se trata apenas de “economia livre”, também a expressão “casal liberal” carrega consigo determinados significados e uma particular tradição em relação às discussões sobre sexualidade e casamento. Identificar-se como liberal, nos anos 70, significava uma determinada, ainda que singela, declaração de princípios: invocava-se para si uma específica e frágil filiação em relação ao “amor livre”, uma expressão que encontrou seu auge e seu ocaso no Brasil daquela década.

A livraria Hórus, usando uma tática mercadológica comum no período, publicou na revista Close, uma das tantas pornográficas populares criadas no início dos anos 80, a seguinte propaganda.

³⁶⁵ Ele Ela, n. 124, Agosto de 1979, p. 14. Seção Cartas.

Livros de amor livre

Estes livros mostram o amor como ele é.

1B
OS TARADOS
Martin St. James mostra casos reais de violência sexual com depoimentos das vítimas.
Cr\$ 220.00

2B
ANNA DE INGLÊS
BRINDE

3B
LISA, A PROFESSORA DE SEXO

4B
A ALUNA DE INGLÊS
Livro de Étienne Blanchard contando uma história forte de amor.
Cr\$ 180.00

5B
LISA, A PROFESSORA DE SEXO

Figura 35 – “Livros de amor livre”. Revista Close, Março de 1980, p. 43.

Reduzida a sinônimo de pornografia, e utilizada nesta propaganda para evocar a importância do termo para as discussões da década anterior sobre sexualidade, o uso da expressão em relação a livros como “Os tarados”, “A aluna de inglês” e “Lisa, a professora do sexo”, revela como as discussões sobre a liberação sexual haviam sido reduzidas, no início da nova década, à liberdade para a publicação e divulgação de obras sexualmente explícitas. “Estes livros mostram o amor como ele é”: vagamente inspirando-se nas discussões sobre liberação sexual, este anúncio quase nada mantinha das discussões, conflitos, e propostas que envolveram, desde o século XVIII, a expressão “amor livre”.

Porque, durante o século XX, e até final da década de 70, o “amor livre” era um elemento importante nas discussões políticas brasileiras sobre sexualidade e família. Participava intensamente, por exemplo, dos debates parlamentares sobre a lei do divórcio, quando divorcistas e antidivorcistas acusavam-se mutuamente de defenderem propostas que incitariam o “amor livre”. O Senador Benedito Ferreira, claramente

contra o divórcio, afirmava que era “muito pequenina (...) a diferença (...) entre o divórcio e o amor livre”³⁶⁶.

Os divorcistas rebatiam, afirmando que era o desquite, como permitido pela legislação antes de 1977, que produzia amor livre. O deputado Rubem Dourado afirmou que “o divórcio prega o amor responsável. O desquite, sim, é amor livre”³⁶⁷. Afinal, o divórcio permitiria a criação de uma nova família legalmente estabelecida, o que não ocorria com o desquite.

O conceito de amor livre surge ainda no século XVIII, como uma crítica à relação de subordinação que o casamento submetia à mulher em relação ao homem, contestando um controle da sexualidade que influenciaram reivindicações sociais de vários tipos até o século XX (e influenciam ainda hoje). A inglesa Mary Wollstonecraft foi uma das pioneiras em denunciar a instituição do casamento como uma apropriação da mulher pelo homem.

No século XIX, a maioria dos pensadores partidários do amor livre – anarquistas, comunistas, libertários³⁶⁸ – defendiam a monogamia. Sua luta estava relacionada à divulgação de informações sobre métodos anticoncepcionais, relacionamento igualitário dentro do casamento, direito ao aborto. A Liga Inglesa de Legitimação (*English Legitimation League*), criada em 1893, defendia a união de “dois dos mais nobres princípios humanos – liberdade e amor”³⁶⁹. Estes ideais em hipótese alguma se transformaram em unanimidade: as sufragistas, por exemplo, ordinariamente rejeitavam as teses do amor livre, por acreditarem que abalariam a respeitabilidade das campanhas pelos direitos das mulheres.

As questões da família, por sua vez, eram importantes para os socialistas utópicos, como Charles Fourier, St. Simon e Robert Owen. Para eles, o importante não era apenas a mudança da condição feminina, mas uma modificação completa e radical da sociedade, na qual a mulher seria economicamente independente. Segundo Owen, para acabar com a opressão do homem sobre a mulher era necessário acabar com o casamento e com a propriedade privada. Alguns autores, como St. Simon, eram ainda

³⁶⁶ Senador Benedito Ferreira, publicado em 23 abr. 1977, p. 1043 Apud ARCHANJO, D. Um debate sem embate: a discussão sobre o divórcio no Congresso Nacional (Brasil, 1951-1977). Tese de doutorado. UFPR, 2008. p. 53.

³⁶⁷ Deputado Rubem Dourado, publicado em 15 jun. 1977, Diários do Congresso, p. 1388. Apud ARCHANJO, D. Um debate... op. cit. p. 54.

³⁶⁸ MOTTIER, Véronique. *Sexuality: a very short introduction*. Estados Unidos (New York): Oxford University Press, 2008. p. 53.

³⁶⁹ MOTTIER, Véronique. op. cit. p. 53.

mais radicais, e chegavam a pregar que a moralidade sexual era um instrumento de controle da sociedade.

Tornou-se, ainda, um tema de importância para mulheres socialistas históricas, como a pensadora e ativista política Eleanor Marx. Para ela, a ideia de amor livre significava igualdade de direitos, inclusive sexuais:

A sociedade fornece, reconhece, legaliza para o homem os meios para a gratificação do instinto sexual. Aos olhos da mesma sociedade, uma mulher não casada que age de forma diferente ao padrão habitual (...) é uma pária³⁷⁰.

Alexandra Kollontai, para quem a nova mulher não deveria esconder seus desejos físicos, compreendia o erotismo como um “Eros alado”, uma ferramenta para energizar as pessoas a transformar a sociedade³⁷¹. Em 1920, em seu livro “Comunismo e Família”, afirmava: “ao invés da escravidão conjugal do passado, a sociedade comunista oferece a homens e mulheres uma união livre que é forte na camaradagem que a inspira”³⁷².

De diferentes características e origens políticas, estes movimentos poderiam defender desde a liberdade sexual (especialmente da mulher), até a redução ou o afastamento da influência do Estado no casamento e criação dos filhos. “Amor livre” nem sempre esteve ligado a exigências eróticas, e nem sempre representou a defesa do “sexo livre”.

Desde os experimentos na carente de mulheres Colônia Cecília na década de 1890³⁷³, o amor livre conheceu esporádicos defensores e praticantes no Brasil. A anarquista Maria Lacerda de Moura, nascida ainda no final do XIX, criticava a prisão que o casamento representava à mulher, bem como se posicionava contra as exigências exclusivas para elas, como a da virgindade. Uma posição semelhante à de Ercília Nogueira Cobra, para quem a virgindade era “não higiênica”: seu livro, que defendia estas teses, foi apreendido por ter sido considerado pornográfico. E aproveitando-se dos questionamentos permitidos pelas discussões modernistas, Pagu e Oswald de Andrade (que se separara de Tarsila do Amaral) transformavam seu relacionamento em uma transgressão pública às normas morais do período e uma contestação à instituição do casamento.

³⁷⁰ MARX, Eleanor. The woman question. 1886. Disponível em <https://www.marxists.org/archive/eleanor-marx/works/womanq.htm>. Acesso em 10/9/2014.

³⁷¹ CLARK, Anna. op. cit.

³⁷² Apud MOTTIER, Véronique. op. cit. p. 57.

³⁷³ CARMO, Paulo Sérgio do. op. cit. p. 187.

Ainda que de diferentes origens e objetivos, as várias iniciativas relacionadas à liberdade amorosa e/ou sexual acabaram rotuladas sob o termo genérico “amor livre” e receberam um tratamento único, particularmente da imprensa brasileira, desde o final do século XIX. Raramente discutido em suas premissas políticas – fosse qual fosse a linha de seus defensores – a influência do pensamento católico preponderou no rótulo atribuído a este fenômeno que, desde então, passou a ser definido, em síntese, como divorcista e a favor da promiscuidade, quando não usado como sinônimo de prostituição³⁷⁴.

Certa matrona americana chamada miss Wordhul está agora dando conferências em Nova York sobre o amor livre.

A maior parte do seu auditório pertence ordinariamente ao belo sexo.

A oradora é sempre calorosamente aplaudida, quando repete que o matrimônio é uma escravidão; que a faculdade de cada um se divorciar e tornar a casar quantas vezes queira não é bastante; que o amor deve ser ainda mais livre.

Miss Wordhall casou já sete vezes e divorciou-se dos seis primeiros maridos para casar com outro.

Há, portanto sete homens vivos que têm sido seus maridos.

E ainda não está contente com as leis do país!³⁷⁵

A mídia brasileira a partir dos anos 60, repercutindo as notícias de erotização da sociedade e questionamento de comportamentos sexuais no Ocidente, trará consigo esta ideia genérica e negativa de “amor livre”, sempre reforçada pelo pensamento católico, anticomunista, e pela posição conservadora do regime militar. Toda atividade sexual que não fosse entre casais legitimamente casados poderia ser identificada como “amor livre”. Eram partidários do amor livre os divorcistas; seguiam o amor livre aqueles viviam relacionamentos monogâmicos de curta duração, especialmente de artistas e repercutidos em revistas, bem como os casais em relações estáveis quando não legal ou religiosamente sancionadas; defendiam o amor livre os comunistas, os *hippies*, os desbundados, os praticantes da troca de casais.

Durante os anos 1970, dois polos opostos foram construídos em torno da ideia do “amor livre”. Um primeiro, de conotação positiva, foi associado aos movimentos contraculturais, e era sinal de evolução social para os jovens que se “colocavam contra o

³⁷⁴ O Cruzeiro, Rio de Janeiro. 2 de março de 1878, p. 2 “Até aqui nada de criminoso. A visita foi feita às duas horas da noite e nas salas do Fígaro estavam os artistas mais estroinas de Paris, e algumas atrizes que, além da arte dramática professam, acessoriamente, o amor livre, por preços conhecidos no *boulevard*”.

³⁷⁵ Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 1 de março de 1872. p. 3. O texto está se referindo, provavelmente, a Victória Woodhull, feminista norte-americana. Casou-se e divorciou-se duas vezes.

sistema”, e uma forma de combater o modelo familiar burguês que se acreditava decadente. Este foi discutido anteriormente nesta dissertação. Um segundo, era adotado pelo regime militar e pelos setores tradicionalistas da sociedade brasileira, que recuperavam as concepções religiosas católicas, e viam o liberalismo sexual como perigoso indício de decadência social e desagregação familiar. Este modelo estará presente nos discursos políticos, nas análises tradicionalistas a respeito da família e da sexualidade, e era, fundamentalmente, o significado adotado pelo regime militar, quando se tornou expressão recorrente para justificar ações moralistas do Estado.

Tome-se, por exemplo, a fala do então ministro da justiça em 1970, Alfredo Buzaid, em discurso transmitido pelo rádio, referente ao dia de ação de graças:

A revolução de 1964 salvou a tradição cristã e religiosa do Brasil precisamente no instante em que o comunismo internacional queria mergulhá-la na desgraça. (...) A Revolução de 1964 preserva a família, defende a juventude, ampara o trabalhador e fortalece a Nação. O comunismo procura dissolver a família, apregoando o amor livre, e aniquila a mocidade³⁷⁶.

Saliente-se que muitos representantes do governo acreditavam que o amor livre era divulgado no Brasil de maneira proposital por grupos organizados subversivos como forma de atacar o regime. Segundo Breno Borges Fortes, então comandante do IIIº Exército, era importante considerar os perigos psicológicos a que os jovens estavam expostos:

A par da educação moral e cívica que nossos quartéis lhes ministram, devemos também ter especial atenção no trabalho de esclarecimento e orientação desses jovens, face aos métodos de atuação do movimento comunista internacional.

Refiro-me à intensificação que vem sendo dada, em plano mundial, à arma psicológica (...), através de constantes tentativas de desmoralização dos valores mais representativos de nossa sociedade, tais como Pátria, Família e Religião. O alvo principal é a juventude, ardorosa e idealista e, para conquistá-la, são usados todos os meios, desde a chantagem até a pregação do amor livre³⁷⁷.

A utilização da associação do comunismo ao amor livre; ou do comunismo a práticas sexuais não convencionais, de uma forma geral consideradas anormais e perversas, relaciona-se à demonização dos comunistas, apela ao sentido de coesão nacional para lutar contra o perigo estrangeiro, além de reforçar rótulos de imoralidade e bestialidade às sexualidades que o regime entendia como impróprias³⁷⁸.

³⁷⁶ Ministro Buzaid lança mensagem de ação de graças a todo o país. Folha de S. Paulo, 26 de novembro de 1970, p. 20.

³⁷⁷ Alerta contra a ação do ódio. Estado de S. Paulo, 23 de agosto de 1973, p. 13.

³⁷⁸ RODEGHERO, Carla Simone. Religião e patriotismo: o anticomunismo católico nos Estados Unidos e no Brasil nos anos da Guerra Fria. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 22, nº 44, pp. 463-488, 2002. p. 464.

Obviamente, nem todas as ações do governo de censura às ideias de liberdade sexual tinham como pressuposto o medo de uma ação subversiva intencional. Não se imaginava que Odair José (ou, ao menos, não se imaginava *seriamente*), cujas músicas sofriam frequentes cortes ou proibições por seu conteúdo sexualmente sugestivo, fosse um agente comunista. Mas isso não significa que não se aventasse, com alguma frequência, e diante especialmente de movimentos culturais de contestação, a existência real de uma ação internacional de subversão de valores morais por meio da arte. O então ministro da Educação, Jarbas Passarinho, afirmou em 1971, em discurso proferido a professores no Rio de Janeiro, que

os comunistas agem usando todos os meios e veículos de comunicação para destruir os valores culturais, morais e sociais da sociedade capitalista, a fim de implantar a sua filosofia.

E citou, como exemplo, suas impressões ao assistir a peça *Hair*, em uma apresentação em Londres.

‘Tudo o que eu tinha visto no palco não passava de uma ação para destruir todos os valores e padrões morais da sociedade democrática’, observou. Contando a peça, disse que viu grupo de rapazes cabeludos e barbudos, sujos, fazendo gestos obscenos e dizendo palavrões. Paralelamente a tudo isso, segundo o ministro, ‘uma jovem dizia que estava grávida e não queria saber quem era o pai, numa alusão ao amor livre’³⁷⁹.

Este processo, aliás, está de acordo com a permanente “fabricação da suspeita”, característica própria da burocracia repressora durante o regime militar³⁸⁰. A partir de um olhar moralista, espreitando a subversão nas entrelinhas (afinal, devia-se “aprender a ler jornais, ouvir rádio e assistir TV com certa malícia”³⁸¹), os agentes da repressão supunham, quando não flagrantemente construía, ligações entre a exposição da sexualidade e a subversão.

Ao final da década, com o enfraquecimento da censura e o gradual aumento de publicações pornográficas, as definições, tanto do governo, quanto dos adeptos de determinada revolução sexual, passaram a concordar que “amor livre” passava a significar não muito mais do que atos sexuais, voltados exclusivamente ao prazer, e desvinculados de relacionamentos. A diferença em ambos os discursos passou a estar, apenas, no valor dado ao adjetivo “liberal”. Mantinha-se como prática condenável para o pensamento conservador, mas tornara-se valor positivo para os praticantes de *swing*, e

³⁷⁹ “Professores contra subversão”. Folha de S. Paulo, 13 de maio de 1971, p. 10.

³⁸⁰ MAGALHÃES, Marionilde Dias Brepohl de. A lógica da suspeição: sobre os aparelhos repressivos à época da ditadura militar no Brasil. Rev. bras. Hist. [online]. 1997, vol.17, n.34, pp. 203-220.

³⁸¹ Decálogo da segurança. In. MAGALHÃES, Marionilde Dias Brepohl de. op. cit.

incorporou-se a seu discurso. Destituído de seu passado político, a expressão “amor livre” gradualmente desaparece do vocabulário brasileiro, mantendo-se apenas o “liberal” como resquício de sua origem socialmente controversa.

Não há dúvidas de que as posições contrárias ao amor livre eram alimentadas pelo discurso moralista do regime militar, apoiadas por um pensamento conservador presente na sociedade brasileira. Afinal, toda uma estrutura institucional havia sido criada para difundir um determinado modelo de família e sexualidade, tanto de forma positiva (como nos manuais de Educação Moral e Cívica), quanto negativa (pela Censura, por exemplo). Porém, a condenação ao liberalismo sexual ultrapassava o mero moralismo político, e encontrava um suporte bastante ativo naquelas disciplinas que se apresentavam científicas – e, portanto, neutras – em relação à sexualidade. Chamados a dar sua opinião sobre as mudanças eróticas pelas quais o Brasil passava, cientistas das mais diversas áreas apresentaram-se na mídia para condenar o que entendiam como a desvirtuação da naturalidade dos atos sexuais. Este suporte científico ao pensamento conservador será analisado no próximo capítulo.

5. Os especialistas e o swing

É bastante comum falar-se de “sexualidade” – assim como de “família”, “estado”, “economia” – como se fosse um conceito encaixotado, que não manteria relação com outras instâncias da sociedade³⁸². Além disso, a sexualidade é identificada, quase perfeitamente, ao conceito de privado: uma realidade íntima que não seria de interesse da sociedade. A realidade, porém, é outra. Não apenas a sexualidade está em íntimo contato com outros elementos sociais, como sua privacidade é limitada afinal, e em primeiro lugar, é o contexto social que define o que é possível e aceitável em termos de expressão dos desejos eróticos.

Este conceito, com o significado de um conhecimento sobre o ato sexual enquanto campo específico da vida humana, foi criado no final do século XIX, em um esforço para compreender as características e desvendar os mistérios do desejo erótico em homens e mulheres. Tal conceito não existia no mundo pré-burguês. O que se define hoje como elementos participantes de uma mesma realidade – intercurso, parentesco e família, gênero, etc. – não participavam da “sexualidade”, mas eram ligados a diferentes campos como economia e política³⁸³.

O desenvolvimento de estudos específicos sobre a sexualidade é resultado de um aumento da preocupação do Estado com a vida de seus cidadãos. A busca pela melhoria da saúde e da riqueza nacionais passava pela uniformização de seus membros e isso incluía sua vida sexual, que deixava de ser uma questão apenas moral para se tornar, também, política. Métodos de administração da vida social invadiram a vida privada a partir de princípios legais, médicos, higiênicos: práticas e discursos científicos na busca pela compreensão e gestão da natureza humana, fundamentados no entendimento do sexo³⁸⁴.

Neste contexto, o sexo constrói-se enquanto o elemento “mais interior em um dispositivo de sexualidade que o poder organiza em suas capturas dos corpos, sua materialidade, suas forças, suas energias, suas sensações, seus prazeres”³⁸⁵. A psiquiatria do século XIX atuará de forma decisiva na constituição de um conjunto de

³⁸² PADGUG, Robert A. Sexual matters: on conceptualizing sexuality in History. In. PEISS, Kathy. *Passion and power: Sexuality in history*. Estados Unidos: Temple University Press, 1989.

³⁸³ HALPERIN, David. Is there a history of sexuality? In. ABELOVE, Henry. et. al. *The lesbian and gay studies reader*. Nova Iorque (Estados Unidos): Routledge, 1993. p. 418.

³⁸⁴ WEEKS, Jeffrey. *Sexuality*. Estados Unidos: Routledge, 2003. p. 32.

³⁸⁵ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I...* op. cit. p. 205.

regras fundamentadas em um vocabulário racional e neutro, definindo cientificamente qual comportamento sexual seria considerado adequado, e qual seria patológico.

A sexualidade que surge destes discursos normatizadores cria determinadas subjetividades, bem como formas de assujeitamento, ao delimitar o que é devido, correto, certo – e que, portanto deve ser seguido – do que deve ser evitado por ser anormal ou monstruoso. Parte de um processo médico, as regras estabelecidas formam-se enquanto consequências, mas também instrumentos para controle da criação da vida, e caracterizam-se enquanto um projeto político. Dentro das sociedades ocidentais, o controle sobre sexo estabelece-se, assim, enquanto um bio-poder, em uma recorrente e científica exigência em direção à normalidade. Este dispositivo da sexualidade não apenas analisa, portanto, uma suposta sexualidade neutra preexistente na sociedade, mas além de controlá-la, também a produz.

O adulto perverso é construído, assim, enquanto um sujeito que deve ser estudado e curado. E, mais ainda, sempre que possível, os conhecimentos a respeito da sexualidade deverão ser suficientes para impedir o seu surgimento, através da vigilância constante à sexualidade desde a infância. Neste dispositivo da sexualidade, corpos são analisados, minuciosamente investigados, e efetivamente construídos, de maneira ampla e detalhada. O prazer é definido e instigado em uma direção específica, com objetivos que são social e politicamente diversos³⁸⁶, a partir de um discurso fundamentalmente científico.

Uma das obras mais influentes na definição das perversões e da construção de seus sujeitos é *Psychopathia Sexualis*, do médico alemão Richard von Kraft-Ebbing³⁸⁷, publicado inicialmente em 1886. Denominou e definiu as diversas perversões sexuais, oferecendo exemplos, diagnósticos e prognósticos. Acreditando que a procriação era a única forma legítima e natural do ato sexual, todas as demais seriam perversões, especificamente, do desejo. Pois, para Kraft-Ebbing, as práticas eróticas não definiam as patologias, mas sim os desejos que levavam àquelas práticas. Desta forma, a paradoxia (o desejo sexual no momento errado da vida), a anestesia (o desejo sexual insuficiente), a hiperestesia (o excessivo desejo sexual) e a parestesia (o erro no direcionamento do desejo sexual) conformavam os grandes grupos de perversões. Ainda nos anos 1970 no

³⁸⁶ FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I... op. cit. p. 139.

³⁸⁷ KRAFFT-EBING, Richard von. *Psychopathia sexualis: a medico-forensic study*. Londres (Inglaterra): William Heinemann, 1939. Disponível na internet em <https://archive.org/details/psychopathiasexu00kraffo>

Brasil, a obra de Kraft-Ebbing era referenciada para a definição e separação do normal e do patológico da natureza humana.

Uma natureza humana que, cada vez mais desde o século XVIII, era sumarizada em sua biologia. Em sua explicação do processo de surgimento das espécies naturais, Darwin demonstrava que o sexo e a morte atuavam para promover a evolução, entendendo o desejo sexual como uma força natural, de modo que os animais conseguissem passar suas características aos descendentes. O desejo sexual, que acabava por igualar os seres humanos aos animais³⁸⁸, da concepção religiosa da “tentação”, passou a ser compreendido biologicamente como “instinto”. Animalizado, seria concebido como uma força poderosa, motor para a ação humana, que somente seria possível de ser controlada pela moral, pela cultura e civilização. Segundo Krafft-Ebing,

a vida é um duelo incessante entre o instinto animal e a moralidade. Somente a força de vontade e um caráter forte podem emancipar o homem da baixaza de sua natureza corrupta, e ensiná-lo a apreciar os prazeres puros do amor e colher os nobres frutos da existência terrena³⁸⁹.

O instinto de uma forma geral não tinha, para Darwin, o sentido de uma força irresistível como o instinto sexual, especificamente, parecerá ter a partir do século XIX – “o impulso sexual foi a origem da maioria dos problemas desde Adão e Eva”, afirmaria Malinowski³⁹⁰. Ao vocabulário darwiniano (e biológico, de uma maneira geral), somou-se uma concepção moralista e religiosa já existente a respeito dos perigos próprios da sexualidade. Proibições baseadas no pensamento cristão foram transferidas, assim, para a linguagem científica dos textos sexológicos, produzindo proibições praticamente idênticas às “classificações teológicas com fundamentos morais das leis da Inglaterra do século XV”, como destacaria o pesquisador americano Alfred Kinsey³⁹¹.

Nascida no contexto das batalhas pela identificação da natureza do sexo, e tomando por base as experiências e fantasias masculinas³⁹², a sexologia constrói um catálogo de práticas eróticas, de tipos, diagnósticos, tratamentos, prevenções. Para a sexologia, a normalidade sexual era aquela que se relacionava, de alguma forma, à reprodução e, fora disso, havia o descontrole e, possivelmente, degeneração. A obsessão

³⁸⁸ CLARK, Anna. op. cit.

³⁸⁹ KRAFFT-EBING, Richard von. *Psychopathia sexualis: a medico-forensic study*. Londres (Inglaterra): William Heinemann, 1939. p. 5.

³⁹⁰ MALINOWSKI, B. *Sex and repression in a savage society*. London: Routledge, 2001.

³⁹¹ Apud WEEKS, Jeffrey. *Sexuality*. op. cit. p. 70.

³⁹² WEEKS, Jeffrey. *Sexuality*. op. cit. p. 43.

sexológica com a catalogação, com a busca da verdadeira natureza do sexo, limita e enquadra as práticas, estabelece quais são as desejadas – construindo saberes e técnicas para reforçá-las³⁹³ – e constrói determinados sujeitos como o heterossexual, o homossexual, o *voyeur*, o feticlista, o zoófilo, o exibicionista.

As concepções médicas a respeito da naturalização dos papéis de gênero e da adequada prática sexual para homens e mulheres ditavam normas, denunciavam comportamentos desviantes e anunciavam os perigos provocados por práticas não socialmente sancionadas. Associada ao ascendente movimento higiênico e de reforma moral, a sexologia, nascida da busca pela compreensão do sexo, passa a participar enquanto agente de sua organização³⁹⁴.

Aproveitando-se da legitimidade construída pela medicina, particularmente na construção dos discursos sobre a sexualidade, os sexólogos, desde o século XIX, constituíram-se, assim, enquanto especialistas de um aspecto específico da vida humana³⁹⁵. Sua institucionalidade e seu reconhecimento social passaram a ser continuamente reforçados pela divulgação de novas pesquisas, publicação de livros, realização de consultas, apresentação em espaços reconhecidos como científicos. Conquistaram um espaço privilegiado na orientação das sexualidades porque participavam de sistemas peritos nos quais, segundo Giddens³⁹⁶, é depositada determinada confiança: há uma “fé”, uma “experiência de que tais sistemas geralmente funcionam como se espera que eles o façam”³⁹⁷. E ainda que apresentem um saber passível de contestação e revisão – característica própria da ciência –, a confiança estabelecida na autenticidade dos peritos permite o direcionamento de normas, comportamentos, atitudes. O currículo apresentado nas reportagens sobre sexualidade ou nas primeiras páginas dos manuais conjugais, o título de “Doutor”, a exposição de diplomas, o uso de uma linguagem específica, são todas maneiras deste perito manter seu grau de autoridade diante do leigo³⁹⁸.

³⁹³ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1977.

³⁹⁴ WEEKS, Jeffrey. *Sexuality and its...* op. cit.

³⁹⁵ WEEKS, Jeffrey. *Sexuality and its...* op. cit.

³⁹⁶ GIDDENS, A. *Consequências...* São Paulo: Unesp, 1991.

³⁹⁷ GIDDENS, A. *Consequências...* op. cit. p. 31.

³⁹⁸ GIDDENS, A. *Consequências...* op. cit. p. 111.

5.1 *Sexologia e a psicanálise no Brasil*

O especialista é uma presença constante em reportagens sobre a sexualidade, desde o final dos anos 60 na *Ele Ela* e durante toda a década seguinte também nas demais revistas masculinas. É ele quem aconselha e interpreta; alerta e prevê. Todos os comportamentos sexuais, particularmente os tidos como novos, oriundos da revolução sexual, são objeto de seu discurso científico³⁹⁹. Este processo era incentivado pelos meios de comunicação de massa e os leitores eram convidados a confiar suas angústias aos especialistas.

Sua médica já lhe ajudou e vai continuar, com os seus conselhos profissionais. É isso mesmo: estamos na era dos técnicos, não dos amadores. O conselho dela vale mais do que o da vizinha, das amigas, curiosos, enfim⁴⁰⁰.

As novidades associadas às questões sexuais – quebra de tabus, aumento do erotismo nos meios de comunicação, mudanças de comportamento, especialmente da juventude – criavam uma determinada apreensão social que cabia a estes especialistas controlar. Sancionando e condenando práticas, colocavam-se como legítimos intérpretes das mudanças sociais.

Seus títulos eram muitos e variados: psicólogos, terapeutas, psicoterapeutas, médicos, psicanalistas, psiquiatras e, é claro, sexólogos que haviam cursado esta especialidade em faculdades europeias e norte-americanas. Independentemente da titulação apresentada, tinham em comum o fato de basearem suas opiniões em supostas situações vivenciadas em seus respectivos consultórios, indicando não apenas que tratavam, como também curavam problemas sexuais (e, discretamente, ofereciam seus serviços).

Nas revistas, costumavam representar a última palavra em sexualidade e isso poderia ocorrer literalmente: exemplificado pelas páginas da revista *Veja* de novembro de 77 – em um modelo comum de diagramação presente em textos sobre questões sexuais –, a reportagem (sobre *swing*, neste caso) é finalizada com um quadro contendo a opinião do especialista. Destacava-se a opinião científica, inclusive fisicamente, tanto da posição do repórter quanto dos entrevistados – explicitamente delimitada, com fundo

³⁹⁹ Usualmente científico, talvez fosse mais preciso afirmar. Por vezes, *Ele Ela* convoca advogados e religiosos para opinar em temas nos quais seriam “especialistas”, como dificuldades de relacionamento conjugal para o primeiro, e o papel da sexualidade dos jovens, para o segundo.

⁴⁰⁰ *Ele Ela*, n. 6, Outubro de 1969, p. 111.

de cor diferente, com as letras em itálico. Apresentava-se, com uma pompa diversa do restante do texto, a solenidade do discurso científico.

continuação da página 54

ceu com a gente ainda", revelou "Francisco". Por histórias desse tipo, o casal italiano já pensou em criar um clube exclusivo para os adeptos do *swinging* — uma possibilidade tida como remota por eles: "As pessoas aqui ainda se preocupam muito com o que os outros podem pensar e isso complica as coisas".

Durante toda a conversa no restaurante, "Franco" e "Manuela" pouco se olharam e em nenhum momento houve da parte deles qualquer gesto de carinho entre si. Davam a impressão de um casal

que apenas se suposta. No entanto, ao saberem que o "casal jovem" considerava o casamento uma instituição falida, "Franco" e "Manuela" rapidamente passaram a argumentar em defesa do matrimônio. E citaram o padre que os casou: "Ele comparou o casamento a um navio. É necessário um comandante para que ele não naufrague e até agora estamos conseguindo manter o navio a flutuar..." Quanto à prática do *swinging*, seria um complemento, não um estorvo.

No final do jantar, "Franco" e "Manuela" colocaram o futuro nas mãos do "casal jovem": "Você é que sabe, não forcamos nada", disseram, lembrando que é preciso paciência, pois das sete tentativas por eles realizadas este ano, apenas uma resultou efetivamente em *swinging*. Os quatro deram-se boa noite, "muito prazer", prometeram ligações telefônicas e nunca mais se encontraram. Já havia material suficiente para a reportagem.

Casos amigos

Somos um casal de clima apaixonado, nem muito, nem pouco, nem de espécie alguma — não muito, nem de espécie alguma. Ela tem 20 anos, é estudante e loira: alta, clara, baixa, esbelta. Já ganhou vários prêmios, pela beleza.

Eu tenho 46 anos e sou professor, estatístico, músico, claro, casado, alto, aguçado e cidadão sério. Tanto físico de homem e cidadão de espírito inegavelmente.

Ela aceita absolutamente tudo, mas gosta do satisfatório. São boas, que não gostam de fazerem normalmente e não pelo JB. Preciso vê-la para tratar dos primeiros — no local, perto da minha mulher, incluindo completamente uma.

Na linguagem desinibida das cartas, a revelação dos preconceitos

identidades". "acentuar o desempenho em detrimento do envolvimento", "cosificar as pessoas". Há, de todo modo, condenações mais concretas. Especialistas sexuais fazem mesmo de personalidades "esquízoides", caracterizadas pelo narcisismo, pelo exibicionismo, com grande dificuldade em encontrar um lugar conveniente na estrutura familiar e social — pessoas, na verdade, reprimidas, incapazes de escolha e ações próprias reais.

Por outro lado, essa "ruptura com a sociedade" seria nada mais nada menos que uma impostura. Em vez de serem pessoas aventureiras, imaginativas e abertas, os *swingers* revelam uma considerável pobreza de propósitos, assuntos e interesse. Na verdade, os figurantes da seção "classificador" dos jornais são em geral preconceituosos. Um dos entrevistados por Joaquim Ferreira dos Santos e Lúcia Rêo declarou sua decepção ao ver que alguma que se classificava "branco" era na verdade "amarelo". As estatísticas americanas são mais eloquentes: 90% dos *swingers* americanos recusam "casais mistos". E nos Estados Unidos, segundo Barrell, haveria 8 mil

Hões de casais praticantes do *swinging*. Nem tudo, entretanto, seria assim tão ruim. Consultada por VEJA, uma psicóloga carioca admite algumas vantagens, passagens pelo menos. Muitas pessoas apenas conseguem resolver seus problemas de masturbação solidária dessa maneira, susseita ela. Muitas pessoas conseguiram amar seus *swingers* apenas depois de sofrerem no *swinging* ("o casal que pratica o *swinging* permanece unido", diz um conhecido *swinger*). As mulheres, enfim, receberiam "uma intensa gratificação sexual justamente porque são o objeto sexual dos homens e das outras mulheres".

Na verdade, os *swingers* gostariam apenas deles mesmos. No livro precursor de Peter Wyden "Group Sex", contendo estudos realizados junto de 280 casais *swingers*, o autor relaciona algumas características sociais do grupo. Uma dessas tendências efetivas é, contudo, a propensão em sempre ridicularizar a emoção.

O verbo "amar", assim, não existe no vocabulário dos *swingers*. Segundo Wyden, o *swinging* apenas camufla um vazio.

16

VEJA, 16 DE NOVEMBRO, 1977

Figura 36 - Casais Trocam-se. Veja, 16 de Novembro de 1977. p. 56.

A sexologia que estaria também presente nas revistas masculinas teria nascido, segundo Béjin⁴⁰¹, com a publicação dos trabalhos de Wilhelm Reich⁴⁰² e Alfred Kinsey⁴⁰³, e sua nova visão que conferia ao orgasmo uma posição de destaque dentro da saúde psíquica e física do ser humano. A partir do final dos anos 60, tendo os trabalhos dos pesquisadores norte-americanos Masters e Johnson como o modelo paradigmático da nova terapia sexológica⁴⁰⁴, o orgasmo se torna indicador de saúde, e sua existência, bem como a sua quantidade e qualidade — devidamente medidas e registradas —

⁴⁰¹ BÉJIN, André. Crepúsculo dos psicanalistas, manhã dos sexólogos. In. ARIÈS, Philippe e BÉJIN, André (orgs.). op. cit.

⁴⁰² A partir dos anos 1920.

⁴⁰³ Sua principal influência foi devido às obras "Comportamento sexual do homem", de 1948, e "Comportamento sexual da mulher", de 1953.

⁴⁰⁴ BÉJIN, André. Crepúsculo dos psicanalistas, manhã dos sexólogos. In. ARIÈS, Philippe e BÉJIN, André (orgs.). op. cit.

indicariam saúde ou doença, implicando ou não em necessidade de terapia. A ausência de orgasmo teria de ser curada.

Resultado de um processo que se deu no Ocidente – variando em intensidade em cada região –, o orgasmo transformou-se, gradualmente, em urgência e necessidade médica. Não se tratava, agora, apenas de quebrar tabus, romper preconceitos: a questão era ser sexualmente saudável, sendo papel dos especialistas curar este “flagelo social que são as inaptidões sexuais”⁴⁰⁵.

No Brasil dos anos 70, estes estudos eram mesclados à psicanálise, que vivia no país sua “época áurea”⁴⁰⁶. A preponderância do discurso psicanalítico pode ser constatada tanto pelos princípios terapêuticos demonstrados, com o destaque para traumas, atenção especial a complexos, sublimações e recalques, quanto pelo material analisado, como sonhos, atos sintomáticos, resistências por parte do paciente e o comportamento considerado normal confrontado com o neurótico. Tome-se, por exemplo, a análise que uma especialista faz das dificuldades que muitas mulheres experimentavam na noite de núpcias (o texto, obviamente, presume que a mulher tenha se casado virgem):

A dor que algumas mulheres sentem é causada pelo hímen tenso, uma defesa psicológica contra aquilo que ela não aceita integralmente. Trata-se de um caso psiquiátrico e é sempre o resultado de uma neurose oculta. (...) Num casal normal, tudo se passa facilmente.

Se houve problemas no momento da perda da virgindade, se tudo não se passou facilmente, pode-se concluir que o casal não era normal e a mulher era neurótica (afinal, o hímen tenso, por uma curiosa associação de ideias, era um caso psiquiátrico e, sempre, o resultado de uma neurose oculta).

Além disso, seguindo o modelo psicanalítico, as causas eram comumente buscadas em eventos traumáticos originais: o travestismo era resultante da influência de uma camareira na infância da criança; o lesbianismo reflexo de “excessiva fixação paterna, traumas de infância, carência afetiva e uma série de outros problemas”⁴⁰⁷. Além de ser psicanalítica a própria terminologia usada na análise das questões sexuais:

⁴⁰⁵ MASTERS, William; JOHNSON, Virginia. A incompetência sexual. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

⁴⁰⁶ RUSSO, Jane A. et al. O campo da sexologia no Brasil: constituição e institucionalização. *Physis*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, 2009. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312009000300004&lng=en&nrm=isso. Acesso em 10/9/2014.

⁴⁰⁷ Ele Ela, n. 24, Abril de 1971, p. 10.

pulsões, libido, traumas, fixação infantil, subconsciente, repressões, neuroses, sublimação.

Na grande maioria das vezes, não é possível ter informações mais detalhadas sobre a qualificação dos profissionais pelos poucos dados que as revistas forneciam sobre eles. Muitas reportagens, além disso, eram traduções de artigos estrangeiros, e traziam informações sobre profissionais locais, e não raro tinham seus nomes grafados incorretamente. Em uma reportagem de 1978 sobre o *swing*, por exemplo, a revista *Peteca* apresentava o que seriam as conclusões de “Peter Wyden”, identificado como precursor nos estudos sobre a troca de casais. Este, na verdade, era o nome do editor que publicou, originalmente, o livro “Group sex”, do sociólogo Gilbert D. Bartell – o verdadeiro autor⁴⁰⁸.

Para os profissionais consultados pelas revistas masculinas, particularmente até quase o final da década de 1970, o único sexo normal e saudável – ou seja, não neurótico, não infantil, não resultante de traumas; enfim, não patológico – era o heterossexual, preferencialmente o conjugal (e, se não fosse com o cônjuge, pelo menos estritamente monogâmico) e vaginal. Em sendo assim, apresentavam uma similaridade de ideias com o pensamento conservador sobre sexualidade, e mesmo aquele definido como correto pelo regime militar. Fora da conjugalidade heterossexual, tudo o mais, para a absoluta maioria de especialistas, era representação de problemas psicológicos de várias ordens.

Um conflito se estabeleceu: por um lado, vivia-se a liberação sexual, e o estímulo à sexualidade por pessoas e grupos que, até aquele momento, tinham o seu erotismo controlado e seu desejo cerceado. Por outro, o discurso científico presente nos meios de comunicação de massa interpretava como sintomas de doenças todo comportamento que não fosse aquele definido como normativo: manutenção da virgindade feminina, monogamia, heterossexualidade, atividade masculina e passividade feminina, etc.

O adultério, por exemplo, era condenado por mostrar um “impulso de voltar às brincadeiras sexuais não permitidas na infância”; além disso, revelava que “um dos lados do triângulo amoroso tem tendências homossexuais”⁴⁰⁹. Já, para outro

⁴⁰⁸ *Peteca*, n. 16, Agosto de 1978, p. 36.

⁴⁰⁹ *Ele Ela*, n. 29, Setembro de 1971, p. 174.

especialista, teria como “causas predominantes a imaturidade, o narcisismo, as desordens de caráter ou a fragmentação do superego”⁴¹⁰.

Praticar *striptease* seria um “desvio mórbido do instinto sexual”, por ser uma “manifestação sofisticada do exibicionismo”⁴¹¹, em uma definição que se assemelha àquelas oitocentistas de Kraft-Ebing. O relacionamento entre pessoas de idades diferentes seria o resultado de um “vazio”, preenchido em termos de sublimação:

Ao ligar-se a uma jovem, procura, inconscientemente, desempenhar um papel paternal. No fundo, quer dominar, ser o patriarca. Entretanto, essa festividade, geralmente instável e desequilibrada, vai criar novas áreas de conflitos.⁴¹²

A sexualidade feminina não moralmente sancionada – aquela submetida ao desejo masculino, dentro de um relacionamento monogâmico – sofria mais especialmente a condenação pelos especialistas. Uma mulher sexualmente ativa, não disposta a manter relacionamentos monogâmicos, ou que realiza a atividade sexual pelo prazer (excluindo relações sentimentais) eram consideradas

instáveis no plano psíquico, que tiveram uma ou várias decepções no seu passado, desejam vingar-se em todos os homens. Excitam sexualmente os homens até a loucura e, então, os mandam embora⁴¹³.

Não importava se esta mulher, mesmo diante das pressões sociais, sentia-se bem com a sua sexualidade. Ainda assim era doente, com o agravante de se recusar a compreender seu problema. “O prazer encontrado no próprio corpo, no amor e na tensão entre os amantes é a fonte que me dá o prazer de viver”⁴¹⁴, afirmava uma mulher de 49 anos, que tivera 12 parceiros sexuais durante a vida. Porém, um de seus sonhos (“O homem que eu amava desaparecera. Entrei numa gruta. O chão estava coberto de sapatos. Comecei a colocá-los numa cesta. Aí apareceram muitos homens atrás de uns troncos (...)”) seria, para uma especialista, a revelação inconsciente dos reais problemas sexuais de sua paciente.

O sonho demonstra que – pelo menos até o momento da visão – esta mulher não consegue transformar a sexualidade em relação verdadeiramente humana. Experimentou o prazer, a sexualidade e a fascinação – nada mais. (...) Ela é fatalmente perseguida pela sexualidade que não enriquece, mas destrói. O encontro com o homem amado, desejado na realidade, torna-se assim impossível⁴¹⁵.

⁴¹⁰ Ele Ela, n. 12, Abril de 1970, p. 64.

⁴¹¹ Ele Ela, n. 9, Janeiro de 1970, Encarte.

⁴¹² Ele Ela, n. 31, Novembro de 1971, p. 26.

⁴¹³ Ele Ela, n. 33, Janeiro de 1972, p. 136.

⁴¹⁴ Ele Ela, n. 33, Janeiro de 1972, p. 127.

⁴¹⁵ Ele Ela, n. 33, Janeiro de 1972, p. 127.

A condenação é clara: a sexualidade exercida desvinculada do sentimento (algo que seria inaceitável a uma mulher), bem como a multiplicidade de parceiros seriam, *a priori*, condições patológicas que certamente deixariam marcas inconscientes, trazidas à luz pela especialista. Tratava-se de encontrar, no material de análise, exatamente o que se esperava como em uma previsão retrospectiva, justificando de uma forma psicanalítica a condenação moral subjacente.

A mesma especialista conclui que a auto aceitação do comportamento não implica ausência de problemas: “o importante é saber que mesmo quando uma mulher está satisfeita sexualmente, isso não quer dizer que ela se sinta plenamente realizada”:

com sua sexualidade, esta mulher tenta usurpar a potência de todos os homens. Não faz questão de um homem determinado, não pensa em dar e receber sexualmente, quer somente sua própria satisfação. Seu único desejo é colecionar troféus, exercer o poder, subjugar os homens do mundo inteiro⁴¹⁶.

Pode-se apenas conjecturar o quanto destes discursos seria incorporado pelos leitores das revistas, mas certamente devem ter influenciado análises sobre a realidade, além de comportamentos. Porém, e da mesma forma, devem ter sofrido resistência de leitores e leitoras, que compreendiam sua realidade erótica de uma maneira diferente do aquela defendida por muitos especialistas. Uma leitora da Playboy envia à revista uma carta, revoltada por um especialista ter afirmado que “as poucas mulheres que sei serem tão dispostas ao sexo como os homens são ninfomaníacas”.

Segundo ela,

embora os homens que conheci tivessem bons impulsos sexuais, sempre percebi que o meu era maior que o deles. (...) Mas nunca me senti insatisfeita. Agora estou casada (já há sete anos) e cuido bem do meu marido e dos nossos dois filhos, da casa, além de pintar, costurar minhas roupas e ler, em média, cinco livros por mês. (...) Logo, não fico na cama ‘satisfazendo desejos incontroláveis’.

Graças a Deus, librei-me das inibições e aprendi a esquecer do que me ensinaram que uma mulher é⁴¹⁷.

Quem procurasse romper com os tabus relacionados à sexualidade, em plena revolução sexual dos anos 70, encontraria na literatura dos meios de comunicação de massa, e mesmo em livros de educação sexual, a condenação a perversões e taras, remetendo à longevidade e à influência, ainda que indiretas, da obra “Psychopathia Sexualis” de Kraft-Ebing. Condenações que, obviamente, não têm sua origem no século XIX, nem nas interpretações particulares do médico alemão, mas são produto do próprio

⁴¹⁶ Ele Ela, n. 33, Janeiro de 1972, p. 127.

⁴¹⁷ Playboy, n. 46, Maio de 1979, p. 13.

pensamento cristão, de condenação ao prazer físico (sexual, especialmente), e compreensão da prática sexual enquanto um mal em si. Há um paralelismo notável entre muitas das tradicionais restrições cristãs à sexualidade e as opiniões de especialistas dos anos 1970.

Não se pode esquecer que, ainda hoje, bem se sabe, uma das condições para que um comportamento seja classificado como patológico pela psicologia é o de não ser aceito pela cultura em que se insere. O que gera um previsível círculo de condenação, em que a visão moralista de uma sociedade passa a ser suportada pela ciência e que, assim, retroalimenta as justificativas morais.

Além disso, uma condenação social a uma prática gera um estresse entre seus praticantes. Uma mulher que tivesse múltiplos parceiros, no início dos anos 1970, ou um casal que praticasse o *swing* no mesmo período, estariam na mesma condição: realizando uma prática profundamente rejeitada pela cultura em que viviam. E mais: se inexperientes ou inseguros, estariam vulneráveis à pressão social sobre suas práticas, podendo gerar sentimentos de angústia, autocensura, arrependimento. Sensações, aliás, aliás, que são uma segunda condição para a configuração de uma prática enquanto doença, pela psicologia.

5.2 *Os discursos dos especialistas sobre o swing*

Em 1976, o jornalista Délcio Monteiro de Lima telefonou para a editora fluminense Francisco Alves com a proposta de organizar uma pesquisa sobre o comportamento sexual do brasileiro. Decidiu, porém, excluir “definitivamente a ideia de um levantamento comportamental através do sistema de ouvir pessoas falando sobre os próprios hábitos e práticas sexuais”⁴¹⁸, criando uma curiosa metodologia de pesquisar sobre a sexualidade dos brasileiros sem entrevista-los. “A mentira”, justificou o autor, seria a “tônica das respostas em todos os questionários”⁴¹⁹. Optou por enviar perguntas a um conjunto de especialistas, formado por “ginecologistas, urologistas, proctologistas, sexologistas, psicólogos clínicos, psiquiatras e psicanalistas”⁴²⁰ porque, entre eles, “não

⁴¹⁸ LIMA, Délcio Monteiro de. *Comportamento sexual do brasileiro*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978. p. 11.

⁴¹⁹ LIMA, Délcio Monteiro de. *op. cit.* p. 9.

⁴²⁰ LIMA, Délcio Monteiro de. *op. cit.* p. 12.

interferem bloqueios, nem repressões psicossociais”. Portanto, não haveria mentiras.

O resultado desta obra foi a reprodução de preconceitos dos próprios especialistas, sobre um conjunto heterogêneo de temas relativos à sexualidade dos brasileiros do período. Tomando-se como pressuposto que a ciência sempre fala a verdade, e sempre conhece o tema que aborda, a obra afirma, por exemplo, que o uso de vibradores para a prática da masturbação era apenas um boato⁴²¹, o comportamento “lastimável” do homossexualismo começaria usualmente após o uso de tóxicos⁴²², e a masturbação seria a confirmação de uma sexualidade imatura e inadequada⁴²³ – demonstrando como os especialistas projetavam seus próprios valores morais e crenças nos comportamentos de seus pacientes. E que, ao mesmo tempo, seriam tomados como descrições da realidade.

A troca de casais? “Pura fantasia”, pois não existia no Brasil: “ao brasileiro falta bossa para o sexo grupal”. Todos os casais que diziam ter participado da prática “não passaram – é óbvio – de inocentes vítimas de cáftens e prostitutas e com algum travesti de permeio”.

Foram, por certo, atraídos e ludibriados por anúncios sutis, muito despistados, que aqueles sabidos inserem nos jornais convidando ‘pessoas solitárias para programas diferentes no fim de semana’. Coisa grosseira, capaz de enganar gente muito incauta mesmo⁴²⁴.

Se o livro de Monteiro de Lima não pode ser utilizado, como o autor originalmente gostaria, como documento sobre a sexualidade dos brasileiros em finais dos anos 70, tornou-se, porém, testemunho que evidencia tanto a negação quanto a patologização de práticas sexuais não socialmente sancionadas. Previsivelmente, tais atitudes serão estendidas ao *swing*, e a condenação científica à prática torna-se frequente nas revistas masculinas.

Discordamos em princípio com o puxão de orelhas que deu ao casal pernambucano (Peteca n. 12), dizendo que o marido estava prostituindo a esposa. Faço troca de casais desde meu casamento, há dois anos, e posso tranquilamente afirmar que isto depende unicamente de quem ou com quem é feita essa prática. R. e S. B. - Vitória, ES⁴²⁵.

Sendo espaço pedagógico e de discussões sobre questões sexuais, as revistas masculinas recebiam dúvidas dos leitores também sobre o *swing*. A partir de meados

⁴²¹ LIMA, Délcio Monteiro de. op. cit. p. 47.

⁴²² LIMA, Délcio Monteiro de. op. cit. p. 102.

⁴²³ LIMA, Délcio Monteiro de. op. cit. p. 52.

⁴²⁴ LIMA, Délcio Monteiro de. op. cit. p. 174.

⁴²⁵ Peteca, n. 16, Agosto de 1978, p. 36.

dos anos 70, quando a prática era motivo de curiosidade, e as revistas masculinas tentavam, como se viu, desvendar a prática e as motivações dos praticantes, não eram poucos os casais interessados em mais detalhes ou, como no caso da carta acima, encontrar justificativas positivas para suas escolhas.

No entanto, o *swing* será interpretado pelos especialistas a partir de suas concepções mais gerais de sexualidade. Em sendo uma prática sexual não normativa, seria entendida como desviante, antinatural, e patológica. Tornou-se comum a “psiquiatrização do prazer perverso”⁴²⁶ do *swing*. À carta enviada pelo casal capixaba, a revista Peteca respondia que era uma prática em que

prazeres à parte, não existe o amor. Seus adeptos (os ‘swingers’), casais que praticam esta permuta, são pessoas com problemas sexuais, buscando a realização de forma errônea, na relação impessoal, numa simples troca de prazer. (...) Esta troca de casais apenas camufla um vazio no relacionamento entre marido e mulher.⁴²⁷

A revista Peteca se orgulhava em apresentar “uma orientação saudável e correta o tanto quanto possível, dentro de uma filosofia sem preconceitos ou falso puritanismo” procurando, sempre, valer-se da opinião dos mais conceituados “sexologistas, psicólogos ou psicoterapeutas, psiquiatras, sociólogos e educadores”⁴²⁸.

E será a partir da opinião destes especialistas, que a revista afirmava a seus leitores que “se um casal vai procurar amor fora dos limites da intimidade a dois é porque esse sentimento não existe mais entre eles”⁴²⁹, explicitando uma compreensão conservadora da sexualidade conjugal, em que o amor romântico ainda deveria estar ligado à sexualidade. A patologização do *swing* torna-se consequência desta visão:

A maioria dos psicanalistas brasileiros é de parecer que algo está errado com os casais praticantes do swinging, quase sempre são pessoas frígidas ou com outros problemas, evitando assumir suas perversões sexuais. O homem que se realiza só na observação de um relacionamento é possuidor do desvio classificado como ‘voyeurismo’ ou ‘espreitador’. Incapaz de realizar o ato sexual com sua esposa, ele apela para esse expediente. Em alguns casos, inclusive, os especialistas são de opinião que há um ‘componente homossexual nesta problemática’⁴³⁰.

Na busca por fundamentar a classificação do *swing* como perversão, são utilizados conceitos que têm origem na sexologia do século XIX, com suas tipologias de tipos sexuais aberrantes. De fato, *voyeur* foi um dos neologismos adotados por Krafft-

⁴²⁶ FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade I. op. cit.

⁴²⁷ Peteca, n. 16, Agosto de 1978, p. 36.

⁴²⁸ Peteca, n. 16, Agosto de 1978, p. 36.

⁴²⁹ Peteca, n. 16, Agosto de 1978, p. 36.

⁴³⁰ Peteca, n. 16, Agosto de 1978, p. 36.

Ebing em sua busca por classificar as perversões sexuais, ao lado de fetichismo, pedofilia, bestialidade, sadismo, masoquismo, e era apresentado como uma perversão nos manuais sexuais conjugais até quase o final dos anos 1960. Ao mesmo tempo, a referência à possível homossexualidade dos praticantes do *swing* – argumento que não será exclusivo da revista Peteca – demonstra a influência do pensamento psicanalítico, que tendia a compreender uma determinada prática que fosse, segundo seus termos, considerada desviante, a partir do que seria, no caso, um recalque.

“Entre duas pessoas que se amam, não existe lugar para qualquer problema sexual”. Uma verdade que, segundo a própria revista, era fundamentada na posição do médico psiquiatra Flavio Gikovate autor que, em outros momentos, afirmara que “a plenitude da alma humana só é possível de ser encontrada a dois”⁴³¹ e que “sexo com amor é como pão: não há quem não goste, e além do mais se pode comer a cada dia e por toda a vida sem nenhum perigo de enjoar”⁴³².

Se a prática do *swing* era condenada pelos especialistas do período, mas, mesmo assim, continuava a crescer, fica claro que os conteúdos das revistas eram passíveis de questionamentos. “Com a devida vênia”, um casal baiano acreditava ser a posição da revista “um tanto preconceituosa”.

[Dizem] que a minha consensualidade pode estar ligada a componentes homossexuais e masoquistas, como querem certos especialistas. E daí? Certo é que assim eu me satisfaço plenamente e à minha mulher e vivemos bem entrosados, contentes e felizes. (...) Assim, o *modus vivendi* de cada casal não pode ser estabelecido por nenhum ‘cientista’, por mais douto que possa ser, vez que (...) o prazer recíproco deve ser buscado não através das polares teorias de gabinete, mas – na cama – pondo-se em prática os desejos ardentes dos parceiros.

‘Um casal’ – Salvador – BA⁴³³.

O casal certamente deixava claro seu desacordo às posições apresentadas em Peteca, mas não se deve ignorar a sua própria necessidade de produzir uma resposta e enviá-la à revista: uma demonstração que as opiniões dos especialistas, ainda que fossem questionadas, eram consideradas importantes e, mesmo, poderiam produzir determinados desconfortos entre os praticantes. A opinião do perito não era

⁴³¹ GIKOVATE, Flavio. *Sexo e Amor*. São Paulo: M.G. Ed. Associados, 1977. p. 324

⁴³² GIKOVATE, Flavio. *Sexo e...* op. cit. p. 20. A associação com a gastronomia pode ser usada para defender posições opostas: em sua pesquisa sobre os hábitos e pensamentos de brasileiros a respeito do amor e sexo, um dos entrevistados dá a seguinte explicação para a queda do desejo no relacionamento conjugal: “sinto que o sexo tem que ter sabor. E não se encontra mais sabor depois de comer o mesmo prato por anos a fio, por mais que se goste dele”. (LINS, Regina Navarro. *A cama na rede*. Rio de Janeiro: Bestseller, 2010. p. 51).

⁴³³ Peteca, n. 51, Novembro de 1979. p. 36.

simplesmente desconsiderada.

A posição original de Peteca demonstra, ainda, que não foram todas as revistas que aceitavam a prática do *swing*, e que mesmo entre as publicações masculinas um determinado nível de conservadorismo erótico permanecia. A revista Ele Ela, em 1975, publicará uma reportagem bastante negativa da prática, o que não a impedirá de, com o passar dos anos, passar a incluir o *swing* como atração constante a ser oferecida aos leitores, além de se tornar o principal meio de divulgação de anúncios de casais. Peteca, porém, não mudará sua posição tão facilmente. Desencorajava os novos praticantes na seção “Confissões íntimas” – voltada à solução de problemas sexuais junto a especialistas – e, ao mesmo tempo, não publicava cartas de casais em sua seção específica “Ponto de encontro”. São, inclusive, raras as vezes em que a revista publica anúncios de casais que buscavam uma terceira pessoa para seu relacionamento. Sabendo-se que nos últimos anos da década de 70 praticamente todas as revistas masculinas que possuíam espaços específicos para anúncios de leitores publicavam uma grande quantidade de cartas de casais praticantes do *swing*, sua ausência em Peteca mostra o posicionamento moralista da revista sobre o tema. Apenas a partir de 1982, quando a revista muda radicalmente sua linha editorial, e passa a publicar essencialmente contos eróticos e fotos sexualmente explícitas, que as seções de cartas passam a conter, ainda que apenas eventualmente, anúncios de casais em busca de parceiros para o *swing*. Além disso, a Grafipar, editora da Peteca, passará a publicar revistas pornográficas com temas específicos, como “Festa do swing”⁴³⁴.

O médico psiquiatra paulista formado pela USP, Flávio Gikovate, utilizado pela revista Peteca como uma das autoridades em sexologia que fundamentava suas opiniões a respeito do *swing*, era um dos vários profissionais frequentemente convidados a escrever artigos, apresentar críticas, e participar de debates na televisão e no rádio sobre as mudanças na sexualidade do período. A sua visão conservadora de sexualidade e dos papéis de gênero guiava suas análises não apenas a respeito do que seria a normalidade do sexo conjugal – argumento utilizado por Peteca –, mas dirigia sua concepção sobre a própria prática da troca de casais.

⁴³⁴ Esta mudança editorial foi resultado de um investimento feito pela Grafipar na compra dos direitos de publicação, no Brasil, da revista Penthouse, que herda as seções e artigos de educação sexual da Peteca que, por sua vez, passa a se centrar em mulheres nuas, quadrinhos e contos eróticos. O investimento ousado, feito justamente no momento de retração do mercado erótico no Brasil, acabou sendo fator preponderante para levar a Grafipar à falência. DANTON, Gian. op. cit.

Em sua opinião, expressa em uma reportagem da revista Playboy de 1979, “para o homem, transar com outra mulher não é novidade. Mas para a mulher dele, que provavelmente não teve experiências pré-conjugais, a troca passa a ter um apelo irresistível”⁴³⁵.

Esta posição é detalhada em artigo publicado na Folha de S. Paulo, em que reafirma as vantagens da troca de casais para as mulheres. Recuperando e reafirmando antigas concepções da mulher que seria escrava da própria sexualidade e do próprio corpo, Gikovate afirmava que “um dos pavores femininos maiores é o da hipersexualidade, ou seja, o de experimentar uma intensidade de excitação tão alta a ponto de se tornar maior que as formas racionais de controle”⁴³⁶. Para estas mulheres, o *swing* seria ideal:

O fato de o marido estar presente neste tipo novo de experiência sexual, para a mulher lhe é bastante favorável, pois ela se libera na presença dele, o que pode ser sentido como um elemento que atenua os perigos da hipersexualidade. O marido seria uma espécie de freio, e que pode ser acionado a qualquer momento⁴³⁷.

Com uma extensa obra publicada, Gikovate é um bom exemplo do raciocínio tomado pelos especialistas presentes nas revistas masculinas do período. A partir de uma concepção prévia sobre casamento e sexualidade, muito fortemente marcada pelo tradicionalismo, construía um discurso que se apresentava como científico, ainda que ausente de dados e comprovações.

Para as mulheres “não-hipersexuais”, Gikovate constata uma impossibilidade física para a prática do sexo casual, por conta também de supostas questões biológicas: inexistiria, nelas, a “sensação psíquica de saciedade sexual”⁴³⁸. Isso significava que a mulher, literalmente, era insaciável⁴³⁹. Em outras palavras, ainda que tenha orgasmos, mesmo múltiplos, a mulher se sentirá frustrada em encontrar a satisfação em uma relação sexual, à maneira que os homens a encontram. Pois uma relação sexual prazerosa não produzirá um sentimento de saciedade, que ela deseja, mas não conseguirá encontrar.

⁴³⁵ Playboy, n. 53. Dezembro de 1979, p. 174.

⁴³⁶ “Algumas interpretações da troca”. Folha de S. Paulo, 14/10/1980. Caderno Ilustrada, p. 25.

⁴³⁷ “Algumas interpretações da troca”. Folha de S. Paulo, 14/10/1980. Caderno Ilustrada, p. 25.

⁴³⁸ GIKOVATE, Flavio. O homem, a mulher e o casamento. São Paulo: M.G. Ed. Associados, 1982. p. 82

⁴³⁹ “Se considerarmos que a sensação de saciedade experimentada pelo homem é a contrapartida psicológica do fenômeno fisiológico da refratariedade (coisa que para mim é óbvia e que dispensa demonstração), teremos que concluir pela insaciabilidade sexual feminina”. GIKOVATE, Flavio. O homem... op. cit. p. 82.

A partir desta visão, o *swing* implicava um rompimento da biologia feminina, e apresentava-se como uma experiência agradável – presumivelmente – somente para o homem. Desta maneira, a única razão encontrada por Gikovate para que os casais adotassem a prática seria o fracasso de seu casamento. Em entrevista à *Playboy*, afirmava:

A troca de casais, atualmente, não é coisa de elite intelectual, como há 10 anos. Hoje, o *swinging* é praticado por gente de enriquecimento rápido e recente, como gerentes de banco e profissionais liberais (gente considerada careta) que, diante da súbita prosperidade, se descobrem frustrados no casamento, e adotam a troca como uma tentativa desesperada de se manter juntos⁴⁴⁰.

Tal concepção era comum entre os especialistas. Adail Ivan de Lemos, psiquiatra e psicanalista consultado pela revista *Ele Ela*, compartilhava a teoria da “tentativa desesperada” expressa por Gikovate. Também para Lemos, os casais só “praticam [o *swing*] porque não veem outra forma de solucionar seus problemas afetivos e sexuais”⁴⁴¹. Portanto, “seria uma insegurança afetiva gerando uma segurança sexual. Só que a causa não é percebida”. Lemos explica, desta forma, esta causa:

O alto grau de regressão afetiva faria o homem ver em sua esposa uma substituta da mãe. E vice-versa. As relações filho-mãe e filha-pai são proibidas socialmente. O incesto é uma proibição sexual na nossa organização social. Isto provoca fantasias infantis de casamento da filha com o pai e do filho com a mãe, tão facilmente observáveis em determinados períodos da infância. (...) Assim, quando ocorre a troca de casais e o marido vê sua esposa tendo relações com outro homem, ela se reassegura de que ela não é a sua mãe, e vice-versa⁴⁴².

A existência da patologia parecia ser evidente, diante da natureza desviante do comportamento *swing*. Porém, era muito difícil encontrar, entre dois especialistas, diagnósticos que fossem coincidentes, mesmo entre profissionais de uma mesma especialidade.

Ainda que esta pesquisa centre-se nas posições apresentadas pelas revistas masculinas, é importante notar que as análises presentes em outras publicações não eram divergentes. Os especialistas consultados pela revista *Veja* por exemplo, apresentavam condenações semelhantes. Segundo um “conceituado psicanalista carioca”, consultado para uma reportagem de 1977, a prática era realizada por “pessoas frígidas que buscam uma relação impessoal”, e que estão “tentando racionalizar uma série de problemas, normalmente evitando assumir suas perversões sexuais”. Além

⁴⁴⁰ *Playboy*, n. 53. Dezembro de 1979, p. 174.

⁴⁴¹ *Ele ela*, Maio de 1980, p. 123.

⁴⁴² *Ele ela*, Maio de 1980, p. 123.

disso, segundo “numerosos especialistas, ‘o homem que se realiza observando a relação sexual entre duas mulheres tem, em princípio, um óbvio componente homossexual’”⁴⁴³.

Outras opiniões de “especialistas severos”, não nomeados na reportagem, falaria inclusive de

personalidades ‘esquizóides’, caracterizadas pelo narcisismo, exibicionismo, com grande dificuldade em encontrar um lugar conveniente na estrutura familiar e social – pessoas, na verdade, reprimidas, incapazes de escolha e adesão amorosa real⁴⁴⁴.

Ainda que houvesse uma crescente preocupação em incluir a figura da esposa dentro de toda discussão relacionada à liberação sexual – em prol da saúde do casamento⁴⁴⁵ – buscava-se, por meio da mídia, um controle sobre os usos do corpo feminino, especialmente aquele da mulher casada. Mesmo a sociedade do período aceitando o fato de que a sexualidade estava em mutação, o afrouxamento das regras sexuais para as mulheres eram dirigidas, especialmente, às solteiras⁴⁴⁶. Para as casadas, muitos dos valores da moral sexual das décadas anteriores permaneciam. Uma esposa que cometesse adultério rompia a hierarquia de gênero que se supunha dentro do casamento, e violava a natureza primeira do corpo feminino, qual fosse, gerador da prole e da continuidade da família. Ainda assim, também o papel social do homem, dentro do casamento, era questionado. À representação caricata do homem traído – fraco, dominado pela esposa, sem virilidade – era adicionado o fracasso como marido, pois *sua* mulher – destaca-se aqui o pronome possessivo – estava tendo relações sexuais com outros homens, com sua permissão.

5.2.1 O swing nos manuais sexuais conjugais

Será interessante a comparação da opinião sobre o *swing* entre aqueles que publicavam nas revistas masculinas nacionais, e as presentes em manuais sexuais conjugais. Trata-se de uma comparação que permite concluir sobre as especificidades do pensamento nacional, nos anos 70 e início dos anos 80, não apenas a respeito da prática da troca de casais, mas, também, sobre a sexualidade como um todo.

⁴⁴³ Veja, 16/11/1977, p. 56.

⁴⁴⁴ Veja, 16/11/1977, p. 56.

⁴⁴⁵ BASSANEZI, Carla. op. cit.

⁴⁴⁶ BASSANEZI, Carla. op. cit.

O tema do *swing* passará a aparecer, ainda que apenas eventualmente, nos guias conjugais apenas a partir de meados dos anos 60, quando a prática estava se tornando popular nos Estados Unidos (deve-se lembrar que esta literatura era essencialmente importada). Eram manuais que se ligavam a seu período histórico: contestação às normas tradicionais de relacionamento, crescente aceitação de relacionamentos sexuais não conjugais, incentivo à expressão de uma sexualidade desligada de sentimentos, bem como a uma experimentação erótica.

Um exemplo dos primeiros manuais a tratar do tema é “A mulher sem mistério”, livro lançado no Brasil em 1972 e escrito pelo médico francês Georges Valensin. O autor apresenta uma perspectiva positiva da prática do *swing*, afirmando que o efeito social dos “clubes de permutas” – maneira pela qual denomina os espaços exclusivos à prática da troca de casais – não deveria ser desprezado:

São numerosas as vantagens que os cônjuges dizem tirar das trocas. O prazer coletivo não é um relaxamento e sim uma atitude de boa companhia. Tudo se passa com o conhecimento dos dois cônjuges (...), sua necessidade de variação e de novidade fica satisfeita, e assim o divórcio é evitado.

Nos clubes de trocas há jogos, danças e estórias divertidas que prepararam para o contato amoroso; nem sempre isso acontece nas relações conjugais normais. Além do mais, é exaltante provocar de tal maneira os desejos para uma esposa (...). Os coitos de grupo são uma possibilidade de orgasmos repetidos na mulher; geralmente essa possibilidade fica no estado latente⁴⁴⁷.

O *swing* é inserido dentro de uma concepção de apoio à experimentação conjugal, valorização do prazer sexual como reforço da individualidade, e exclusão de sentimentos de culpa ou pecado. Segundo Valensin, os únicos especialistas que poderiam ser contra as trocas de casais seriam aqueles “psicólogos, sexólogos e outros que as julgam sem conhecimento de causa”⁴⁴⁸.

Algumas destas novas obras buscavam ampliar os limites da sexualidade humana. Alex Comfort, um anarquista e sociólogo britânico, tornou-se um famoso autor de manuais sexuais, obtendo vendas expressivas inclusive no Brasil, no começo dos anos 80. Em seus textos, acompanhados de ilustrações sexualmente explícitas, e dentro de um estilo que o próprio autor descrevia como “despreocupado”⁴⁴⁹, tratava de sexo oral e anal, estimulava a realização de fetiches, questionava a fidelidade e incentivava práticas eróticas heterodoxas – como a masturbação mútua ou a flexibilização da

⁴⁴⁷ VALENSIN, Georges. A mulher sem mistério. Rio de Janeiro: Vecchi, 1972. p. 281.

⁴⁴⁸ VALENSIN, Georges. op. cit. p. 276.

⁴⁴⁹ COMFORT, Alex. Os prazeres do sexo. São Paulo: Martins Fontes, 1980. p. 7.

monogamia. O hedonismo dentro dos relacionamentos tornava-se argumento para liberação sexual: “não há nada a temer, nem nunca houve”⁴⁵⁰, afirmava em “Mais prazeres do sexo”, livro lançado no Brasil em 1980, em que ensinava a masturbação, sugeria novas técnicas eróticas, e assumia uma postura favorável ao sexo grupal. Ao descrever a prática sexual entre dois casais, por exemplo, sugeria que todos compartilhassem uma refeição em conjunto, como acontece em “qualquer experiência religiosa”: “é no que isto se transformará, se der resultado”⁴⁵¹.

Porém, Comfort era cauteloso em relação ao *swing*. “Não estamos dizendo ‘não façam’”: para o autor, era importante considerar as pessoas com as quais será realizada a troca bem como seu contexto. O conforto de todos os participantes e a ausência de pressões seriam as condições necessárias para que ocorresse sucesso: “as experiências mais compensadoras (...) são com pessoas que possam se descontraír com você a tal ponto que tudo o que acontecer suceda naturalmente e ninguém fique desiludido se nada acontecer”⁴⁵².

5.2.2 Uma comparação de visões

Os discursos dos especialistas sobre o *swing* estavam de acordo às suas concepções gerais a respeito da sexualidade. Se pensavam-na ligada à conjugalidade, com a exigência da monogamia, fidelidade, e existência de sentimentos amorosos, a troca de casais seria condenada. Os vários e diferentes diagnósticos – comportamento esquizóide, de co-dependência neurótica, de perversão sexual, que os aproximava de manicômios – sustentava o que era, a princípio, uma condenação moral, baseada em determinada visão do que a sexualidade conjugal deveria ser. Se, por outro lado, possuísem uma visão hedonista da sexualidade, inclusive a conjugal, tenderiam possuir uma visão mais positiva, como no caso de Valensin e Comfort.

Sintetizando-se, os especialistas consultados pelas revisas masculinas (e mesmo outras, dedicadas ao público em geral) apresentavam visões patologizantes da prática do *swing*, sendo sua análise sustentada por um discurso principalmente psicanalítico e baseada, fundamentalmente, em uma visão moral e naturalizante dos gêneros masculinos e femininos. As visões positivas só irão aparecer em manuais sexuais. A

⁴⁵⁰ COMFORT, Alex. Mais prazeres do sexo. São Paulo: Martins Fontes, 1980. p. 6.

⁴⁵¹ COMFORT, Alex. Mais prazeres... op. cit. p. 175.

⁴⁵² COMFORT, Alex. Mais prazeres... op. cit. p. 183.

razão desta diferença parece estar nas concepções específicas sobre sexualidade, defendidas pelos psicólogos, sexólogos, psicanalistas no Brasil.

Enquanto na Europa e nos Estados Unidos discutiam-se movimentos de mudança sexual, os especialistas nacionais carregavam consigo uma visão conservadora da sexualidade, que coincidia em seus fundamentos com aquela ainda de meados do século XX. A persistência deste conservadorismo se reflete e pode ser exemplificada pela história editorial de um dos manuais sexuais conjugais de maior sucesso de vendas no país: “A nossa vida sexual”, do alemão Fritz Kahn. Lançado na Alemanha em 1937, foi publicado no Brasil, em sua primeira edição, em 1940. Possui uma visão de sexualidade que se poderia definir como conservadora: o sexo socialmente aceitável é apenas aquele conjugal, pressupondo-se uma noiva casada virgem; dominado pelo homem e essencialmente fálico; influenciado pela religião e em defesa da monogamia, sendo o adultério apresentado como uma doença; os papéis sociais e sexuais são naturalizados, e as perversões listadas servem de limites à normalidade; opõe-se à masturbação, apresentando diagnósticos e modos de prevenção, e apresenta um quase pânico em relação ao erotismo infantil. Adequado, portanto, a um período em que a sociedade brasileira compreendia a honra vinculada ao decoro sexual – especialmente o feminino – e a moralidade do país associava-se à moralidade sexual conjugal⁴⁵³.

Porém, enquanto este livro deixou de ser publicado, tanto em alemão quanto em inglês, ainda nos anos 1950 – refletindo as mudanças sexuais daqueles países –, no Brasil novas reedições continuaram sendo impressas por aproximadamente mais 30 anos. Paulo Francis irá lembrar que, nos anos 60, época “em que pelo menos todo mundo falava de Freud etc., e a grande avacalhação conhecida como ‘contracultura’ estava no auge, o livro de Kahn continuava vendendo como pipoca, 50 mil exemplares ao ano”⁴⁵⁴. A última edição do livro de Fritz Kahn no Brasil data de 1982.

A singular história editorial destas obras, bem como seu recorrente sucesso de vendas, representa a persistência de uma concepção tradicional de sexualidade no Brasil, bem como dos papéis tradicionais de “marido” e “esposa”, inclusive no campo erótico. A honra sexual mantinha-se como a base da família, e a força moralizadora da

⁴⁵³ CAULFIELD, Sueann. Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940). Campinas, Editora da UNICAMP, 2000.

⁴⁵⁴ FRANCIS, Paulo. Nossa vida sexual. Folha de S. Paulo. 23/6/1988. Caderno Ilustrada, p. A-48. Em 1960, “Nossa vida sexual”, de Fritz Kahn, foi o segundo livro mais vendido da editora Civilização Brasileira perdendo apenas para o “Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa”. Civilização Brasileira: produção em 1960. Folha de S. Paulo, 19/2/1961. Caderno Ilustrada, p. 4.

honestidade sexual das mulheres base da sociedade⁴⁵⁵: não se pode esquecer que nos anos 70 se observou um recrudescimento dos “crimes de honra” e uma grande aceitação pelos tribunais do argumento da “legítima defesa da honra” em assassinatos cometidos contra mulheres tidas como adúlteras. Para os especialistas, que repercutiam estas concepções, a condenação à prática do *swing* era baseada no suposto rompimento dos papéis sociais atribuídos a homens e mulheres no casamento. Além disso, convém salientar que os diagnósticos apresentados nas revistas eram pronunciados sem contato com os “pacientes”, sem aprofundamento em detalhes da prática *swing* e, de uma maneira geral, sem qualquer conversa com um casal praticante. Condenações que concediam o status de cientificidade à censura da prática, mas que eram, considerando-se, sobretudo, a ausência de dados que sustentassem as opiniões, censuras morais.

Ao final da década de 70, as revistas masculinas passaram a repercutir o pensamento orgasmológico que se desenvolvia especialmente nos Estados Unidos. A patologização de toda sexualidade não normativa foi gradualmente sendo substituída por uma visão que buscava retirar a culpa dos atos sexuais, estimular os orgasmos como benéficos à saúde física e mental, e construir, no geral, uma imagem positiva do erotismo. Mas, ainda assim, desde que sempre heterossexual e, para especialistas como Masters e Johnson e seus seguidores, fundamentalmente conjugal.

Os novos sexólogos que conquistavam, aos poucos, a mídia, denunciavam como ultrapassadas e preconceituosas as concepções de sexualidade baseadas na culpa. “O que se escreveu na área”, comentava a médica Gilda Fucs, em 1983, “foi feito por pessoas, muitas vezes com bons propósitos, porém que extrapolavam seus preconceitos e tabus, atitudes e comportamentos como sendo o que deveria ocorrer e ser feito por todos e, portanto, o ‘normal’”⁴⁵⁶. A nova sexologia orgasmológica, que se acreditava humanista, científica e libertária, criticava a visão psicanalítica, ao mesmo tempo em que pregava a necessidade de orgasmos, vários e múltiplos: um tipo de concepção que se adequava aos objetivos comerciais das revistas masculinas. A ciência orgasmológica intensificou os estudos a respeito do sexo não reprodutivo. Para Masters e Johnson, por exemplo, se a satisfação sexual era uma pré-condição à felicidade conjugal, um conjunto de estudos e tratamentos colocava-se à disposição dos casais. As técnicas científicas, caracterizadas enquanto práticas clínicas, exploravam cada detalhe do ato

⁴⁵⁵ CAULFIELD, Sueann. op. cit.

⁴⁵⁶ FUCS, Gilda. “Prefácio”. In. SUPPLICITY, p. 13.

sexual, e particularmente do orgasmo, na busca por determinar a normalidade e, por conseguinte, conseguir caracterizar disfunções e tratá-las.

Comparando-se com o modelo psicanalítico, a sexologia de Masters e Johnson estava mais disposta a aceitar práticas sexuais até então consideradas perversas. Reduziram-se as razões pelas o ato sexual deveria ser gerar sentimento de culpa; gerando prazer e proximidade ao casal, e estando dentro de certos limites mais amplos, o erotismo conjugal tornava-se legítimo sob os olhos da ciência.

Mesmo sendo seu pensamento apresentado como novo paradigma para pensar a sexualidade, as conclusões de Masters e Johnson e de seus seguidores não passavam, porém, sem críticas. Shere Hite, na segunda metade da década de 1970, já denunciava, a partir de sua pesquisa nos Estados Unidos, que os orgasmos obrigatórios nas relações sexuais eram também uma forma de opressão. Afinal, a mulher só seria considerada normal se tivesse orgasmos nas relações sexuais com homens, e especialmente quando envolviam a penetração. Hite, porém, afirmou que 30% das mulheres que pesquisou não tinham orgasmos regulares nas relações sexuais; mas que, naquelas que se masturbavam, 95% obtinham orgasmo. Concluiu, portanto, que os corpos femininos não eram incapazes de orgasmos, mas o tipo de ato sexual considerado sexualmente certo pela sociedade construía impeditivos eróticos à mulher:

O fato de que a mulher pode ter um orgasmo, de maneira fácil e prazerosa, quando ela quiser (para muitas mulheres, várias vezes em seguida), mostra sem sombras de dúvidas de que as mulheres sabem como aproveitar os próprios corpos; ninguém precisa ensiná-la a isso. Não é a sexualidade feminina que tem um problema ('disfunção'), mas sim a sociedade em sua definição de sexo e o papel subordinado que aquela definição confere à mulher⁴⁵⁷.

Shere Hite foi uma das pioneiras nas críticas à orgasmologia. E, mesmo com seu sucesso de vendas no Brasil (sua obra "O relatório Hite: um profundo estudo sobre a sexualidade feminina" frequentou a lista dos livros mais vendidos do país em 1980) os adeptos da concepção de sexualidade inspirada em Masters e Johnson, crítica à psicanálise, continuou sendo a mais influente nos discursos de especialistas presentes nas revistas masculinas.

⁴⁵⁷ HITE, Shere. The Hite report. Nova Iorque (EUA): Dell Publishing, 1981. p. 57.

IV. Subjetividades em uma comunidade imaginada

6. O swing no contexto das mudanças sociais

Nas últimas décadas do século XX a individualidade, e com ela a família, sofreram modificações, impulsionadas inclusive pelas mudanças na concepção e importância da sexualidade. Ainda que o amor romântico fosse um modelo valorizado, além de socialmente representado e difundido pelos meios de comunicação de massa e dentro da cultura pop (embora não mais de forma exclusiva), as ligações afetivas sofrem alterações como resultado deste aumento do individualismo. Sobre as características do amor romântico – em que a opção individual pelo parceiro ou parceira ainda é essencial – são colocadas novas condições e exigências, fundamentadas no prazer e satisfação pessoais.

Segundo Hobsbawm⁴⁵⁸, o modelo de família nuclear, com algumas variações, ainda era vivido por ampla maioria da humanidade no período imediatamente pós II^a Guerra. O marido com direitos superiores à esposa, e ambos com direitos sobre os filhos, eram características comuns a uma estrutura familiar que seria abalada, e confrontada em suas bases, pela Revolução Cultural dos anos 60 e 70. A liberação feminina (inclusive econômica), a contestação às tradicionais normas morais, além de avanços científicos como a pílula anticoncepcional, afetavam este modelo consolidado de família.

No Brasil, uma das consequências destas mudanças foi a crença, especialmente a partir de finais dos anos 60, de que a instituição familiar estava em crise⁴⁵⁹. A preocupação com o número de separações e desquites, os casos de adultério e os debates sobre o divórcio (cujas leis acabaram sendo aprovadas em 1977) eram reverberados pela mídia.

Por que este repentino e crescente interesse pelo matrimônio que nas pesquisas de opinião pública muitas vezes deixa para trás a bomba atômica, o Oriente Médio e a conquista do espaço cósmico? Simples: porque o casamento está em crise. Neste ponto, são unânimes os seus defensores e adversários⁴⁶⁰.

Acreditava-se que o modelo tradicional de família, bem como seus respectivos papéis sociais, haviam fracassado, especialmente por conta de um modelo de casamento que se pensava falido.

⁴⁵⁸ HOBBSAWM, Eric. Era dos Extremos. O breve século XX. 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

⁴⁵⁹ ARCHANJO, Daniela Resende. Um debate... op. cit.

⁴⁶⁰ Ele Ela, n. 7, Novembro de 1969, p. 8.

“Pode parecer um contrassenso, mas para nós, o maior inimigo do casal é o próprio casamento. Esta velha instituição destrói qualquer relação, por mais equilibrada que seja”⁴⁶¹: a opinião deste homem, então com 32 anos e recém-desquitado, reproduzia uma concepção comum do período de que a rotina seria o principal problema dos casais. A liberação feminina, as mudanças em relação ao comportamento, o aumento da individualidade levadas também ao relacionamento a dois, e mesmo o aumento das exigências eróticas, criavam diferentes expectativas entre os cônjuges. Tolerava-se, cada vez menos, a permanência em um relacionamento infeliz.

“E o casamento?”, perguntava a *Ele Ela* a jovens na faixa dos 20 anos, moradores do Rio de Janeiro:

Roger – Eu sou a favor do divórcio e acho o casamento uma instituição que também se degenerou.

Álvaro – É uma instituição ultrapassada. Que as pessoas se juntem enquanto se gostem e depois se entendam quanto aos filhos⁴⁶².

Em um teste sobre o “certo e o errado na questão sexual”, de 1972, a revista perguntava a seus leitores se a causa mais comum de desquite seriam os problemas financeiros, a infidelidade, a incompatibilidade sexual ou a falta de companheirismo. A única alternativa “certa”, seria a falta de companheirismo, causa mais comum dos desquites porque não se conseguia obter do parceiro “satisfação às suas variadas necessidades emocionais”. “Na maioria dos casamentos”, completa, “o sonho romântico de amor desaparece com a passagem do tempo”⁴⁶³.

Se nos debates parlamentares sobre a lei do divórcio era comum associar a crise da família a uma erotização da sociedade⁴⁶⁴, parte da mídia tomava o caminho oposto defendendo a melhoria das práticas sexuais como um remédio contra os problemas do casamento. A abordagem de temas era ampla: dificuldades e doenças sexuais, traumas, além de dicas de roupas, alimentos e situações sensuais, eram discutidos incansavelmente. Especialistas eram convidados a debates, casais entrevistados, situações particulares analisadas. A impotência masculina tinha suas causas investigadas. Os mais diferentes tipos de tratamento eram apresentados às mulheres ditas frígidas ou na menopausa. Dicionários, manuais, encartes: tornava-se insistente,

⁴⁶¹ *Ele Ela*, n. 11, Março de 1970. p. 119.

⁴⁶² *Ele Ela*, n. 11, Março de 1970. p. 55.

⁴⁶³ *Ele Ela*, n. 33, Janeiro de 1972, encarte, p. 3.

⁴⁶⁴ ARCHANJO, Daniela Resende. Um debate... op. cit.

porque fundamental, a saúde erótica dos cônjuges. Afinal, as tão divulgadas quebras de tabus sexuais deveriam, também, beneficiar os casais⁴⁶⁵.

Acima de método e receitas, a maior ênfase estará na importância da comunicação para que o casal ache o seu “equilíbrio” – eufemismo recorrente para significar os atos sexuais que ambos achem prazerosos. “Fracasso na cama é fracasso na comunicação”, afirmava Ele Ela⁴⁶⁶.

Antes de mais nada, comunicação – o diálogo sobre coisas importantes, do lar, do trabalho e do mundo. Faltando comunicação, fatalmente faltará compreensão, segundo ingrediente essencial para uma relação de amor. (...)

Se quisermos que nossas relações sexuais sejam uma experiência profunda, em vez de simples exercício atlético, ou demonstração de know-how de dois corpos quentes, é necessário que elas sejam o ponto mais alto de uma experiência de amor⁴⁶⁷.

E a função desta comunicação é clara: “qualquer pessoa normal precisa sentir-se tranquila a respeito de sua sexualidade para ter confiança no parceiro e a vontade de se revelar a ele como nunca antes se revelou a ninguém”⁴⁶⁸.

O sexo, em si, não bastava. Devia ser prazeroso o suficiente para fortalecer a união conjugal e espantar qualquer chance, a mais remota, de separação ou desquite. Ainda que fosse reconhecida, na literatura, o direito da mulher ao prazer sexual, e vários tabus fossem questionados, este prazer não era apresentado como uma conquista individual a ser repartida com o cônjuge, mas parte do que deveria ser feito para fortalecer a família.

Cada vez mais, no domínio da informação autorizada dos especialistas, vem sendo apontado o relevo da obediência sexual instintiva como norma do matrimônio moderno, visando a sua maior durabilidade e duração, em benefício dos filhos⁴⁶⁹.

O sexo, aliás, não era um elemento acessório do casamento, mas sua fundação:

O casamento seria a tranquilidade, a segurança, a estabilidade econômica. E o tédio sexual. Para combater esta ideia, que aos poucos vai ganhando novos adeptos, argumentamos com a evidência: nenhum casamento se sustenta se não tiver, como base, uma sadia e intensa vida sexual⁴⁷⁰.

Em uma reportagem de 1969, que teoricamente pretendia apresentar as zonas eróticas do corpo feminino (portanto, um texto para ele), acaba se revelando um manual de

⁴⁶⁵ ALVES, Denise. op. cit.

⁴⁶⁶ “O certo e o errado em questão sexual”, encarte, Ele Ela, n. 33, Janeiro 1972, p. 9.

⁴⁶⁷ Ele Ela, junho de 77, p. 35 e 53. Ela, n. 28, agosto 1971, p. 114

⁴⁶⁸ Ele Ela, n. 25, maio 1971, p. 10.

⁴⁶⁹ Ele Ela, n. 28, agosto de 1971, encarte, p. 6.

⁴⁷⁰ Ele Ela, n. 24, abril de 1971, p. 43.

beleza – para ela. Como cuidar dos cabelos, como realizar a depilação, como cobrir as estrias. “Encere o chão, lave pratos e panelas, seja dona-de-casa, mas sempre com luvas de borracha”. Seja esposa, devotada à casa, ao marido e filhos. Porém, também se preocupe com o corpo e com a beleza: “a noite recompensa as mulheres que não desperdiçam o dia”⁴⁷¹.

É todo este conjunto de elementos que torna, por exemplo, a japonesa a “amante mais perfeita do mundo”. Pois, embora tenha “pernas curtas, a barriga da perna um tanto grossa demais e os seios quase sempre muito pequenos”, elas “compensam essas deficiências com características e capacidades raramente igualada pela mulher ocidental. São, simultaneamente, mãe, irmã, amante, escrava e companheira”⁴⁷².

As discussões sobre a importância do sexo no relacionamento conjugal, porém, se depararam com um problema. De que forma discutir a erotização do casal sem afetar a imagem sacrossanta da “mãe”? Afinal, nada menos erótico que a imagem materna. Conflitantes, e mesmo antagônicos, os conceitos de sexualidade e maternidade jamais se aproximam, especialmente na construção moderna desta personagem recatada, assexuada, sacralizada, sendo Maria o modelo ideal, mãe e virgem. Rodeada por seus filhos, cuidando dos afazeres domésticos, aguardando o marido ao final da tarde, este estereótipo maternal seria indelevelmente manchado se associado à sexualidade. Como afirmou Martins, “a negação da sexualidade feminina era a contrapartida necessária para o bom desempenho [da] magna função moral de mãe e esposa [atribuída à mulher]”⁴⁷³.

Este não era apenas um problema retórico – ou seja, de como abordar o problema – mas partia, também, da dificuldade em estimular os casais a confrontar a visão idealizada e casta da esposa. A revista *Cláudia*, ainda nos primeiros anos da década de 60, lançou algumas primeiras discussões sobre esta questão, questionando as razões machistas que procuravam extrair o erotismo da sexualidade conjugal.

Ouve-se com frequência afirmar que o vínculo matrimonial impõe ao sexo uma série de limitações em nome do respeito recíproco. Parece haver-se estabelecido a convenção de que com a esposa legítima os homens ‘não devem fazer certas coisas’. Essa frase, comum sobretudo na boca dos libertinos, que com certeza a esgrimem para justificar suas aventuras extraconjugais, tem raízes absolutamente neuróticas (...).

Em realidade, é justamente com a esposa legítima, a escolhida para companheira de toda a existência e mãe dos filhos, a única que merece do

⁴⁷¹ Ele Ela, n. 5, setembro de 1969, p. 13.

⁴⁷² Ele Ela, n. 25, maio de 1971, p. 173.

⁴⁷³ MARTINS, Ana Paula Vosne. A medicina... op. cit. p. 50.

homem a máxima confiança, a mais completa entrega, a mais integral intimidade⁴⁷⁴.

Certos da importância da atividade sexual para a manutenção da conjugalidade, devia-se ensinar à esposa a libertar-se de tabus e ousar sensualmente:

Antigamente, uma mulher virtuosa só aceitava o sexo como forma de submissão ao marido. Hoje, ele é encarado como fator decisivo para a preservação do entendimento que conduz à felicidade⁴⁷⁵.

Dentre as estratégias presentes neste processo de erotização da esposa esteve a busca por aproximar a sua imagem ao imaginário já existente da amante. Se um dos maiores riscos ao casamento estava no marido que buscava sexo com outras mulheres, o ideal seria tornar a mãe dedicada e esposa fidelíssima, também em um objeto de desejo erótico para o homem. Assim, ele teria com sua própria mulher a satisfação que, de outra forma, procuraria fora de casa.

Figura folclórica presente – de forma concreta ou não – em praticamente todos os relacionamentos conjugais do período, a amante era a mulher mais bonita, sexualmente mais atrevida e supostamente mais jovem, que tirava o marido de seu lar, de sua esposa, e dos filhos. Que interferia no bom ambiente familiar e poderia minar a continuidade da família. Dentro do imaginário do período, impunha uma concorrência desleal contra aquela que, durante anos, havia sido ensinada a não desejar, a não se atrever sexualmente, a não participar ativamente. Na mente de muitos homens e mulheres, à esposa se reservava a afeição e o respeito; à amante, a paixão ardente.

Incluir a imagem da amante àquela da esposa configurou-se, assim, em uma estratégia para trazer o elemento erótico para o quarto do casal. A “outra” se torna a própria esposa.

Utilizando-se de moças jovens e atraentes, que vestiam lingerie sensuais, a propaganda da Nylonsul deixava visualmente claro o que se esperava desta mulher amante.

⁴⁷⁴ Revista Claudia, 1964; apud BASSANEZI, Carla. op. cit.

⁴⁷⁵ Ele Ela, n. 24, abril de 1971, p. 45.



Figura 37 - Propagandas da Lingerie Nylonsul de 1969 e 1970, ambas publicadas na revista Ele Ela.

Os textos em destaque, bastante objetivos, são dirigidos diretamente à esposa. O primeiro anúncio, de 1969, coloca no imperativo a ação que a mulher deve tomar: *arranje* uma amante para seu marido. É a mulher que deve ter a atitude de sensualizar-se, de se erotizar, tal qual uma amante. E, claro, ao invés do marido arranjar uma amante que não fosse a própria esposa, esta mesmo se antecipa, e veste sua nova fantasia, auxiliada pela lingerie da Nylonsul.

O segundo anúncio vem em forma de alerta: *esta noite seu marido vai dormir com outra mulher*. E será a esposa a responsável por assumir o papel da “outra mulher” – abandonar ainda no corredor a mãe-dona de casa que está presente durante o dia, e assumir no quarto do casal um novo papel, uma nova função, ou um novo personagem: a da amante.

Em um primeiro momento, esta estratégia torna-se praticamente uma obrigação para as esposas. Afinal, se o homem está buscando sexo fora de casa, não é por outra razão senão o desleixo e a inabilidade da esposa que poderá ser responsável, inclusive, pela impotência do marido. Os últimos parágrafos de uma reportagem de 1969 sobre a impotência masculina são todos dedicados a um inquérito lançado à esposa.

Faça a si mesma as seguintes perguntas e procure respondê-las da maneira mais honesta possível: você é desleixada? Veste-se masculinamente? Você tem engordado excessivamente nos últimos anos? E seu aroma pessoal? Acha que sais de banho e outros produtos de beleza são apenas para narcisistas? Já descobriu o valor exato do perfume?

Você é excessivamente dominadora? Todas as decisões são suas? Já pensou nesta frase do Dr. George Belham (O regime da virilidade): ‘O homem que governa seu castelo é um administrador viril?’⁴⁷⁶

Deixa-se claro que se a esposa responder ‘sim’ a uma ou mais perguntas, ela provavelmente tem um papel significativo na impotência dele. E qual a solução possível? (Além, é claro, de vestir-se melhor, ser mais feminina, emagrecer, perfumar-se...): “você se comporta em primeiro lugar como mãe, raramente como esposa e jamais como amante? Comporte-se como amante”⁴⁷⁷.

Comporte-se como amante: a revista *Ele Ela*, no final da década de 60 e início dos anos 70, não defendia uma mudança estrutural no papel feminino. A incorporação do imaginário da amante à esposa – nas busca por erotizar a imagem desta última – não significava a substituição de papéis, mas uma adição ao conjunto mãe-dona de casa:

Você escolhe o papel que quer: dona-de-casa entediada ou amante sensual. Não sei se é verdade que as louras se divertem mais na vida, mas estou certa de que uma amante se diverte mais do que uma esposa. E a amante casada? Bem, eis uma mulher que pode se gabar de possuir todas as vantagens. Ela pode ser toda feminilidade, toda amor, toda carinho⁴⁷⁸.

Betty Friedan, em seu clássico “Mística feminina” de 1962, discute uma situação semelhante que ocorria com as mulheres nos Estados Unidos do período. Investigando o “mal que não tem nome”, Friedan percebeu que, para muitas donas de casa, a erotização parecia se apresentar enquanto uma saída para a sensação de frustração e incompletude que sentiam. A possibilidade de encontrar emoções e auto-realização que não era possível encontrar na vida doméstica. Forçada a expandir a sua sexualidade, e influenciada pela “promessa de um gozo infinito⁴⁷⁹”, muitas mulheres buscavam encontrar em sua própria erotização, o caminho de aventuras e experiências significativas. Se os maridos reagiam negativamente, o que era bastante comum, o adultério se apresentava enquanto uma opção.

Porém, essa erotização fracassava em oferecer a estas mulheres a autoidentidade que buscavam. A sexualização da esposa, que a mídia cada vez mais apresentava como sendo um direito da mulher e uma das fontes de sua felicidade, ao final apresentava-se como mais um elemento da “mística feminina” que, justamente, era a causa da frustração. Em havendo, segundo Friedan, um grande elemento de irrealidade na forma

⁴⁷⁶ *Ele Ela*, n. 5, setembro de 1969. p. 45

⁴⁷⁷ *Ele Ela*, n. 5, setembro de 1969. p. 45

⁴⁷⁸ *Ele Ela*, n. 23, março de 1971, p. 52.

⁴⁷⁹ FRIEDAN, Betty. *Mística feminina*. Rio de Janeiro: Vozes, 1971. p. 224.

como o sexo era apresentado em livros, revistas e filmes, as emoções prometidas não eram obtidas. O sexo tornava-se, assim, despersonalizado, reduzido à sua fisiologia e, em última instância, tedioso⁴⁸⁰.

6.1 Erotização conjugal e swing

*Sexo com amor é como sorvete com uma cereja em cima.
Sorvete sem cereja também é muito bom!*⁴⁸¹

Os casais são explicitamente convidados a participar da liberação sexual, enquanto uma estratégia de manutenção da sociedade e de solução à percebida crise familiar. Porém, a quebra dos tabus não pressupunha o rompimento de valores considerados fundamentais como a monogamia sexual e a fidelidade. A particularidade dos praticantes de *swing*, dentro deste contexto, é que aceitarão satisfeitos o convite à erotização, mas acabarão por extrapolar o questionamento às normas sexuais, colocando-se inclusive fora dos limites do sexo conjugal. Maridos e esposas acabarão por se comportar como amantes, mas de outros maridos e esposas, em conjunto.

Sua transgressão de toda forma, era limitada. A adequação do relacionamento monogâmico a um discurso de satisfação sexual modificava certos elementos considerados tradicionais da conjugalidade – mas para mantê-la. O fato de sofrerem críticas oriundas de um pensamento conservador, não tornava a prática menos tradicionalista: a exigência da fidelidade da esposa era reforçada, ainda que a ideia de fidelidade tenha sido reformulada. Ela continuava sendo o objeto de desejo e capital principal desta troca; ele, mantinha-se como elemento preponderante no relacionamento conjugal.

A troca de casais adequava-se a um contexto de conflitos com a estrutura social vigente, que incorporavam a contestação às normas sexuais, sendo o incentivo à livre sensualidade uma das maneiras utilizadas para expor este confronto.

O recém-ampliado campo de comportamento publicamente aceitável, incluindo o sexual, na certa aumentou a experimentação e a frequência de comportamento até então considerado inaceitável ou desviante, e sem dúvida, aumentou sua visibilidade (...). Contudo, o grande significado dessas mudanças foi que, implícita ou explicitamente, rejeitavam a ordenação

⁴⁸⁰ FRIEDAN, Betty. p. 226.

⁴⁸¹ Frase em anúncio em um portal para casais praticantes do *swing*, em 2012.

histórica e há muito estabelecida das relações humanas em sociedade, que as convenções e proibições sociais expressavam, sancionavam e simbolizavam⁴⁸².

O crescimento da importância da satisfação sexual, e dos incentivos à sua busca como sinônimo de felicidade, acompanham o processo de individualização das sociedades contemporâneas. Segundo Da Matta⁴⁸³, o indivíduo converte-se no elemento central do sistema social, e a sociedade passa a ser vista como instrumento para prover a felicidade do indivíduo. Em muitos sentidos, esta tendência individualista da sociedade aproxima-se do egoísmo, devido à preocupação com a felicidade individual, o próprio sucesso e autorrealização. “A gratificação particular torna-se mais importante do que o enquadramento no bem-estar comum”⁴⁸⁴. Esta individualização acaba, necessariamente, por impactar os relacionamentos, enfraquecendo-os e permitindo que as pessoas construam e desfaçam compromissos “como vagões de mercadorias num pátio de manobras”⁴⁸⁵. Há uma clara aproximação entre este individualismo e a ideologia do consumo: o relacionamento deve satisfazer, e de forma imediata, com pouco esforço. Diante de uma infelicidade sempre poderá haver um outro amor disponível na próxima prateleira.

Dentro deste mundo e personalidades mais individualizados, também as expectativas em relação ao amor e ao sexo se modificam. A satisfação sexual ganha novo destaque, e se torna fator fundamental dentro de um relacionamento (tornando o orgasmo, mais do que um direito, em uma verdadeira obrigação), com sua satisfação ligada à autoestima e realização individuais – mesmo dentro de uma família, mesmo entre o casal⁴⁸⁶. Assim, sendo instrumento de medida de sua felicidade, a queda na qualidade sexual conjugal torna-se motivo suficiente para a separação.

No processo de sexualização do casal, a permanente excitação dirigida por anos a uma mesma pessoa é uma estratégia que só seria realizável com uma reinvenção constante dos papéis de cada um; daí, a grande quantidade de sugestões de fantasias eróticas, afrodisíacos, novas técnicas, combate a doenças e, claro, questionamento de antigos tabus. Tratava-se, portanto, de uma reformulação do desejo erótico dentro do próprio casamento: afinal, se sexo é saúde (tanto ou mais social do que física), convém

⁴⁸² HOBBSAWM, Eric. op. cit. p. 326-7.

⁴⁸³ DA MATTA, Roberto. A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

⁴⁸⁴ SHORTER, E. A formação da família moderna. Lisboa: Terramar, 1975. p. 278.

⁴⁸⁵ SHORTER, E. op. cit. p. 14.

⁴⁸⁶ GIDDENS, Anthony. A transformação da intimidade. São Paulo: Editora UNESP, 1993.

exercitá-lo. Na nova sexologia clínica de Masters e Johnson, desenvolviam-se experimentos para análise, e tratamentos intensivos para que os casais desenvolvessem, ao máximo, suas potencialidades conjugais. Invertendo a lógica patristica, o sexo tornava-se remédio para o casamento.

A configuração das sexualidades enquanto *commodities*, cujos mais específicos objetos de desejo podem ser satisfeitos em comunidades particulares – e, recentemente, virtuais – fragmenta as experiências amorosas e sexuais. Seguindo a ideia de “amor líquido”⁴⁸⁷, compromissos a longo prazo são evitados na esperança de que algo mais atrativo possa estar à disposição logo no próximo contato.

Não é muito difícil entender como esse processo se ajusta ao *swing*. Temos casais que procuram manter seu casamento, mas que, ao mesmo tempo, recebem as informações da satisfação individual, da liberdade erótica, e adotam a ideologia de que a felicidade está ligada à satisfação de seus desejos sexuais. São estimulados a ver o cônjuge como objeto de desejo erótico, ao mesmo tempo em que a mídia insistentemente anuncia a existência de uma relação diretamente proporcional entre número de parceiros e índice de felicidade. A troca de casais é a forma específica da interpretação deste contexto por parte destes maridos e esposas.

A prática do *swing* usufrui destas possibilidades, mantendo, curiosamente, uma estreita relação com um “amor sólido”. Na próxima carta, no próximo encontro ou, atualmente, no próximo *link*, de fato se apresentam novos e curtíssimos compromissos; mas esta liquidez é aproveitada ao lado do cônjuge, em um relacionamento que se acredita mais sólido, mais unido e apaixonado, também – ou será principalmente? – porque se deixa fluir neste desejo líquido.

A erotização conjugal e a ampliação da importância da sexualidade como elemento de felicidade conjugal, porém, não explicam o surgimento do modelo específico da prática do *swing*. Uma segunda condição historicamente contextualizada permitirá uma importante reformulação do desejo erótico, e que será incorporada pelos casais praticantes em seu relacionamento: o rompimento do vínculo, construído pelo ideal de amor romântico, entre amor e desejo sexual. Afinal, o amor deveria permanecer com o cônjuge, enquanto o desejo sexual poderia ser repartidos com outras pessoas. Uma separação salientada, inclusive, nos anúncios dos casais: “não endossamos

⁴⁸⁷ BAUMAN, Z. Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

qualquer tipo de envolvimento emocional e sentimental”, alertava um casal, em 1980, em uma das várias maneiras de deixar clara esta separação⁴⁸⁸.

Algo que, acreditava-se, não seria problemático para um homem, pois seria parte de sua natureza o desejo mais intenso, sem que para isso fosse necessário amar cada uma das mulheres com as quais ele se relacionava sexualmente. Dentro das representações de gênero do período exigia-se que um homem, diante da possibilidade de um relacionamento erótico, não recuasse. “O homem é um animal caçador por natureza” e sua masculinidade, equiparada e dependente de sua virilidade, deveria atacar “a bela presa” que se lhe oferecesse⁴⁸⁹.

Mas, estas mesmas representações sociais difundiam a impossibilidade de que a mulher pudesse aproveitar uma experiência sexual sem estar relacionada sentimentalmente com seu parceiro. Se a revista *Claudia* afirmava, no início dos anos 60, que a mulher “sob pena de graves consequências, não pode dissociar o ato de amor que deve inspirá-lo”⁴⁹⁰, a *Ele Ela*, em 1972 alertava que “sem amor, o sexo pode degenerar numa experiência ruinosa para a mulher e, além de ruinosa, desagradável”. E fez questão de publicar “depoimentos de mulheres que viveram alguns momentos desastrosos em sua vida sexual, justamente porque se submeteram ao instinto sem a necessária escora emocional”⁴⁹¹.

Uma quantidade de elementos típicos da natureza feminina, como o pudor – visto como característica provavelmente biológica – e a incapacidade física de sentir satisfação erótica em um relacionamento apenas físico (opiniões que tinham a chancela da ciência) atuariam como freios morais naturais, e indicariam que a única forma adequada de relacionamento sexual para uma mulher seria através de uma ligação amorosa.

E as mulheres que não se enquadrassem neste esquema seriam tachadas de infantilóides, exibicionistas e, certamente, frígidas. Sofreriam dos mais variados tipos de doenças, como “ansiedade sexual” ou a própria ninfomania. Uma atitude em relação à sexualidade que tinha seus sintomas...

⁴⁸⁸ Serviço do Homem, outubro de 1980, p. 38.

⁴⁸⁹ *Ele Ela*, n. 9, janeiro de 1970, p. 139.

⁴⁹⁰ BASSANEZI, Carla. op. cit. p. 354

⁴⁹¹ *Ele Ela*, n. 33, Janeiro de 1972, p. 29.

Elas vivem num ritmo acelerado e artificial. Os olhos ficam mais brilhantes, o riso é afetado e nervoso, a voz ganha tons estridentes, o comportamento geral é quase sempre agressivo⁴⁹².

... e diagnósticos:

Ela poderá ser sedutora, coquete, infantilóide, sempre se comportando como se estivesse num permanente relacionamento sexual. Na verdade, ela é provavelmente frígida, e sua fachada sexy serve para cativar os homens que venham trazer-lhes os elogios, a atenção e a gratificação de dependência que ela busca como uma criança com um pai exageradamente amoroso. As mulheres histéricas raramente são capazes de se relacionar aberta e honestamente⁴⁹³.

Uma mulher que fosse sexualmente ativa, e se apresentasse satisfeita com uma atividade sexual semelhante àquela masculina estaria apresentando uma falsa aparência, pois “não é o que elas confessam na intimidade do consultório”⁴⁹⁴.

Porém, e independentemente das conclusões, ou dos desejos, dos especialistas, a contestação aos tabus sobre a sexualidade, e a construção de discursos de valorização do ato sexual enquanto uma libertação, permitiram o questionamento do vínculo amor-sexo, especialmente para as mulheres. Não sem ansiedades, aliás. Ele Ela, em entrevista com jovens em 1973, debatia: “até onde vai a nova moral?”

Ele Ela - Duda: numa geração que não é a sua, a dos mais velhos que você, existe uma dissociação entre sexo e amor?

Duda - Sem dúvida. Esta dissociação criava as condições para o aparecimento da prostituição. Na minha geração, este problema já é visto quase que de uma maneira sadia. Mas ainda somos muito sacrificados e é só uma minoria consegue sentir o sexo sem complexos de culpa⁴⁹⁵.

Marta Suplicy, uma das pioneiras nas discussões sobre a sexologia no país, resumia as preocupações do período:

As coisas ainda estão muito confusas; as meninas estão usando a vagina separada do corpo e os rapazes estão usando também o pênis separado do conjunto, isto é, dissociado da emoção, dos sentimentos e do envolvimento. (...) Acham que dormir com alguém não deve exigir nenhuma espécie de envolvimento, até preferem que seja assim⁴⁹⁶.

A publicação, no Brasil, do livro “A mulher sensual”, em 1969, pode ser considerado uma das primeiras evidências na mídia dessa dissociação entre desejo sexual e amor. Ao contrário dos manuais sexuais existentes no período, este não era escrito por um especialista; não continha conselhos médicos ou religiosos; não estava

⁴⁹² Ele Ela, n. 3, julho de 1969, p. 10.

⁴⁹³ Ele Ela, n. 25, maio de 1971, p. 56.

⁴⁹⁴ GIKOVATE, Flavio. O homem... op. cit. p. 104.

⁴⁹⁵ Ele Ela, n. 50, Junho de 1973, p. 32.

⁴⁹⁶ Playboy, Dezembro de 1979, p. 66.

voltado ao fortalecimento de um relacionamento conjugal. Na verdade, era uma obra escrita por uma mulher solteira, e baseado em suas próprias experiências sexuais; seu objetivo não era a procriação, o conagração amoroso, ou o reforço familiar, mas o prazer sexual, da própria mulher e do parceiro; seu foco não estava no sexo conjugal; sequer, aliás, é o sexo com um único parceiro, mas com “homens”, interessantes e *sexy*, como a autora que usou o pseudônimo “J”⁴⁹⁷ deixava claro.

A mulher sensual deu resultado comigo, com várias amigas minhas e com algumas das amigas destas. Penso que dará resultado com você também. (...)

Quando você houver completado essa longa viagem, do sexo inferior para o grande sexo, verificará que valeu a pena. Esqueceu todas as vantagens importantes que mencionei anteriormente? Homens. Homens interessantes, homens *sexy*. Porque os homens com alguma coisa na cuca não podem resistir ao desafio e às provocativas possibilidades da Mulher Sensual⁴⁹⁸.

Sucesso comercial, o livro resumia uma tendência estabelecida pelos questionamentos à moral tradicional: o sexo visto como prazer e atividade social. Um sexo lúdico.

Para os casais seduzidos por estes discursos, pesava a realidade do casamento. A monogamia, pressuposto usualmente inquestionável em um matrimônio, entrava em conflito com a ideia, defendida e propagandeada, de uma prática sexual livre, separada do sentimento. Desta dialética, a síntese encontrada pelos casais praticantes da troca de casais será a separação entre monogamia sexual e social. O *swing* constituía-se, assim, em uma alternativa para o erotismo dentro da conjugalidade. Mas, de toda forma, era uma alternativa entre tantas: quantos casais não direcionaram sua vida sexual para o celibato, a manutenção do sexo conjugal, ou o adultério puro e simples (sem dúvida, adotado por muitos)?

Em resumo, a relação sexo-amor era uma estratégia de não permitir que o sexo se tornasse algo de valor em si mesmo; uma atividade que fosse feita apenas almejando o prazer físico. Era utilizada para justificar a fidelidade, especialmente feminina, que estaria presa naturalmente a um único objeto de desejo – o homem poderia sempre argumentar pela sua natureza poligâmica. Para criar, assim, abismos entre o normal e o patológico, estando a normalidade dentro dos limites da conjugalidade ou, quando muito, em um relacionamento duradouro e sempre heterossexual. E uma das consequências da revolução sexual foi, justamente, questionar a naturalidade deste

⁴⁹⁷ O nome da autora, revelado pouco depois da publicação da primeira edição do livro, é Joan Garrity.

⁴⁹⁸ J. A mulher sensual. Rio de Janeiro: Record, 1999. p. 21.

vínculo. A atividade sexual podia se tornar, ao menos discursivamente, uma prática social a se fazer com amigos e conhecidos, desde que houvesse o desejo erótico (agora liberto do amor).

A existência de condições sociais para o surgimento do *swing* foi acompanhada – como seria de se esperar – da construção de um conjunto de discursos que dariam suporte à prática. Por mais tentadores e estimulantes fossem as descrições dos casais participantes, o questionamento a ideias tradicionais de fidelidade, monogamia, e concepções internalizadas de culpa em relação ao adultério, exigiam um construto discursivo que o justificasse, também para que os casais não se vissem como adúlteras ou maridos traídos.

Deve-se, então, compreender as representações de adultério e da fidelidade conjugal, no período, para analisar a solução discursiva, justificadora da prática, criada pelos casais praticantes.

6.2 *Adultério, fidelidade e ciúmes*

Como já foi comentado em outro momento, em nenhuma sociedade humana a sexualidade é totalmente livre – ou seja, qualquer pessoa tem o direito de praticar relações sexuais com qualquer outra, em qualquer momento. De uma maneira geral, por meio de mudanças de estatuto social, as pessoas se tornam socialmente autorizadas a praticar o sexo com outros membros designados. O exemplo mais simples é que ao se casar, na sociedade ocidental, marido e esposa conquistam o direito exclusivo de realizar atos sexuais um com o outro. Uma exceção cultural, pode-se dizer, especialmente se considerada a conclusão do antropólogo norte-americano George Murdoch: ao catalogar o comportamento de 238 culturas, em apenas 43 delas (ou 18%) não se permitia pelo menos algum tipo de casamento plural⁴⁹⁹. No Brasil dos anos 70 e 80, a ética do casamento era sobretudo aquela cristã, influente nas concepções do que seriam os adequados papéis sociais de “esposas” e “maridos”.

“Abraçando o Matrimônio, vocês prometem amor e fidelidade um ao outro. É por toda a vida que o prometem?”⁵⁰⁰. A pergunta, presente no ritual católico do

⁴⁹⁹ MURDOCH, Peter. *Social structure*. Nova Iorque: McMillan, 1965. p. 24.

⁵⁰⁰ Rito Sacramental do Matrimônio. Diocese de Campina Grande. Catedral de Nossa Senhora da Conceição. Celebração coletiva do matrimônio. 29 de agosto de 2008. Disponível em

matrimônio, é meramente retórica e estabelece, claramente, a fidelidade como uma das condições essenciais do casamento. A quebra desta promessa implicaria não apenas em sanção religiosa, mas também social, como problemas na família, repreensão pública e mesmo angústia pessoal⁵⁰¹. Diz um dos 10 mandamentos: “não cometerás adultério”, seja ele consentido ou não.

O adultério sempre foi reprimido pelo cristianismo: “cada um tenha a sua própria mulher, e cada uma tenha o seu próprio marido”⁵⁰². Pressupostos dentro do casamento cristão, fidelidade e monogamia deveriam ser a base do casamento e das relações sexuais na sociedade. O que não significa, claro, que o adultério não fosse praticado, nem mesmo que não fosse relativamente tolerado. No século XII, o príncipe sírio Ousâma indigna-se com os cavaleiros francos que, influenciados pelas regras do amor cortês, não apenas permitem que suas esposas sejam cortejadas diante de sua presença, como chegam a afastar-se para que tenham privacidade⁵⁰³. Nas sociedades de cortes dos séculos XVII e XVIII, por sua vez, as relações extraconjugais das mulheres da elite eram tão aceitas quanto as dos homens, dentro de certos limites e condições. Uma situação que Norbert Elias explica como resultante do papel social equivalente ao do marido que a esposa passou a usufruir no período⁵⁰⁴. Sem dúvida, o autocontrole tanto dela quanto dele eram condições ideais a serem mostradas em sociedade, porém, “há evidências de sobra de que, nesta aristocracia de corte, a restrição a relações sexuais ao casamento era frequentemente considerada como burguesa e socialmente descabida”⁵⁰⁵.

No Brasil, desde o período colonial, a intensa presença institucional da Igreja Católica influenciaria a condenação, em praticamente todas as legislações (com exceção da atual) sobre o adultério. Nas Ordenações Filipinas, de 1603, em seu Livro V, título XXV “Do que dorme com mulher casada”, ficava estabelecida a pena de morte para a mulher e o amante. O marido, se soubesse da relação extraconjugal da esposa, era obrigado a denunciá-la e, se não o fizesse, seria degredado para a África. Esta é,

www.catedralcg.org.br/catedral/assuntos/arquivos_assuntos/17_48cc40ac6a6e7.doc. Acesso em 10/9/2014.

⁵⁰¹ BARASH, David; LITPON, Judith. Mito da Monogamia: fidelidade e infidelidade entre pessoas e animais. Rio de Janeiro: Record, 2007.

⁵⁰² 1 Coríntios 7:2.

⁵⁰³ FLORI, Jean. A cavalaria. São Paulo: Madras, 2005. p. 152.

⁵⁰⁴ ELIAS, Norbert. O Processo Civilizador – vol.1 – Uma História dos Costumes. RJ: Jorge Zahar, 1994. p. 183.

⁵⁰⁵ ELIAS, Norbert. op. cit. p. 184.

também, a última legislação – e isso é um dado importante a se considerar, particularmente quando estamos analisando a prática do *swing* no Brasil – que condenava o adultério mesmo quando consentido. A partir do século XIX, todas as legislações nacionais anulavam quaisquer penalidades se fosse demonstrado que o adultério houvesse sido consentido, estimulado ou perdoado pelo cônjuge. Esta exceção legal, aliás, não visava autorizar quaisquer práticas eróticas heterogêneas dos casais, mas tem sua lógica no fato de que o adultério seria um fator de abalo à norma social estabelecida; porém, se permitido, passaria a ser uma questão particular do casal. Não afetava a estrutura da sociedade, ainda que moralmente condenável. Mas quais condições ocorriam, na prática, para que a legislação permitisse o adultério consentido? A pobreza do casal, que poderia levar à prostituição da esposa; a busca por um filho, permitindo à mulher relações extraconjugais para que engravidasse; a constituição de famílias bigâneas, entendida como aquela em que um dos cônjuges, e com a concordância de todos os envolvidos, mantém relação estável com terceira pessoa; o abandono sentimental, ou a recusa sistemática do débito conjugal, deixando o cônjuge em situação de carência que levaria ao adultério⁵⁰⁶.

As penalidades para o adultério costumavam ser diferenciadas, conforme o adúltero fosse homem ou mulher. O Código Criminal do Império do Brasil de 1830 afirmava que “a mulher casada, que cometer adultério, será punida com a pena de prisão com trabalho por um a três anos”, independentemente se fosse um acontecimento isolado, ou uma relação duradoura. O homem, por sua vez, teria a mesma pena apenas se tivesse “concubina, teúda, e manteúda”, ou seja, um relacionamento estável com outra pessoa.

O Código Penal de 1890 manterá basicamente a mesma estrutura da legislação anterior. As penas, porém, passam a ser estendidas à concubina do marido e ao co-réu do adultério da esposa. Por sua vez, o Código Penal de 1940 reduz as penalidades para detenção, que poderia variar entre quinze dias a seis meses, além de equiparar o

⁵⁰⁶ Exemplos extraídos de SILVA, Alexandre Assunção e; ASSUNÇÃO, Magaly de Castro Macedo. A família bigânea. Jus Navigandi, Teresina, ano 17, n. 3210, 15 abr. 2012. Disponível em <http://jus.com.br/artigos/21517>. Acesso em 10/9/2014.; CAMPOS, Andrea Almeida. A mulher sob o casamento. Fidelidade e débito conjugal: uma abordagem jus-histórica. Jus Navigandi, Teresina, ano 14, n. 2337, 24 nov. 2009. Disponível em <http://jus.com.br/artigos/13890>. Acesso em 10/9/2014.; OLIVEIRA FILHO, Virgílio Antonio Ribeiro de. A evolução legislativa do adultério desde Machado de Assis aos tempos atuais. Jus Navigandi, Teresina, ano 16, n. 2827, 29 mar. 2011. Disponível em <http://jus.com.br/artigos/18766>. Acesso em 10/9/2014.

adultério de ambos os cônjuges⁵⁰⁷. Como afirma o texto legal, em sua exposição de motivos:

É incontestável que o adultério ofende um indeclinável interesse de ordem social, qual seja o que diz com a organização ético-jurídica da vida familiar. O exclusivismo da recíproca posse sexual dos cônjuges é condição de disciplina, harmonia e continuidade do núcleo familiar⁵⁰⁸.

De toda forma, e independentemente do que afirmam os textos legais, o tratamento dispensado aos filhos ilegítimos pode ser tomado como um bom índice da forma pela qual as relações extraconjugais eram tratadas em uma determinada sociedade, indicando dissociações entre o prescrito e o praticado. Se o não reconhecimento das crianças usualmente se relaciona com uma sociedade em que a monogamia e a fidelidade são altamente valorizadas, a presença comum entre filhos legítimos e ilegítimos – a despeito das diferenças legais – em uma mesma residência, revela laços pouco firmes no controle das relações extraconjugais⁵⁰⁹. No Brasil, até o início do século XIX podem ser encontrados casos em que a família criava, em conjunto, filhos legítimos e ilegítimos, construindo uma visão cotidiana e concreta do adultério, como se depreende deste texto do Conde de Suzanet de 1825. Segundo ele, o casamento no Brasil

é apenas um jogo de interesses. Causa espanto ver-se uma moça ainda jovem rodeada de oito ou dez crianças; uma ou duas, apenas, são dela, outras são do marido; os filhos naturais são em grande número e recebem a mesma educação dos legítimos⁵¹⁰.

Não são poucos os exemplos que mostram, mesmo, a convivência de amantes e esposas sob um mesmo teto, com ou sem conflitos, desde o período colonial. O desenvolvimento de uma vergonha em relação à relação extraconjugal não virá senão mais tarde. Amantes passarão a ser escondidas e escondidos, não só da esposa (ou do marido), mas de todo círculo social dos adúlteros. A admissão do adultério passará a ser motivo de vergonha.

Este aumento do sentimento de aversão ao adultério acompanhará o processo de urbanização, higienização dos costumes e valorização da família nuclear no país, no qual não apenas a honra de uma pessoa, mas de sua família, e da própria nação, passavam a estar fundamentadas no recato sexual, especialmente feminino. Sueann

⁵⁰⁷ KOSOVSKI, Ester. *Adultério*. Rio de Janeiro: Codecri, 1983. p. 61.

⁵⁰⁸ KOSOVSKI, Ester. *op. cit.* p. 64.

⁵⁰⁹ ELIAS, Norbert. *op. cit.* p. 183.

⁵¹⁰ PRIORE, Mary Del. *Historia do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 178.

Caulfield, em seu estudo sobre os processos de defloração ocorridos no Rio de Janeiro do final do século XIX até as primeiras décadas do século XX, demonstra que a honra sexual não se limitava ao interior das famílias, mas participava dos debates públicos sobre a modernização brasileira. Ao se acreditar que a base da nação era a família e esta, por sua vez, sustentava-se no recato e no pudor sexuais (especialmente femininos), discussões sobre separações, liberdades sexuais e, é claro, adultérios, tornaram-se temas de debates políticos. A moralidade do país passava a se associar à moralidade sexual conjugal⁵¹¹. Segundo Caulfield,

sem a força moralizadora da honestidade sexual das mulheres, a modernização – termo que assumia diferentes significados para diferentes pessoas – causaria a dissolução da família, um aumento brutal da criminalidade e o caos social⁵¹².

A concepção legal concordava e suportava a noção do controle sexual enquanto valor social, em uma estrutura de pensamento que se manteve com relativa estabilidade durante praticamente todo século XX⁵¹³. De acordo com o Código Civil de 1916 – que permaneceu em vigor até 2002 – as relações legalmente definidas entre maridos e esposas se assemelhavam àquelas do século XIX. As mulheres, como os menores, eram seres tutelados. E o adultério feminino continuava a ser condenado mesmo quando houvesse apenas contato corporal dela com outros homens; a condenação dos homens, por sua vez, ocorria apenas quando houvesse a comprovação de uma relação duradoura com uma amante⁵¹⁴. A legislação punia, assim, o rompimento dos principais papéis sociais de homens e mulheres: ela, por ter contato físico com outros homens; ele, por deixar de cumprir sua função de provedor.

Analisando a legislação brasileira sobre o adultério, em fins dos anos 70, o jurista Ribeiro Fontes explicitava o raciocínio:

a sociedade assenta na família; família tem a sua base na honra. A honra doméstica alimenta-se da fidelidade. Se a fidelidade falha, sobre a honra; se a honra sofre, sofre toda a sociedade. É por isso que os escândalos do adultério abalam tão fundamentalmente a sociedade⁵¹⁵.

Os praticantes do *swing* são comumente designados como praticantes de um “adultério consentido”, não apenas pelas fontes, mas, também, por boa parte da

⁵¹¹ CAULFIELD, Sueann. op. cit.

⁵¹² CAULFIELD, Sueann. op. cit. p. 26.

⁵¹³ E segundo pesquisa de Archanjo (ARCHANJO, Daniela Resende. O adultério... op. cit.) manteve-se ainda como principal representação social do adultério ainda no início do século XXI.

⁵¹⁴ BASSANEZI, Carla. Virando as páginas... Op. Cit. p. 364

⁵¹⁵ PONTES, Tiago Ribeiro. Código penal brasileiro: comentários revistos e atualizados. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1978. p. 380. Apud ARCHANJO, Daniela Resende. O adultério... op. cit. p. 24.

bibliografia sobre o tema⁵¹⁶. Eles mesmos, porém, não se consideravam adúlteros e, ao contrário, acreditavam que sua prática era o oposto do que poderia ser qualificado como adultério; preveni-lo seria, inclusive, uma das motivações para a prática. Os adúlteros seriam os “outros” – os casais que, hipocritamente, trairiam o cônjuge, embora defendessem, perante a sociedade, os valores tradicionais da monogamia.

É importante destacar, porém, que as concepções de adultério e particularmente a condenação moral à adúltera e ao homem traído, não eram contestados pelos praticantes do *swing*. Não se buscou, por exemplo, a aceitação à imagem do “corno”; mas sim, uma justificativa de seus atos para que, mesmo que as esposas tivessem relações sexuais com outros homens, os maridos, ainda assim, não se veriam traídos.

6.2.1 Fidelidade



Figura 38 - Charges sobre adultério. *Ele Ela*, junho de 77, p. 35 e 53.

Legenda da primeira imagem: “_ É contra meus princípios agredir um homem deitado e de costas; mas no seu caso estou pronto a fazer uma exceção”; Legenda da segunda imagem: “_Você nem vai acreditar, querido: ele é meu pai-de-santo”. *Ele Ela*, junho de 77, p. 35 e 53.

Estas duas charges foram publicadas na mesma edição de número 98, de junho de 1977 da revista *Ele Ela*. Menos de 20 páginas as separam. Trata-se de um tema – o flagrante de adultério – bastante comum nas revistas masculinas e as identidades entre as duas charges são notáveis. Em ambos, o marido, aparentando mais idade – seja pelos

⁵¹⁶ Por exemplo, WEID, Olívia von der. op. cit.

fios de cabelo branco em um, ou pela saliente careca, em outro – chegando de viagem ou do trabalho em sua própria casa, entra em seu quarto e encontra o que se presume ser sua esposa tendo relações sexuais com outro homem. As mulheres são geralmente representadas mais jovens e sempre curvilíneas, sugerindo uma assertividade sexual comprovada pelo fato de que a relação adúltera está ocorrendo na casa dela; e, portanto, muito provavelmente sob sua iniciativa. O “co-réu do adultério”, para utilizar o jargão legal, é representado entre surpreso e constrangido, afinal sabe estar participando de uma violação do contrato de fidelidade conjugal. Que, por sua vez, é o fato que enfurece o marido ao ponto de, na primeira imagem, ameaçar fisicamente seu rival.

A fúria ciumenta do marido, o embaraço e vergonha tanto da mulher quanto do adúltero, e a compreensão da situação, por parte dos leitores, demonstra o compartilhamento das mesmas concepções a respeito do casamento, da obrigação da fidelidade, das relações internalizadas de relacionamentos e, é claro, das consequências implicadas no rompimento ao tabu do adultério⁵¹⁷.

Presença constante como tema de piadas, o adultério é visto a princípio, por aqueles que não estão diretamente envolvidos, como uma situação ridícula. Particularmente em revistas masculinas em que esta estrutura cômica se repete à exaustão – marido enganado chegando em casa; esposa jovem e erotizada; adúltero aproveitador – o objetivo não é permitir que o leitor se identifique com o marido. Ao contrário, estimula-se rir dele, pois é quem, efetivamente, está sendo enganado, porque se demonstrou incapaz de controlar a sexualidade de sua própria esposa. A implícita ausência de virilidade torna-o risível, porque patético. A incapacidade de cumprir com as exigências de seu papel de gênero é ridicularizada.

Ainda que a mulher, historicamente, esteja associada à esfera privada, muitos de seus atos – e particularmente aqueles relacionados à sexualidade – atingiam a esfera pública. O adultério masculino pode ser motivo de vergonha individual; porém, o adultério feminino manchava a honra do marido, da família, e era visto como um escândalo social e não apenas conjugal⁵¹⁸. Não existiam charges com os papéis invertidos, ou seja, com a esposa flagrando o marido adúltero, pois isso não produziria

⁵¹⁷ DAVIS, Kingsley. Jealousy and sexual property. In: _____ A biography and selections from his writings. Edison (Nova Jersey, Estados Unidos): Transaction, 2004. p. 99.

⁵¹⁸ BRITO, Maria Noemi Castilhos. “Mulher e política: público x privado?”. In: ORO, Ari Pedro e TEIXEIRA, Sérgio Alves. Brasil e França: ensaios de antropologia social. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 1992. pp. 129-140

risos: o homem estaria correspondendo a um papel social que se considerava adequado a ele.

Os manuais sexuais corroboravam esta visão social patologizando o adultério. Frank Caprio afirmava que “a infidelidade, como o alcoolismo ou o vício das drogas, é uma expressão de profunda e fundamental desordem de caráter”; Hyman Spotnitz, por sua vez, acreditava que a infidelidade é “psicologicamente mórbida. Ser fiel ao marido ou à mulher é um sinal de saúde emocional”⁵¹⁹.

Razão de intensa ansiedade masculina, a traição feminina, na sociedade brasileira, ultrapassa os limites do rompimento de um acordo sentimental, e alcança estatuto de ameaça às identidades individuais, especialmente dos homens, e de seus papéis sociais de gênero. Não se pode esquecer que a posse do corpo feminino pelo esposo era de tal forma protegida pela lei que inexistia, até as últimas décadas do século XX, o crime de estupro quando cometido pelo cônjuge.

Comum nas revistas masculinas desde finais da década de 1970, as histórias em quadrinhos eróticas não apenas excitavam os leitores como divulgavam, e muito comumente reforçavam, as concepções do período acerca da sexualidade. Neste trecho de “Defendendo a sua teoria”, publicada em 1980, Júlio e Carlos expressam sua opinião sobre a troca de casais.

⁵¹⁹ Apud HUNT, Morton. *A aventura extraconjugal*. Rio de Janeiro: Artenova, 1971. p. 56.



Figura 39 – “Defendendo sua teoria”. Fiesta, setembro de 1980, p. 51.

Ao final, após ser apresentado à noiva do amigo e se encantar por ela, Júlio expressa o seu desejo de colocar aquela teoria em prática: “Realmente, sua esposa é boa e, hum!... estive pensando em ter a sua permissão para transar com ela, afinal...”. A reação de Carlos reflete uma determinada concepção de sexualidade – dentro do modelo tradicional – quando analisava o *swing*.



Figura 40 – “Defendendo sua teoria”. Fiesta, setembro de 1980, p. 53.

A história tem sucesso em apresentar o *swing* como prática de *outros* casais, enquanto um fetiche masculino. Situação, como já se afirmou, aproveitada inclusive

pelas revistas como instrumento de venda. Mas, como ocorre com Carlos, explicitava-se o preconceito quando se considerava a possibilidade da própria noiva participar. Neste caso, vem à tona o receio de ser um “corno manso”. Porque um casal praticante do *swing* não era visto sob o olhar positivo de personagens erotizados que desafiariam o tradicionalismo conjugal, como a mulher amante e o homem conquistador. Mas sim pelos seus opostos negativos: a adúltera e o marido traído – neste caso, também “manso”, ou seja, aquele que aceitava a traição da esposa; por contraposição ao hipotético “corno bravo”, que se vingaria da adúltera. O epíteto de “corno”, aliás, era nos anos 70, e talvez ainda seja, uma das maiores ofensas à masculinidade. Como afirmou um advogado em 1978, sobre o caso de um marido que, sem suportar a pressão social, acabou por matar a esposa adúltera mais de três meses após o ato de traição,

o corno manso é por demais abjeto e repulsivo para ser perdoado. Indigno de fazer parte integrante do agrupamento social. Para não ser desprezado, para que possa redimir-se, precisa vingar a honra ofendida⁵²⁰.

A sexualidade feminina, historicamente considerada perigosa, ofendia, e era vista como degradante se exercida livremente. Por isso o adultério feminino chocava mais intensamente: a representação da mulher ideal se baseava em sua pureza, castidade, e passividade. E, ainda, em sendo “esposa” – e, o que seria ainda mais importante, “mãe” – a mulher teria o papel social de manter a família unida. Não poderia cometer adultério nem, tampouco, deixar que fosse cometido.

Como, portanto, os swingers construíam sua particular concepção de adultério, e escapavam, segundo sua própria visão, de serem eles mesmos cornos ou adúlteras?

Dentro de uma noção normativa de sexo conjugal, fidelidade e exclusividade sexual coincidem. O adultério, por sua vez, seria caracterizado pela quebra desta exclusividade, tanto pelo homem quanto pela mulher, ainda que as sanções sociais divergissem bastante em um e outro caso. A diferença, para os praticantes do *swing*, é que a fidelidade estava ligada ao conhecimento de ambos sobre os atos do outro. Ser adúltero estava, assim, na quebra de confiança, e não na presença do ato sexual não conjugal.

Fica clara a diferença entre adultério e *swing* quando um casal, em seu anúncio, afirma que buscava experiências eróticas com outras pessoas por estarem “preocupados

⁵²⁰ COSTA JR. Paulo José. Adúltera. Folha de S. Paulo, 30 de abril de 1978. 6º caderno. p. 58.

com a possível (...) infidelidade no futuro”⁵²¹. E, mesmo quando afirmam, no anúncio já citado, que desejam “matar certas ânsias”: melhor, então, o *swing* do que o adultério.

Particularidades que podem ser notadas nas diferentes formas de se realizar a troca de casais. Aqui, como descritas pelo sexólogo Alex Comfort:

As ‘trocas’ podem ser ‘privadas’ (os casais trocam, mas têm relações em quartos separados) ou ‘abertas’, levando a um quarteto. Pelas nossas observações, esperaríamos que as consequências destes dois tipos fossem muito diferentes. Num quarteto, todos os participantes observam o que está acontecendo e podem descarregar ansiedades através do aprendizado, havendo também a possibilidade de vir à tona o elemento de bissexualidade normal que a nossa cultura reprime e que é inerente a todas as trocas de parceiros entre os primatas (e esta pode ser uma razão por que os swingers convencionais – e eles existem em grande número – têm medo dos quartetos)⁵²².

Comfort, neste trecho, concorda com a observação de pesquisadores norte-americanos sobre a prática da troca de casais naquele país, tanto em relação à existência de dois modelos de prática – o *swing* fechado (que Comfort denomina “privado”) em que cada casal dirige-se a um quarto, e o aberto, em que as trocas acontecem nas presenças dos cônjuges –, quanto em relação ao fato de que, nos Estados Unidos, o modelo fechado era o preferido. “Na verdade”, afirmou o antropólogo Gilbert Bartell, pesquisando em finais dos anos 60, “a maioria dos swingers suburbanos prefere o *swinging* fechado”⁵²³. E isso se daria por três razões: para manter a harmonia matrimonial, que poderia ser perturbada pelo ciúme de ver o cônjuge tendo relações com outras pessoas; por conta da ansiedade masculina, de não conseguir ter uma ereção em um ambiente com quatro pessoas; e por permitir construir uma fantasia sobre a experiência, que será narrada ao cônjuge da maneira mais excitante possível.

Ao contrário do que ocorria nos Estados Unidos, no caso brasileiro o chamado *swing* aberto era a norma, e o fechado visto com desconfiança entre os casais. Para os brasileiros, o modelo fechado equivaleria a uma traição, pois não faria “nenhuma diferença se minha mulher vai com outro homem para outro quarto com o meu consentimento. (...) É a mesma coisa que ela sair com um amante, escondida de mim”⁵²⁴. O modo aberto, por sua vez, significaria o oposto do adultério, e isentaria de responsabilidade seus praticantes: “estando juntos, e também transando com outra

⁵²¹ Ele ela, Maio de 1979, p. 15.

⁵²² COMFORT, Alex. Mais prazeres... op. cit. p. 183.

⁵²³ BARTELL, Gilbert. op. cit. p. 110.

⁵²⁴ Veja, 12/12/1979, p. 110.

parceira, não existe adultério dela nem meu – e todos sentimos prazer sem culpa”⁵²⁵. Para outro casal, a prática do *swing* aberto não apenas fortaleceria a relação conjugal, como impediria qualquer tipo de desconfiança:

Conhecemos um casal muito simpático, mas que na hora H queria ocupar quartos separados. Só depois de muita conversa conseguimos convencê-los a partilhar a mesma cama. Afinal, minha mulher e eu somos casados com comunhão de bens e tanto eu como ela gostamos de ver o outro com o seu parceiro⁵²⁶.

A diferença entre as preferências norte-americana e brasileira é interessante. Enquanto nos Estados Unidos o desempenho e o ciúme são razões para a escolha do *swing* fechado, no Brasil, o medo da traição, e a necessidade de se reafirmar a legitimidade do ato dentro do casamento são as razões principais para a escolha do modelo aberto.

A recusa dos casais brasileiros praticantes do *swing* em aceitar o modelo fechado reflete a interiorização, por estes casais, deste modelo de representação do adultério, bem como dos papéis sociais de gênero que implicavam. Ideia reforçada pela sua argumentação: *swing* aberto não é traição, e fortalece o casamento. Implicitamente em seu discurso continua existindo a condenação à traição, especialmente feminina, e adoção de sua forma de praticar a troca de casais revela que se construía uma justificativa para que não se pensassem enquanto cornos ou adúlteras. Inclusive naqueles elementos que, teoricamente, mais ofenderiam o modelo tradicional de sexualidade, o discurso dos praticantes faz com que se tornem argumentos para fortalecimento do *status quo*: “só fico chateado se Clarice se interessar por alguém no meio da rua. Não tolero isso. Afinal, temos liberdade de transar com quem quisermos – desde que juntos”⁵²⁷.

6.2.2 Ciúmes

Estando diretamente ligado às ideias de amor, fidelidade e monogamia, o ciúme associa-se, por sua vez, à ideia de adultério. O argumento da “legítima defesa da honra”, aliás, só pôde ser aceito pelo poder judiciário brasileiro porque a sociedade, em geral,

⁵²⁵ Veja, 12/12/1979, p. 110.

⁵²⁶ Veja, 12/12/1979, p. 109. O final da experiência foi interessante: “Quando tudo parecia acertado, o tal casal começou a fazer um ‘murinho’ de travesseiros e almofadas no meio da cama – e, ainda por cima, avisando que gostariam de apagar a luz e fazer tudo no maior silêncio. Foi um sacrifício!”

⁵²⁷ Veja, 16/11/1977, p. 54.

considerava a violência uma reação adequada diante do sentimento de ciúme. O próprio poder judiciário reconhecia isso: “conquanto a tese adotada [de legítima defesa da honra para o assassinato da esposa adúltera] não se estruture nos primados éticos”, afirmou o desembargador Mario Hoepner Dutra, antes de absolver um homicida em 1977, “inegável é que admitida pelos senhores jurados, está em consonância com o sentir generalizado da coletividade”⁵²⁸. A ameaça ou a própria agressão apresentam-se como uma “declaração de direitos de uma pessoa dentro de um sistema particular de regras de casamento”⁵²⁹, que no caso é expresso pelo ciúme.⁵³⁰

Como ocorre com qualquer outro sentimento, o ciúme varia entre as culturas, é experimentado de diferentes formas, e historicamente foi incentivado, atacado, valorizado. E individualmente ocorre algo semelhante: aprende-se o ciúme (e, como o caso do *swing* demonstra, desaprende-se) a partir da prática, da repetição, do *feedback*⁵³¹. A vivência em sociedade permite a internalização das regras, das proibições e permissões específicas dos casamentos e configura-se, ao final, em uma estratégia de proteção do relacionamento que pode se ver ameaçado.

Dentro de uma mesma sociedade, e mesmo entre o casal, ocorrem diferenças de percepções e sensibilidades em relação ao ciúme. Grupos ou pessoas tendem a ser mais ciumentas que outras. Porém, uma das regras fundamentais que sustenta o conceito de ciúme no Brasil é a de que o companheiro não poderá romper o pacto de exclusividade sentimental e amorosa que um relacionamento, por princípio, deve ter⁵³², prevenindo-se, assim, o aborrecimento, a raiva, a tristeza, o choro ou a fúria – emoções que são a face do ciúme.

Para a maioria das pessoas ciúme é visto, além disso, como um sentimento natural e universal, significando algo que todas as pessoas devem necessariamente sentir, em menor ou maior grau, embora possua diferentes significados e seja expresso de maneiras diversas, conforme o contexto e o grupo social. Até fim dos anos 1960, quando o modelo de casamento e de sexualidade conservador centrava-se na manutenção do “compromisso”, o ciúme – desde que moderado – era visto como uma

⁵²⁸ Folha, 3 de abril de 1977, 6º caderno, p. 69.

⁵²⁹ CLANTON, Gordon. Jealousy and envy. In: STETS, Jan; TURNER, Jonathan. eds. Handbook of the sociology of emotions. Califórnia (Estados Unidos): Springer, 2006. p. 413.

⁵³⁰ Ainda nos dias de hoje, o ciúme parece ser a principal razão alegada para a ocorrência de violência familiar. Cf. ALMEIDA, Thiago de. Ciúme romântico e infidelidade amorosa entre paulistanos: incidências e relações. São Paulo: USP, 2007. Dissertação de mestrado em psicologia experimental. p. 58.

⁵³¹ CLANTON, Gordon. op. cit. p. 422.

⁵³² ARCHANJO, Daniela Resende. O adultério... op. cit.

coisa boa, um sentimento que aproximava os casais. Com o questionamento das normas sexuais, busca pela satisfação individual nos relacionamentos, e igualdade entre homens e mulheres, o ciúme passa a ser, gradualmente, associado como um sentimento negativo, demonstrando o caráter social deste sentimento⁵³³. Termos como possessiva, insegura, violenta, paranoica, passaram a ser associados à pessoa ciumenta⁵³⁴.

A partir de finais dos anos 60, surge a defesa da ideia de que o ciúme, na verdade, seria um sentimento construído, e não natural. Na obra “Casamento aberto” – que ficou durante todo o ano de 1972 entre os livros mais vendidos nos Estados Unidos⁵³⁵ – os autores Nena e George O’Neill afirmavam seu desejo de “sepultar a ideia de que o ciúme sexual é natural, instintivo e inevitável. O ciúme é primordialmente uma reação aprendida, determinada pelas atitudes corporais”⁵³⁶. E sugeriam exercícios em que os cônjuges poderiam aprender a combater o ciúme, por exemplo, assistindo ao cônjuge ser massageado por alguém desconhecido.

Diante das experimentações sexuais que foram comuns entre determinados grupos contraculturais do Brasil, a partir especialmente dos anos 1970, a crítica ao sentimento de ciúme também surgiu. Hilda, então com 19 anos no final dos anos 70, conta como a valorização do prazer erótico ligava-se ao combate ao ciúme:

Inclusive esse rapaz – que não digo o nome –, me lembro certa vez dele do lado de fora do quarto de uma mulher que ele gostava muito, que ele amava, e dentro tinha outro sujeito transando com ela, ele estava lá fazendo o exercício de vencer o ciúme⁵³⁷.

Porém, o maior exemplo do caráter construído e modelável do ciúme talvez esteja com os próprios praticantes do *swing*. Trata-se de uma prática sexual em que o ciúme não apenas seria um impeditivo, mas é visto como algo negativo, impróprio e indesejado. No início do século XXI, um casal assim se pronunciava sobre seu início na prática da troca de casais:

Muitos homens preferem sair sozinhos para a noitada (mentem que vão ao jogo, para uma reunião, etc.), deixando a mulher em casa. Meu marido preferiu investir em nós: se um pode, o outro também pode. Então, optamos por sair juntos. Lógico que tivemos nossas cenas de ciúme, como qualquer casal, mas aprendemos a lidar com isso⁵³⁸.

⁵³³ HART, Sybil; LEGERSTEE, Maria. Handbook of jealousy. Oxford (Inglaterra): Wiley-Blackwell, 2010.

⁵³⁴ CLANTON, Gordon. op. cit. p. 413.

⁵³⁵ CLANTON, Gordon. op. cit. p. 417. No Brasil, o livro foi publicado em 1973.

⁵³⁶ O’NEILL, Nena; O’NEILL, George. op. cit. p. 217.

⁵³⁷ DIAS, Lucy. op. cit. p. 216.

⁵³⁸ Depoimento ao autor, via email, de um casal sobre o início de sua participação no swing. 2010.

Seu específico relacionamento com o tabu do adultério leva também estes casais a buscarem reformular o sentimento de ciúme, visto como um empecilho à prática. Porém, trata-se de um abandono seletivo: há momentos que o ciúme é considerado inadequado – dentro de uma relação consensual com outro casal, em um clube de *swing*, na conversa com outros homens e mulheres que façam parte do mesmo grupo –; porém, em outros, mantém-se, talvez ainda com mais força: naquelas situações em que não é identificada uma situação de troca de casais, mas do simples adultério.

E, por fim, ciúme se aprende e se desaprende como se depreende deste depoimento dado por uma esposa, em 1982.

Não sou ciumenta nem possessiva, não sofro com isso. Mas foi muito o trabalho que fiz comigo. Eu e meu marido estamos sempre tentando mudar, nos entender. E esses são os argumentos que justificam atitudes como a de Lindomar Castilho, ou Doca Street, que simplesmente acabaram com vida de suas mulheres. Ninguém pertence a ninguém – a questão da emoção é muito aceita passivamente, mas é possível mudá-la⁵³⁹.

Resultado de um processo, os praticantes acreditavam, desta forma, romper com o ciúme conjugal: ao contrário dos “outros” que matavam suas esposas, os casais *swingers* aceitariam a individualidade erótica do outro.

Jenks, ao analisar 114 casais praticantes nos Estados Unidos, afirma que a menor presença do sentimento de ciúme não seria apenas uma característica dos praticantes do *swing* comparando-os com não praticantes, mas uma pré-condição fundamental àqueles que desejam participar⁵⁴⁰. Como será discutido mais adiante nesta dissertação, o discurso de liberalidade da troca de casais terá na reformulação do ciúme um ponto central, embora não fosse, por si só, capaz de fazê-lo desaparecer. Será necessária uma dessensibilização específica⁵⁴¹.

⁵³⁹ “O casamento também se renova”. Folha de S. Paulo, 6/6/1982. Caderno Mulher, p. 3.

⁵⁴⁰ JENKS, Richard. *Swinging: a test of two theories and a proposed new model*. Archives of sexual behaviour, Vol. 14, no. 6, 1985.

⁵⁴¹ Item 8.1.1 deste texto.

7. Anúncios dos casais e capital erótico

Um dos espaços privilegiados para a representação e discussão da sexualidade, bem como de determinados papéis de gênero, as revistas masculinas concedem um acesso apenas parcial para que se possa efetuar uma análise da recepção. Em primeiro lugar, número de exemplares vendidos é uma referência importante para definir o que o consumidor aprova ou não, pois a compra é também uma forma de comunicar suas intenções e desejos à mídia. O sucesso das revistas masculinas torna-se, portanto, um indício de determinada identidade de ideias entre o conteúdo das publicações e os leitores. Obviamente, porém, isto ainda diz pouco.

A presença e a circulação de uma representação (...) não indicam de modo algum o que ela é para seus usuários. É ainda necessário analisar a sua manipulação pelos praticantes que não o fabricam. Só então é que se pode apreciar a diferença ou a semelhança entre a produção da imagem e a produção secundária que se esconde nos processos de sua utilização⁵⁴².

As cartas, os anúncios, e os relatos eróticos são exemplos claros da participação dos consumidores na construção do produto de mídia “revistas masculinas”, e uma forma de aproximação para compreender a recepção, embora se deva considerar que os textos eram escolhidos pelos articulistas, não eram publicados integralmente, e certamente sofriam edições, para que se adequassem ao conteúdo. Os relatos permitem uma visão sobre quais práticas sexuais os leitores fantasiavam, e quais elementos se repetem em suas histórias, enquanto as cartas revelavam desavenças e concordância com relação ao que era publicado.

As revistas masculinas desempenhavam um determinado papel pedagógico na constituição de sexualidades. Isso significa dizer que a mídia impactava de forma importante na construção de determinados sentidos e significados do que era erótico, sensual, desejável, fazendo com que as práticas sexuais realizadas por seus leitores fossem influenciadas por seu conteúdo. Assim, e em certo sentido, o conteúdo das revistas estendia-se e influenciava as práticas eróticas de seus consumidores.

Porém, em nenhum momento esta relação entre a prática sexual do leitor das revistas masculinas e o mundo das fantasias eróticas estava mais explícita do que nos anúncios eróticos.

⁵⁴² CERTEAU, M. A invenção do cotidiano I: as artes do fazer. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 40.

A busca por parceiros para diferentes atividades sexuais, através de jornais e revistas, foi uma das consequências da chamada revolução sexual e liberação de costumes. No Brasil, durante os primeiros anos de 1970, esta prática estava restrita aos jornais e ocorria timidamente. Havia o problema dos custos, da impossibilidade de uma explicitação das fantasias (afinal, os jornais não eram publicações pornográficas), do alcance limitado (não eram todos que sabiam da existência de tais anúncios) e da pouca oferta, pois muitos jornais não permitiam a publicação de anúncios com insinuação sexual. Sem mencionar o risco que os anunciantes corriam por atraírem uma atenção indesejada.

A transposição destes anúncios para as revistas masculinas ocorrerá especialmente com *Ele Ela*. A seção Fórum, que fora criada em 1973 para apresentar a opinião dos leitores sobre a revista, transforma-se, durante a década, em espaço exclusivo para publicação de “fantasias eróticas e experiências sexuais” dos leitores. E a seção Cartas, embora continue a publicar pequenos trechos de comentários sobre os artigos publicados, com eventuais respostas por parte da redação, destaca-se por se constituir um espaço para publicação de anúncios eróticos. Ao final dos anos 70, a revista *Homem*, de caráter mais popular, disponibilizava inéditos espaços a esses anúncios, inclusive em edições especiais da revista, por vezes com publicação de fotos.

Estes “anúncios” – é o termo que será utilizado aqui – resumem-se a pequenos textos de pessoas que se ofereciam e buscavam parceiros para as mais diversas práticas sexuais. Rapidamente difundidos entre as várias revistas masculinas, passaram a ocupar espaço significativo das publicações – reflexo do interesse dos leitores por este conteúdo – o que acabou por impulsionar a publicação de frequentes edições especiais exclusivas de anúncios eróticos. Se por um lado nem todas as publicações ofereciam estes espaços, sendo *Playboy* a exceção mais destacada, no início dos anos 1980 surgiram revistas baseadas fundamentalmente neles, com destaque para a revista *Private*, ainda hoje em circulação.

Sua estrutura era simples e repetia-se nos vários títulos.

Coroas recifenses

“Ando à procura das coroas, dos 30 aos 50 anos, que estejam em boa forma e carentes, para transarmos todo o sexo do mundo no maior sigilo e discrição. Sou jovem executivo, nível superior, 31 anos, 1,85m, 80kg, bronzado, ardente, romântico, tesudo, carinhoso, poético, atlético, culto, discreto e respeitador.” — Renato, Caixa Postal 5.003, CEP 50.000, Recife — PE.

Intimidade em São Vicente

“Casal discreto mas liberal deseja entrar em contato com moças bissexuais solitárias, crônicas, para uma transa íntima, duradoura e sem divisões sexuais. Sigilo absoluto. Respostas só com foto e fone.” — C. O., Caixa Postal 147, CEP 11.300, São Vicente — SP

Figura 41 – Anúncios. *Ele Ela*, n. 156, abril de 1982, p. 125.

Eram bastante semelhantes àqueles presentes nos classificados dos jornais, excluída a particularidade do tema. Neste mercado sexual, eram oferecidos e destacados os elementos mais valorizados de certo “capital erótico”: na breve autodescrição apareciam detalhes relacionados à idade, aparência, aspectos físicos, nível socioeconômico, capacidades sexuais, etc., além de explicitar quem estava sendo buscado e para quais práticas eróticas. Continham, bem se vê, os mesmos elementos presentes em anúncios de venda de geladeiras ou sofás: produto oferecido, detalhes particulares, valorização das qualidades, forma de contato e, em certo sentido, o valor cobrado: a busca de pessoas compatíveis, ou seja, semelhantes em seu capital erótico. Pois, tal qual qualquer mercado, a troca deveria ser feita por valores equivalentes.

Havia anúncios escritos por mulheres, mas a maioria era assinada primeiramente por homens e, logo a seguir, casais. Ao mesmo tempo, as mulheres eram as destinatárias preferenciais – ou seja, havia uma consciência comum de que elas eram leitoras, também, das revistas “masculinas”⁵⁴³ –, seguidas por casais, e homens para relacionamentos homossexuais.

A preservação da identidade era fundamental, e era comum os anunciantes se definirem como “discretos” ou “sigilosos”. O nome completo era raramente publicado (apenas o prenome ou as iniciais) e um número de Caixa Postal impedia a identificação do endereço. O pedido de envio de fotos e de número de telefone logo na primeira carta era comum e possuía múltiplas funções: apimentar as fantasias, agilizar os contatos e servir como prova de confiança.

Os textos eram, muito provavelmente, editados pela redação antes de serem publicados: infelizmente, não se tem acesso aos materiais originais para uma análise do quanto, e de que forma, foram editados. É legítimo supor, porém, que com o aumento

⁵⁴³ Sem mencionar que o padrão homem-ativo (ou desejante) vs. mulher-passiva (e desejada) acabava por ser reproduzido.

do número de anúncios e sua popularização, os próprios leitores já enviassem seus textos pré-formatados, dentro de um modelo que já havia se tornado conhecido⁵⁴⁴.

Os anúncios eram uma forma dos leitores utilizarem as potencialidades dos meios de comunicação de massa para si. E os resultados eram significativos: os redatores da *Homem*⁵⁴⁵, em finais dos anos 1970, buscaram testar o impacto dos anúncios da própria revista. Para isso, publicaram um texto, de uma suposta universitária de 19 anos, que desejava “manter contato com jovens que [quisessem] curtir as noites quentes paulistanas”. Em seu editorial, explicitavam a surpresa com o impacto da própria publicação.

Recebemos em resposta ao anúncio mais de mil cartas, entre eles de pessoas de outros países (América do Sul), de presos políticos, de homens casados, de adolescentes e até de mulheres. Recebemos também cartões postais, diversas fotos, poemas e trovas⁵⁴⁶.

Os pesquisadores Jussara Xavier e Geraldo Santos fizeram pesquisa semelhante com um anúncio voltado exclusivamente para casais. Receberam, em resposta, mais de 300 cartas, “de solitários em busca de orgias a casais casados há dezessete anos, dispostos à troca de parceiros desde que respeitadas certas condições”⁵⁴⁷. Em outro teste, o jornalista Leo Borges Ramos diz ter recebido, em resposta a seu anúncio de “jovem casal loiro” publicado em *Ele Ela*,

612 cartas que incluíam desde pessoas casadas há 16 anos, e com cinco de prática de *swing*, até solteiros curiosos, querendo entrar numa *cigarra*, termo que designa os solitários catadores de *ménage-à-trois*⁵⁴⁸.

A revista *Peteca*, por sua vez, acreditava ter em seus anúncios um diferencial em relação à concorrência.

Um dos maiores sucessos de nossas publicações, chegando inclusive a caracterizar o *leitor-Grafipar* é justamente a seção ‘Ponto de Encontro’. Não possuímos dados para afirmar isso, mas temos a impressão de que é um verdadeiro recorde nacional no setor. (...) É com alegria que recebemos cartas de felizes leitores, exaltando o sucesso da publicação de seus anúncios (alguns chegando a receber mais de 500 cartas!) ou até convidando para seu próximo casamento com a noiva que conheceram através de Ponto de Encontro⁵⁴⁹.

⁵⁴⁴ A revista *Private*, já a partir de meados dos anos 1980, fornecerá em suas edições formulários para serem preenchidos pelos leitores que desejavam publicar anúncios.

⁵⁴⁵ Duas revistas dividiram, por um período, este mesmo nome, na segunda metade dos anos 1970. Havia a publicação da Editora Ideia (ligada à Editora Três), sobre a qual se faz referência aqui. E, impossibilitada por conta da censura de utilizar o nome *Playboy*, a revista da Editora Abril inicialmente também se utiliza do nome *Homem*.

⁵⁴⁶ GUIMARO, Ana Luiza. op. cit. p. 212.

⁵⁴⁷ “A orgia dos invisíveis”. Veja, 12/12/1979, p. 108.

⁵⁴⁸ *Ele Ela*, n. 132, abril de 1980, p. 76. Destaques no original.

⁵⁴⁹ *Peteca*, n. 46, Agosto de 1979, p. 3.

Os exemplos são poucos, variam em relação ao anunciante, ao público desejado, ao título da revista, e por isso impedem uma análise mais profunda do impacto destes anúncios. Mas são suficientes para comprovar o interesse que poderiam suscitar nos leitores. Além do desejo de se anunciar, muitos se ocupavam em ler e responder aos anúncios, iniciando algum tipo de contato entre leitores, motivados pela revista, em função de seus conteúdos, mas independentemente dela. O sucesso deverá ter sido, obviamente, bastante variável, mas como a própria história do *swing* comprova, não foram poucos os encontros originados desta maneira que terminaram de forma satisfatória aos envolvidos.

Os anúncios ocupavam um papel diferenciado dentro das revistas masculinas. De um lado, estava o leitor em sua vida particular, em sua sexualidade privada e contextualizada; do outro, o conteúdo da revista (do qual os anúncios faziam parte), oferecendo uma sexualidade desligada de sentimentos, lúdica, recreacional, sempre satisfatória, isenta de culpa e consequências desagradáveis. Entre estes dois polos, os anúncios surgem enquanto um espaço em que o desejo individual e as promessas eróticas se encontram, permitindo engendrar ações dentro de um espaço cultural e discursivo específico.

A presença de anúncios tornava-se uma evidência da “verdade” erótica divulgada pelas revistas masculinas. Afinal, estavam ali nomes, endereços e caixas postais de homens e mulheres que propunham aventuras como aquelas que apareciam nos relatos, e se descreviam como modelos semelhantes àquelas dos ensaios. Se a ficção da realidade⁵⁵⁰ faz parte do conteúdo pornográfico, os anúncios reforçavam e confirmavam a existência daquela pornotopia.

A pornografia presente nas revistas era de consumo caseiro e individual – diferente, por exemplo, do que ocorria nos cinemas pornô que se espalharam pelos grandes centros urbanos brasileiros, durante os anos 1970 e 1980⁵⁵¹ onde a pornografia era consumida socialmente. Peteca deixava isso claro, ao se anunciar como uma “revista para ler sozinho”. Os anúncios, assim, serviam como uma porta de entrada para a possível socialização do prazer, o caminho de saída do isolamento e a entrada para o mundo utópico sexual prometido pela pornografia. Independentemente do fato de serem capazes de cumprir as promessas implícitas de satisfação sexual e de inclusão naquela

⁵⁵⁰ ABREU, Nuno Cesar. op. cit. p. 24.

⁵⁵¹ RAMOS, José Mário Ortiz. Televisão, Publicidade e Cultura de Massa. Petrópolis: Vozes, 1995.

pornotopia, os anúncios constituíam-se tal qual “terceiros espaços”⁵⁵² situados tanto na fantasia da revista quanto na realidade concreta dos leitores⁵⁵³.

Uma impressão reforçada pelas fotos que os próprios leitores das revistas masculinas produziam e enviavam para serem publicadas. Tais imagens, hoje definidas como “amadoras” e para as quais havia (e há) um mercado pornográfico específico, eram produzidas sem grandes preocupações técnicas ou convenções de representação, a não ser aquelas apreendidas pelo uso doméstico de máquinas fotográficas. O erotismo era dado pelo realismo e, em sendo assim, a ausência de cuidados técnicos constituía-se tanto em uma linguagem em si, como em apelo erótico. Os leitores passaram a reconhecer que aqueles corpos imperfeitos, em ambientes pouco sofisticados, em posições possivelmente inspiradas em ensaios profissionais – porém captadas com o olhar ingênuo do fotógrafo amador –, eram mulheres “de verdade”.



Figura 42 - Seção “Feita em casa”. Revista Privê, Maio de 1980.

Os anúncios, assim, prometiam a efetiva participação dos leitores naquela propagandeada revolução sexual, ao permitir entrar em contato com outras pessoas e sair da relação individual com o conteúdo da revista, além de possuírem a potencialidade de gerar um grande conjunto de práticas: serão lidos e respondidos; serão

⁵⁵² Nas ciências humanas, o conceito de terceiros espaços é mais conhecido pela utilização feita por Homi Bhabha na análise das relações entre a autoridade colonial e a população indígena subordinada, ou no contato entre diferentes concepções culturais. (Cf. BHABHA, Homi K. “The Third Space: Interview with Homi Bhabha” in RUTHERFORD, Johathan (ed.). *Identity: Community, Culture, Difference*. Londres: Lawrence and Wishart, 1990. pp. 207- 21). A presente utilização, porém, baseia-se na análise de Hoover e Echchaibi da religião digital enquanto terceiros espaços de manifestação religiosa e espiritual. Cf. HOOVER, Stewart; ECHCHAIBI, Nabil. *The ‘Third Spaces’ of digital religion*. Colorado, Estados Unidos: The Center for Media, Religion and Culture / University of Colorado. Discussion paper, 2012. Disponível em <http://cmrc.colorado.edu/wp-content/uploads/2012/03/Third-Spaces-Essay-Draft-Final.pdf>. Acesso em 10/9/2014.

⁵⁵³ A Playboy não tinha anúncios. Mas era alto o número de pessoas que escreviam pedindo o contato de determinada modelo. E os mini perfis, como editados pela Playboy, reforçavam esta ideia de “fantasia real”.

produzidos textos, e mesmo fotos, para serem publicados como anúncios. A troca de correspondência poderia ser utilizada para apimentar fantasias, estimular contatos individuais e inclusive engendrar encontros sexuais. Dentro deste espaço intermediário, entre o leitor e a revista, os anúncios permitiam estender a imaginação pornográfica apresentada nas revistas para as experiências individuais: a troca de correspondências, o falar no telefone, os encontros pessoais tornavam-se, assim, extensões dos ensaios fotográficos, dos relatos eróticos e dos artigos. Os códigos pornográficos produzidos pela revista transpassavam as experiências individuais e passavam a ser utilizados nos contatos entre leitores, na criação de grupos com afinidades eróticas⁵⁵⁴, e na própria realização de experiências eróticas.

Não se constituindo como locais físicos, mas “locações fluidas, conceituais e imaginadas”⁵⁵⁵, estes terceiros espaços dos anúncios eram construídos ativamente pelos leitores em seu relacionamento com o conteúdo pornográfico das revistas masculinas. As pessoas agiam “como-se”⁵⁵⁶ fosse importante ler, responder e publicar anúncios. Não que esta importância fosse falsa de alguma maneira: o que se pretende salientar é que, para estas pessoas, os anúncios tinham um significado real e importante.

No momento em que os anúncios se estabeleciam entre a existência individual e o conteúdo da revista, as experiências reais traziam a pornotopia dos artigos, dos ensaios, dos relatos, para o ato sexual em si e somava-se à experiência de cada um dos envolvidos. Tomando-se o *swing* como exemplo, e considerando-o uma prática que se iniciava no Brasil naquele momento, a efetiva experiência dos casais ocorrerá em um espaço intermediário entre o conhecimento que dispunham da prática (e que era originado das revistas) e sua realização efetiva. Mesmo casais iniciantes conheciam determinadas regras do que seria praticar o “verdadeiro” *swing* a partir das informações das revistas – e isso certamente teria um impacto em sua experiência que, eventualmente, poderia retornar à revista, na forma de relatos, artigos ou na publicação de novos anúncios. Na ausência de clubes de *swing*, ou de revistas especializadas no tema (algo que já ocorria nos Estados Unidos desde os anos 1960), esses casais formam para si o que é *swing* em função das revistas e dos contatos por ela proporcionados.

⁵⁵⁴ Grupos que buscavam organizar pequenas comunidades de alguma prática sexual específica, em determinadas regiões.

⁵⁵⁵ HOOVER, Stewart; ECHCHAIBI, Nabil. op. cit. p. 6

⁵⁵⁶ HOOVER, Stewart; ECHCHAIBI, Nabil. op. cit. p. 21-25.

Dentro deste contexto, os praticantes do *swing*⁵⁵⁷ agiam “como-se” tivessem uma ligação de objetivos, uma identidade comum, compartilhassem valores e regras. Portanto, constituía-se esta comunidade imaginada⁵⁵⁸, a despeito do pouco controle institucional que tinham sobre a revista. Afinal, os leitores não poderiam ter certeza de quando seus anúncios seriam publicados (supondo que, em algum momento, o fossem)⁵⁵⁹, nem com quais alterações.

Se a identidade *swing* é formada pelas representações mediadas pelas revistas masculinas e, particularmente, com a característica específica dos terceiros espaços dos anúncios, pode-se afirmar que, na ausência de uma “forma institucionalizada” própria que pudesse marcar “de modo visível e perpetuado a existência do grupo”⁵⁶⁰, as revistas masculinas acabaram desempenhando este papel, auxiliando na formação da identidade social dos *swingers*. As revistas permitiram a homogeneização e delimitação da prática. Mesmo sem uma representação institucionalizada que permitisse a difusão das regras, dois casais, mesmo que iniciantes – ou seja, sem contato anterior com outros casais –, saberiam o que esperar de um encontro.

Não havendo espaços físicos, e unidos apenas pelas mesmas revistas que liam, a classificação de “praticante de *swing*” era praticamente autoconcedida. Porém, a noção de que estes casais acreditavam participar (ou quererem participar) deste grupo pode ser notada pela constante busca por um clube, nos moldes que existiam na Europa e nos Estados Unidos.

Tendo residido na Europa, onde havia clubes privados para a prática de amor em grupo, solicita o obséquio de informar se existe algum no Brasil e, se possível, fornecer o endereço. Pedro do Val, Belo Horizonte – MG⁵⁶¹.

⁵⁵⁷ Esta elaboração teórica não é específica para o *swing* e poderia ser aplicada para outras práticas sexuais divulgadas pelas revistas. É importante esclarecer que os anúncios atuavam enquanto “terceiros espaços” mesmo que não levassem a práticas sexuais efetivas com outros leitores. Afinal, cumpriam a função de construir um espaço entre a sexualidade apresentada pelas revistas e aquela individual, do leitor – fosse no campo da sua imaginação erótica, ou em práticas sexuais com outras pessoas.

⁵⁵⁸ Originalmente criada por Anderson para referir-se ao sentimento de pertença a uma nação, a expressão “comunidade imaginada” está sendo apropriada, nesta dissertação, para referir-se a um conjunto de indivíduos que, mesmo sem conhecerem-se face a face, pensam fazer parte de um mesmo grupo, além de compartilharem, entre si, determinadas características que acreditam ter em comum. ANDERSON, Benedict. Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

⁵⁵⁹ Em 1980, por conta da popularidade, da demanda e do espaço restrito na revista, Ele Ela demorava em média seis meses para publicar um anúncio. Ele Ela, n. 132, abril de 1980, p. 75.

⁵⁶⁰ CHARTIER, Roger. À beira... op. cit. p. 73.

⁵⁶¹ Ele Ela, n. 122, Junho de 1979, p. 10.

A réplica da revista é curiosa: “Cremos que a carta do Laércio, acima, responde às suas dúvidas”⁵⁶². De fato, na mesma edição, uma segunda carta levantava a mesma questão:

Lemos na seção Cartas, o apelo do leitor G. N. e decidimos responder: infelizmente, no Brasil, ainda não existem tais clubes, porém, suprimos sua falta com reuniões de pequenos grupos de quatro a cinco casais em casa de amigos (que sempre possuem piscina) para entregar-nos às delícias do convívio com a natureza. Todos possuem instrução superior e bom nível sócio-econômico. (...)

Laércio P. Almeida – São Paulo⁵⁶³.

Vários leitores procuravam se utilizar dos anúncios de *Ele Ela* para oferecer seus espaços como pontos fixos para a criação de clubes, fossem mais ou menos formais. Não existiam clubes de *swing* no Brasil em 1979, mas a prática já estava difundida. Segundo pesquisa realizada em 1980, dois terços das pessoas diziam ter ouvido falar da troca de casais, ainda que a quase totalidade dos entrevistados criticasse a prática⁵⁶⁴.

A constante presença de leitores demandando clubes, como a busca por alternativas que fossem menos “virtuais” que aquelas comunidades imaginadas construídas pelos anúncios, será a comprovação de que estas pessoas se acreditavam pertencendo a um grupo, e que dividiam entre si semelhantes concepções de sexualidade. O interessante deste movimento em torno de clubes não se resume à busca por espaços que pudessem servir concretamente de ponto de encontro, mas pelo que revela deste sentimento comunitário já construído pelas revistas.

A única opção, além daquele discreto espaço nos anúncios das revistas masculinas, eram os clubes de correspondência, que tinham como objetivo facilitar o encontro entre casais. *Burning Flame Social Club* (Brasília), *Swing-Swingers* e *Clube Privê* (ambos do Rio de Janeiro), *Swinging Couples Clube* (de São Paulo) eram alguns dos ofereciam serviços de construção de um banco de dados de casais, e distribuição de cartas e anúncios aos interessados, mediante contribuições mensais.

“O simples preenchimento de um formulário é o ponto de partida para aquilo que pode ser uma grande aventura”⁵⁶⁵. Enviando-se uma correspondência ao *Swinging Couples Clube* (SCC), o casal recebia um formulário a ser preenchido: homens e

⁵⁶² *Ele Ela*, n. 122, Junho de 1979, p. 10.

⁵⁶³ *Ele Ela*, n. 122, Junho de 1979, p. 10.

⁵⁶⁴ CAVALLIERI, Alyrio et. al. Pesquisa acerca dos hábitos e atitudes sexuais dos brasileiros. São Paulo: Cultrix, 1983. p. 47.

⁵⁶⁵ *Privê*, n. 10, Março de 1980, p. 18.

mulheres davam detalhes sobre sua aparência e preferências sexuais, apontavam seus passatempos e atividades físicas, destaques sobre si mesmos, e diziam o que desejavam encontrar, que poderia variar de simples troca de filmes eróticos à efetiva relação sexual.

Enviado o formulário preenchido e paga a primeira mensalidade (Cr\$500,00 em 1980), recebia-se a lista de casais que pertenciam ao clube, com detalhes gerais, e identificados sob um código. Caso algum interessasse, ligava-se para o SCC que informava o telefone do casal; a partir daí, o relacionamento passava a ser apenas entre os interessados.

Tais clubes não pareciam ser dirigidos por casais praticantes – várias reportagens do período buscaram mais informações, mas descobriram apenas escritórios de advocacia ou de contabilidade nos endereços fornecidos – e, de toda forma, tiveram existência efêmera.

Criado pelo proprietário de uma rede de boates, o primeiro efetivo clube de *swing* do Brasil surgirá em São Paulo apenas em 1981, e definia-se como “a opção exclusiva para casais modernos”. Ainda que, inicialmente, tentasse funcionar todos os dias, acabou por reduzir a apenas uma vez por mês as festas destinadas aos casais praticantes do *swing*, quando conseguia reunir cerca entre 20 a 25 casais. No total, o clube teria 285 “casais sócios”⁵⁶⁶.

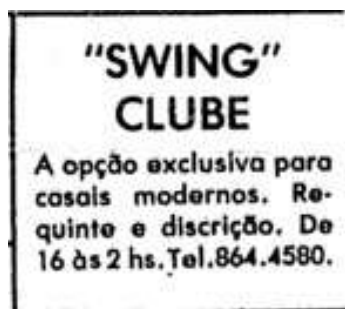


Figura 43 - Propaganda do primeiro clube de swing do Brasil. Folha de S. Paulo, 12/8/1981. p. 22

O surgimento deste clube, como de outros que o seguiram neste período, está relacionado a uma mercantilização do *swing*, algo que já ocorria nas revistas masculinas. Transformado em produto, tornara-se tema de livros e revistas pornográficas, festas temáticas e filmes. E em sendo aproveitadas as estruturas das boates para os primeiros clubes, certamente a prostituição acabaria por encontrar, na troca de casais, um espaço a mais para comercialização de seus serviços. No começo da

⁵⁶⁶ Playboy, n. 79, Fevereiro de 1982, p. 120.

década tornou-se comum a propaganda, em jornais e revistas, de homens e mulheres que se ofereciam para praticar *ménage* ou *swing*, com qualquer pessoa interessada.

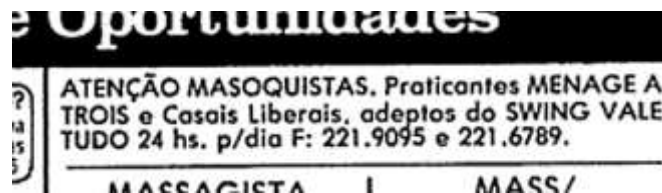


Figura 44 - Folha de S. Paulo, 22/10/1983, p. 24.

Em 1984, a revista masculina *Private* é lançada no Brasil. Seu foco serão as fotos de mulheres nuas e os anúncios, constituindo-se em um novo espaço para a difusão da pornotopia do *swing*.

Atualmente, os clubes de *swing* tornaram-se comuns nas principais cidades do Brasil, e um intenso mercado formado para este público continua em expansão. Para tornar-se um “casal swinger”, hoje, basta fazer a reserva e atrever-se no próximo final de semana. É interessante notar, porém, que algumas estratégias de construção de uma identidade, mesmo de forma imaginária, continuam existindo nos sites de relacionamento voltados a este público, de uma forma que se aproxima àqueles antigos terceiros espaços dos anúncios. E sobre a permanência desta comunidade imaginada nos dias de hoje, é interessante analisar, ainda que brevemente, o caso do *Swing Real*.

Não é incomum que o site de relacionamentos *Sexlog*⁵⁶⁷ seja identificado como o maior espaço virtual brasileiro para pessoas que buscam parceiros sexuais⁵⁶⁸, mesmo porque é desta forma que se definem: “a maior rede social de sexo e swing do Brasil”. Sua estratégia de comercialização, porém, é muito semelhante à dos clubes, que vimos anteriormente: o *swing* é destacado, inclusive no *slogan* que apresenta a empresa, bem como nas principais fotos e nos ensaios exclusivos, que retratam casais que seriam usuários. Porém o público é majoritariamente de homens sozinhos⁵⁶⁹, que pagam uma mensalidade que varia entre R\$29,90 a R\$49,90⁵⁷⁰ para que tenham acesso a todas as funcionalidades do site. A fantasia da troca de casais, assim, é utilizada como instrumento de convencimento para os principais usuários do sistema.

⁵⁶⁷ <https://www.sexlog.com/>

⁵⁶⁸ VASCONCELOS, Edson. Sexo, afetos e swing: notas sobre um estudo etnográfico no *Sexlog*. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos). Florianópolis, 2013. Disponível em http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1386788330_ARQUIVO_EdsonVasconcelos.pdf. Acesso em 10/9/2014.

⁵⁶⁹ Em consulta realizada em 6/11/14, a composição dos usuários do *Sexlog* é de 70,2% de homens, 7,1% de mulheres, 21,8% de casais heterossexuais, 0,1% de casais gays e 0,8% de transexuais.

⁵⁷⁰ Dados para novembro de 2014.

Diferentemente do que ocorre com outro site, “Swing Real”. Uma busca pelo Google não fornece detalhes sobre seu conteúdo – “uma descrição para este resultado não está disponível”, informa o buscador – e a página inicial diz pouco.



Figura 45 - Página inicial do site Swing Real. <https://www.swingreal.com/crslogin.asp>

De fato, a página inicial não revela detalhes sobre o conteúdo do site. Não há links que ofereçam mais informações, e não é possível sequer enviar mensagens aos administradores. Além daqueles que possuem um código de usuário e senha, o site é inacessível.

Trata-se de um site de *swing* exclusivo para praticantes “reais”, como definidos pelo site. De fato, a expressão “no fake” – “sem falsos” perfis que, segundo a sua concepção, estariam presentes em outros sites de relacionamento *swing* – é uma das poucas informações à disposição dos internautas que acessam a página inicial. O site Swing Real possui mais de 60 mil perfis cadastrados, e a dificuldade do acesso não é apenas razão de sua popularidade, mas um dos elementos que demonstra a permanência, ainda nos dias de hoje, da existência de uma determinada identidade de grupo entre os praticantes; o terceiro espaço, aqui, é constituído na virtualidade da internet. De fato, para participar é necessário ser convidado por um já confirmado membro do site, que passará a ser o “padrinho” do novo casal. Isto, porém, não basta para que se tenha acesso a todas as informações, nem que seja aceito como membro permanente: é necessário, ainda, que outros três casais diferentes confirmem que o novo perfil é, realmente, de um casal real. São as condições para que novos usuários possam, além do pagamento da taxa mensal (R\$19,00, em 2014), usufruir de todas as funcionalidades oferecidas.

Não ser um “fake”, mas sim um casal “real”, torna-se um elemento diferenciador da identidade dos praticantes de *swing*. Buscada nos poucos anúncios mensais disponíveis nas revistas masculinas durante os anos 70, tornou-se digitalizada pela

Internet, onde a noção de participação em determinada comunidade imaginária – ou, seria mais adequado dizer, virtual – é ainda presente.

7.1 *Os discursos dos anúncios*

Por que os casais se anunciavam? Eventualmente a existência de problemas conjugais era mencionada, significando que, para alguns ao menos, a prática do *swing* parecia ser uma última alternativa para salvar – “sem falso puritanismo, na tentativa de quebra da rotina da vida”⁵⁷¹ – um casamento com problemas. Tais razões, porém, são raras. As mais frequentes, quando aparecem, são variações do desejo de “matar certas ânsias”⁵⁷², mencionado anteriormente.

INEXPERIENTES, MAS ANSIOSOS

Casal 30/23 anos, ótima aparência, nível superior, inexperientes, porém, ansiosos em iniciarem, procuram outros casais, rapazes e moças, do mesmo nível, para participarem das maravilhas que deve ser o *swing* e o *ménage*. Carlos e Lúcia – C. Postal 8903 – CEP 80000 – Curitiba/PR⁵⁷³.

Tendo descoberto uma determinada realidade erótica da qual acreditavam poder participar, muitos casais entusiasmavam-se pelas “maravilhas” que o discurso pornotópico criava a respeito do *swing*. Tratava-se de um desejo de viver aquelas que deveriam ser maravilhosas experiências. Portanto, ainda que o discurso de liberdade sexual e igualdade entre os sexos aparecesse nas justificativas, a primeira motivação era, simplesmente, erótica. A identificação de “inexperientes” parecia ser uma necessidade, uma regra não explícita: não apenas porque havia casais que evitavam outros sem experiência anterior, sob o risco de encontrarem pessoas mal ajustadas ou ciumentas, mas também porque havia o desejo implícito de muitos em serem “iniciados”.

Casal 40/35 anos, boa aparência, simples, discreto, equilibrado, sem preconceito nem vícios, deseja contato com casal que nos auxilie a ingressar no mundo dos prazeres íntimos. É indispensável vossa experiência, pois nos sentimos ainda com alguma inibição⁵⁷⁴.

À maneira da perda da virgindade individual, que sempre se sonhava em ser feita em condições ideais, com uma pessoa segura, paciente e excitante, também

⁵⁷¹ Ele Ela, n. 156, Abril de 1982, p. 127.

⁵⁷² Ele Ela, n. 133, Abril de 1980, p. 18.

⁵⁷³ Fiesta, n. 72, Março de 1982, p. 78.

⁵⁷⁴ Ele Ela, n. 143, Abril de 1981, p. 115.

pareciam ser assim os casais: a busca por parceiros como aqueles descritos nas reportagens de Sandstone, ou representados nos contos de Ele Ela.

Quem estes casais procuravam? Parceiros sexuais, sem dúvida, que poderiam ser outros casais (na maior parte das vezes), seguindo-se a busca por mulheres e, por último, homens. Isso diz pouco, porém, pois não são apenas estas as qualidades buscadas, e nem todos seriam aceitos dentro desta negociação do erótico.

Em primeiro lugar, e como sempre fora comum em anúncios, as próprias qualidades dos artigos para troca eram valorizadas.

Casal 39/31 anos, deseja conhecer casais com relativa experiência na prática do swing. Somos modernos, participantes de atividades culturais, artísticas e sociais, viajados nacional e internacionalmente, podendo assim deslocarmos para qualquer parte sem impedimentos. Gostaríamos de contatar imediatamente casais de fino gosto e educação, em qualquer parte do Brasil. (...) Caixa Postal 7.881, CEP 01000, São Paulo, SP⁵⁷⁵.

Da mesma forma, Carlos e Lúcia de Curitiba, por exemplo, afirmavam ter “ótima aparência e nível superior”, e deixavam claro que procuravam “casais, rapazes e moças” contanto que fossem “do mesmo nível”.

Qual nível? O próprio, o que quer que isso significasse: a busca era, usualmente, por pessoas iguais. Os casais buscavam outros que se parecessem consigo mesmos, em relação à situação financeira, nível intelectual e, inclusive, cor da pele. Na ausência de qualquer outra informação, supunham-se brancos; senão, adjetivos “orientais” ou *colored* – significando pessoa negra – eram adicionados, evitando surpresas no momento da troca de fotos ou dos encontros reais.

Em sendo uma prática da classe média e alta, a maioria dos anúncios buscava casais desta faixa social. Abundavam eufemismos como “bom nível social”, “boa formação sócio-cultural”, “casal de nível”, ou declarações mais diretas como “posição econômico-financeira sólida e definida”, indicando determinado padrão oferecido e buscado.

Ao mesmo tempo – talvez por timidez, sinceridade, ou receio de enganos – eventuais casais de origem social mais pobre utilizavam os próprios eufemismos, como “de nível social simples”, “casal modesto”, “casal humilde”.

Havia uma determinada valoração dos casais, e o próprio termo “troca” deixa claro o simbolismo econômico envolvido nesta bolsa de valores erótica – não por acaso,

⁵⁷⁵ Serviço do Homem, outubro de 1980, p. 43.

aliás, alguns autores brasileiros chegaram, no início dos anos 70, a utilizar a expressão “escambo de casais” para designar a prática.

São várias as características que determinavam o valor final de um casal, dentro deste mercado de anúncios. O primeiro e mais destacado – e, definitivamente, mais importante – era a mulher. Em 2013, em conversa com casais praticantes de *swing* de Curitiba, uma das esposas revelava: “por que a gente vai querer homens solteiros? Eles não têm moeda de troca”. As mulheres eram, portanto, esta “moeda” que era descrita em detalhes, de forma a atrair interessados: sua idade, a beleza física, suas qualidades sexuais, eram todos elementos que agregavam valor ao anúncio e, assim, ao casal. Um casal de Chapecó anunciava, em 1982, que a mulher, de 25 anos, tinha “manequim 42, porte elegante e atrativo, físico altamente desejável”⁵⁷⁶, mas não fornecia qualquer dado sobre o homem. Além de descrita, era ela quem era exposta nos anúncios com fotos, em posições mais ou menos explícitas, mais ou menos ginecológicas. Mesmo com a queda das restrições à publicação do nu frontal masculino, já em meados dos anos 1980, eles dificilmente aparecem acompanhados de suas esposas nos anúncios, inclusive porque as revistas masculinas resistiam à publicação destas imagens. Mas, a sua presença é implícita e permanente, pois são eles que estão batendo as fotos.

O segundo elemento importante dentro do capital erótico de um casal, era o homem. Raramente descrito em suas qualidades físicas (e, quando isso acontecia, apresentava-se o mínimo de informações, como “porte atlético”), os maridos apareciam como simpáticos, extrovertidos, inteligentes, de bom nível, formando um conjunto que seria considerado suficientemente agradável para ser considerado atraente.

Outros elementos participavam na formação deste capital: a idade (quanto mais jovens, mais desejados), nível social e intelectual, experiência na prática do *swing* e, devido a dificuldades de motéis que aceitassem mais de um casal nos quartos, se possuíam local para receber convidados.

Segundo informava um marido que participava do *swing*, em depoimento apresentado ao autor em 2012, ele e sua esposa não realizavam trocas com quem consideravam pouco atraentes; segundo ele, “não existe caridade no *swing*”: a frase deixa clara a necessidade de paridade de capital erótico. Afinal, a caridade nada mais é do que oferecer algo sem receber nada em retribuição; dispor de um bem, sem qualquer

⁵⁷⁶ Ele Ela, n. 156, Abril de 1982, p. 127.

compensação. Algo que não deveria ocorrer em uma troca de casais, portanto, se não existisse uma percebida igualdade de valores.

“Casal branco, excelente nível social, cultural e econômico, deseja corresponder-se com casais semelhantes”⁵⁷⁷: o interesse erótico buscava a novidade, mas não a diversidade. Segundo a Playboy, em reportagem de 1980, este caráter erótico socialmente monogâmico do *swing* fazia com que os casais tivessem a “ilusão de que são desejados e de que povoam os sonhos de centenas de casais – exatamente iguais a eles”⁵⁷⁸.

⁵⁷⁷ Ele Ela, n. 143, Abril de 1981, p. 114.

⁵⁷⁸ Playboy, n. 60, Julho de 1980, p. 132.

8. Subjetividade e identidade swing

Em sua autobiografia em quadrinhos, a desenhista norte-americana Alison Bechdel revela que a sua descoberta como lésbica não se deu por uma revelação da carne, mas da mente⁵⁷⁹: primeiro, ao encontrar *lesbian* em um dicionário lhe foi dada não apenas uma denominação, mas uma definição. Esta foi sendo elaborada pela leitura de livros sobre o tema, que acabaram por alinhar determinadas sensações – preferência por determinados corpos, roupas, trejeitos, personagens, etc. – com determinados discursos.



Figura 46 - BECHDEL, Alison. *Fun Home: A Family Tragicomic*. Nova Iorque: Houghton Mifflin, 2006. p. 74.

Parte da construção da subjetividade de Bechdel enquanto uma mulher homossexual se deu através de uma negociação entre seus sentimentos e preferências pessoais (desenvolvidos a partir de opções socialmente disponíveis), e um determinado conjunto de discursos preexistente. No caso, a existência de saberes que definiam o seu próprio desejo sexual. E o que significava para a pessoa **ser** aquela definição.

Segundo Ken Plummer⁵⁸⁰, as experiências podem se manter ambíguas e indefinidas, até receberem uma determinada codificação, como no caso de Bechdel,

⁵⁷⁹ BECHDEL, Alison. *Fun Home: A Family Tragicomic*. Nova Iorque: Houghton Mifflin, 2006. p. 74.

⁵⁸⁰ PLUMMER, Ken. Social diversity. In HOWELLS, Kvein. *The psychology of sexual diversity*. Nova Iorque: Basil Blackwell, 1984. p. 238.

inicialmente dada pelo dicionário. Para Maria Marcus, uma feminista dinamarquesa que não compreendia o intenso prazer erótico que sentia com a dor, a categoria “masoquismo” surgiu na leitura de um livro sobre sexualidade:

Então havia um nome para isso. (...) Então eu era alguma coisa definida. Eu estava incluída em uma categoria definida. Eu tinha meu próprio espaço. A gaveta a que eu pertencia não cheirava assim tão bem quanto outras, mas era uma gaveta com uma etiqueta nela. (...) Receber um nome pareceu ser o primeiro ato de um despertar de consciência, como se uma bagunça completamente desorganizada de pontilhados se juntassem em uma imagem sólida⁵⁸¹.

As definições discursivas importam porque organizam a realidade, inclusive dos desejos eróticos. Trazem consigo não apenas uma etiqueta, mas também valores, e que acabam sendo incorporados. Havelock Ellis, sexólogo britânico do século XIX, narra a história de uma senhora casada, líder de um movimento de pureza social, entusiasta da castidade sexual, que descobriu, através de panfletos distribuídos nas ruas, que praticara a masturbação por anos, mas sem saber. Segundo Ellis, “a profunda angústia e o desespero sem esperanças desta mulher diante do que ela acreditava ser a ruína moral de toda sua vida não podem ser descritos adequadamente”⁵⁸². É interessante perceber que não foi qualquer prática nova que fez esta mulher questionar a própria subjetividade, mas a descoberta dos discursos existentes sobre uma prática que ela realizava havia anos, e das qualidades negativas a ela associadas.

O que estes três casos permitem concluir é que as sensações e as experiências podem existir sem estarem codificadas pela cultura. Mas, no momento em que elas entram em uma das gavetas – no dizer de Maria Marcus – a etiqueta traz consigo, além de uma denominação, determinadas definições da prática (lésbica é a mulher que sente desejo erótico apenas por mulheres), determinados valores sociais (o masoquismo é uma perversão sexual) e determinados julgamentos morais (a masturbação é uma prática condenável).

Normas que denunciavam comportamentos e anunciavam os perigos de degeneração social provocadas por práticas desviantes. Sentimentos profundos pareciam ser atingidos, pois as questões de feminilidade, masculinidade e sexualidade tocavam diretamente, como ainda hoje o fazem, as subjetividades e sua construção⁵⁸³ – “sair do

⁵⁸¹ MARCUS, Maria. *A taste for pain* (1981). Apud. PLUMMER, Ken. op. cit. p. 239.

⁵⁸² ELLIS, Havelock. *Studies in the Psychology of Sex*. Volume 1. 1927. Disponível em <http://www.gutenberg.org/files/13610/13610-h/13610-h.htm>. Acesso em 10/9/2014.

⁵⁸³ JOURDAN, Glenn; WEEDON, Chris. op. cit. p. 5.

armário”, por exemplo, não é apenas identificar-se gay, mas revelar algo fundamental sobre si; não por acaso, um processo frequentemente angustiante.

Dentro da historiografia, o estudo das práticas caracterizadas como perversões tem um espaço privilegiado, mas historicamente a sexualidade considerada normal não foi apenas definida por exclusão do que era perverso, mas também positivamente, como com os manuais sexuais conjugais. E, pode-se constatar, a codificação do desejo erótico normativo funcionava da mesma maneira. Se o cristianismo colocou o desejo sexual no centro das preocupações humanas, será a ciência do século XIX que se preocupará em classificar, delimitar e definir cada um destes desejos, definindo e reafirmando o que seria um desejo sexual “normal” – o modelo do sexo conjugal. São desenvolvidos processos de subjetivação que teriam na sexualidade um dado fundamental: parte importante da construção dos papéis sociais de gênero, a compreensão do que seriam os atos sexuais adequados a maridos e esposas constituíam-se como parte de sua própria essência, de uma forma profunda e fundamental.

O desejo sexual, transformado em objeto de intenso estudo e vigilância, leva os sujeitos a uma introjeção dos comportamentos sexuais considerados adequados, bem como um sentimento de resistência, quando não verdadeira repulsa, àqueles classificados como pervertidos. Os discursos de poder, na forma do olhar social, são internalizados e dirigidos para si. Como aparece representado, aliás, nesta alegoria do pudor.



Figura 47 - Alegoria do pudor. RIPA, Cesar. *Iconologia or moral emblems*. Londres, 1709. p. 52. Disponível em <https://archive.org/stream/iconologiaormora00ripa>

Em uma obra do início do século XVIII, o pudor aparece como uma mulher, vestida de branco e pudicamente envolvida por uma cinta de ouro, carregando um cetro, em cuja ponta se observa um olho. Este olho – do quais saem luzes da razão que iluminam o que vê – é uma representação da autovigilância permanente, do

adestramento do corpo. Mesmo na solidão, atos e pensamentos estão sendo vigiados.

A imagem, ainda, pode ser tomada como uma representação visual da concepção de Norbert Elias quando analisa o processo civilizador na passagem do mundo medieval ao moderno: desde a mais tenra infância, desde os seus primeiros momentos, a criança aprende o que é certo e o que é errado, desenvolvendo sentidos de vergonha e repulsa a comportamentos que não são socialmente aceitáveis⁵⁸⁴. Criada sob o olhar dos cetros das pessoas que a cercam, passa em determinado momento a portar o seu próprio, quando internaliza as regras de convivência e os princípios morais de sua própria cultura. Como afirmou Foucault, “o poder disciplinar (...) se exerce tornando-se invisível: em compensação, impõe aos que submete um princípio de visibilidade obrigatória”⁵⁸⁵.

Os casais, por sua vez, receberão cetros específicos. O processo de construção da sexualidade dos sujeitos “marido” e “esposa”, que podem ser aplicados aos casais dos anos 1970 e 80 passariam, partindo do pensamento de Foucault⁵⁸⁶, por três eixos, que simultaneamente se reforçam: a constituição de saberes sobre o sexo, através de manuais médicos, pedagógicos e pastorais, que definiam o que seria o sexo conjugal, como e quando deveria ser praticado; os sistemas de poder e as práticas disciplinares que regulavam esta sexualidade; e as formas próprias de subjetivação.

A influência religiosa no processo de construção do “casal”, e de sua respectiva sexualidade, não é difícil de ser identificada. Segundo o censo de 1973, 91,77% da população brasileira se declarava católica romana⁵⁸⁷, e a despeito de seguirem estritamente ou não as regras desta religião, o casamento “na Igreja” era praticamente uma regra, e ainda que possa haver questionamentos sobre o quão dedicados eram estes fiéis, a sociedade tinha introjetada, como foi visto, boa parte das convenções cristãs sobre o tema. Em finais dos anos 60 um curso de matrimônio católico, necessário para o casamento, tinha a duração de seis dias, tratando dos temas psicológico, sexual, econômico, eugênico, jurídico e sacramental do matrimônio.

A influência católica, aliás, não se limitava às paróquias, mas estendia-se aos meios de comunicação de massa (as revistas e os jornais de ampla circulação, utilizavam-se muito frequentemente de religiosos para que pudessem dar sua opinião

⁵⁸⁴ ELIAS, Norbert. op. cit.

⁵⁸⁵ FOUCAULT, Michel. Vigiar.... op. cit.

⁵⁸⁶ FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade II. O uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

⁵⁸⁷ Estatísticas do século XX. (1973). IBGE, 2013. Disponível em http://www.ibge.gov.br/seculoxx/arquivos_xls/palavra_chave/populacao/religiao.shtm. Acesso em 10/9/2014.

enquanto especialistas a respeito de conjugalidade), à legislação (basta lembrar a intensa oposição da Igreja à lei do divórcio) e à própria educação, como na disciplina de Educação Moral e Cívica. Concepções, aliás, que eram compartilhadas inclusive pelos cristãos não-católicos.

Os adultos também sofriam uma pedagogia específica: os livros de educação sexual, comuns durante o século XX, estavam entre os principais meios de difusão do conhecimento científico sobre o casamento e a sexualidade conjugal. Escritos por médicos, religiosos ou pedagogos, a biologia do ato sexual era apresentada em conjunto com lições morais e seu estudo permite um vislumbre do tipo de casal que se acreditava socialmente adequado e das subjetividades que pretendiam construir: os textos partiam sempre de uma descrição anatômica dos aparelhos genitais masculinos e femininos, passavam pela onipresente lista de perversões sexuais, e concluíam com a noite de núpcias – com especiais recomendações de como um marido (presumivelmente não virgem) deveria se comportar diante da esposa (supostamente virgem): “cuide o marido em não traumatizar a sensibilidade feminina”⁵⁸⁸; “o destino do casamento depende de sua noite de núpcias”⁵⁸⁹.

O que estes manuais definem como uma sexualidade adequada era formada por um desejo erótico heterossexual, monogâmico, procriativo, devendo o ato sexual ser realizado com aquele que seria o amor de toda a vida, além de ser apresentado como biologicamente natural. Tais manuais, cabe enfatizar, buscavam discutir fundamentalmente a sexualidade conjugal. Não se supunha existir qualquer outra que merecesse atenção dos especialistas. Por isso, uma das prescrições mais comuns era a condenação moral ao adultério. Sempre reprimido pela Igreja católica, e considerado crime por todas as legislações existentes no Brasil desde o período colonial – com exceção da atual – não significa que não fosse praticado, nem mesmo que não fosse relativamente tolerado, especialmente o masculino. É por esta razão que os próprios manuais de educação sexual se viam na obrigação de corroborar, a partir de uma argumentação científica, estes atos considerados imorais: o adultério poderia provocar impotência masculina, e os adúlteros sofriam um risco maior de ataque cardíaco. Uma condenação que, ressalte-se, estava de acordo com a opinião pública. Uma pesquisa de

⁵⁸⁸ VIEIRA, Galdino Nunes. Amor, sexo e erotismo. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1983. p. 186.

⁵⁸⁹ COSTLER, A. Enciclopédia sexual. São Paulo: Edicel, 1972. p. 124.

1980 sobre as concepções dos brasileiros sobre a sexualidade, realizada em várias cidades, revelava que 49% dos entrevistados afirmavam condenar, sob quaisquer condições, o adultério masculino, e 54% o feminino⁵⁹⁰.

Enfim: de um lado, a criação interiorizada; de outro, o desejo de participar de uma pornotopia, que prometia prazeres físicos inéditos. Da teoria à prática, dos terceiros espaços à realidade das camas, porém, apenas repetir e acreditar em determinado discurso parecia ser insuficiente para se tornar, efetivamente, um verdadeiro praticante do *swing*.

8.1 O fracasso no *swing*

‘Fracasso’ não é uma palavra que os swingers gostem de pronunciar, mesmo quando ele acontece com os outros com quem se foi para a cama. Nas cartas, então, não aparece nunca, sendo todas as experiências descritas como ‘incríveis’, ou ‘altamente satisfatórias’. Na prática, porém, a teoria é outra e, em conversas mais francas, como as que tivemos pessoalmente, eles chegam a admitir que a primeira experiência de todo casal é angustiada, difícil e sujeita a choros e brochadas. Alguns preferem dar um tempo depois dessa primeira vez⁵⁹¹.

Pela própria natureza das revistas masculinas, será muito difícil encontrar nelas relatos ou reportagens que combatam a ideia de liberdade sexual, ou que salientem as dificuldades da realização de fantasias eróticas. Porém, nas várias reportagens dos anos 1970 e 80 sobre a prática da troca de casais, pode-se descobrir que entre a descrição dos perfis dos casais participantes, discussões sobre moralidade, e relatos que visavam mais excitar do que informar, aparecia, ainda que timidamente, as dificuldades que envolviam a efetivação do *swing*.

Outros casais contaram como foi o início deles nessas práticas: ‘Fomos para a cama com casais cujos maridos vieram a fracassar, embora minha mulher tentasse por todas as formas e meios excitá-los’⁵⁹².

Nos Estados Unidos, estudos dos anos 1960 já demonstravam que a primeira relação física de casais iniciantes tendia a ser frustrante. “Foi tão ruim que quase desistimos”. Segundo o psicólogo Gilbert Bartell,

⁵⁹⁰ CAVALLIERI, Alyrio et. al. op. cit. p. 30. Apenas o homossexualismo, e o repúdio ao homem casar-se virgem, sofriram maior condenação.

⁵⁹¹ Playboy, Junho de 1980, p. 132.

⁵⁹² Ele Ela, Maio de 1980, p. 122.

na medida em que o comportamento masculino é muito mais óbvio, muitos comentam seu grande embaraço quando não conseguem a ereção. A preocupação técnica não é exclusivamente masculina. A mulher também sabe que sua sexualidade está sendo testada. (...) Quando a mulher se prepara para o *swinging* pela primeira vez, fica tão tensa que reluta quando chega a hora da ação. Se ela insistir em ir com alguém, pode não chegar ao orgasmo, e chorar de frustração, ou querer voltar para o marido⁵⁹³.

O fracasso da primeira – ou primeiras – experiências reais destes casais com o *swing* era um fenômeno muito comum (e que, a princípio, continua sendo⁵⁹⁴). Incapacidade masculina de manter uma ereção, demonstrações de ciúme, inibição diante da nudez própria e alheia, desistências no momento da “troca”, evidenciavam uma incompetência daqueles casais de tornar a experiência efetiva tão prazerosa quanto ela parecia ser em suas fantasias. Naquele preciso instante evidenciava-se uma óbvia disjunção entre os prazeres prometidos pelo discurso pornotópico presente especialmente nas revistas masculinas e as primeiras realidades experimentadas, marcadas pela frustração e pelo constrangimento.

Ainda assim, muitos casais não desistiam. Como concluiu a reportagem da *Playboy* de junho de 1980, cuja citação abriu este item, “poucas são as uvas que despencam definitivamente desta parreira”.

Como compreender este constante fracasso, em uma prática que se presumia, e se apresentava, como fundamentalmente excitante e erótica?

As primeiras mulheres a participar, no Brasil, da prática do *swing* nos anos 1970 e início dos anos 1980 tinham em sua maioria cerca de 30 anos de idade, e seus maridos cerca de 40. As mudanças e os questionamentos aos tabus sexuais que se iniciaram, no caso brasileiro, em finais dos anos 60, já os encontrou casados, tendo ela subido ao altar, na maioria das vezes, virgem. Na verdade, estas pessoas foram criadas em um ambiente de pouca liberdade sexual, e pouco espaço de discussão destas questões. Receberam desde crianças o condicionamento sobre como ser “homem” ou “mulher”, mas também como ser o marido-pai-de-família e a esposa-mãe-rainha-do-lar.

Estes são dados importantes. No momento em que a sociedade brasileira discutia a liberdade sexual, que a pílula anticoncepcional tornava-se um dos medicamentos mais vendidos do país, que os meios de comunicação de massa passavam a transmitir, cada vez com maior insistência, a sensualidade e o erotismo sob uma perspectiva positiva –

⁵⁹³ BARTELL, Gilbert. op. cit. p. 108-9.

⁵⁹⁴ Olivia von der Weid apresenta testemunhos, em seu estudo de 2008 sobre praticantes de *swing* em um clube carioca, a respeito do fracasso das primeiras experiências com o *swing*. Cf. WEID, Olívia von der. op. cit.

enfim, que a revolução sexual brasileira ocorria, fosse ela revolucionária ou não –, estas pessoas já eram senhores e senhoras da classe média e alta, a maioria com filhos, vivendo em ambientes urbanos e em empregos estáveis.

Nasceram, cresceram, namoraram e casaram inseridos dentro dos discursos e das técnicas de subjetivação descritos nas páginas anteriores. Foram sujeitos daqueles saberes e poderes, portanto, antes de começarem a descobrir nas revistas masculinas um “mundo dos prazeres íntimos”. Já tinham internalizadas as regras de vergonha e repulsa às práticas sociais, inclusive e especialmente as sexuais, que não eram culturalmente aceitas. E foi carregando esta criação, esta formação cultural anterior, que estes casais, de alguma forma, encontraram os anúncios publicados nas revistas, os relatos e contos, os ensaios fotográficos.

A publicação e leitura de anúncios, a troca de cartas e de fotos, a conversa nos telefonemas, pareciam confirmar as expectativas e ainda as estimulavam. Dentro da leitura dos discursos lidos e produzidos, a prática não entrava: esta só apareceria, finalmente, diante da primeira experiência do casal iniciante.

Pergunta - Tente descrever a primeira vez que praticou swinging, desde o encontro.

Resposta - Foi num barzinho. Como o rapaz do outro casal era muito liberal, ele é que entrou no assunto. Eu e meu namorado ficamos mudos, não sabíamos o que fazer. Era a primeira vez, entende? (...) Saímos, fomos para o apartamento deles. Foi aquela inibição...⁵⁹⁵.

Dentro do real encontro dos casais, tanto do marido quanto da esposa são exigidos determinados comportamentos e ações que, em seu conjunto, devem formar um todo coerente com o que havia sido apresentado nos contatos anteriores. Porém, diante da novidade da situação, considerando-se não apenas o quão sério é um ato sexual em nossa sociedade, mas também como são intensificadas as sensações de vulnerabilidade e exposição em uma nudez coletiva, acabavam sendo perdidos o equilíbrio e a autoestima. Surge o embaraço, que acabava por gerar sinais físicos como gaguejo, suores, tremores, movimentos vacilantes⁵⁹⁶, que se repetem inclusive entre os praticantes do *swing* nos dias de hoje:

Eu tinha aquela expectativa bem machista mesmo, achava que ia chegar, ia ser uma suruba geral, todo mundo comendo todo mundo, eu ia cair, mergulhar e ia ser uma farra geral. Então no primeiro *swing* foi muito bom porque eu estava

⁵⁹⁵ Playboy, Fevereiro de 1982, p. 83.

⁵⁹⁶ GOFFMAN, Erving. Embarassment and social organization. In: _____. Interaction ritual: essays on face-to-face behavior. Nova Iorque: Pantheon Books, 1982 (1967). p. 97.

só com ela, no segundo eu já entrei “uhh, vamos lá”. Não rolou, não rolou porque eu não consegui ficar ereto, não tava...⁵⁹⁷

Em nossa sociedade, estas situações de vergonha e desconforto são consideradas evidências de inferioridade, culpa moral e fraqueza. O homem se sente inferiorizado por não conseguir cumprir com as expectativas sociais da masculinidade – o de estar permanentemente disponível ao sexo –, além da pressão existente da comparação com o outro homem mais experiente; a mulher, sobre a qual pesa a responsabilidade da satisfação sexual do parceiro, percebe-se incapaz de cumprir as exigências daquele momento.

Surgem o choro, as cenas de ciúmes, a ausência de ereção, a incapacidade de concluir o ato, que determinam o fim da experiência e são pontos críticos deste embaraço⁵⁹⁸. O fracasso tão comum das primeiras experiências no *swing* está, assim, diretamente relacionado às expectativas não cumpridas, ao conflito entre a autoimagem erótica construída pelo casal iniciante, e a incapacidade de realizar o ato sexual. Há o desejo erótico, mas a incapacidade de satisfazê-lo.

Assim, o constante fracasso das primeiras experiências dos casais praticantes do *swing* relaciona-se com a disjunção entre discursos e a subjetividade introjetada. No lugar do casal erótico e sexualmente atrevido que se acreditavam quando apenas fantasiavam, no momento da troca aparecem – de forma indesejada, mas previsível – o pai-de-família e a mãe-rainha-do-lar. São estes sujeitos que se veem, de repente, nus, inibidos e frustrados diante de estranhos. Uma situação que evidencia, para adaptar uma análise realizada por Pierre Ansart, a complexa relação estabelecida entre afetos e ações⁵⁹⁹. Trata-se, em síntese, de uma vergonha e uma ansiedade que decorrem do fato de se colocarem diante de uma situação que contradiz seus papéis sociais de gênero, as formas socialmente aceitas de sexo conjugal e, em síntese, as subjetividades internalizadas desde a infância.

O que talvez seja mais importante nesta análise é que esta inibição e este fracasso não significam que o casal esteja em desacordo com as normas sociais. Na realidade é justamente por estarem em acordo com elas, por conhecerem-nas e identificarem-nas como suas, que o embaraço surge. Trata-se de uma repercussão física

⁵⁹⁷ Depoimento de Bernardo, sobre suas primeiras participações em um clube de *swing*. Apud WEID, Olívia von der. op. cit. p. 88-9.

⁵⁹⁸ GOFFMAN, Erving. op. cit. p. 103.

⁵⁹⁹ ANSART, Pierre. Em defesa de uma ciência social das paixões políticas. *História Questões e Debates*. Ano 17, n. 33. Julho a Dezembro de 2000. p. 156.

da consciência que têm de estarem desrespeitando determinadas regras⁶⁰⁰.

Embora acreditassem – provavelmente, com muita sinceridade – no discurso do “mundo dos prazeres íntimos” permitidos pelo *swing*, e que desejassem participar daquela pornotopia, a adoção de um novo discurso não tinha o poder de substituir determinado processo social de produção de sujeitos aos quais foram submetidos e que se manifestavam em um momento profundamente delicado como o do ato sexual. O novo desejo erótico existe aqui apenas em potência: exige novos discursos e novas subjetivações.

Estão, literalmente, nus, iluminados pela luz que parte do cetro de seu olho social interno: sabem que ofendem a ideia da monogamia sexual; que serão julgados como “corno” ou “adúltera”; que desrespeitam a posse do corpo do cônjuge; que abandonam o ato sexual privado para praticá-lo em público. Devem bloquear o surgimento do ciúme, a sensação de inferioridade diante do ato sexual do cônjuge, a insegurança diante de parceiros sexuais com os quais não mantém qualquer conexão íntima. E, ainda, corresponder às expectativas sociais: ter a ereção, provocar orgasmos.

Ter à disposição determinados discursos, e mesmo ser capaz de defendê-los, não implica que a prática se seguirá naturalmente. Os discursos, portanto, não produzem necessariamente os efeitos que eles nomeiam. No caso dos praticantes de *swing*, a busca pela satisfação da prática deverá ser acompanhada de um questionamento e reconstrução das próprias subjetividades, além da produção de novos discursos.

8.1.1 A dessensibilização

“A primeira vez é para ver; a segunda para ter certeza; a terceira para começar a fazer alguma coisa” – este é o conselho dado na atualidade aos casais iniciantes pelo proprietário de um dos clubes de *swing* Curitiba⁶⁰¹.

Os atuais clubes de *swing* do Brasil dispõem de uma grande quantidade de atrações aos casais, iniciantes e experientes, que frequentam suas festas. São comuns os shows eróticos, a presença de *gogo-boys* e *gogo-girls* – homens e mulheres que dançam seminus entre os clientes –, além de pessoas que se preocupam em apresentar a casa aos novos casais, bem como garantir que todas as regras estejam sendo observadas.

⁶⁰⁰ GOFFMAN, Erving. op. cit. p. 109.

⁶⁰¹ Entrevista realizada pelo autor por email, em março de 2010.

Tais clubes contam com diversos espaços específicos que lhes são característicos: uma ampla cama para o sexo grupal; cabines com espaço para acomodar apenas um casal, que, no entanto pode trocar carícias com outros através de buracos nas paredes denominados *glory holes*; quartos para dois ou mais casais, e que podem ou não ser trancados, dependendo da disposição e do interesse de todos; o aquário, um quarto envidraçado em que seus ocupantes podem ser observados, mas não conseguem ver quem está do lado de fora. Além de cadeiras especiais, camas, algemas, acessórios, labirintos, o que torna estes clubes verdadeiros parques temáticos eróticos.

O ver e o ser visto fazem parte do espetáculo. Os clubes de *swing* incentivam tanto o voyeurismo quanto o exibicionismo porque, além de serem atrações em si, fazem parte do que pode ser denominado como uma pedagogia da dessensibilização. Seu objetivo é também permitir que os casais iniciantes tenham condições de iniciar o processo de entrada na prática do *swing* experimentando gradualmente determinadas quebras com as normas sociais. O próprio processo de entrar em um clube desses representa, para muitas pessoas, um choque com a forma tradicional de compreender a sexualidade. Uma esposa relembra sua primeira visita a um clube de *swing*, em 2010: “eu olhava tudo, observava tudo, como se fosse uma criança de colo. Olhava cada espaço... tudo pra mim era diferente. Meu Deus, o camião então... o que era aquilo??!! (risos)”⁶⁰².

Alguns clubes de *swing* no Brasil organizam encontros com o objetivo específico de integrar casais experientes e novatos, como ocorria no 2A2, do Rio de Janeiro; o Desiree de Curitiba, por sua vez, possuía a chamada “Noite dos casais promoters”, em que casais experientes encarregavam-se de apresentar a casa a novos casais e integrá-los nos círculos de amizades. Bailes de Máscaras são comuns e têm a função de atrair os mais tímidos.

Embora nem todos os clubes possuam um processo de integração tão personalizado, algumas técnicas para facilitar a dessensibilização costumam estar sempre presentes. A primeira nudez que o casal irá ver será dos artistas performáticos ou de outros casais, até que o próprio marido ou a esposa se sintam à vontade de apresentar a própria nudez em público. Será com *Gogo Boys* e *Gogo Girls* as primeiras pessoas, desde o casamento, com os quais maridos e esposas tenderão a trocar carícias –

⁶⁰² Depoimento ao autor via email.

mesmo que discretas – que não o cônjuge; na pista, nos palcos, nos corredores, nos quartos, poderão conhecer outros casais, além ver outras pessoas tendo relações sexuais.

E, dependendo de cada clube, determinados jogos e brincadeiras eróticos têm como função estimular o contato, dentro de condições em que o “adultério” não se realiza totalmente, mas é apenas experimentado. Por exemplo, um jogo observado em dois clubes de *swing* de Curitiba – o “relógio dos casais” ou “roda da fortuna” (o nome mudava conforme o clube) – cuja seguinte descrição, ainda que sucinta, é útil para a presente exposição.

No centro da pista encontram-se certo número de casais (entre 20 e 40, em média), com todos formando um círculo, estando os maridos atrás e as respectivas esposas à frente. Quando a formação está completa, as luzes do clube são totalmente apagadas. A cada trinta segundos, aproximadamente, uma solitária luz pisca, indicando o momento da troca: os homens permanecem em seus lugares, e as mulheres se movimentam, para o próximo parceiro, em determinada direção, como exemplifica o diagrama. A luz novamente se apaga por mais trinta segundos, efêmero momento íntimo daquele recém criado e temporário casal, até que novamente a luz da troca de parceiros pisque. O processo continua até que os casais originais se reencontrem. Considerando o curto espaço de tempo em que cada casal fica junto, não há condições de ocorrer senão trocas de carícias rápidas.



Figura 48 - Jogo erótico presente em clubes de swing de Curitiba.

Trata-se de um jogo que, além de excitar sexualmente os casais, funciona como instrumento de dessensibilização aos mais tímidos ou inexperientes, afinal, os contatos com novos parceiros são curtos, ocorrem na completa escuridão e, ao final, sempre se retorna ao cônjuge.

E caso nenhum destes processos funcionasse, e a ansiedade persistisse como um inconveniente à satisfação erótica, seria possível, pelo menos aos homens, solucionar

provisoriamente o problema com uma medicação específica. Em 2008, celebrando dez anos de lançamento nacional de um de seus principais produtos, uma companhia farmacêutica vestiu modelos vestidos com uma camiseta azul para distribuir, a todos os casais que chegassem a um dos clubes de *swing* de Curitiba, uma pílula contra impotência sexual.

Os clubes de *swing* da atualidade, portanto, oferecem aos casais a oportunidade de experimentar aos poucos o “mundo de prazeres íntimos” que buscam. Agindo desta forma, dessensibilizam-se gradualmente das normas introjetadas, ao confrontarem-nas paulatinamente, conforme sua disposição.

Porém, esta estrutura não existia para os casais nos anos 1970. Não existiam espaços específicos, não existiam clubes, ou outra forma de iniciar a prática senão expor-se a novas experiências.

Mas, ainda assim, desenvolveram-se formas próprias de dessensibilização: em seus primeiros encontros, os novos casais poderiam apenas ter relações em um mesmo ambiente, sem que ocorresse a troca, de forma a diminuir a ansiedade; jogos eróticos eram comuns, com a utilização de baralhos eróticos para descontrair; ou, ainda, poderiam introduzir um terceiro elemento – homem ou mulher, profissionais ou não – em suas relações sexuais, antes de buscarem experiências com outros casais. Havia também a estratégia de fazer amizade com casais mais experientes, para que a ansiedade diminuísse.

Ou seja, dentro das condições existentes, também buscavam experimentar aos poucos a troca de casais até que, eventualmente, pudessem se conceder o estatuto de “experientes”, destacado com orgulho nos anúncios das revistas masculinas. E, ao final deste processo, que poderia obviamente variar em dificuldade para cada casal, poderiam adequar uma determinada identidade à prática que defendiam.

8.2 Identidades flexíveis

Acompanhando um processo de contestação aos costumes e concepções interiorizados, os casais participavam da criação de um discurso de representação tanto para o outro, quanto para si, de forma a justificar suas próprias escolhas. Para os praticantes, o contato e a adoção deste discurso fornecia um vocabulário para argumentar pela validade de sua opção, da inexistência de prejuízos ou ofensas da

prática, bem como das melhorias que traria aos relacionamentos. Construía-se, assim, uma determinada identidade.

Trata-se de um discurso em que os praticantes se viam como uma determinada moral sexual superior à da sociedade: afinal eram “desinibidos” vivendo numa sociedade de inibidos. Seriam dos poucos não hipócritas a aceitar a verdadeira natureza poligâmica do ser humano, além de defenderem direitos iguais para homens e mulheres na questão sexual, e a liberdade de escolha. Por fim, acreditavam oferecer uma verdadeira solução à rotina do casamento, construindo assim um relacionamento mais sólido entre os cônjuges, combatendo a traição e, com isso, fortalecendo a família.

Se retomarmos o exemplo das gavetas dado por Maria Marcus, é isso que os praticantes do *swing* procuravam fazer: participar da construção da sua própria. Além de mantê-la cheirando tão bem quanto acreditavam ser possível.

O questionamento das tradições – inclusive as relacionadas à sexualidade – torna-se possível em uma sociedade que, reflexivamente, está consciente de seu caráter construído e histórico⁶⁰³. Vivendo um processo de urbanização e decadência da religiosidade, valores tradicionais como monogamia, o próprio casamento, ou mesmo o papel da sexualidade na vida individual podem ser questionados e reconfigurados. E a identidade pessoal, neste contexto, apresenta-se como não fixa, construída reflexivamente, tanto por meio das experiências individuais, quanto pela escolha de um estilo de vida. É transitória, e coincide com a construção de uma autobiografia que, por sua vez, está sempre sendo renegociada e reescrita: uma característica que permitiria que os casais não apenas pudessem questionar os tabus sexuais, mas reconstruir as próprias subjetividades. Como afirma Stuart Hall, “o sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o ‘eu real’, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que esses mundos oferecem”⁶⁰⁴.

E é dentro desta identidade pessoal, marcada pelo individualismo, que a sexualidade ganha papel de destaque. Convertida em quase sinônimo de felicidade, sua satisfação é condição para manutenção de relacionamentos, e qualquer disfunção gera ansiedades e noção de incompletude que poderão, porém, ser corrigidas, por meio de profissionais sexólogos especializados em garantir a plena capacidade e a completa

⁶⁰³ GIDDENS, A. Modernidade e Identidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

⁶⁰⁴ HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP & A, 2005.

satisfação sexual⁶⁰⁵. Não é à toa que, a partir desta concepção, a mídia produzirá uma enorme quantidade de manuais que ensinam técnicas e dicas para aperfeiçoar a competência sexual. E as revistas masculinas, especificamente, passam a oferecer todo o conteúdo que julgam necessário para garantir que o homem tenha todas as ferramentas necessárias para impressionar a mulher com sua performance erótica⁶⁰⁶.

Os processos simbólicos disponíveis para a construção da identidade chegavam pela televisão, rádio, periódicos, substituindo interações que, anteriormente, eram feitas apenas face-a-face: “mais e mais o self se torna organizado como um projeto reflexivo através do qual incorpora materiais mediados (entre outros) a uma coerente e continuamente revisada narrativa biográfica”⁶⁰⁷. A quantidade única de informações disponibilizadas pelos meios de comunicação de massa fornecia dados e estimulava debates que acabavam por construir um questionamento de formas de organização social, ou costumes, que sejam sustentados apenas pela tradição⁶⁰⁸.

Além disso, e como diz o ditado antigo, o ar da cidade torna o homem livre: ora, nas grandes urbes ficam enfraquecidas as relações sociais tradicionais, o que facilita a adoção de práticas socialmente desviantes. Não apenas o anonimato permitido pela multidão, mas também a mobilidade geográfica é acompanhada pela mobilidade de ideias, auxiliando o surgimento de uma sociedade menos devedora da tradição, e mais receptiva a mudanças de opiniões e práticas.

Mas, ainda que fosse pela mídia que a prática *swing* era conhecida, seus próprios praticantes tinham pouco poder sobre as representações de sua prática. Opinavam, escreviam relatos, anunciavam-se, mas em qualquer situação seu conteúdo era filtrado pelas revistas. Mais eram representados do que se representavam. De qualquer forma, será deste contato que surgirá um “discurso *swing* na mídia”, em que a prática passa a ser explicada a partir de definições correntes de feminino, masculino, sexo e casamento.

Segundo Giddens, “a sexualidade atua como uma característica maleável de nós mesmos, um primeiro ponto de conexão entre corpo, auto identidade e normas sociais”⁶⁰⁹. A prática sexual do *swing* influencia de forma sensível a visão de mundo e o

⁶⁰⁵ BÉJIN, André. Crepúsculo dos psicanalistas, manhã dos sexólogos. In. ARIÈS, Philippe e BÉJIN, André (orgs.). op. cit.

⁶⁰⁶ GAUNTLETT, D. op. cit. p. 107-8.

⁶⁰⁷ THOMPSON, John B. A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 2005. p.185.

⁶⁰⁸ GIDDENS, Anthony. A transformação... op. cit. p. 41.

⁶⁰⁹ Apud MOTTIER, Véronique. op. cit. p. 120.

cotidiano de seus participantes. E mesmo sendo o termo *swing* uma expressão em inglês de origem norte-americana, os próprios praticantes dos Estados Unidos utilizam-no pouco, e preferem referir-se a si mesmos como membros de um *Lifestyle* – um estilo de vida⁶¹⁰. Um termo que mais explicitamente reflete a influência que acreditam ter a troca de casais na construção de sua identidade social e sexual⁶¹¹.

Portanto, quando se fala em construção de uma identidade *swing*, está se falando tanto da construção de uma determinada “categoria”, de uma prática erótica com uma denominação particular e uma série de regras, pressupostos, considerações já associadas a ela, quanto do fato dos casais utilizarem-na para se identificarem, associarem-se a ela, adotarem-na enquanto definição de si, e a utilizarem para a constituição de sua identidade.

A construção desta narrativa sobre a própria identidade é um projeto de reflexão sobre a própria história individual, e sempre passível de mudanças. Assim, se a sexualidade é elemento importante da construção da identidade, e mais do que isso, sinônimo de felicidade, reformula-se então o sexo⁶¹². O que permite, pode-se adivinhar, que as pessoas cogitem e experimentem práticas sexuais como a do *swing*. Afinal, ainda que seus participantes reconhecessem o desrespeito a determinadas regras sociais (o que, como se viu, nem sempre é fácil), a tradição enfraquecida permitia este desafio à norma. É bastante sintomático que entre os primeiros casais que passaram a praticar o *swing*, ainda nos anos 1970, houvesse um número significativo de esposas que haviam se casado virgens, e tinham na troca de casais a primeira experiência sexual com um outro homem que não o marido. Estas pessoas estavam, claramente, na fronteira: criadas em uma determinada moral tradicional, desafiavam-na, adotando novas práticas eróticas, a partir do que conheciam e discutiam na mídia.

Os praticantes do *swing* sabiam que a troca de casais deveria ser mantida sob o segredo de pseudônimos, endereços de caixas postais e fotos sem rosto – “exige-se e se oferece discrição”, salientavam os anúncios. E se havia, na sociedade, um constante alerta para o escrutínio da sexualidade alheia, os casais praticantes do *swing* – mas não

⁶¹⁰ De *swinging lifestyle* a expressão passou a ser abreviada muito comumente apenas para *lifestyle*. BERGSTRAND, Curtis; WILLIAMS, Jennifer Blevins. op. cit.

⁶¹¹ Interessante como este termo usado pelos casais norte-americanos praticantes do *swing – Lifestyles* – encaixa-se, e não apenas em relação à identidade dos termos, com a noção de “estilos de vida” (*lifestyles*) de Giddens. Em uma sociedade pós-tradicional, todos seríamos levados a adotar um estilo de vida, que envolveria consumo, atitudes, comportamentos, importantes para a construção de uma auto-identidade. (GIDDENS, Anthony. Modernidade e... op. cit.)

⁶¹² GIDDENS, Anthony. A transformação... op. cit. p. 42.

apenas eles – preocupavam-se em apresentar uma sexualidade pública, que pudesse satisfazer as exigências sociais, e que permitisse não serem julgados e/ou repudiados por amigos e familiares devido às suas escolhas.

As identidades de “esposa”, para a mulher, bem como de “marido”, para o homem estavam, assim, divididas. A sexualidade apresentada publicamente, na maioria das vezes de forma implícita, é certo, estava unida às expectativas da conjugalidade, pois se faziam crer heterossexuais, monogâmicos e em um relacionamento indissolúvel. É esta a sexualidade que seu círculo social não-*swing* deveria receber e aceitar; e é por esta sexualidade que os casais praticantes pretendiam se apresentar socialmente. Claro, por conta dos julgamentos que suas opções sexuais ensejariam. Já para os parceiros da prática *swing*, deveriam ser liberais, abertos a experiências eróticas com outras pessoas, usualmente atrevidos. Os praticantes do *swing* tornavam-se, assim, um exemplo dos sujeitos fragmentados, compostos “não por uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias”⁶¹³. Estas duas identidades eróticas eram assumidas conforme o contexto, e eventualmente corriam o risco de colidir: era comum os casais reclamarem da dificuldade de encontrar novas e variadas desculpas para sua ausência frequente em encontros familiares ou com colegas de trabalho; para viagens repentinas em finais de semana aleatórios, quando deveriam conseguir alguém que se dispusesse a cuidar de seus filhos; para a existência, nos armários femininos, de vestimentas que não seriam condizentes com sua posição de mãe e esposa.

O trânsito entre as duas identidades passava, inclusive, pela criação e domínio de códigos exclusivos. A existência, em alguns bares do Rio de Janeiro da década de 1970, de um sinal secreto dos praticantes do *swing* – um discreto “v” feito com os dedos, atrás da orelha⁶¹⁴ – pode ter sido apenas um mito, ou ter tido existência efêmera. Ainda assim, é indicativo da discrição buscada por aquela identidade privada, a de um “casal praticante do *swing*”, que seria revelada apenas àqueles que compartilhassem de seus códigos e segredos. Nos Estados Unidos, várias das revistas para encontros de casais (fenômeno que não se reproduziu no Brasil) além de clubes especializados forneciam

⁶¹³ HALL, Stuart. op. cit.

⁶¹⁴ Playboy, dezembro de 1979, p. 173.

adesivos e bijuterias, utilizados para comunicar com sinais secretos, maçonicamente, suas preferências eróticas e permitir o reconhecimento mútuo dos praticantes⁶¹⁵.

Escondiam, estrategicamente, portanto, uma outra sexualidade que para os próprios casais seria computada como a sua “verdadeira”. Esta, por sua vez, só seria mostrada àqueles escolhidos, cuidadosamente selecionados por cartas, por telefone e em encontros minuciosamente planejados dois a dois, ou em festas em que todos estivessem seguros de que faziam parte do mesmo grupo. O segredo da sua sexualidade só se revelaria àqueles que mostrassem o próprio, ou seja, que se submetessem à exposição: essa era uma pré-condição. Criava-se uma cumplicidade formada pela cessão simultânea de segredos, funcionando como uma “destruição mútua assegurada” caso ocorresse qualquer inconfidencialidade.

Os *swingers* tinham e têm o seu próprio armário e não têm qualquer desejo, nem veem qualquer necessidade, de sair dele.

⁶¹⁵ “Por \$5.000 cada, você receberá (A) prendedor de gravata ou alfinete de lapela, (B) prendedor de colarinho, ou (C) um berloque que pode ser usado no bracelete ou no colarinho. Agora você pode reconhecer instantaneamente os membros do seu clube sem dizer uma palavra. O uso de uma de nossas ofertas torna possível esse maravilhoso meio de apresentação onde quer que você vá”. Apud BARTELL, Gilbert. op. cit. p. 60.

Conclusões

Seja breve: o leitor já não aguenta mais nem uma linha!

Dr. Luiz Geraldo Silva, aconselhando seus alunos sobre como construir a conclusão de seus trabalhos.

Estimular a sexualidade conjugal enquanto uma estratégia para reforço do casamento não foi algo surgido em meados do século XX, mas um processo anterior, ainda do movimento higienista do século XIX. A partir da década de 60, porém, e especialmente no Brasil, a percepção de que uma crise na instituição familiar era consequência de um modelo falido de casamento fez com que o processo de erotização de maridos e esposas se reforçasse. Aproveitando-se de um momento de maior liberação nos discursos e de questionamento de tabus a respeito da sexualidade, os casais foram incentivados a experimentar no quarto conjugal, de uma maneira que se pudesse estimular, constantemente, o desejo erótico em relação ao cônjuge.

Em uma sociedade em que valores tradicionais como casamento podem ser reflexivamente questionados e que a sexualidade converte-se em ponto fundamental para a construção da felicidade, tem-se duas condições necessárias para o surgimento do *swing* enquanto um fenômeno social. Se, na contemporaneidade, os relacionamentos serão mantidos apenas enquanto forem satisfatórios, os casais praticantes da troca de casais constroem sua própria solução, mantendo o casamento, mas com mudanças que permitiriam a satisfação sexual. Estimulados a participar daquela propagandeada “revolução sexual”, acabaram por construir a sua própria pornotopia, especialmente divulgada pelas revistas masculinas, em que o adultério já não mais o era, as relações extraconjugais dissociavam-se da culpa e do pecado, e o prazer sexual de solteiros conjugava-se em uma perfeição idílica à estabilidade e felicidade da vida de casados. Construíram, assim, uma separação entre monogamia social e sexual, e viviam seu próprio estilo de vida, reconfigurando suas próprias biografias, reformulando uma tradição para que se ajustasse à felicidade erótica. Condições e estratégias que, presumivelmente, persistem em nossa sociedade, a se considerar o avanço, nos últimos anos, da prática *swing* no Brasil.

Denominaram-se “liberais”, tendo a sua liberdade significados específicos e particulares. Seu liberalismo não foi uma degeneração de supostas, improváveis e indemonstráveis concepções mais puras de liberdade erótica ou de mudança dos papéis de gênero. Também a pornografia, as revistas eróticas, o *swing*, os motéis, fizeram parte, cada um, de todo um conjunto que se pode denominar de “revolução sexual”,

algumas das tantas possíveis e originais formas de se compreender a repressões e liberações sexuais em um período, aliás, farto em diferentes definições.

Partindo de discursos socialmente disponíveis a respeito da igualdade de gêneros (a partir de sua simplificação de ideias feministas), e da livre escolha sexual como um ato de liberdade individual, em um modelo discursivo semelhante àquele defendido por revistas como Playboy e Cosmopolitan, e que estará presente nas revistas masculinas, também as justificativas dos praticantes do *swing* a respeito dos papéis de gênero, e de direitos sexuais, encontravam limites e contradições. Há uma clara preponderância masculina, por mais que recusassem a expressão “troca de esposas”, bem como eram reproduzidos – quando não fortaleciam – modelos tradicionais dos papéis sexuais de homens e mulheres. Seu argumento principal era o da defesa da família e do casamento pela liberação das ansiedades eróticas, embora a simples satisfação sexual fosse suficiente estímulo aos casais participantes. Em um momento da história em que os usos sexuais do corpo carregavam ideias de reformulação social – como os adeptos das concepções de Reich –, ou de desagregação – como para o regime militar –, a prática da troca de casais era sem dúvida desviante, mas, para seus praticantes, um sexo esvaziado de metáforas.

Por sua vez, os discursos de condenação partiam da concepção tradicional da sexualidade conjugal para denunciar os desvios em relação aos papéis socialmente prescritos para maridos e esposas. A utilização de argumentos religiosos e morais, mesmo por especialistas em sexualidade, demonstra a persistência, no Brasil, de uma determinada concepção conservadora, que via os desvios à norma sexual como perigosos à estrutura social. Uma concepção reforçada pelo moralismo da ditadura.

A construção da pornotopia *swing* acabava por produzir um duplo efeito em relação à prática: por um lado, servia como estímulo à participação dos casais, constituindo-se enquanto um convite à participação em uma atividade que seria desprovida de consequências negativas e própria de casais que seriam “modernos”. É quase que exclusivamente esta pornotopia que aparecia nos anúncios, nas fotos, nos depoimentos dos casais. Esta pornotopia, porém, produzia um segundo efeito, mais discreto e pouco considerado pelos casais: a manutenção do *status quo* da relação entre a esposa e o marido e, de uma forma geral, a manutenção das condições de conjugalidade. A mulher mantinha-se como objeto de desejo, e seu corpo era o capital privilegiado divulgado dentro das trocas e conquista de novos casais; o homem mantinha-se como a parte racional, com os textos dos anúncios destacando sua

personalidade, além de ser aquele quem publicava os anúncios, negociava os encontros, tirava as fotos, escrevia as cartas.

Assim, muito da monogamia tradicional e conservadora permanecia, sob a idealização pornotópica de um mundo conjugal subversivo. Algo que os casais não escondiam: ao contrário, sublinhavam que o *swing* visava a manutenção da conjugalidade. Mas, ainda assim, eram vistos, também por um viés conservador, como pervertidos. Isso porque, ainda que fosse uma prática conservadora em sua essência, a troca de casais abria espaço a uma sexualidade conjugal fora dos limites tradicionalmente estabelecidos; e, especialmente, estimulava não apenas a sexualização da mulher – mas, mais particularmente, da “esposa” e da “mãe”. Se a corrupção do papel do marido por si já gerava temores, esta erotização da esposa (que, idealmente, deveria ter seus desejos circunscritos momentos e locais específicos) produzia ansiedades que se associavam a um tradicional receio da sexualização feminina. Uma erotização vista como repulsiva⁶¹⁶.

Os discursos possuem grande influência sobre o sentimento erótico, construindo os limites, os padrões, e os modelos de desejos e práticas existentes em um período. O desejo sexual, cultural e historicamente construído torna-se algo naturalizado: assim, era “natural” para muitos gregos desejarem rapazes e mulheres, bem como é “natural” os desejos de heterossexuais e homossexuais – sujeitos construídos partir do século XIX. E construíram também a naturalidade do marido e da esposa enquanto sujeitos, cuja sexualidade seria expressa na conjugalidade. A sociedade conforma o desejo.

Porém, esta relação entre sociedade e erotismo tem suas próprias características, bem como seus específicos limites. O *swing* é paradigmático, mas tantas outras práticas sexuais demonstram a fragilidade das tentativas, historicamente variadas, de impor determinados gostos eróticos como consequência de certas visões políticas. Ser de esquerda ou de direita; libertário ou conservador; marxista, feminista, católico ou

⁶¹⁶ Pode-se estabelecer, aqui, um paralelo como a forma pela qual os textos de Nelson Rodrigues foram recebidos pela sociedade brasileira nos anos 50. Para muitos, sua coluna “A vida como ela é...” era considerada “pornográfica” e, mesmo, subversiva, ainda que defendesse posições conservadoras a respeito da conjugalidade e sexualidade, que partiam de naturalizadas concepções dos papéis sociais de gênero. Assim, ao exporem sexualidades que deveria ser mantidas em sigilo, tanto os textos de Nelson Rodrigues, quanto a prática da troca de casais, ainda que conservadores, eram vistos como socialmente desviantes, e geravam repulsa em setores também conservadores da sociedade. Cf. ZECHLINSKI, Beatriz Polidori. *Imagens do casamento e do amor em Nelson Rodrigues: um estudo das representações de gênero na literatura publicada em jornal entre 1944 e 1961*. Curitiba: UFPR, 2006. Dissertação de Mestrado em História.

protestante: a imposição de certas práticas eróticas, como se fossem consequências lógicas de uma visão de mundo, promovem apenas angústias. Tão pouco verdadeiro é o seu oposto, ou seja, acreditar que mudar o ato sexual mudará, de alguma forma, as pessoas. A ideia de que certas concepções sexuais ou contra-sexuais produzirão novas identidades, reinventarão os corpos e, potencialmente, poderão influenciar a sociedade como um todo, parte do mesmo equívoco ingênuo dos oitocentistas, que viam o desejo erótico enquanto um instinto fundamental e poderosíssimo de uma suposta natureza humana. Porém, um dildo é um dildo é um dildo é um dildo: os órgãos genitais, ou os atos sexuais, como um todo, não têm este poder. Jamais o tiveram.

No caso dos praticantes do *swing*, a construção de seus próprios discursos servia como justificativa para o desrespeito a determinadas normas relativas ao sexo conjugal e de papéis sociais próprios de “maridos” e “esposas”, além de fundamentos para os próprios e específicos desejos. Porém, como os depoimentos a respeito dos fracassos revelaram, a simples adoção de determinado discurso não parece suficiente para que um novo comportamento seja adotado. A contestação de princípios fundamentais de uma sociedade, como era o caso da monogamia sexual, exigia toda uma estratégia de dessensibilização para que as convenções sociais introjetadas desde a infância pudessem ser desafiadas e, aos poucos, as experiências eróticas reais se aproximassem das fantasias imaginadas. Recuperar-se do fracasso das primeiras experiências era o objetivo de um processo muitas vezes difícil de alinhamento entre discurso e prática sujeito a, como se viu, choros e brochadas.



Esta dissertação procurou pensar o *swing* não apenas nele mesmo, mas, também, utilizá-lo à maneira de um exame de raios-X com uso de contraste: nestes, observar o contraste – daí o nome – não é o objetivo, ainda que se torne o elemento mais visível na chapa, mas sim o que destaca. Revelando detalhes anatômicos, permite assim a avaliação, a análise, a busca por respostas

Fica aqui o limite desta comparação: a análise dos discursos sobre o *swing* destacou os usos de conceitos como monogamia, fidelidade, ciúme, conjugalidade, suas compreensões e usos na sociedade brasileira.

Esse processo permitiu que se revelassem características das concepções brasileiras sobre sexualidade que têm sido muito pouco estudadas, apesar da

reconhecida relevância de determinados temas. Em relação ao processo de revolução sexual no Brasil, por exemplo, há poucos estudos históricos, a maioria dos textos são memórias e que, por sua vez, têm sido adotados acriticamente por pesquisadores. A multiplicidade de visões do período sobre o tema tem sido reduzida a um dualismo entre conservadorismo, de um lado, e vanguarda, de outro. Esta dualidade, porém, é fictícia, e revela mais como determinadas pessoas do período viam a si mesmas do que expressa o resultado de uma análise das várias liberdades e repressões sexuais no Brasil do período. Este é um dos pontos, portanto, que futuras pesquisas sobre a sexualidade brasileira deveriam se debruçar.

Um segundo ponto que merece maior atenção histórica é a ampla e recorrente relação entre moralidade e política. A ação da censura, as insistentes práticas governamentais para limitação do uso das pílulas anticoncepcionais, o combate aos motéis, e inclusive a explosão de bancas por motivos moralistas, são alguns dos temas que demonstram que a sexualidade dirigia práticas estatais, influenciava diretamente a percepção sobre a coesão social, e por vezes ditava leis, portarias e decretos. Tomar, por exemplo, a argumentação moralista presente no preâmbulo da portaria que instituiu a censura prévia no Brasil como mero pretexto é, no mínimo, ingenuidade.

Este trabalho, além disso, mal arranhou as possibilidades das publicações pornográficas enquanto fontes históricas. Considerá-las sem valor cultural, descartáveis, desnecessárias, podem ser ideias difundidas socialmente, mas não devem ser compartilhadas pelos historiadores (ou por bibliotecas) que podem encontrar ali fontes para o estudo da sexualidade, moralidade, comportamentos sexuais, padrões de beleza, papéis sociais de gênero, dentre outros temas. A possibilidade de abordagens é infindável, e é um material – especialmente para este período – mal observado pela pesquisa histórica.

Por fim, esta pesquisa demonstrou a necessidade de aprofundamento de temas ligados à prática da troca de casais, abordando questões que não foram possíveis de serem tratadas nesta dissertação. Como os praticantes se comportaram diante de uma situação contraditória de receio em relação à AIDS, por um lado, e ampliação da divulgação da prática (inclusive anúncios) nas revistas masculinas, por outro? De que maneira o aumento da comercialização e erotização do *swing* se relacionou com a divulgação das ideias de práticas de sexo seguro? Como os clubes de *swing*, bem como seus frequentadores, dialogam com a expansão da homossexualidade, da transsexualidade, da bissexualidade? E que elementos analisados na presente dissertação

permanecem – e quais foram modificados – e que explicam a expansão da prática no país?

Há ainda muito a se entender sobre as maneiras pelas quais estes casais vêm, já há quase meio século, improvisando caminhos para supostas contradições entre monogamia e liberdade erótica, conjugalidade e individualidade, sexualidade desviante e inserção social.

Bibliografia

Referências bibliográficas

ABREU, José dos Santos. “Doutrina de Segurança Nacional e repressão no Paraná”: prisões políticas em Curitiba no ano de 1978. In: SOCHODOLAK, Hélio; ARIAS NETO, José Miguel. **Capítulos de história do Paraná**. Guarapuava: Ed. Unicentro, 2012.

ABREU, Nuno Cesar. **O olhar pornô: a representação do obsceno no cinema e no vídeo**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1996.

AGOSTINHO. **A Cidade de Deus Contra os Pagãos**. Petrópolis: Vozes; S. Paulo: Federação Agostiniana Brasileira, 1990.

ALCÂNTARA, Anelise. **Chupa que é de uva: subjetividades instituídas com o uso de produtos eróticos**. Curitiba: UFPR, 2013. Dissertação de Mestrado em Sociologia.

ALENCAR, José de. **Senhora**. São Paulo: Ática, 1987.

ALMEIDA, Heloísa Buarque. “Trocando em miúdos”: gênero e sexualidade na TV a partir de Malu Mulher. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* Vol. 27 n° 79 junho/2012.

ALMEIDA, João Ferreira de. Trad. **A Bíblia Sagrada** (revista e atualizada no Brasil). São Paulo: Sociedade Bíblica Brasileira, 1993.

ALMEIDA, Thiago de. **Ciúme romântico e infidelidade amorosa entre paulistanos: incidências e relações**. São Paulo: USP, 2007. Dissertação de mestrado em psicologia experimental.

ALVES, Denise. **O desencontro marcado: a velha mulher nova e o machão moderno**. Petrópolis: Vozes, 1985.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANSART, Pierre. “Em defesa de uma ciência social das paixões políticas”. *História Questões e Debates*. Ano 17, n. 33. Julho a Dezembro de 2000.

ARCAND, Bernard. **El Jaguar y el Oso Hormiguero: antropología de la pornografía**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1991.

ARCHANJO, Daniela Resende. **Um debate sem embate: a discussão sobre o divórcio no Congresso Nacional (Brasil, 1951-1977)**. Curitiba: UFPR, 2008. Tese de doutorado em História.

_____. **O adultério no limiar do século XXI**. Curitiba: Aos quatro ventos, 2006.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Livros. Técnicos e Científicos, 1986.

_____. Para uma história da vida privada. In. ARIÈS, P.; DUBY, G. (orgs). **História da vida privada** (v. 3). Lisboa: Afrontamento, s/d.

ARIÈS, Philippe e BÉIJIN, André (orgs.). **Sexualidades Ocidentais**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

- BARASH, David; LITPON, Judith. **Mito da Monogamia**: fidelidade e infidelidade entre pessoas e animais. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- BARTELL, Gilbert. **Amor em grupo**: o american way of swinging. Rio de Janeiro: Artenova, 1972.
- BASSANEZI, Carla. **Virando as páginas, revendo as mulheres**: revistas femininas e relações homem–mulher 1945-1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- BASSO, Eliane Fátima Corti. “Revista Senhor”: jornalismo cultural na imprensa brasileira. UNirevista. Vol. 1, nº 3: (julho 2006). São Leopoldo (RS).
- BAUMAN, Z. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- BAZOILLES, G. **O casal**: seus triunfos, seus insucessos. Rio de Janeiro: Vecchi, 1968.
- BECHDEL, Alison. **Fun Home**: A Family Tragicomic. Nova Iorque: Houghton Mifflin, 2006.
- BELLOTTI, Karina Kosicki. **‘Delas é o reino dos céus’**: mídia evangélica infantil na cultura pós-moderna do Brasil (1950 a 2000). Campinas, São Paulo: Unicamp, 2007. Tese de Doutorado em História.
- BELUCHE, Renato. **O corte da sexualidade**: o ponto de viragem da psiquiatria brasileira no século XIX. São Paulo: Annablume, 2008.
- BENTO, Berenice. **O que é transexualidade?** São Paulo: Brasiliense, 2008.
- BERGSTRAND, Curtis; SINSKI, Jennifer. **Swinging in America**: love, sex and marriage in the 21st century. Estados Unidos: Abc-Clio, 2010.
- BERGSTRAND, Curtis; WILLIAMS, Jennifer Blevins. Today’s alternative marriage styles: the case of swingers. *Electronic Journal of Human Sexuality*, Volume 3, Oct. 10, 2000. Disponível em <http://www.ejhs.org/volume3/swing/body.htm>
- BÉRTOLO, Sonia Rodrigues. **A relevância da prática do swing na conjugalidade de um casal**: estudo de caso. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2009. Dissertação de Mestrado em Psicologia.
- BHABHA, Homi K. “The Third Space: Interview with Homi Bhabha” in RUTHERFORD, Johathan (ed.). **Identity**: Community, Culture, Difference. Londres: Lawrence and Wishart, 1990. pp. 207- 21.
- BLACK, Robert. Sexual revolution to political revolution.
- BLACKBURN, Simon. **The Oxford dictionary of philosophy**. Oxford (Inglaterra): Oxford University Press, 1996.
- BLOCH, M. **Introdução à história**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1974.
- BOBBIO, Norberto et. al. **Dicionário de política**. Brasília: UNB, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BOZON, Michel. **Sociologia da sexualidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- BRAZ, Camilo Albuquerque. **À meia luz**: uma etnografia imprópria em clubes de sexo masculinos. Campinas: Unicamp, 2010. Tese de Doutorado em Ciências Sociais.
- BRITO, Maria Noemi Castilhos. “Mulher e política: público x privado?”. In: ORO, Ari Pedro e TEIXEIRA, Sérgio Alves. Brasil e França: ensaios de antropologia social. Porto

Alegre, Editora da UFRGS, 1992.

BRITZMAN, D. **O que é essa coisa chamada amor**. Identidade homossexual, educação e currículo. Educação e realidade, v. 1, n. 1, jan/jul 1996.

BROWN, Helen Gurley. **A vida sensual da mulher solteira**. Rio de Janeiro: Artenova, 1972.

BROWN, Peter. **Corpo e sociedade**: o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

BUENO, Juliana Fleig. **A mulher (re)paginada**: as representações da “nova mulher” e o discurso de beleza na revista Nova Cosmopolitan na década de 1980. Curitiba: UFPR, 2013. Dissertação de mestrado em história.

BUTLER, Edgar W. **Traditional Marriages and Emerging Alternatives**. Estados Unidos: Harper & Row, 1979.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CÂMARA, Adriane. **Gênero e sexualidade na Sexy**: um roteiro para a masculinidade heterossexual. Porto Alegre: UFRGS, 2007. Dissertação de Mestrado em Educação.

CAMPOS, Andrea Almeida. “A mulher sob o casamento”. Fidelidade e débito conjugal: uma abordagem jus-histórica. Jus Navigandi, Teresina, ano 14, n. 2337, 24 nov. 2009. Disponível em <http://jus.com.br/artigos/13890>

CÂNDIDO, Antônio. “The Brazilian Family”. In. SMITH, L.; MARCHANT, A. (eds). **Brasil, portrait of half a continent**. Nova Iorque: Dryden, 1951. p.291-312.

CAPELLARI, Marcos Alexandre. **O discurso da contracultura no Brasil**: o underground através de Luiz Carlos Maciel. São Paulo: USP, 2007. Tese de doutorado em História Social.

CAPRIO, Frank. **Ajustamento sexual**. São Paulo: Ibrasa, 1976.

CARMO, Paulo Sérgio do. **Entre a luxúria e o pudor**. São Paulo: Octavo, 2011.

CARNOT, Edith; CARNOT, Dr. J. **A serviço do amor**. São Paulo: Catedral, 1969.

CAULFIELD, Sueann. **Em defesa da honra**. Campinas, Editora da UNICAMP, 2000.

CAVALLIERI, Alyrio et. al. **Pesquisa acerca dos hábitos e atitudes sexuais dos brasileiros**. São Paulo: Cultrix, 1983.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano I**: as artes do fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHADWICK, Henry; OULTON, J. **Alexandrian christianity**: selected translations of Clement and Origen. Loiusville (USA): Westminster John Knox Press, 2006.

CHARTIER, Roger. **À Beira da Falésia** – a História entre Certezas e Inquietude, Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

_____. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHAUÍ, Marilena. **Repressão sexual**: essa nossa(des)conhecida. São Paulo: Brasiliense, 1992 [1984].

CHIRIO, Maud. **A política nos quartéis**: Revoltas e protestos de oficiais na ditadura militar brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

- CLANTON, Gordon. "Jealousy and envy". In. STETS, Jan; TURNER, Jonathan. eds. **Handbook of the sociology of emotions**. Califórnia (Estados Unidos): Springer, 2006.
- CLARK, Anna. **Desire: a history of european sexuality**. Nova Iorque (Estados Unidos): Routledge, 2008.
- COLLING, Ana Maria. **A resistência da mulher à ditadura militar**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.
- CONNELL, R. W. **Gender and power: society, the person and sexual politics**. Stanford: Stanford University Press, 1987.
- CONNELL, R. W. **Masculinities**. Berkeley: University of California Press, 1995.
- COOK, Hera. **The long sexual revolution**. Oxford (Inglaterra): Oxford University Press, 2004.
- COSTA Jurandir Freire. "Prefácio". In USSEL, Jos Van. **Repressão sexual**. Rio de Janeiro: Campus, 1980.
- _____. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 2004.
- _____. **Sem Fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- COSTLER, A.; WILLY, A. **Enciclopédia sexual**. São Paulo: Edicel, 1965.
- CUNHA, Maria de Fátima da. "Homens e mulher nos anos 1960-70: um modelo definido?" *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 34, p. 201-222, 2001. Curitiba: Editora da UFPR.
- DA MATTA, Roberto. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DANTON, Gian. **Grafipar: a editora que saiu do eixo**. São Paulo: Kalaco, 2012.
- DABHOIWALA, Faramerz. **The Origins of Sex: A History of the First Sexual Revolution**. Nova Iorque (EUA): Oxford University Press, 2012.
- DAVIS, Kingsley. "Jealousy and sexual property". In. _____ **A biography and selections from his writings**. Edison (Nova Jersey, Estados Unidos): Transaction, 2004.
- DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas. Sexualidade e Erotismo na História do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.
- DIAS, Lucy. **Anos 70: enquanto corria a barca**. São Paulo: Editora Senac, 2001.
- Documentos da Igreja: Concílio Ecumênico de Trento (1545-1564). Sessão XIV, Capítulo V. Disponível em <http://www.montfort.org.br/old/documentos/trento.html>
- DRISSETT, Dennis; LEWIS, Lionel. "Guidelines for Marital Sex": An Analysis of Fifteen Popular Marriage Manuals. *The Family Coordinator* Vol. 19, No. 1 (Jan., 1970), pp. 41-48. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/582144>
- DURKHEIM, Émile; MAUSS, Marcel. "Algumas formas primitivas de classificação" – contribuição para o estudo das representações coletivas. In: MAUSS, Marcel. **Ensaios de Sociologia**. São Paulo: Perspectiva, 1981.
- DURKHEIM, Émile. **O Suicídio, Estudo Sociológico**. São Paulo: Editorial Presença, 2001.

- ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador** – vol.1 – Uma História dos Costumes. RJ: Jorge Zahar, 1994.
- ELLIS, Albert. **Arte e ciência do amor**. São Paulo: Bestseller, 1966.
- ELLIS, Havelock. **Studies in the Psychology of Sex**. Volume 1. 1927. Disponível em <http://www.gutenberg.org/files/13610/13610-h/13610-h.htm>
- ENGEL, Magali. “História e sexualidade”. In. CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.) **Domínios da história**. Campus: Rio de Janeiro: 1997.
- ENSLER, Eve. **Os monólogos da vagina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- FACCHINI, Regina. Relatório Final do Projeto “Mulheres, sexualidades, diferenças e mudança social na cidade de São Paulo”. 2011. Relatório de pesquisa – Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, Unicamp, Campinas. (mimeo)
- FAGUNDES, Coriolano de Loiola Cabral. **Censura e Liberdade de expressão: tudo sobre a censura aos meios de comunicação no Brasil e no mundo**. 2ª. Ed. São Paulo: Editora e Distribuidora do Autor, 1975.
- FERNANDES, Edward. “The Swinging Paradigm”: An Evaluation of the Marital and Sexual Satisfaction of Swingers. *Electronic Journal of Human Sexuality*, Volume 12, January 23, 2009. Disponível em <http://www.ejhs.org/Volume12/Swinging.htm> Acesso em 23/11/2014
- FICO, Carlos. **Além do golpe: versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar**. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- FILGUEIRAS, Juliana Miranda. “O livro didático de Educação Moral e Cívica na Ditadura Militar de 1964”: a construção de uma disciplina. In: VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação – COLUBHE, Uberlândia, 2006.
- FLANDRIN, Jean-Louis. **O sexo e o ocidente: evolução das atitudes e comportamentos**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- FLORI, Jean. **A cavalaria**. São Paulo: Madras, 2005.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.
- _____. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1980.
- _____. **História da Sexualidade II: O uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1980.
- _____. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1977.
- FRIEDAN, Betty. **Mística feminina**. Rio de Janeiro: Vozes, 1971.
- GARTON, Stephen. **Histories of sexuality: Antiquity to Sexual Revolution**. Londres: Equinox Publishing, 2004.
- GAUNTLETT, D. **Media, gender and identity: an introduction**. Estados Unidos (Nova Iorque): Routledge, 2007.
- GIDDENS, A. **A transformação da intimidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1993.
- _____. **Consequências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.
- _____. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- _____. **Sociology**. Cambridge (Inglaterra): Polity Press, 2009.

- GIKOVATE, Flavio. **O homem, a mulher e o casamento**. São Paulo: M.G. Ed. Associados, 1982.
- _____. **Sexo e Amor**. São Paulo: M.G. Ed. Associados, 1977.
- GILMARTIN, Brian. "That swinging couple down the block". *Psychology today*, (8), 54-58. 1975.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais**. São Paulo: Companhia das letras, 1989.
- GOFFMAN, Erving. Embarrassment and social organization. In. _____. **Interaction ritual: essays on face-to-face behavior**. Nova Iorque: Pantheon Books, 1982 (1967).
- GOLDENBERG, Mirian. "Corpo e dominação na cultura brasileira". s/d. Disponível em <http://miriangoldenberg.com.br/images/stories/pdf/corpo-e-dominacao-masculina.pdf>.
- GORDON, Michael; SHANKWILER, Penelope. "Different equals less": female sexuality in recent marriage manuals. *Journal of Marriage and Family* Vol. 33, No. 3, *Sexism in Family Studies* (Aug., 1971), pp. 459-466. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/349845>
- GUIMARO, Ana Luiza. "Revistas masculinas": uma experiência. In **O Obsceno: diálogos impertinentes**. São Paulo: Hucitec, 1983.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A, 2005.
- HALPERIN, David. Is there a history of sexuality? In. ABELOVE, Henry. et. al. **The lesbian and gay studies reader**. Nova Iorque (Estados Unidos): Routledge, 1993.
- HART, Sybil; LEGERSTEE, Maria. **Handbook of jealousy**. Oxford (Inglaterra): Wiley-Blackwell, 2010.
- HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos**. O breve século XX. 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Impressões de viagem: CPC, vanguarda e desbunde 1960/70**. São Paulo: Rocco, 1992.
- HOOVER, Stewart; ECHCHAIBI, Nabil. "The 'Third Spaces' of digital religion". Colorado, Estados Unidos: The Center for Media, Religion and Culture / University of Colorado. Discussion paper, 2012. Disponível em <http://cmrc.colorado.edu/wp-content/uploads/2012/03/Third-Spaces-Essay-Draft-Final.pdf>
- HOOVER, Stewart. "Media and religion". White Paper. Estados Unidos (Boulder, Colorado): University of Colorado, 2008. Disponível em <http://cmrc.colorado.edu/cmrc/images/stories/Center/Publications/whitepaperfinalversion.pdf>
- HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva. Versão 3.0. 1 [CD-ROM]. 2009.
- HUNT, Lynn (org.). **A invenção da pornografia: obscenidades e as origens da modernidade, 1500-1800**. São Paulo: Hedra, 1999.
- HUNT, Morton. **A aventura extraconjugal**. Rio de Janeiro: Artenova, 1971.
- HUNTER, David G. **Marriage, celibacy, and heresy in ancient christianity**. Oxford (Inglaterra): Oxford University Press, 2007.
- JENKS, Richard J. "Swinging: A Review of the Literature". *Archives of Sexual*

- Behavior, Vol. 27, No. 5. EUA: Plenum Publishing, 1998, p. 507-521.
- _____. "Swinging: a test of two theories and a proposed new model". Archives of sexual behaviour, Vol. 14, no. 6, 1985.
- JOURDAN, Glenn; WEEDON, Chris. **Cultural politics**. Malden, Massachusetts: Blackwell Publishers, 1995.
- KEHL, Maria Rita. **As duas décadas dos anos 70**. In: Anos 70: trajetórias. São Paulo: Iluminuras, 2005.
- KENDRICK, Walter. **The Secret Museum: pornography in modern culture**. New York: Penguin, 1987.
- KENNY, Anthony. **Uma Nova História da Filosofia Ocidental**. Vol. 2 (Filosofia Medieval). São Paulo: Loyola, 2011.
- KOSNIK, Anthony (coord.). **A sexualidade humana: novos rumos do pensamento católico americano**. Petrópolis (RJ): Vozes, 1982.
- KOSOVSKI, Ester. **Adulterio**. Rio de Janeiro: Codecri, 1983.
- KUSHNIR, Beatriz. **Cães de guarda: jornalistas e censores do AI-5 à Constituição de 1988**. Tese de doutorado em história. Campinas: Unicamp, 2001.
- LIMA, Délcio Monteiro de. **Comportamento sexual do brasileiro**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.
- LINS, Juliana; SVARTMAN, Rosane. **Quando éramos virgens: histórias da primeira vez**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.
- LINS, Regina Navarro. **A cama na rede**. Rio de Janeiro: Bestseller, 2010.
- LOMBARDO, Pedro. **Sentenças**. IV, d. 26, c. 6, 420. apud. FINN, Thomas M. The sacramental world in the Sentences of Peter Lombard. Estados Unidos: Theological Studies, 69 (2008). p. 581. Disponível em <http://www.ts.mu.edu/readers/content/pdf/69/69.3/69.3.4.pdf>.
- MAGALHÃES, Marionilde Dias Brepohl de. "A lógica da suspeição": sobre os aparelhos repressivos à época da ditadura militar no Brasil. Rev. bras. Hist. [online]. 1997, vol.17, n.34, pp. 203-220.
- MAIGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes, 1989.
- MALINOWSKI, B. **A vida sexual do selvagem**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.
- _____. **Sex and repression in a savage society**. London: Routledge, 2001.
- MANTEGA, Guido. **Sexo e poder**. São Paulo: Brasiliense, 1979.
- MARCONI, Paolo. **A censura política na imprensa brasileira: 1968-1978**. São Paulo: Global, 1980.
- MARCUS, Steven. **The Other Victorians**. Nova Jersey (EUA): Transaction Publishers, [1966]2009.
- MARTINS, Ana Paula Vosne. **A medicina da mulher: visões do feminino na constituição da obstetrícia e da ginecologia no século XIX**. Campinas (SP): Unicamp, 2000. Tese de Doutorado em História.
- _____. "O caso Naná": representações de gênero no encontro entre texto e

imagem no século XIX. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 34, p. 157-174, 2001. Editora da UFPR.

MARX, Eleanor. "The woman question". 1886. Disponível em <https://www.marxists.org/archive/eleanor-marx/works/womanq.htm>

MASTERS, William; JOHNSON, Virginia. **A incompetência sexual**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

MENDES, Waldemar. **Comportamentos sexuais não convencionais e correlações com parâmetros de saúde física, mental e sexual em amostra de 7022 mulheres e homens das cinco regiões brasileiras**. São Paulo: USP, 2007. Dissertação de Mestrado em Ciências.

MIRA, Maria Celeste. **O leitor e a banca de revistas: o caso da editora Abril**. Campinas (SP): Unicamp, 1997. Tese de Doutorado em Sociologia.

MISKOLCI, Richard. **A Teoria Queer e a Questão das Diferenças: por uma analítica da normalização**. Anais do 16o Congresso de Leitura do Brasil. Campinas, SP, 2006. http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/prog_pdf/prog03_01.pdf.

MORAES, Eliane R. e LAPEIZ, Sandra M. **O que é pornografia**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MOTTIER, Véronique. **Sexuality: a very short introduction**. Estados Unidos (New York): Oxford University Press, 2008.

MURDOCH, Peter. **Social structure**. Nova Iorque: McMillan, 1965.

CÂMARA, Adriane. **Gênero e sexualidade na revista Sexy: um roteiro para a masculinidade heterossexual**. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2007. Dissertação de Mestrado em Educação.

NECKEL, Roselane. "A 'sexualidade' e 'vida a dois' nas revistas femininas e masculinas nos anos 1970". *Caderno Espaço Feminino*, v. 17, n. 01, Jan./Jul. 2007.

NEILL, A. S. **Liberdade sem medo**. São Paulo: Ibrasa, 1970.

NERET, Gilles. **Erotica universallis**. Colônia (Alemanha): Taschen, 2005.

NYE, Robert (ed.) **Sexuality**. Oxford (Inglaterra): Oxford University Press, 1999.

OLIVEIRA, Leonardo; FRAGA, Maria José. **A prática do swing por casais com relacionamento estável: articulações com a psicanálise**. Anais do VI Congresso Internacional de estudos sobre a diversidade sexual e de gênero da ABEH. Bahia: 2012. Disponível na internet em http://www.abeh.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=152&Itemid=89 Acesso em 23/11/2014.

OLIVEIRA FILHO, Virgílio Antonio Ribeiro de. "A evolução legislativa do adultério desde Machado de Assis aos tempos atuais". *Jus Navigandi*, Teresina, ano 16, n. 2827, 29 mar. 2011. Disponível em <http://jus.com.br/artigos/18766>.

PADGUG, Robert A. **Sexual matters: on conceptualizing sexuality in History**. In. PEISS, Kathy. *Passion and power: Sexuality in history*. Estados Unidos: Temple University Press, 1989.

PARTRIDGE, Burgo. **História das orgias: dos gregos ao século vinte**. Lisboa (Portugal): Codex, 2003.

- PÁTARO, Carolina Ribeiro. **Tchau tchau velho pornozão?** A pornografia feminista de Erika Lust como narrativa reflexiva da sexualidade. Curitiba: UFPR, 2014. Dissertação de Mestrado em Sociologia.
- PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **O que é contracultura**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- PLUMMER, Ken. Social diversity. In HOWELLS, Kvein. **The psychology of sexual diversity**. Nova Iorque: Basil Blackwell, 1984.
- PRECIADO, Beatriz. **Manifiesto contra-sexual**. Madrid: Opera Prima, 2002.
- _____. **Pornotopía: arquitectura y sexualidad en 'Playboy' durante la guerra fría**. Barcelona: Argumentos, 2010.
- PRINS, BAUKJE; MEIJER, IRENE COSTERA. “Como os corpos se tornam matéria”: entrevista com Judith Butler. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 10, n. 1, Jan. 2002. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2002000100009&lng=en&nrm=iso.
- PRIORE, Mary del; AMANTINO, Marcia (orgs.) **História dos homens no Brasil**. São Paulo: Editora UNESP, 2013.
- PRIORE, Mary Del. **Historia do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006.
- RAMOS, Jose Mario Ortis. **Cinema, televisão, publicidade: cultura popular de massa no Brasil nos anos 1970-1980**. São Paulo: Annablume, 2004.
- REIS, Giselle Volpato. **Sexologia e educação sexual no Brasil nas décadas de 1920 – 1950: um estudo sobre a obra de José de Albuquerque**. Araraquara (SP): Unesp, 2006. Dissertação de mestrado em Educação Escolar.
- RIPA, Cesar. **Iconologia or moral emblems**. Londres, 1709. Disponível em <https://archive.org/stream/iconologiaormora00ripa>
- ROBERT, Mark. “Related To Bigotry”: The Repression of Swingers in Early 21st Century Britain. Sociological Notes No. 28, 2003. Disponível em <http://libertarian.co.uk/lapubs/socin/socin028.htm>
- RODEGHERO, Carla Simone. “Religião e patriotismo”: o anticomunismo católico nos Estados Unidos e no Brasil nos anos da Guerra Fria. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 22, nº 44, pp. 463-488, 2002.
- ROGERS, Carl; ROSENBERG, Raquel. **A pessoa como centro**. São Paulo: Edusp, 1977.
- ROUGEMONT, Denis de. **História do amor no Ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003
- RUBIN, Arline; ADAMS, James. “Outcomes of sexually open marriages”. Journal of sex research, 22, 1986. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/3812569>.
- RUBIN, R. H. “Alternative lifestyles revisited, or whatever happened to swingers, group marriages, and communes?” Journal of Family Issues, 20(6), 711-726. 2001.
- RUSSO, Jane A. et al. “O campo da sexologia no Brasil: constituição e institucionalização”. Physis, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, 2009. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312009000300004&lng=en&nrm=isso.

SCOTT, Joan Wallach. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995

SHORTER, E. **A formação da família moderna**. Lisboa: Terramar, 1975.

SILVA, A.F. **Pelo sentido da vista**: um olhar gay na escola. Pelotas (RS): Universidade Federal de Pelotas, 2008. Dissertação de Mestrado em Educação.

SILVA, Alexandre Assunção e; ASSUNÇÃO, Magaly de Castro Macedo. “A família bigêmea”. *Jus Navigandi*, Teresina, ano 17, n. 3210, 15 abr. 2012. Disponível em <http://jus.com.br/artigos/21517>

SILVA, Flávio Bezerra. **Turismo e lazer sexual na cidade de São Paulo**. São Paulo: USP, 2011.

SIMÕES, Inimá. **Sou... mas quem não é?** Pornochanchada: o bode expiatório do cinema brasileiro. In. MANTEGA, Guido (org.). *Sexo e poder*. São Paulo: Círculo do Livro, 1982.

SONTAG, Susan. A imaginação pornográfica. [1967]. In. **A Vontade Radical – Estilos**. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

TERUYA, Marisa Tayra. “A família na historiografia brasileira, bases e perspectivas de análise”. In: XII Encontro Nacional de Estudos Populacionais. Anais de resumos e CD-ROM. Belo Horizonte, ABEP, 2000. Disponível em <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/>

The Catholic Encyclopedia. 1917. Disponível em <http://www.newadvent.org/cathen>. ROSZAK, Theodore. *A contracultura*. Petrópolis: Vozes, 1972.

THIO, Alex; TAYLOR, Jim. **Social problems**. Estados Unidos: Jones & Bartlett, 2012

THOMPSON, Edward. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 2005.

THÜRLER, Djalma. “A desguetificação da cultura guei”. Encontro funarte: políticas para as artes. s/d. Disponível em <http://www.funarte.gov.br/encontro/wp-content/uploads/2011/08/A-DESGUETIFICACAO-DA-CULTURA-GUEI.pdf>

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Record, 2004.

VAINFAS, Ronaldo. **Casamento, amor e desejo no Ocidente cristão**. São Paulo: Ática, 1986.

_____. **Confissões da Bahia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

VARGAS, Herom. “Tinindo e trincando”: contracultura e rock no samba dos novos baianos. *Contemporânea*. Vol. 9, No 3 (2011). Bahia: UFBA.

VARGAS, José. *Sociologia*, Porto: Porto Editora, 2002.

VASCONCELOS, Edson. “O swing e as práticas sexuais dissidentes”: possibilidades, mudanças, permanências. XV Congresso Brasileiro de Sociologia. Curitiba, 2011. Disponível na internet em http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_details&gid=2185&tmpl=component&Itemid=171.

_____. “Sexo, afetos e swing”: notas sobre um estudo etnográfico no Sexlog. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos). Florianópolis, 2013. Disponível em http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1386788330_ARQUIVO_Eds onVasconcelos.pdf

VENTURA, Zuenir. **1968: O Ano que não Terminou**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

VIEIRA, Matheus Machado. **Viciadas ou perversas ou honestas e respeitadas? A representação do matrimônio, da mulher e da família no discurso religioso e judiciário – Ponta Grossa (1930-1945)**. Curitiba: UFPR, 2014. Dissertação de Mestrado em História.

WEEKS, Jeffrey. **Sexuality and its discontents**. Nova Iorque (EUA): Routledge, 2002.

_____. **Sexuality**. Estados Unidos: Routledge, 2003.

WEID, Olivia von der. **Adultério consentido**. Dissertação de Mestrado em Sociologia e Antropologia. Rio de Janeiro: UFRJ/PPGSA, 2008.

WEST, C.; ZIMMERMAN, D. “Doing gender”. *Gender and Society*, Vol. 1, No. 2. (Jun., 1987), pp. 125-151.

WILLER, Robb. **Overdoing gender: a test of the masculine overcompensation thesis**. Paper. EUA: American Sociological Association. Agosto de 2005. Disponível em <http://www.sociologyresearch.org/overdoing-gender-a-test-of-the-masculine-overcompensation-thesis>.

WINCKLER, Carlos Roberto. **Pornografia e sexualidade no Brasil**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983.

ZECHLINSKI, Beatriz Polidori. **Imagens do casamento e do amor em Nelson Rodrigues: um estudo das representações de gênero na literatura publicada em jornal entre 1944 e 1961**. Curitiba: UFPR, 2006. Dissertação de Mestrado em História.

ZIMMERMAN, Neetzan. “Punk Band Shoots Porn Film on Front Lawn of Westboro Baptist Church”. *Gawker*, 10/3/2013. Disponível em <http://gawker.com/punk-band-shoots-porn-film-on-front-lawn-of-westboro-ba-1440680143>

Fontes

Revistas masculinas

Revista Fiesta, edições de 1980.

Serviço do Homem, outubro de 1980.

Ele Ela – edições de 1969 a 1983.

Playboy – edições de 1976 a 1983.

Peteca – edições de 1977 a 1983.

Homem – edições de 1978 a 1980.

Privê – edições de 1980.

Demais jornais e revistas

L'Osservatore Romano, Edição semanal, 16 de Dezembro de 1979. Disponível em http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19790713_mons-quinn_po.html

Folha de S. Paulo – edições de 19/2/1961; 19/7/1970; 22/8/1970; 26/11/1970; 13/5/1971; 14/8/1974; 3/4/1977; 29/7/1977; 30/4/1978; 22/10/1978; 1º/1/1979; 4/8/1980; 6/8/1980; 14/10/1980; 6/6/1982; 27/6/1982; 7/2/1983; 23/6/1988.

Jornal do Brasil – edição de 29 /7/1971.

Estado de S. Paulo – edição de 14/8/1974.

Revista Veja – edições de 27/2/1974; 13/8/1975; 16/11/1977; 7/12/1977; 16/12/1977; 12/12/1979; 26/12/1979; 20/8/1980.

O Globo – edição de 14/07/2004.

Diário do Grande ABC – edição de 3/6/2014.

Manuais sexuais

CHESSER, Eustace. **Sexo sem medo**. São Paulo: Círculo do Livro, 1979.

COMFORT, Alex. **Mais prazeres do sexo**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

_____. **Os prazeres do sexo**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

FELIX, Eurico. **O swing: sexo sem segredos**. s/l: Editora TL, 1980.

J. **A mulher sensual**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

KAHN, Fritz. **A nossa vida sexual**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960.

KRAFFT-EBING, Richard von. **Psychopathia sexualis: a medico-forensic study**. Londres (Inglaterra): William Heinemann, 1939.

O'NEILL, Nena; O'NEILL, George. **Casamento aberto: as novas relações conjugais**. Rio de Janeiro: Artenova, 1973 [1972].

SUPLICY, Marta. **Conversando sobre sexo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983.

_____. **De Mariazinha a Maria**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

VALENSIN, Georges. **A mulher sem mistério**. Rio de Janeiro: Vecchi, 1972.

VIEIRA, Galdino Nunes. **Amor, sexo e erotismo**. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1983.

Estudos sobre sexualidade

HEFNER, Hugh. "The Playboy Philosophy." Playboy. Disponível em <http://www.playboy.com/magazine/the-playboy-philosophy-installment-1>.

HITE, Shere. **The Hite report**. Nova Iorque (EUA): Dell Publishing, 1981.

TALESE, Gay. **A mulher do próximo**. Rio de Janeiro: Record, 1980.

Livros didáticos

LUCCI, Elian Alabi. **TDMC – 1**. Moral e civismo. São Paulo: Saraiva, 1979.

SALGADO, Edmar. et. al. **Estudo dirigido de Ciências**. São Paulo: Editora Ática, 1974.

Repositórios digitais

Cartas enviadas à censura. Grupo de estudos sobre a ditadura. Disponível em <http://www.gedm.ifcs.ufrj.br>.

Memória da Censura no Cinema Brasileiro. Disponível em <http://www.memoriacinebr.com.br>